Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais
Instituto de Estudos Sociais e Políticos
Programa de Pós-graduação em Sociologia

Priscila de Oliveira Coutinho

“Meu sonho era maior que eu”: Biografia sociológica de uma trânsfuga de classe.

Rio de Janeiro

2015

Priscila de Oliveira Coutinho

“Meu sonho era maior que eu”: Biografia sociológica de uma trânsfuga de classe.

Tese apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Frédéric Vandenberghe

Rio de Janeiro

2015

Priscila de Oliveira Coutinho

“Meu sonho era maior que eu”: Biografia sociológica de uma trânsfuga de classe.

Tese apresentada, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Sociologia.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora:

_____
Prof. Dr. Frédéric Vandenberghe (Orientador)
Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP/UERJ)

_____
Prof[a]. Dr[a]. Marilda Aparecida de Menezes
Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PCHS/UFABC)

_____
Prof. Dr. Moacir Palmeira
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/Museu Nacional/UFRJ)

_____
Prof. Dr. Luiz Antônio Machado da Silva
Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP/UERJ)

_____
Prof[a]. Dr[a] Cláudia Barcellos Rezende
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCIS/Uerj)

Rio de Janeiro

2015

-

DEDICATÓRIA

À Juscelina Gomes de Lima e

Aos meus dois amores, Douglas e Elisa

AGRADECIMENTOS

Pela literatura de Guimarães Rosa, Riobaldo disse que toda saudade é uma espécie de velhice. Talvez por isso sinta que envelheci tanto nos últimos 4 anos. Eu sinto muita saudade, mas é uma saudade aliviada. Em primeiro lugar, peço a bênção de Seu Gabriel e Dona Satina, e agradeço por terem deixado tantas memórias da história que construíram com amor, sofrimento e coragem.

À Juscelina, tenho muito a agradecer, mais do que sou capaz de expressar. Uma das maiores dificuldades do doutorado foi me sentir merecedora da confiança que essa mulher extraordinária me ofereceu. Ela permitiu não só que eu vasculhasse a sua vida, mas que eu a analisasse com autonomia. Todos os limites à exposição da sua intimidade foram colocados por mim mesma, em respeito a imperativos éticos que, acredito, devem pautar todo e qualquer pesquisa em ciências sociais. Espero que a leitura deste trabalho esclareça uma pergunta que, explícita ou implicitamente, me foi diversas vezes feita: Como alguém pode abrir a vida dessa forma para uma pesquisadora? São as singularidades sociobiográficas de Juscelina que responderão a esse questionamento. Ela é valente, e precisava contar a vida para se libertar dela. Narrar é uma forma de organizar temporalidades, compreender suas especificidades. Não foi um apego pelas suas memórias que a motivou a registrá-las na forma de uma tese de doutorado. Ao contrário, o que a motivou foi o desejo de se desapegar delas, jogá-las ao mundo e seguir adiante com mais leveza. A crença de que eu seria capaz de reconstruir sociologicamente as narrativas a mim confiadas de forma honesta foi sendo reforçada junto da nossa amizade. Se ainda se defende que a aproximação afetiva com o pesquisado influi negativamente na análise sociológica, eu afirmo que o conhecimento profundo da vida investigada só pode acontecer quando o pesquisador aceita ocupar o lugar daquele que também possui fragilidades, que acumulou erros ao longo da vida e que anseia entender o outro para compreender a si mesmo. Juscelina, tendo se tornado minha amiga, percebeu que estava me ajudando em muitas dimensões da vida. Além de ser a personagem da minha tese

de doutorado, ela me ensinou que admitir as nossas ambigüidades nos ajuda a nos libertar de nossos temores para então conhecer aquele núcleo de singularidades essenciais que, fabricado pelas infinitas injunções e possibilidades da vida social, orienta nossa ação no mundo. Hoje eu sou muito mais consciente do que é realmente importante para mim, e por isso, como você, Juscelina, sigo em frente com mais leveza. Muito obrigada.

A todos os entrevistados de Caiçara, meu agradecimento é enorme e muito sincero. Todos os irmãos de Juscelina foram muito generosos. Eles me receberam duas vezes em Caiçara e, como ela, confiaram no meu trabalho. Agradeço especialmente à Dona Darcy, sempre muito preocupada com meu bem estar e alimentação, ao Chico, por me apresentar para vários de meus entrevistados da comunidade caiçarense, à Maria, pelas entrevistas riquíssimas, pelas refeições deliciosas, pelo carinho tão sincero. Ao Ramos, agradeço pelos relatos lindíssimos e detalhados, que propiciaram a reconstrução histórica de momentos fundamentais da família Gomes de Lima.

Deixo um grande agradecimento a Jocelino Tomaz de Lima, historiador caiçarense que com seu fantástico acervo de fotografias, além de seus depoimentos e textos, me forneceu muitos elementos para compreender a história da cidade.

Aos sobrinhos de Juscelina, especialmente Joelma, Núbia, Patrícia, Lívia, Dione, Dulce, Dorotéia, Demétrio Júnior, Moisés, Arthur e Ítalo Gabriel, agradeço pelas entrevistas e pela acolhida. À Joelma, que me recebeu em sua casa na minha segunda temporada em Caiçara, e à Núbia, que me acompanhou por Caiçara e arredores sempre que foi necessário, gostaria de dizer que tenho grande admiração por vocês, e que o apoio que me deram foi fundamental para a pesquisa.

À Dona Mariinha agradeço pelas entrevistas e pela companhia, que me fez um bem enorme. Agradeço igualmente a todos os seus filhos. Obrigada também a Dona Maria Miguel, pela entrevista e pela delicadeza com a qual me mostrou por quais motivos o letramento é tão importante para ela. Não sei se sou capaz de expressar devidamente minha gratidão à Anita, que além de ter me acolhido em seu apartamento em João Pessoa em todos os momentos que precisei, me ensinou muito nas nossas conversas. Muito obrigada!

A todos os meus entrevistados do Rio de Janeiro também deixo meu agradecimento.

Assumir o desafio de escrever uma biografia não teria sido possível sem o apoio do meu orientador, Frédéric Vandenberghe. Desde o início ele confiou que eu seria capaz de lidar com todas as dificuldades de um trabalho focado na vida de um indivíduo, abordagem ainda pouco convencional na sociologia. Com sua sempre surpreendente erudição, orientou

minhas escolhas teóricas com sabedoria e generosidade. Frédéric também deu todo o incentivo necessário à realização do doutorado sanduíche, que foi fundamental para o amadurecimento das interpretações esboçadas nas etapas empíricas da pesquisa, além de ter se empenhado para que eu conseguisse o apoio financeiro do Centre Culturel International de Cerisy-La-Salle para participar do colóquio "Écriture de soi: écriture de limites", bastante importante para uma melhor elaboração de várias das questões defendidas na tese. Nos meses de escrita ele sempre procurou me deixar segura e tranqüila de que seria capaz de gestar a tese e a minha primeira filha, Elisa. Por esse apoio final, agradeço especialmente.

Sou muito grata também a Bernard Lahire, meu orientador no doutorado sanduíche na ENS-Lyon. As orientações durante o estágio doutoral e as reuniões realizadas em suas visitas ao Brasil foram fundamentais para a construção deste trabalho. Agradeço imensamente por todos os encorajamentos, iniciados quando eu ainda era mestranda na UFJF. Tendo tido muitos momentos de grandes dificuldades para seguir na vida acadêmica, as lembranças de suas palavras me deram muita força.

À Capes agradeço por ter proporcionado as condições materiais para a realização desta pesquisa e do estágio doutoral na França.

Dentre os amigos que fiz em Lyon, um agradecimento sem tamanho a Romain Castellessi-Rousseau, Maroline Charles, Lorena Clement, João Augusto Aidar e Sophie Divry. À Mady Sarles agradeço por ser sempre tão generosa e amorosa, e por ter me dado a chance de me sentir confortada e protegida num país estrangeiro.

Ao antigo IUPERJ e ao atual IESP/UERJ devo agradecer pelo meu amadurecimento intelectual. Dentre os professores do impecável corpo docente presente naquelas duas fases, agradeço especialmente a Luiz Antônio Machado Silva, Luiz Jorge Werneck Vianna e Ricardo Benzaquen de Araújo.

Aos colegas do sociofilo agradeço pelas discussões acadêmicas, sempre muito instigantes e bem elaboradas. Aprendi muito em nosso colaboratório. Àqueles de quem estive mais perto, Gabriel Peters, Rodrigo de Castro, André Magnelli e Diogo Silva, agradeço pelas conversas que sempre me ajudaram a refletir sobre o ofício que escolhemos. Gostaria de fazer um agradecimento especial aos queridos Thiago Panica Pontes, Alexandre Camargo e Cecília Elisabeth Barbosa Soares por se esforçarem para que eu experimente constantemente o sentimento de ser compreendida, verdadeiro bálsamo que somente a amizade sincera é capaz de nos oferecer. À Cecília agradeço não somente pela amizade que me dá tantas alegrias, mas também pelas leituras das versões iniciais de alguns dos capítulos desta tese e pela paciência e

generosidade em discutir várias vezes algumas das questões da pesquisa que me pareciam as mais desafiadoras. Ao Rodrigo Vieira agradeço pelo empenho e gentileza sempre presentes na organização dos encontros e eventos do sociofilo.

Sou muito grata também aos colegas do NuAT/Museu Nacional, especialmente a Marta Cioccari e ao professor José Sérgio Leite Lopes. Na disciplina ministrada por ambos, em 2011, sobre a biografia de camponeses e trabalhadores, eu comecei a esboçar minhas intenções de pesquisa. Foi o professor José Sérgio que me orientou a marcar uma reunião com a professora Marilda A. Menezes, com quem eu encontrei pela primeira vez em 2012, na Universidade Federal de Campina Grande. A conversa que tivemos naquela ocasião fez com que uma pesquisa etnográfica excessivamente selvagem pudesse se tornar um trabalho mais fino. Saí de Campina Grande entendendo muito melhor o que estava pesquisando. Sou muito grata. Ao professor Moacir Palmeira, agradeço pelas opiniões e incentivos que dele recebi no início da pesquisa, e também pelas conversas que me fizeram compreender questões bastante importantes da investigação, aquelaa direta ou indiretamente relacionadas ao "tempo da política." À professora Cláudia Barcellos Rezende, agradeço por ter aceitado o convite de, junto ao meu orientador e aos professores Moacir Palmeira, Luiz Antônio Machado e Aparecida A. Menezes, compor a banca de avaliação desta tese.

Às minhas amigas irmãs, Lara Luna e Lorena Freitas, agradeço com todo meu coração. A presença de vocês na minha vida é uma fonte constante de felicidade, afeto e aprendizado. Ao Christian, agradeço por ter me ensinado um significado de valentia que me era até então desconhecido, e pelos constantes e sinceros incentivos. À Marina, agradeço por ter me apresentado para a minha biografada, e por ter sido uma amiga tão presente e generosa na fase inicial da pesquisa, quando estava cheia de angústias e dúvidas sobre a carreira e sobre a vida. À Clarice Stephan, agradeço por ter sido tantas vezes um refúgio de afeição nos últimos anos, e por ser alguém que sempre renova a minha fé na vida e no ser humano. À Marília Márcia, minha grande amiga, agradeço por ter lido vários dos meus textos, por ter tido muita paciência para ouvir inúmeras vezes minhas dúvidas e angústias. Em você encontrei uma amiga para a vida e uma companheira nessa carreira que escolhemos, alguém que sabe reconhecer os motivos que me levam a continuar. Ao Marquinhos, meu primeiro orientador, agradeço por estar sempre perto, apesar de todas as circunstâncias que poderiam nos afastar. Sua amizade revigora minhas esperanças.

Aos meus pais, Marina e Moacir, agradeço pelo apoio e por terem, durante toda a vida, me contado suas histórias de infância, vividas no seio da classe trabalhadora rural e urbana. Com esses relatos aprendi muito de sociologia, e sem dúvida foi por causa deles que me apaixonei por ela. Pai, contando a história da Juscelina, conto um pouco da sua história também. Mãe, muito obrigada pelo carinho e cuidado durante o tempo que passei em Tiradentes, onde formulei várias das questões desta tese. Às minhas avós agradeço por serem grandes fontes de inspiração da minha vida. Eu me orgulho imensamente de vocês. À Bia, sou muito grata pelo carinho e cuidado nos vários momentos do doutorado em que me refugiei em Valença para descansar ou trabalhar. Às minhas irmãs, Carol e Maria Amélia, agradeço por enriquecerem minha vida com amor e alegria durante uma fase de trabalho pesadíssimo, que muitas vezes leva ao isolamento e à melancolia. Carol, você é a minha casa. Obrigada por tudo.

À família que ganhei em Belo Horizonte, agradeço por todo o amor, cuidado e apoio. À Mirna D'Auriol agradeço especialmente. Você me recebeu de braços abertos em um dos momentos mais desafiadores da minha vida. Muito obrigada por toda a ajuda. Espero que minha filha aprenda com a madrinha o que é ser uma pessoa verdadeiramente generosa.

E finalmente o maior reconhecimento para a realização desta tarefa vai para Douglas, meu marido, por tratar com tanto respeito e delicadeza tudo que me é caro. Sabendo da importância deste trabalho para mim, ele fez tudo que era possível para que eu me sentisse segura, fortalecida e amada nos meses de escrita, vividos junto com a gestação da nossa filha. Meu amor, você é a maior alegria da minha vida. Elisa, obrigada por ter me dado a serenidade que precisava para finalizar essa etapa e começar outra, agora com a sua companhia, que tanto desejamos.

O que amas de verdade permanece,
o resto é escória.
O que amas de verdade não te será arrancado
O que amas de verdade é tua herança verdadeira
Mundo de quem,meu ou deles
Ou não é de ninguém?
Veio o visível primeiro, depois o palpável
Elísio, ainda que fosse nas câmaras do inferno,
O que amas de verdade é tua herança verdadeira
O que amas de verdade não te será arrancado

A formiga é um centauro em seu mundo de dragões.
Abaixo tua vaidade, nem coragem
Nem ordem, nem graça são obras do homem,
Abaixo tua vaidade, eu digo abaixo.
Aprende com o mundo verde o teu lugar
Na escala da invenção ou arte verdadeira,
Abaixo tua vaidade,
Paquim, abaixo!

O elmo verde superou tua elegância.
“Domina-te e os outros te suportarão”
Abaixo tua vaidade
Tu és um cão surrado e largado ao granizo,
Uma pega inchada sob um sol instável,
Metade branca, metade negra
E confundes a asa com a cauda
Abaixo tua vaidade
Que mesquinhos os teus ódios
Nutridos na mentira,
Abaixo tua vaidade
Ávido em destruir, avaro em caridade,
Abaixo tua vaidade,
Eu digo abaixo.

Mas ter feito em lugar de não fazer
isto não é vaidade
Ter, com decência, batido
Para que um Blunt abrisse
ter colhido no ar a tradição mais viva
Ou num belo olho antigo a flama inconquistada
Isto não é vaidade.
Aqui o erro todo consiste em não ter feito.
Todo: na timidez que vacilou.

Canto 81 – Fragm
(Ezra Pound. Tradução de Augusto de Campos e Décio Pigna

RESUMO

Esta tese baseia-se em pesquisa biográfica focada na trajetória de Juscelina Gomes de Lima. Trata-se da filha caçula de pequenos agricultores do agreste paraibano que realiza uma radical travessia no espaço sócio geográfico, tornando-se uma executiva de destaque, e retorna à Paraíba em 2012, após 35 anos vividos no Rio de Janeiro e em São Paulo. Por meio da utilização de diferentes métodos e técnicas de investigação – etnografia, entrevistas e pesquisa documental – procura-se compreender a sociobiografia da personagem a partir de duas questões centrais. A primeira pode ser resumida da seguinte forma: Como, diante dos constrangimentos e possibilidades oferecidos pela posição original no espaço social, a biografada seguiu rumo a uma vida permeada por desafios ligados tanto ao constante aprendizado em uma pluralidade de contextos socializadores quanto às tensões éticas provocadas pela ressignificação de suas visões de mundo? A segunda: Como a pesquisada, em diferentes fases da vida, lidou com o distanciamento geográfico, social e cultural de seu núcleo familiar? Ou seja, busca-se compreender as diferentes configurações das relações entre Juscelina e sua família ao longo do ciclo de vida analisado, que se inicia com a união de seus pais e é finalizado com o retorno à Paraíba. Parte-se da idéia de que a investigada vive tensões ligadas à sua condição de "trânsfuga de classe", conceito baseado na idéia de que a experiência de afastamento (mais ou menos radical) do mundo de origem gera impactos afetivos significativos, muitos deles ligados à culpa por ter superado os pais e à dor do estranhamento sentido tanto nos contextos de origem quanto naqueles frequentados após ter deixado a casa (e a classe) paterna. Com apoio na idéia de uma "sociologia em escala individual" considerada em suas dimensões vertical (aprofundamento das disposições, sentimentos e visões de mundo de um só sujeito) e horizontal (ao longo de um longo ciclo de vida), busca-se compreender como Juscelina, com todas as singularidades de que é feita a sua história, viveu a condição de trânsfuga de classe.

Palavras-chaves: 1. Biografia. 2. Trânsfuga de Classe. 3. Migração. 4. Agreste paraibano.

ABSTRACT

This thesis is based on a biographical research focused on the trajectory of Juscelina Gomes de Lima. She is the youngest daughter of small farmers in the rural area of Paraíba, that performs a radical geographical socio space crossing, becoming a prominent executive, and she returns to Paraíba in 2012, after 35 years living in Rio de Janeiro and Sao Paulo. Through the use of different methods and techniques of research - ethnography, interviews and documentary research – the work seeks to understand the socio biography from two core issues. The first one can be summarized in this way: Considering the constraints and possibilities offered by the original position in the social space, how the biographee followed towards a life permeated by challenges related both to constant learning in a plurality of socializing contexts as those caused ethical tensions by reframing their world views? The second: How the researched, at different stages of life, dealt with the geographical distance, social and cultural life of your household? In other words, we seek to understand the different configurations of relations between Juscelina and her family over the life cycle analyzed, which begins with the union of her parents and ends with her return to Paraíba. It starts with the idea that investigated lives tensions linked to their status as "transfuge", a concept based on the idea that the removal experience (more or less radical) in the world of origin generates significant emotional impacts, many of them linked to blame for overcoming the parents and the pain of estrangement sense both original context as those frequented after leaving the house (and class) of her father. Supporting the idea of a "sociology on an individual scale" considered in its vertical dimensions (deepening of the provisions, feelings and worldviews of one person) and horizontal (over a long life cycle), seek to understand how Juscelina with all the singularities that her life had, lived the condition of transfuge.

Keywords: 1. Biography. 2. Transfuge. 3. Migration. 4. Paraiba´s agreste

INTRODUÇÃO

Façamos o que fizermos, reconstruímos sempre o monumento à nossa maneira. Mas já é muito utilizar senão pedras autênticas.

Memórias de Adriano (Marguerite Yourcenar)

Conheci Juscelina, a personagem central da "biografia sociológica" (LAHIRE, 2010) que aqui apresento, em julho de 2011. À época, eu pretendia elaborar estudos de casos de mulheres de origem camponesa (filhas de pequenos agricultores) que migraram de regiões rurais para regiões metropolitanas e ascenderam, via qualificação educacional e profissional, até os estratos mais altos das classes médias urbanas. Meu interesse era compreender as articulações entre macro e micro contextos, disposições, afetos e emoções por meio de trajetórias individuais. Deslocamentos significativos no espaço sociogeográfico(migração e mobilidade social ascendente) me pareciam processos privilegiados para tanto. As mulheres que pretendia entrevistar teriam entre 50 e 55 anos, idade próxima à da aposentadoria, período em que, tendencialmente, é o de finalização de um "ciclo de vida" (HUGHES, 1958). Elas teriam saído de suas respectivas localidades de origem entre 1975 e 1980, época de um grande êxodo rural no Brasil entre 1960 e 1980, que remeteu às cidades mais de 27 milhões de pessoas (ABRAMOVAY, 2007).

A vida em regiões rurais, especialmente numa época em que as distâncias (sociais e geográficas) entre cidade e campo eram maiores, é mais lenta e rotineira. No campo, as referências espaciais, temporais e normativas são mais controláveis e a sociabilidade tende a ser construída a partir de expectativas mais estáveis, dada a maior força da tradição. Além disso, a vida no campo, principalmente antes do incentivo governamental à mecanização da agricultura e do estreitamento das relações entre o campo e a cidade, caracterizava-se por uma tradicional divisão do trabalho entre homens e mulheres, um grande peso do trabalho doméstico para a formação das meninas (WHITAKER, 2010), um maior controle da vida sexual das mulheres e uma religiosidade comunitariamente organizada (CASTRO, 2005).

Devido a essas marcantes diferenças na forma de organização do tempo, do espaço e das práticas, a vida de quem migra de regiões rurais[1] para grandes cidades impõe uma série de

1. Há várias controvérsias sobre a definição de regiões rurais. A crítica principal é dirigida ao critério legal sob o qual o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) se apoia para diferenciar o rural do urbano. A norma legal baseia-se em critérios políticos e administrativos que decorrem da definição dos perímetros urbanos pelo poder público local (Executivo e

desafios ligados ao choque corporal e espiritual do contato com espaços físicos diferentemente estruturados, com um grande número de registros temporais, sociais e morais, além de um *ethos*tendencialmente mais individualista (SIMMEL, 2005), já que a estruturação do espaço social a partir dos capitais impessoais (econômico e cultural) tende a diminuira importância do parentesco e do gênero como princípios de divisão social.

A metrópole impõe a quem vem do campo a constante necessidade de uma série de aprendizados cotidianos, desde os mais triviais (atravessar a rua, usar o transporte público, dirigir-se aos outros, vestir-se adequadamente) até os mais desafiadores (identificar os locais e as pessoas "confiáveis",comunicar-se eficazmente, relacionar-se sexual e afetivamente em consideração às referências morais mais "modernas", etc.). Esses aprendizados demandam uma postura ativa e interventora, além de motivarem a constante avaliação e reavaliação de seu lugar em cada contexto socializador. Eles também podem gerar conflitos identificados, por exemplo, na tentativa de esconder a origem provinciana com a amenização do sotaque.

Além do estranhamento intrínseco à condição de migrante de origem rural, pretendia compreender as tensões intra e interindividuais do "trânsfuga de classe"[2]. O conceito é construído a partir do pressuposto de que é possível categorizar sociologicamente indivíduos que viveram uma trajetória caracterizada pelo deslocamento no espaço social. Tais indivíduos, segundo Pierre Bourdieu (2007), teriam em comum uma forma específica de organização de sua subjetividade. Por terem vivido socializações expressivas em contextos organizados por princípios sociais díspares, têm um sistema de disposições contraditório e clivado. Essas contradições, que se expressam nas mais diferentes ordens, geram angústias que em grande parte conduzem ao sentimento de traição (associado a muitos outros como o de culpa e ressentimento) da classe de origem e a um constante sentimento de inadequação com relação à classe de destino. Os descompassos, desajustes e estranhamentos vividos por quem faz grandes movimentos no espaço sociogeográfico evidenciariam tensões estruturais e indicariam a dinâmica de interação específica entre constrangimentos estruturais e reações individuais a eles.

Legislativo municipais). Nestes termos, o rural define-se como a área física que resta depois de subtraído tudo o que seja considerado urbano. A perspectiva de ruralidade à qual me refiro é aquela centrada nos aspectos sociológicos e etnográficos relacionados às formas de construção e redefinição da cultura, da sociabilidade e dos modos de vida em determinado espaço sociogeográfico (SCHNEIDER e BLUME, 2005).

2. Expressões em itálico sempre serão usadas, nesta tese, para indicar falas nativas e trechos ou expressões de entrevistas. As expressões entre aspas indicam conceitos.

I. A migração como presença e como ausência

Dentre as minhas intenções iniciais de pesquisa estava também a de procurar compreender os efeitos múltiplos da migração sobre quem fica na terra e na classe de origem. A investigação deveria envolver as relações que os que ficaram e os que partiram mantêm tanto com o espaço de origem quanto com o espaço de destino do migrante/trânsfuga. Como demonstrou Abdelmalek Sayad em toda a sua obra, a imigração é também emigração, são duas dimensões de um mesmo fenômeno. Para compreendê-lo é necessário examinar os investimentos materiais e psicológicos exigidos pelos deslocamentos não só no momento da partida, mas durante todo o período de afastamento. É preciso conhecer não só as condições sociais de recepção do migrante na sociedade de destino, mas também as condições de possibilidade da partida e os rearranjos familiares diante da ausência dos que se afastaram. Além disso, é preciso saber quais são os sentidos subjacentes às estratégias afetivas que justificam o não retorno definitivo, ou a ausência constante no local de origem, e que preparam o recebimento do migrante nos momentos de visita – os curtos regressos que integram a circularidade da migração.

Ideias esboçadas, fiz alguns contatos para realização de entrevistas exploratórias e entre eles estava o de Juscelina. Temos uma amiga em comum. Ela conhecia superficialmente a história de minha entrevistada, uma filha de pequenos agricultores paraibanos que, ainda muito jovem, partiu da cidade interiorana onde foi criada para João Pessoa e de lá para o Rio de Janeiro. Chegando à metrópole carioca empregou-se como secretária na Coca-Cola, onde fez uma carreira de trinta e cinco anos, alcançando importantes cargos no conjunto de fábricas e escritórios que compõem o *Sistema Coca-Cola.*As informações que tive, naquele momento, foram, portanto, a de que Juscelina havia sido criada no campo, migrou para a metrópole ainda muito nova e realizou uma travessia radical no espaço sociogeográfico.

Em junho de 2011 fiz contato com Juscelina e ela concordou com a realização de uma primeira entrevista, que aconteceu no mês seguinte, no escritório da cervejaria Heineken no Bairro Vila Olímpia, em São Paulo, onde a entrevistada trabalhava à época. Os detalhes desse primeiro encontro, assim como os dos que se seguiram, serão objeto do capítulo1. Exponho aqui um breve resumo do ciclo de vida investigado tal como pôde ser reconstruído após a finalização da pesquisa empírica. Como a sociologia biográfica que apresento nesta tese teve sua estrutura teórica construída sempre em articulação com a pesquisa empírica, a exposição

concisa da trajetória investigada ajudará a elucidar também os motivos das escolhas teóricas que fui fazendo.

II. Resumo da trajetória da biografada

Juscelina[3] é a décima nona de uma família de 21 crianças. Nasceu no Pará em 1957, cinco anos depois de seus pais, Gabriel e Satina, partirem da cidade de Pedro Velho (RN), divisa com a Paraíba, para Belém (PA). Seu pai e sua mãe, grávida, procuravam um lugar onde pudessem ter mais chances de sobrevivência após a escassez resultante das secas de 1952 e 1953[4]. Em 1960, o casal decide voltar para a Paraíba. A família instalou-se a na região de Caiçara[5], no Agreste paraibano, onde viviam não só Dona Maria Amélia mas também grande parte da família de Gabriel[6].

Criada nessa região, em um pequeno sítio, Juscelina foi alfabetizada por uma irmã mais velha e cursou o primeiro ciclo do ensino secundário como bolsista no único ginásio, particular, da cidade. A concessão da bolsa, oferecida pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caiçara, exigia como contrapartida a apresentação de boas notas e uma espécie de estágio na secretaria do sindicato. Assim, aos 12 anos já trabalhava fora do ambiente doméstico durante o dia e estudava à noite. Alguns de seus irmãos já haviam saído de Caiçara. Somente um deles, Daniel, fez um movimento migratório com intenção de permanência. Ele foi para o Rio de Janeiro no início da década de 70 e ainda vive na cidade.

Aos 15 anos ela pede a Gabriel, seu pai, que a deixe partir para João Pessoa. Juscelina sempre se sentiu a filha predileta. Segundo ela, o amor e a grande confiança que ele depositava na filha caçula foram as maiores motivações da permissão para que partisse, sozinha, em direção ao litoral. Com a autorização do pai, ela se muda para João Pessoa. Na capital do estado, emprega-se como datilógrafa em um jornal de esquerda – *O Momento*– enquanto finaliza seus estudos de segundo grau no período noturno. Aos 18 anos é aprovada

3. Entenderemos, posteriormente, que vários eventos e detalhes de sua infância só foram mais bem esclarecidos no decorrer da investigação. Por isso, algumas informações relativas a fatos e datas do resumo podem contrastar com informações aduzidas pela biografada nas nossas primeiras entrevistas, que serão objeto de análise no capítulo 1.
4. Alguns detalhes sobre a data de partida da família para o norte do país, assim como o motivo do movimento migratório familiar foram descobertos por Juscelina somente mais tarde, durante a pesquisa.
5. Segundo do IBGE (2010), Caiçara tem 7.220 habitantes. O município localiza-se no Agreste brasileiro e dista 120 km da capital João Pessoa.
6. No início do capítulo 2 há uma árvore genealógica da família, onde estão posicionados todos os entrevistados aqui nomeados.

num concurso para o Serviço Federal de Processamento de Dados (SERPRO)na capital paraibanaporém, ainda insatisfeita com a vida no Nordeste, é incentivada por uma colega de trabalho, Anita, a ir tentar a vida no Rio de Janeiro. Elas, desejando conhecer o que a cidade poderia oferecer, decidem ir para a capital carioca. Organizam a viagem durante alguns poucos meses e partem em dezembro de 1976. Elas se hospedam na casa de Daniel, na Vila Kennedy, no bairro de Bangu. Depois de cerca de 40 dias à procura de trabalho, conseguem, por meio de uma agência de empregos, contratações temporárias.

Anita emprega-se como secretária em uma firma da qual já não se lembra e Juscelina emprega-se como datilógrafa na Texaco, onde fica por quarenta dias para logo em seguida iniciar uma experiência na Coca-Cola, também como datilógrafa. Anita depois de algum tempo foi trabalhar na Caraíba Metais, onde permaneceu por quatro anos, e em seguidaempregou-se na Mesbla, sempre como secretária. Ela seguiu sua vida no Rio de Janeiro, morando na cidade durante cerca de 20 anos. Juscelina, por sua vez, fez uma carreira de 35 anos na Coca-Cola. Foi secretária/português, representante de marketing, supervisora de vendas, chefe de vendas e coordenadora de vendas. No período mais adiantado da carreira foi gerente em várias áreas, até alcançar a gerência de key accounts[7] e a diretoria da cervejaria Heineken, cargo que ocupava quando a conheci. Ela não se casou e não teve filhos. Com exceção de um curto período de um ano e meio em que morou em Fortaleza, viveu esses 35 anos no Rio de Janeiro e em São Paulo, mas sempre fez visitas (a princípio anuais e em algumas fases mais espaçadas) à família, na Paraíba. Danielé o único dos irmãos que não mora na região de Caiçara.

Como mencionei, na família de Juscelina houve diferentes casos de percursos migratórios. Eu fui tendo essas informações no decorrer da pesquisa. Alguns realizaram movimentos temporários, predominantemente para o Rio de Janeiro, Salvador e João Pessoa. Nas capitais, trabalharam como pedreiros, mecânicos, porteiros e vendedores ambulantes. Ao longo da tese procurarei descrever um pouco do percurso de cada um deles. No momento, gostaria somente de destacar que a experiência de deslocamento geográfico de Juscelina teve consequências e trajetos muito distintos daqueles de seus irmãos.

III. Relato da trajetória da pesquisa

7. Trata-se da função de gerenciamento des clientes estratégicos ou dos principais clientes da empresa.

Como já mencionado, a primeira entrevista ocorreu em julho de 2011. Dois meses depois, em setembro de 2011, eu perguntei à Juscelina se ela concordaria em ser a personagem de uma biografia. Ela aceitou. Uma vez iniciada a pesquisa biográfica, comecei a conhecer várias das pessoas que integravam as diversas dimensões da vida de Juscelina: amigos, colegas de trabalho, familiares. Em um primeiro momento, conheci e sobrinhos e primos que moravam no Rio de Janeiro.

Nos meses iniciais de pesquisa, entre julho de 2011 e fevereiro de 2012, Juscelina, declarava que planejava, pelo menos a curto e médio prazo, continuar a morar no Sudeste. O retorno para a Paraíba não era uma intenção ou aspiração explícita. Bem ao contrário, eram comuns e muito frequentes afirmações do tipo: *A minha vida é aqui. Eu já não aguentaria mais voltar para o Nordeste*. *De Caiçara eu só quero distância*. A possibilidade de retorno à Paraíba, porém, sempre povoou seus pensamentos. Por isso,as várias narrativas elaboradas ao longo da primeira fase da pesquisa (julho/2011 e fevereiro/ 2012) e a confiança que permitiu o estreitamento de nossa relação fizeram vir à tona muitas das ambiguidades e dúvidas do percurso de 35 anos. O desejo recalcado de retornar, então, foi se fazendo presente, mesmo que ela reagisse violentamente a ele, afirmando para mim, e para si mesma, que esse retorno não era viável, principalmente pelas diferenças culturais entre seu modo de vida e o que ela considerava o modo de vida *do nordestino,* e pelasperturbações afetivas que a reaproximação com a família, depois de tantos anos de relativo afastamento, lhe causariam.

Em setembro de 2011 eu disse à Juscelina que seria fundamental para a pesquisa que eu conhecesse seus familiares e o lugar onde ela foi criada. Ela consentiu e em fevereiro de 2012 nós fomos juntasa Caiçara, onde conheci seus irmãos, primos residentes no município, sua única tia viva à época, sobrinhos e algumas das pessoas da comunidade com quem ela havia convivido na infância e parte da adolescência. Pude compreender melhor também a cultura, a história, a economia e a política daquele ambiente onde ela havia crescido e onde grande parte de sua família construiu suas vidas.

Foi uma visita atípica por vários motivos. Não só porque eu estava junto com ela e a família não entendia muito bem quem eu era (amiga, secretária, pesquisadora), mas também porque o ânimo de Juscelina era muito diferente daquele das outras visitas. Normalmente ela ficava muito calada e reservada. Dessa vez ela mostrou-se falante e curiosa sobre o seu passado e o de seus pais e irmãos. Fomos, as duas, em busca de memórias, e isso fez com que ela se abrisse para ouvir sua família.

Ela ficou em Caiçara comigo por três dias e eu permaneci, sozinha, por mais três semanas. Algumas semanas após o meu retorno para o Rio de Janeiro, Juscelina disse que precisava conversar comigo porque ela teria decidido dar uma grande guinada em sua vida: pediu demissão, entrou com o pedido de aposentadoria e colocou à venda o apartamento na Barra da Tijuca, que ela havia adquirido sete meses antes. Juscelina havia decidido retornar e morar em João Pessoa. Todos esses acontecimentos serão mais detalhadamente descritos e analisados no capítulo 1 deste trabalho.

Por ora preciso esclarecer que esta biografia sociológica se debruça sobre um ciclo de vida que se inicia antes do nascimento de Juscelina, com o casamento de seus pais, e é finalizado com o retorno de Juscelina à Paraíba. Regresso de fato, já que ela se mudou para lá, e regresso metafórico, de alguém que voltou para encontrar um caminho de reconciliação consigo mesma e com o que não compreendia sobre seu passado e sua família. Nesse trajeto que procurei reconstruir, apesar dos inúmeros limites irremediavelmente impostos, já que um indivíduo é como um "átomo infinitamente intenso de singularidade" (PASSERON, 1989, p.10), e uma vida é feita de infinitos acontecimentos, contextos e relações, o que busquei foi produzir a "inteligibilidade longitudinal" que uma biografia potencialmente porta. Acredito que a pesquisa biográfica é capaz de apreender especificidades de algumas das questões centrais tanto dos processos migratórios quanto dos da mobilidade de classe. A dinâmica presença/ausência na classe/terra de origem, por exemplo.

Como afirma Sayad (2000, p.11): "Não existe imigração em um lugar sem que tenha havido emigração a partir de outro lugar; não existe presença em qualquer lugar que não tenha a contrapartida de uma ausência alhures". É justamente sobre esse binômio presença/ausência que me debruço ao examinar o patrimônio disposicional de Juscelina, os conflitos emocionais vividos durante todo o percurso e a crise existencial que culminou com o retorno. Na trajetória de Juscelina, como dos migrantes, o passado e a ausência no local de origem, neste caso o Nordeste, sempre estiveram entrelaçados com o presente e a vida no destino, o Sudeste. Do lado de quem ficou essa ausência também foi experimentada de forma particular. São essas duas perspectivas, e suas diferentes fases, que busco compreender.

Os estudos migratórios que negligenciam as condições de origem dos migrantes dão do fenômeno migratório uma visão parcial, como se sua existência começasse no momento em que chegam à sociedade de destino. Procuro seguir uma tradição de estudos sobre a

migração no Brasil[8] que buscou demonstrar o fenômeno migratório não como um vetor representativo de uma trajetória linear da origem para o destino, ou do Norte para o Sul, mas um processo complexo que implica desenraizamentos e tentativas de re-enraizamentos, várias partidas e vários retornos, que, mesmo quando não se constituem propriamente como deslocamentos físicos, são conflitos interiores ou relacionais.

IV. O trânsfuga de classe, primeiras e incertas caracterizações

Inicialmente eram as referências de trânsfugas de classe tais como analisados por Bourdieu que eu tinha em mente. Na obra do sociólogo podemos encontrar, no que se refere ao tipo de relação do sujeito com seu passado, dois tipos de trânsfugas: o intelectual[9] que, por meio de uma profunda atividade reflexiva, é capaz de reconciliar-se com o passado; e o homem de (pequenos ou grandes) negócios[10] que, deslumbrado com a "cultura legítima", deixa-se dominar por ela na forma de uma recusa sistemática e incurável do passado. Este segundo caso é exemplarmente representado, no livro *A Distinção,* pelo membro da classe trabalhadora que, seguindo uma trajetória de ascensão social, torna-se um pequeno burguês. Como afirma Bourdieu:

> Na ordem da sociabilidade e das satisfações correlatas é que o pequeno-burguês realiza os sacrifícios mais importantes, para não dizer, mais manifestos. Com a garantia de que deve sua posição apenas a seu mérito, ele está convencido de que se deve contar somente consigo para conseguir sua salvação: cada um por si, cada um consigo mesmo A preocupação de concentrar esforços e reduzir os custos leva a romper os vínculos – até mesmo, familiares – que seriam obstáculos à ascensão individual. A pobreza tem seus círculos viciosos e os deveres de solidariedade que contribuem para acorrentar os menos desprovidos (relativamente) aos mais desprovidos transformam a miséria em um eterno recomeço. A"decolagem" supõe sempre uma *ruptura,* cuja negação dos antigos companheiros de infortúnio representa apenas um aspecto (BOURDIEU, 2007, p. 316).

8. Cf. GARCIA (1989), PALMEIRA e ALMEIDA (1977), MENEZES (2002).
9. É o caso do próprio Bourdieu e de vários outros intelectuais, como, por exemplo, o poeta Mouloud Mammeri sobre quem o sociólogo escreve no texto *A Odisséia da Reapropriação* (BOURDIEU, 2004).
10. Encontramos na literatura aqueles que poderiam ser considerados tipos ideais do trânsfuga acrítico bourdieusiano. Um bom exemplo é o Dr. Cottard, personagem proustiano cuja boa vontade cultural se opõe à espontaneidade e ao relaxamento burguês de Swann, um dos personagens centrais da obra. Este "possuía uma amabilidade isenta de qualquer afetação e do medo de parecer amável demais, tornando-se independente, tem a leveza, a graça de movimentos daqueles cujos membros flexíveis executam exatamente o que deseja, sem a participação desajeitada e indiscreta do corpo".(PROUST, 2009, p.255) Em contraposição a Swann, Dr. Cottard, o trânsfuga que observa e participa das conversas com "admiração beata" e "zelo estudioso": (...) "nunca sabia ao certo em que tom devia responder a alguém, se seu interlocutor queria rir ou falava a sério. E acrescentava ao acaso, a todas as suas expressões de fisionomia, a dádiva de um sorriso incondicional e provisório cuja sutileza expectante o isentaria da acusação de ingenuidade, caso fosse espirituosa a intenção que para com ele tivessem tido. Mas, como para enfrentar a hipótese oposta, não ousava deixar tal sorriso se consolidar claramente em seu rosto, via-se nele flutuar perpetuamente uma incerteza na qual se lia a pergunta que ele não ousava fazer: 'Fala sério ao dizer isso?'"(PROUST, 2009, p. 252).

Orientada por essas visões sobre o trânsfuga, e antes de iniciar a pesquisa empírica, a categorização possível, era, portanto, a seguinte: indivíduos que ascendem predominantemente via capital econômico (a escolarização é meio, e não fim em si mesmo), tendem a abraçar acriticamente a cultura legítima e a recusar a cultura paterna, sofrendo uma incurável vergonha de si, forma específica de violência simbólica. Aqueles que ascendem via capital cultural, por outro lado, teriam maiores chances de encarar a cultura "de destino" de forma mais crítica, assim como de dispor dos instrumentos reflexivos que os habilitariam a fazer o retorno à cultura paterna. Esses eram meus pressupostos conceituais sobre o trânsfuga, mas eles foram sendo nuançados e mesmo modificados durante a pesquisa empírica.

O avanço da análise propiciou a complexificação do conceito, mas há outros fatores que devem ser mencionados. A inteligência e habilidade narrativas da biografada, somadas ao longo tempo de pesquisa empírica (16 meses), com intenso acompanhamento, afastaram a possibilidade de criação de um estereótipo ou de um modelo de trânsfuga na medida mesma em que propiciaram que Juscelina realizasse uma autoconstrução estética, uma estilização de si na qual não cabiam caricaturizações. Mantive, porém, por motivos que serão expostos adiante e sob condições que serão igualmente elucidadas, a decisão de valer-me do conceito.

V. A escolha do conceito de trânsfuga

A metodologia de que me vali nessa pesquisa, assim como a forma como lidei com os acontecimentos que a ela se integraram, muitos deles completamente imprevistos por mim, foram, em grande medida, baseados na "sociologia emescala individual" de Bernard Lahire (LAHIRE, 2010). Desde o início procurei conhecer as várias dimensões e etapas da vida da biografada, aprofundando-me na compreensão de seu patrimônio disposicional, ou seja, de suas tendências mais cristalizadas para pensar, sentir e agir. Ainda em consideração à sociologia lahireana, foi inspirando-me nela que procurei compreender sociologicamente a "problemática existencial" (LAHIRE, 2010) de Juscelina, ou seja, o conjunto de elementos estritamente ligados à sua trajetória e que lhe são impostos como questões incontornáveis, que a perturbam constantemente e aparecem como problemas a serem enfrentados ou combatidos. Esta "problemática matricial" comporta elementos extremamente estáveis que podem semodificar em função de diferentes etapas do ciclo de vida ou de grandes eventos biográficos que desencadeiam crises existenciais. Na biografia em análise, a tessitura dessa problemática

encontra-se nos conflitos gerados pelas grandes e significativas diferenças entre o mundo de origem e aqueles nos quais ela viveu 35 anos de sua vida. Devemos, é claro, assumir que os contextos frequentados nas metrópoles eram diversos, cada um ao seu modo, mas todos eles, desde o ambiente corporativo, no qual ela passou a maior parte de sua vida, até as casas de seus amigos e os ambientes que ela conheceu e frequentou nas viagens de férias e trabalho ao longo de todos esses anos, têm grandes e importantes oposições com relação àquele universo moral e afetivo no qual ela vivenciou a socialização primária, e no qual seus pais, muitos de seus familiares, e quase todos os seus irmãos, permaneceram.

Foi pensando nesse problema matricial que mantive o conceito de "trânsfuga de classe" mobilizado na sociologia bourdieusiana, lahireana e de outros autores, tais como Abdelmalek Sayad (1990), Vincent de Gaulejac (1999) e Jean Klaude Kaufmann (2004), como de importância central para sintetizar a subjetividade de Juscelina. O conceito parece-me, no caso em análise, mais completo que o de migrante por englobar tanto o deslocamento geográfico (migração) quanto o social (ascensão de classe). Além disso, junto com a noção de migrante, a de trânsfuga denota, como afirma Jean-Claude Kauffman (2004, p. 160-161), um modelo ideal das estruturas psicológicas nas quais, ao longo da "duração" biográfica, alternativas identitárias se entrecruzam, formando diversas e renovadas bricolagens. Esses dois modelos de trajetórias sociais, segundo o autor, revelam com mais clareza modalidades de ajustamento identitário que, na verdade, atingem o conjunto da população. O conceito de trânsfuga, além disso, carrega também uma noção bastante importante para a trajetória de Juscelina, a de culpa pela traição às origens.

No vocabulário militar o trânsfuga é o desertor; no da ciência política é o traidor de seu partido original. Na sociologia, o trânsfuga de classe é aquele que carrega a dor de desejar viver uma vida diferente da de sua família, de conseguir, em maior ou menor medida alcançá-la, e de ter que lidar com a culpa confusa de ter superado o pai. Como afirma Gaulejac (1999), o deslocamento de classe, que conduz o indivíduo ao pertencimento simultâneo a grupos sociais distintos, cujas relações são historicamente marcadas pela dominação de um sobre o outro, leva a conflitos psicológicos ligados ao embate entre a identidade herdada, originária, que lhe é conferida pelo meio familiar, e a identidade adquirida, ou seja, aquela construída ao longo da trajetória.

Várias são as formas de expressar tais conflitos, assim como são muito diferentes as soluções encontradas para lidar com eles. Richard Hoggart (1973, p.23), em um dos

momentos mais confessionais de sua obra, *As Utilizações da Cultura*, profundamente baseada na infância e juventude vividas no seio da classe operária inglesa, afirma:

> Contudo, ao escrever, encontro-me constantemente na obrigação de resistir a uma forte pressão interior que me leva a encarar o antigo como muito mais admirável que o novo, e o novo como algo de condenável, sem que para tal me baseie na minha compreensão consciente do material de que disponho. Estou, pois, a olhar esse material através da lente deformadora da nostalgia: fiz o que pude para obstar seus efeitos. Porque estão em causa a classe de que sou oriundo e minha infância, experimento uma tendência para ser injustificadamente severo em relação aos aspectos da vida trabalhadora que desaprovo. Juntamente com essa tendência vem o impulso para me libertar dos meus próprios fantasmas; na pior das hipóteses, podese tratar de uma tentação para "rebaixar" a minha própria classe, resultando de uma ambiguidade premente na minha atitude para com ela. Por outro lado, verifico ainda que tenho tendência para atribuir demasiado relevo àqueles aspectos da vida das classes proletárias que eu aprovo, tendência esta que me arrastou para um certo sentimentalismo, para um romantizar do meu ambiente de origem, como se, subconscientemente, estivesse a dizer às pessoas com quem presentemente me dou – vejam, apesar de tudo, uma infância assim é bem mais rica que a vossa.

A análise de um mal-estar que expressa o que de outra forma Hoggart confessou pode ser encontrada no texto *Um distúrbio de memória na Acrópole* (1936), escrito por Sigmund Freud no formato de um presente epistolar endereçado ao amigo Romain Rolland pelo seu septuagésimo aniversário. O psicanalista alemão era filho de um pequeno comerciante e viveu sérias restrições materiais durante sua infância e adolescência. No relato autobiográfico que passo a sintetizar, Freud atribui a causa de um distúrbio da memória à culpa pela superação (intelectual, social e econômica) do pai.

Sigmund conta que ele e seu irmão costumavam fazer viagens de férias juntos. Normalmente iam até Roma ou a alguma região da costa do Mediterrâneo. No ano de 1904 decidiram ir até a Ilha de Corfu via Trieste. Porém, em visita a um amigo na cidade italiana este alertou-os de que a Ilha estaria excessivamente quente naquela época do ano (entre agosto e setembro) e que melhor opção seria uma visita a Atenas. Freud e seu irmão concordaram com a opção apresentada, mas sentiram, ambos, um estado de depressão cujo motivo ou origem não compreendiam.

Após chegarem a Atenas, foram visitar a Acrópole. Sigmund relata o que pensou ao ver de perto as ruínas antes conhecidas somente pelos livros escolares: "Então tudo isso realmente existe mesmo, tal como aprendemos no colégio!" (FREUD, 1936/1986, p. 295). Segundo ele, naquele momento operou-se uma espécie de cisão do eu, como se duas pessoas, em uma só, estivessem surpresas, mas por motivos distintos:

> A primeira comportava-se como se estivesse obrigada, sob o impacto de uma observação inequívoca, a acreditar em algo cuja realidade parecia, até então, duvidosa. Se me

> permito um pequeno exagero, era como se alguém, caminhando na margem do LochNess, subitamente enxergasse a forma do famoso monstro encalhado na praia e se visse compelido a admitir: 'Então realmente existe *mesmo* a serpente marinha, na qual nunca acreditávamos! 'A segunda pessoa, por outro lado, com razão estava surpresa, pois desconhecia a possibilidade de que a existência real de Atenas, da Acrópole e do cenário em torno, alguma vez tivesse sido objeto de dúvida. O que essa pessoa estivera esperando era, preferentemente, alguma expressão de alegria ou admiração.

A incredulidade motivada pela tentativa de afastar a realidade (não aquela que causa desagrado, mas, ao contrário, que causa alto grau de prazer) poderia ser sintetizada com a ideia denão aceitação de que o destino possa proporcionar a alguém algo de tão bom. Tal incredulidade estava ligada tanto a uma memória distorcida do passado (naquele momento ele se recordara, erroneamente, de que não acreditava na existência real da Acrópole) quanto à relação que ele mantinha com aquele lugar (expressão máxima da elevação cultural que almejara atingir). O que se operou foi chamado por Freud de desrealização, o que seria, na visão dele, processo contrário ao que se opera no "déjà vu", "déjà raconté" ou "fausse reconnaissance". Enquanto estes se caracterizariam como ilusões que procuramos fazer pertencer ao nosso ego, nas desrealizações nos esforçamos para manter algo longe de nós. Foi essa experiência de desrealização a responsável pelo distúrbio da memória. No momento em que viu a Acrópole, recorda que em sua infância ele duvidara da existência daquele lugar. Porém, na verdade, ele duvidava de que algum dia pudesse ir visitá-la, dada a sua origem social e à pobreza que vivera na adolescência. O psicanalista conclui:

> Mas justamente minha própria experiência na Acrópole, que realmente culminou num distúrbio de memória e numa falsificação do passado, ajuda-nos a demonstrar essa conexão. Não é procedente o fato de que, em meus tempos de colegial, eu, alguma vez, duvidasse da existência real de Atenas. Apenas duvidava se algum dia chegaria a ver Atenas. Parecia-me além dos limites do possível, eu, algum dia, viajar tão longe – eu 'percorrer um caminho tão longo'. Isto se ligava às limitações e à pobreza de nossas condições de vida em minha adolescência. Nesse ponto, porém, deparamos com a solução do pequeno problema da causa pela qual, já em Trieste, interferíamos em nosso regozijo pela viagem a Atenas. Pode ser que um sentimento de culpa estivesse vinculado à satisfação de havermos realizado tanto: havia nessa conexão algo de errado, que desde os primeiros tempos tinha sido proibido. Era alguma coisa relacionada com as críticas da criança ao pai, com a desvalorização que tomou o lugar da supervalorização do início da infância. Parece como se a essência do êxito consistisse em ter realizado mais do que o pai realizou, e como se ainda fosse proibido ultrapassar o pai. (FREUD, 1936/1986, p. 295)

Não é minha intenção elaborar interpretações psicanalíticas e sim demonstrar que apesar de ser, a meu ver, incorreto tratar o trânsfuga como uma categoria social cujas características (preferências políticas, estéticas, ideológicas, etc.) pudessem ser sociologicamente decretadas em consideração à sua trajetória social, é razoável supormos que a experiência de afastamento (mais ou menos radical) do mundo de origem motiva impactos afetivos significativos, e muitos deles estão ligados à culpa por ter superado o pai e à dor do

estranhamento sentido nos lugares de destino (do espaço social ou geográfico) e nos momentos de retorno, ou no retorno definitivo, quando ele ocorre.

A questão central explorada nesse trabalho, que se desdobra em muitas outras, é a de como Juscelina, com todas as singularidades de que é feita a sua história, viveu a condição de trânsfuga de classe, a qual também marcou a existência de pessoas tão distantes dela. Apesar de serem tão diferentes as biografias, por exemplo, de Sigmund Freud, Richard Hoggart e Juscelina, eles certamente entenderiam um ao outro se pudessem conversar sobre alguns momentos e aspectos de suas vivências; compreenderiam um ao outro se trocassem confidências sobre o mal-estar sentido ao frequentar lugares que seus pais nunca poderiam frequentar, ao viver experiências (falar línguas estrangeiras, apresentarem-se em palestras, ocuparem posições profissionais de grande prestígio) que seus pais nunca viveriam.

Há outro ponto fundamental que deriva dessa questão central. Trata-se da análise de como ela realiza o retorno à cultura paterna, experiência mais comumente tratada pela sociologia nos casos de intelectuais que provém das classes trabalhadoras. No Brasil são vários os intelectuais que se valeram da pesquisa sociológica para compreenderem melhor a própria trajetória. Florestan Fernandes, com sua vasta obra sobre cultura popular e formação da sociedade de classes no Brasil (Fernandes, 2008) e José de Souza Martins (2011), com trabalhos assentados em experiências autobiográficas, são alguns exemplos. Esse movimento inicial de afastamento cultural da origem em direção a um mundo desconhecido e sedutor, sucedido pelo regresso, lento e cheio de perigos, à terra (ou classe) natal é nomeado por Pierre Bourdieu (2006)no texto *A Odisseia da Reapropriação*,sobre o poeta argelino Mouloud Mammeri.Sobre isso, ele diz:

> Essa odisseia é, a meu ver, o caminho que todos os filhos de uma sociedade dominada, de uma classe ou região submetidas a sociedades dominantes, devem percorrer para encontrar-se ou reencontrar-se.

Mouloud Mammeri, por meio de trabalho etnológico no qual apropriou-se da cultura paterna, conseguiu superar o que o sociólogo francês qualifica como uma forma muito específica de dominação simbólica, a vergonha de si. Sob a orientação da vergonha o sujeito ambiciona a cultura legítima (“aquela que não é preciso qualificar e aparece a si mesma como universal”) e realiza a morte simbólica do pai. Na biografia aqui analisada, nada mais emblemático desse processo do que a sentença de Juscelina: *Eu nasci aos 19 anos*, idade em que ela chegou ao Sudeste e iniciou a construção de sua carreira profissional. Porém, a experiência de *resgate* do passado, expressão utilizada pela própria biografada, não é

privilégio somente de intelectuais. Os recursos reflexivos que a atividade intelectual mobiliza certamente podem colaborar para uma autoanálise que conduza a uma ressignificação do passado, ou mesmo a um esclarecimento (sempre limitado) de suas culpas e ressentimentos. Porém, há outras formas de fazê-lo. Uma delas se daria no processo terapêutico; mas há ainda outras possibilidades que a pesquisa sociológica, na análise desse tipo de trajetória, é capaz de esclarecer. No caso de Juscelina, acredito, o processo de pesquisa e vários de seus efeitos foram elementos presentes na crise que culminou com o retorno à Paraíba.

O que se deu por meio da pesquisa foi uma mudança dos sentidos atribuídos àqueles conflitos existenciais vividos durante a trajetória. A atividade de colocar a sua vida na forma de narrativa, as entrevistas com amigos, colegas e familiares presentes nos textos lidos por ela, as visitas aos lugares da memória (ruínas do Sítio Cancão, sindicato dos trabalhadores rurais, a rua do pensionato onde morou em João Pessoa, etc.) e a aproximação à idade de aposentadoria e ao fechamento de um ciclo de vida marcado pela dedicação extrema à vida profissional, todos esses fatores, somados a outros ainda, sobre os quais falarei em breve, levaram a que o sentido atribuído à Caiçara (*um lugar de onde quero distância*), à imagem de si antes do início da vida no Sudeste (*uma aberração da natureza*) e à relação com a família entrassem em acelerado processo de ressignificação. Há, além de disso, um fato fundamental: o tipo de interpretação religiosa que ela faz de sua vida. A isso me aterei no capítulo 4.

VI. Os desafios teóricos e metodológicos da "biografia sociológica"

A elaboração da biografia exigiu aprofundamento teórico e metodologia específicos. Como ocorre em qualquer trabalho empírico, em muitos momentos a teoria me forneceu matéria-prima para a escolha dos métodos. Percebi desde o início que precisaria ter acesso a um material que fosse além dos discursos da própria pesquisada, considerando que meu interesse não era a elaboração de uma história de vida, propriamente, mas sim um estudo biográfico cuja dimensão de descrição das estruturas objetivas que contornam o percurso individual não fosse deixada de lado ou tratada apenas como tópico, e não elemento mesmo da análise. A pesquisa que idealizava construir deveria estar acompanhada de dados sobre os principais contextos socializadores, entrevistas com o maior número possível de pessoas que fizeram parte da vida da pesquisada, documentos os mais variados, fotografias, e entrevistas com a própria personagem central sobre os mais diversos assuntos, realizadas no maior número possível de contextos. Tudo isso superaria em muito a simples ordenação cronológica

das narrativas e me encaminharia para a compreensão do "devir biográfico" (PASSERON, 1989, p.17) como o produto de um duplo movimento, o da ação social dos indivíduos e o de determinismo social das estruturas.

A discussão em torno da utilização da biografia como método sociológico tem como uma de suas principais referências o célebre texto de Pierre Bourdieu, de 1986, sobre o que o autor denomina de "ilusão biográfica". Segundo o sociólogo francês, a biografia sofreria de uma espécie incontornável de mal de origem: ela sempre seria apresentada como um percurso coerente através do qual o biografado busca justificar a sua posição social no momento em que relata a sua história de vida. Daí viriam as ideias de coerência do percurso e de sentido existencial concretizado num projeto original. Este, por sua vez, seria realizado em etapas cronologicamente reconstituíveis. Tratar-se-ia, em suma, da ideologização de uma trajetória.

Como aponta Schwartz (1999), a ideia bourdieusiana de ilusão biográfica comporta três dimensões: "ilusão teleológica", sob o efeito da qual o narrador superestimaria a coerência de sua vida e acreditaria poder alcançá-la e organizá-la sob a forma de uma história; "ilusão de ipseité", caracterizada pela crença de que existiria um eu constante no tempo e no espaço, o qual, não obstante a multiplicidade de estados (momentos identitários relativamente distintos, com seus dilemas e possíveis soluções) e de fases da vida, pudesse ser sintetizado por meio da narrativa; "ilusão do próprio", segundo a qual a narrativa possibilita o acesso à autenticidade inalienável do eu.

Todas essas dimensões poderiam ser resumidas na ideia de "ilusão do sujeito", que vai ao encontrode um de seus projetos intelectuais maiores, o de demonstrar sociologicamente que todo e qualquer indivíduo é historicamente situado e que o conjunto de representações e práticas que dão inteligibilidade às suas formas de pensar, agir e crer, o "*habitus*", pode ser empírica e analiticamente acessado. Partindo de uma perspectiva que Schwartz denomina de "antinarcisista", Bourdieu procura provar em toda a sua obra que não somos capazes de prever a nossa trajetória, que não escolhemos os caminhos para os quais a vida nos levará, muito pelo contrário, somos levados a eles pelas determinações sociais que sobre nós pesam, e que qualquer percurso é muito menos autêntico do que uma visão da vida como romance poderia supor.

Podemos concluir, se cruzarmos os argumento do referido texto com a praxiologia bourdieusiana, que se o indivíduo que conta sobre si mesmo não é capaz de dar coerência e previsão à sua vida, o sociólogo certamente pode, desde que conceba, pesquise a analise o percurso como uma série de posições, ocupadas num espaço estruturado, por um indivíduo

fabricado por um passado incorporado na forma de disposições devidas à sua posição original de classe e ao seu prestígio relativo no campo profissional. “Compreender é primeiro compreender o campo com o qual e contra o qual cada um se fez” (BOURDIEU, 2005, p. 40), disse o sociólogo em sua autobiografia, cuja epígrafe afirma: “Isto não é uma autobiografia”. Porém, considerando que no esquema bourdieusiano o “*habitus”*, chave de acesso ao eu (historicamente situado) e ao seu percurso, seria definido muito mais pela posição ocupada no esquema do analista (espaço social e campo) do que pelo conteúdo mesmo das experiências vividas (LAHIRE, 2010), eu me encontrei num impasse. Como trabalhar, sem reduzi-los, os riquíssimos relatos e dados que, na hipótese de continuar a pesquisa com um só indivíduo, poderia obter?

Tendo construído meu percurso nos estudos de Sociologia predominantemente na tradição bourdieusiana, foi a Bernard Lahire e à biografia sociológica de Franz Kafka que recorri para tentar encontrar o início de um caminho (teórico e metodológico) que, sem deixar de afirmar a fabricação social do indivíduo, me orientasse a como aproximar-me da complexidade e infinitude das experiências e fases que constituem uma trajetória individual sem reduzi-las aoesquema bourdieusiano, baseado na reconstrução das posições ocupadas ao longo da vida. Muito útil para o estudo de grupos sociais, tal esquema analítico carece dos instrumentos necessários quando a escala de análise é reduzida até o indivíduo e suas interações, contradições e conflitos inter e intrapessoais, ou seja, quando o que se pretende é a investigação da sociogênese de um indivíduo singular. Precisava escapar do risco de, rendendo-me acriticamente aos argumentos de Bourdieu, construir um percurso artificial por pressupor a onisciência do esquema espaço social/campo/*habitus*. Não poderia, porém, encarar o risco oposto, o de transformar uma trajetória num romance. A articulação entre elementos macro e microssociológicos (jogo de escalas de análise) e a reconstituição de sistemas categoriais passados a partir do sistema categorial presente, acredito, afastam o estilo teleológico com que as histórias de vida são contadas. A maneira como reconstruíos processos estudados demonstram isso. Assim, por exemplo, Juscelina, em nossas primeiras entrevistas, categorizava sua origem social como *paupérrima.* A pesquisa etnográfica e histórica, entretanto, aliada às entrevistas de pessoas que se valiam de outras categorias para definir a situação familiar, ajudaram-me a escavar elementos objetivos que apontavam para uma situação social relativamente privilegiada naquele espaço social específico em que a família

foi constituída. Seu pai era um *homem livre* (em oposição a um *morador*[11]) e alfabetizado. Além disso, sua família sempre teve o que comer, apesar de Juscelina lembrar-se de maneira pungente da situação de fome. O sistema categorial presente de Juscelina não foi negado, mas complexificado a partir da pesquisa sociológica. O mesmo deve ser dito quanto às categorias mobilizadas por seus familiares.

Conhecendo as obras anteriores de Lahire sobre a constituição do patrimônio disposicional[12] e "economia psíquica" (2010, p.38) do indivíduo, sabia que uma das minhas tarefas principais seria a de reconstituir tal patrimônio, o que exigiria uma longa e detalhada pesquisa. Além disso, estudando a biografia sociológica de Franz Kafka, comecei a encontrar uma orientação para lidar com a questão que desde a primeira entrevista me pareceu central, e que antes mesmo dessa interessava-me enquanto hipótese de trabalho. Refiro-me à relação do trânsfuga com o seu passado, mais especificamente com a sua classe, família, amores, sonhos e dramas daquela época da vida que antecedeu o início da trajetória de ascensão social (no caso de Juscelina coincidiu com o deslocamento migratório).

Lahire (2010) demonstrou que apesar da multiplicidade de experiências que fabricaram Franz Kafka, e sua literatura, uma questão atravessou todas elas. Trata-se da já referida "problemática existencial". No caso do escritor tcheco ela consistia na relação ambígua e conflituosa com seu pai, questão matricial que esteve na origem de várias outras batalhas que o autor travou consigo mesmo ao longo de toda sua vida, dentre elas as ligações complexas com as mulheres e com o casamento, as contradições entre a vida profissional

11.O *morador* é alguém que vende sua força de trabalho em troca da ocupação de um pedaço de terra do proprietário. Além de trabalhar a maior parte da semana para o dono da terra, o morador, sob a ameaça de ser expulso, se submete a uma série de exigências impostas muitas vezes violentamente pelo proprietário. A condição análoga à de escravo é esclarecida na expressão nativa utilizada para caracterizar um não morador: *homem livre*.

12. Bernard Lahire oferece uma alternativa à visão estruturalista que fundamenta o *habitus* . Ele parte da defesa de que ao invés de pressupor a incorporação subjetiva das estruturas sociais, o analista disposicionalista deve se dedicar à investigação dos processos pelos quais as relações com o mundo social e com os outros são progressivamente incorporadas. O sociólogo de Lyon percebe que o *habitus* enquanto dispositivo conceitual e metodológicoé definido mais por seu funcionamento e funções do que pelas experiências específicas que moldam este ou aquele determinado patrimônio de disposições. Lahire defende que ao postular a coerência e homogeneidade dos diferentes tipos de experiências incorporadas, o trabalho de Bourdieu privilegiou os princípios de sociação e negligenciou os princípios de individuação da constituição do patrimônio de disposições. Isso abre espaço para uma crítica da interpretação bourdieusiana sobre a moldagem socializativa da subjetividade individual e aponta a perspectiva de programa sociológico que, sem romper com a escola disposicionalista, revisa suas bases ao propor um estudo cada vez mais singular do social (LAHIRE, 2002). O instrumental teórico-metodológico desenvolvido por Lahire é fundamental para nossa pesquisa, uma vez que a investigação de travessias no espaço social demanda um arcabouço metodológico que aponte as pistas para a construção de relações entre a pluralidade de contextos sociais frequentados, a pluralidade de experiências incorporadas e a constituição cognitiva, afetiva e cultural do indivíduo. As obras "*O Homem Plural*: os determinantes da ação", "*Retratos Sociológicos"*, "*A Cultura dos Indivíduos*: disposições e variações individuais", "*Dans les plis singuliers du social:*Individus, institutions, socialisations" e "*Franz Kafka*: élements pour une théorie de la création littéraire" são alguns dos trabalhos dedicados à conceitualização e análise da sociogênese ou "fabricação social" do indivíduo.

(funcionário de uma companhia de seguros) e o isolamento necessário à prática literária, a sensibilidade do artista aos diversos tipos de dominação, a muito dos quais ele mesmo estava submetido.

Acredito que a "problemática existencial" de Juscelina, sobre a qual falarei no capítulo 1, deva ser compreendida no registro de um tempo não linear, de uma fagulha sempre presente, independentemente do tempo cronológico. Antes de melhor explicitá-la, porém, gostaria de voltar a um aspecto sobre a pesquisa biográfica destacado por Schwartz e negligenciado por Bourdieu. Trata-se do elemento barroco das biografias, notadamente daquelas em que estão presentes os relatos vivos do biografado. Diferentemente da pesquisa sobre Kafka, a biografada Juscelina acompanhou a pesquisa e a pesquisa a acompanhou, o que me levou à necessidade de utilização de uma metodologia bastante diferente daquela usada pelo sociólogo de Lyon, assim como me colocou desafios distintos dos que ele enfrentou.

VII. **O desejo de narrar a si mesma e o elemento "barroco" da biografia**

Um dos grandes desafios de tratar sociologicamente uma história de vida é o de ter claras as intersecções entre a história que nos é narrada pelo biografado e as apropriações interpretativas que fazemos dela por meio das nossas descrições e das abstrações elaboradas a partir dos fatos narrados e das práticas e disposições observadas. Mesmo nos casos em que há uma transcrição da narração, como ocorre na obra *Los Hijos de Sánchez* (LEWIS, 1961), a escolha dos trechos que serão transcritos, assim como a forma de organização da narração pressupõem uma hierarquização entre os dados, construída a partir de escolhas normativas e teóricas do pesquisador. Esse impasse nos afasta da literatura, já que numa obra ficcional o autor é soberano, ele tem grande domínio sobre os desejos, conflitos e decisões dos personagens. Pode dar a eles virtudes, defeitos, destinos ou discursos.

Porém, jogando luz sobre o outro lado, o do biografado, devemos admitir que quando ele narra ao pesquisador a sua história há, inevitavelmente, uma dose de mitificação da própria vida. A organização da narrativa de si demanda um grau de reflexão que não é acionado nas práticas e discursos mais corriqueiros, nos quais nos valemos de um pano de fundo de informações e consensos já naturalizados. E esse esforço reflexivo segue em busca da atribuição de sentido a um percurso que, imerso num mundo cheio de contingências, contrariedades, inconsistências e acasos, tende a ser caótico. As memórias pessoais são

construções de sentido geradas pelo motor dos afetos (POLLACK, 1989) e é razoável pressupor que essa construção se dá na direção da autojustificação, ou seja, na construção de um discurso de justificação existencial sobre si e sobre sua vida.

Aqui é onde há espaço para uma carga de invenção, de criação de uma imagem de si mesmo. Porém, somos todos formados por uma variedade de afetos e emoções. O sentimento que impulsiona o desejo de uma narrativa heroica convive com a culpa, a vergonha, o arrependimento, o remorso. Nos momentos em que narrou as privações que teve que enfrentar no início da vida nas metrópoles, o tom da narrativa de Juscelina é de autoglorificação. Entretanto, mesclada a ela há a admissão de momentos em que sentiu vergonha da família, em que se arrependeu de atitudes hoje consideradas cruéis, em que sentiu remorso, etc. Mesmo que as falas sobre as atitudes e sentimentos menos nobres sejam seguidas de uma justificativa, cabe ao analista interpretar a tentativa sistemática de justificá-los.

Como afirma Schwartz, após um contato mais longo e íntimo com o pesquisado (condição essencial para a pesquisa biográfica), este passa a construir narrativas nas quais estão presentes momentos de conflitos consigo mesmo, desordens, inquietações que de forma alguma podem ser encaixadas no registro de uma construção coerente de si, tal como Bourdieu denuncia ser a pesquisa com histórias de vida. Lidando com um sujeito em vida, em movimento, suas palavras demonstram tanto angústia e violência quanto elogio à trajetória. Numa longa e cuidadosa pesquisa, o narrador tende a apresentar-se não como uma unidade coerente, mas sim como um campo de forças atravessado por emoções e experiências múltiplas. Sua forma de contar a si mesmo, por isso, não tende ao linear, mas ao barroco.

A ação narrativa leva a que se reviva, no espaço da linguagem dirigida ao outro, a própria vida. Esse processo acontece de forma não só cognitiva, mas afetivamente engajada. A cada vez que Juscelina falava de seu pai, por exemplo, ela reafirmava o sentimento de ser muito amada por ele. Em cada história contada sobre seu trabalho na Coca-Cola, ela fazia um balanço de sua posição profissional. Há momentos da vida em que esse exercício pode ter lugar. Como afirma Marguerite Yourcenar em suas notas sobre a longa construção de *Memórias de Adriano*, (1974, p. 308): “Aqueles que teriam preferido um Diário de Adriano às Memórias de Adriano esquecem que o homem de ação raramente mantém um diário: é quase sempre mais tarde, do fundo de um período de inatividade, que ele recorda, anota e, na maioria das vezes, se surpreende”. O processo de contar a sua vida exige disposição a certo tipo de reflexão, ligada ao desejo de compreender e justificar os caminhos tomados, mas isso

só pode acontecer de forma sistemática, como quando alguém escreve sua autobiografia ou se dispõe a contá-la, num momento da vida em que o indivíduo se sente preparado para isso.

Tive a sorte de aparecer na vida de Juscelina justamente quando ela estava disposta a conhecer sua história. O fato de ela ter aceitado ser a personagem desta biografia sociológica prova isso.

VIII. Apresentação dos capítulos

Como procurei argumentar, a construção que articula diferentes escalas (macro e microssociologia) e variadas dimensões (objetiva/trajetória e subjetiva/narrativas) no formato de um ciclo de vida (no nosso caso, um ciclo que começa com a infância e termina com a aposentadoria/retorno) é o que justifica a definição da pesquisa como uma biografia sociológica[13]. Não se trata de estudo de caso porque a dimensão diacrônica é condição necessária para a denominação de biografia. Tampouco trata-se de um estudo de trajetória no sentido bourdieusiano, já que é necessário ultrapassar também a rede estrutural pela qual atravessa o pesquisado e conceder às narrativas o lugar de elementos a serem integrados e analisados dentro daquele universo de espaços, tempos e pessoas que vai sendo reconstruído sociologicamente pelo investigador. Por último, como já ressaltado, não se trata de história de vida, já que a reconstrução não se esgota nas narrativas. Acredito que a particularidade de pesquisa com enfoque biográfico, particularidade essa determinada pelas condições de possibilidade de cada pesquisa (material disponível, conjunto de entrevistados, possibilidade ou não de pesquisa etnográfica, extensão dos arquivos históricos disponíveis, presença viva do biografado ou reconstrução documental e/ou oral do percurso examinado, etc.), somada à vigilância epistemológica essencial a qualquer pesquisa que alie reflexão teórica e empírica, orientam o pesquisador na utilização das melhores possibilidades metodológicas.

Do ponto de vista da apresentação narrativo-analítica do trabalho, procurei organizá-la de forma a deixar o mais clara possível a articulação entre as dimensões agencial e estrutural, assim como entre as escalas de análise. No capítulo 1 procuro esclarecer algumas das particularidades e momentos da minha relação com Juscelina. Analiso três etapas: nossos primeiros contatos, a consolidação da relação de confiança e o acompanhamento da

13. A investigação com "enfoque biográfico" (BERTAUX, 1999), por sua vez, tem diversos formatos e as diferenciações entre trajetória, biografias, histórias de vida e "récits de vie" (BERTAUX, 1994) dependem tanto do maior ou menor peso do relato em si quanto dos objetivos de cada trabalho. Para uma análise das histórias de vida como método, ver DOSSE (2009), BERTAUX (1999), BECKER (1986) e HEINICH (2010) e KAUFMAN (2004).

reorientação de vida que se seguiu a um profundo processo reflexivo vivido pela personagem durante a pesquisa. Tento elucidar também minha relação com alguns de meus informantes mais importantes, para quem eu fui uma espécie de mediadora entre eles e Juscelina.

No capítulo 2, por meio de pesquisa etnográfica, documental e entrevistas, reconstruo a trajetória dos pais de Juscelina. Apesar das poucas informações sobre as o período anterior ao casamento, procuro demarcar a posição social por eles ocupada no espaço social caiçarense e analisar os momentos que, baseados na pesquisa, pareceram-me fundamentais para a compreensão da história familiar e para a história de Juscelina, especificamente. O período abrange o início do século XX, quando do nascimento de Gabriel e Satina (1913 e 1917, respectivamente), e se estende até 1959, quando, após um movimento migratório para o Norte do país, os pais de Juscelina retornam à Paraíba.

No capítulo 3 analiso o período histórico que se inicia em 1960 e se estende até 1976, com a ida de Juscelina para o Rio de Janeiro. Procuro retratar o universo social e familiar no qual Juscelina cresceu, destacando aspectos ligados à rotina no sítio, à religião, ao papel da educação no universo familiar e à relação de Juscelina com seus pais e irmãos. Além disso, analiso o período vivido em João Pessoa até a decisão do movimento migratório para o Rio de Janeiro.

No capítulo 4 concentro-me na carreira profissional de Juscelina (1976 a 2011). Dividi em três a grande fase que se inicia com a chegada ao Rio e é finalizada com o pedido de demissão. Os primeiros anos no Rio de Janeiro (1976 a 1980); o período de 1 ano e meio vivido em Fortaleza (entre 1980 e 1982), com seus pais e irmão mais novo; a primeira fase de ascensão profissional (1982 a 1993), em que Juscelina ocupou os primeiros cargos "masculinos" na Coca-Cola, ou seja, aqueles que à época, eram muito raramente ocupados por mulheres. Por último, a segunda fase de ascensão profissional (1993 a 2011), quando Juscelina trabalha como executiva, passa a receber salários altos e vive um momento de amadurecimento pessoal para ela muito significativo. Por fim, detalhos alguns aspectos da crise vivida em 2012.

No capítulo 5 procuro demonstrar a especificidade da política caiçarense, explicitando as articulações entre política e religião. Em seguida, exponho como a experiência de conhecer a política local me levou a compreender o sentido mais profundo da experiência migratória e dos *"que vêm de fora"* naquela comunidade. Num terceiro momento recupero o tema das relações de pesquisa. Busco analisar o que, em função das reflexões analíticas desta época, pude apreeender sobre a minha posição com relação à Juscelina e à sua família, e finalizo o

capítulo com uma descrição dos momentos finais das eleições municipais de 2012. No apêndice desta tese apresento uma proposta de tipologia do comportamento eleitoral caiçarense. Nos anexos estão alguns dos documentos citados neste trabalho.

A TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Confiança – o senhor sabe – não se tira das coisas feitas ou perfeitas:ela rodeia, é o quente da pessoa.
Riobaldo, Grande Sertão: Veredas (João Guimarães Rosa)

A interação entre o pesquisador e aquele a quem este se dirige com interesse de compreensão leva a um deslocamento que não anula as diferenças entre ambos, mas permite "entender as razões do outro sem necessariamente lhe dar razão" (Bourdieu, 2007, p. 699). Quando o trabalho é de construção de uma biografia esse exercício toma contornos especiais. A cumplicidade que sustenta uma relação de pesquisa em que aspectos emocionais mais profundos são narrados e desvelados, os acordos implícitos ou explícitos que são feitos durante a investigação, os efeitos de uma relação em que o pesquisador se coloca (e é colocado) na posição de interlocutor interessado pelas angústias, dores e alegrias sentidas e rememoradas, a necessidade de compreensão de uma trajetória enquanto ela está em curso. Esses são elementos presentes em diversos tipos de pesquisa, mas tomam definição específica em um trabalho no qual um longo, intenso e diversificado (em distintos ambientes e contextos) contato com o pesquisado é condição necessária para a realização da pesquisa.

Procurarei, neste capítulo, esclarecer algumas das particularidades e momentos da minha relação com Juscelina.Pretendo analisar três etapas da nossa relação: nossos primeiros contatos, a consolidação da relação de confiança e o acompanhamento da reorientação de vida que se seguiu a um profundo processo reflexivo vivido pela personagem durante a pesquisa.

Tento elucidar também minha relação com alguns de meus informantes mais importantes, para quem eu fui uma espécie de mediadora entre eles e Juscelina. Confissões, julgamentos, opiniões e perguntas eram dirigidas a mim como se fossem para ela. Fui uma espécie de ouvinte privilegiada de reflexões, angústias, declarações de afeto que, por motivos diversos, não foram dirigidas a Juscelina, apesar de meus interlocutores desejarem fazê-lo. Seus colegas e amigos em diversos momentos disseram: *Eu nunca disse isso a Ju, mas....*Em outros momentos, como no caso de uma amiga estrangeira, que Juscelina não vê há anos, mas com quem mantém um forte vínculo afetivo, ouvi: *Olha, eu vou te contar uma coisa muito íntima. Nunca contei isso pra Ju, mas queria que você contasse.*

Quanto aos informantes de sua família, que além de terem sido entrevistados conviveram comigo por quase dois meses (parte entre fevereiro e março e parte entre setembro e outubro de 2012), a posição de mediadora foi ainda mais radical, mas só fui capaz de me perceber enquanto tal quando pude comparar minha relação com eles nas duas fases da

pesquisa etnográfica. Na primeira, havia muita atenção e curiosidade a mim dirigidas; na segunda, a perturbação da minha presença foi bastante reduzida por dois motivos: 1– eles já me conheciam; 2– estive lá pela segunda vez no tempo da política, quando todos estavam muito envolvidos com as inúmeras informações, modificações provisórias e afazeres que envolvem esse período da vida comunitária.

Passarei, agora, à análise 1) do nosso primeiro encontro, quando conheci um pouco de sua trajetória; 2) das etapas da consolidação de nossa relação (de pesquisa e de amizade); 3) do que percebi enquanto "problemática matricial" de Juscelina (LAHIRE, 2010). Procurarei descrever também os principais momentos de nossa viagem a Caiçara, assim como a minha relação com a família de Juscelina. Em seguida, falarei sobre a crise existencial vivida pela personagem após a viagem. Por fim, reflito sobre aspectos éticos da pesquisa, entre eles a decisão de utilizar o nome verdadeiro dos personagens. Os dois últimos tópicos das fases do trabalho empírico e a uma tentativa de esclarecimento da utilização dos tempos verbais na construção da minha narrativa, que articula diversos tempos e as vozes de muitas personagens.

Na construção do tópico seguinte, optei pela utilização do discurso de Juscelina. Nestas páginas de abertura mostroum pouco como a pesquisada organizou sua narrativa introdutória. Já é possível, também, perceber o estilo de Juscelina e algumas das questões centrais deste trabalho. Também considero importante marcar as diferenças entre as minhas interpretações e o discurso inicial da biografada. Falo de discurso inicial porque a forma como ela vê a própria história foi ganhando diferentes contornos e interpretações ao longo da pesquisa, e essa é uma questão crucial para o trabalho aqui apresentado. Farei uma breve análise dos meus primeiros contatos com Juscelina, assim como das minhas primeiras impressões e motivações para a continuidade da pesquisa.

1.1 - Primeiro encontro com Juscelina e os desdobramentos mais imediatos

Meus primeiros contatos com Juscelina foram por mensagens de correio eletrônico. Eu disse a ela que tinha conhecido sua história por meio de nossa amiga em comum e que minha pesquisa de doutorado tinha como tema biografias como a dela, de mulheres que migraram de regiões rurais para grandes cidades e que nestas realizaram uma significativa ascensão de classe. No dia 28 de junho de 2011, fiz um primeiro contato perguntando se ela me concederia uma entrevista:

> Boa tarde, Juscelina.Como vai?
>
> Sou Priscila. Escrevo para me apresentar epara explicar melhor por que eu gostaria muito de me encontrar comvocê.Bem, eu sou formada em Direito pela Universidade Federal de Juiz deFora, instituição onde eu também lecionei por dois anos e meio. Soumestre em Ciências Sociais pela mesma universidade e agora faço doutorado em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticosda Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Sou orientada porFrederic Vandenberghe e conto com a colaboração de um professor daUniversidade de Lyon: Bernard Lahire.
>
> Atualmente me dedico exclusivamente ao doutorado. Integro um grupo deestudos em Filosofia das Ciências Sociais e minha pesquisa de tese ésobre mulheres que ascenderam de classe, modificaram suas vidas comseu trabalho. Minha pesquisa é de cunho qualitativo, ou seja, eu meconcentrarei na trajetória de vida de algumas poucas mulheres.
>
> Nossa amiga fala de você com muito carinho e um dia eu perguntei como elatinha te conhecido. Ela me contou que te conheceu quando trabalhavanuma loja em São Paulo e falou que te admirava muito por você ser umamulher muito determinada e batalhadora. Eu me encantei e pensei que oconhecimento da sua trajetória contribuiria muito para minha tese.Agradeço por ter permitido que ela me desse o seu contato e,claro, fico inteiramente disponível para esclarecer qualquer dúvida.
>
> Tenha uma boa semana!
>
> Priscila Coutinho

No mesmo dia, ela respondeu ao e-mail:

> Priscila,
>
> Fico feliz em saber que posso contribuir com seu estudo. Todos nós temos uma estória de vida e quando olho a minha trajetória sinto que nasci no lugar certo, na família certa que, com todas as limitações, dificuldades e percalços, por ser mulher, por ser nordestina, por ser pobre, resultou no ser humano, na profissional, na mulher que sou hoje.
>
> Veja uma forma de como podemos conciliar agendas e dar seguimento.
>
> Um abraço,

Diante da resposta afirmativa, marquei nossa primeira entrevista, feita em uma das salas do luxuoso escritório onde ela trabalhava[14], no bairro Vila Olímpia, em São Paulo, no dia 8 de julho de 2011. Ela era, à época, diretora regional da cervejaria Heineken no Brasil[15], um cargo de grande destaque. Uma secretária me levou até a sofisticada sala de reuniões.Me esperava uma mulher de cabelos lisos e curtos, na altura do queixo, magra e de baixa estatura (mais ou menos 1,56 m de altura). Estava elegantemente vestida com um trench coat[16] de

14. Quando conheci Juscelina ela tinha um cargo de diretora na Heineken, empresa pertencente ao Sistema Coca-Cola. Uma informante que trabalhou na mesma empresa me disse que apesar do cargo de direção Juscelina tinha salário e status de vice-presidente nacional, e que seu cargo só não tinha essa denominação por uma questão de política corporativa. No dia 18 de agosto, porém, Juscelina me mandou um e-mail avisando que tinha aceitado uma proposta de emprego em uma fábrica da Coca-Cola no Rio de Janeiro e que por isso se mudaria para o Rio ainda em 2011.

15. A Heineken é operada no Brasil pela empresa FEMSA, onde Juscelina trabalhava em São Paulo. São proprietárias da FEMSA tanto a Coca-Cola Company quanto o grupo Heineken. Por isso, apesar de nessa época trabalhar para Heineken, a entrevistada estava ligada também à Coca-Cola Company.

16. Soube, posteriormente, que essa é uma de suas peças de vestuário preferidas. Ela possui mais de 50 modelos de diferentes cores, tecidos e estampas. A maioria de marcas europeias (Burberry, Prada, Escada, Lacoste, entre as mais sofisticadas, e Zara, entre as mais populares) ou da marca feminina do mercado de luxo brasileiro Lita Mortari.

crepe verde militar, calça jeans, sapatos italianos[17] e óculos de grau da marca francesa Chanel. Dois celulares, que tocavam insistentemente durante a entrevista, estavam apoiados na mesa de reuniões onde nos sentamos. Apresentei-me, relatei o motivo de ter me interessado por sua trajetória, a qual havia sido brevemente narrada pela pessoa que nos colocou em contato, e pedi a ela que me contasse sua história de vida, que já fora divulgada em outros momentos. A entrevistada foi tema de matérias jornalísticas sobre "empresárias de sucesso" e sua trajetória é conhecida no ambiente do Sistema Coca-Cola, pois foi publicada numa revista de circulação interna, novamente na intenção de ilustrar uma "selfmade woman". Juscelina contou-me sua história de vida resumidamente.

> Priscila: Eu queria que você me contasse como tudo aconteceu, desde sua infância, sua família, quando você veio para São Paulo, sua cidade...
>
> Juscelina: Eu sou paraense, mas sou filha e neta de paraibanos, e também fui educada na Paraíba, então, por afinidade e por toda história, eu me sinto mais paraibana do que paraense, mesmo porque meus pais passaram um período somente de 7 anos no Pará, onde eles foram até como aventureiros, buscando a luta pela vida em todos os sentidos. Eles eram uma família muito grande...não sei se você sabe, mas eu sou a décima nona de uma família de 21 filhos. E quando eles foram pro Pará, nesse período nasceram sete lá. Então foram 7 anos, e com dois anos e meio eu já tava de volta na Paraíba. Então, de volta à Paraíba, meu pai vem de uma família grande também, e minha mãe era filha única. Uma filha única que teve tantos filhos, entendeu? Então acho que a missão que ela teve na terra foi justamente ter filhos. Então, chegando na Paraíba a gente... Nós fomos, fomos sempre camponeses, eu era camponesa. Eu morava...a gente morava a quatro quilômetros da cidade, num local onde não tinha nada,.não tinha infraestrutura, água potável, não tinha energia e assim como é fruto de toda cidade, de todos...dos rincões daqui, brasileiros. Hoje em dia você já vê em alguns casos no campo tendo energia elétrica, mas na época não existia isso. Então como eu era uma das mais novas, eu sempre tive muita dificuldade porque o colégio que a gente tinha lá numa cidade pequenininha, uma cidade chamada Caiçara, que fica mais ou menos a uns 150 km de João Pessoa, e nessa cidade a gente só tinha mesmo um colégio e um ginásio, e esse ginásio era particular. Como meus pais não tinham condições financeiras, a gente ganhava bolsa de estudos do sindicato de agricultores, mas a gente só tinha direito a três, e eram muitos a estudar, então os mais novos tinham que esperar os mais velhos saírem, mas aos 12 anos de idade eu sempre quis estudar, eu era uma inconformada por natureza e aí eu fui me oferecer a trabalhar nesse sindicato durante meio-dia e em troca ganhava o ginásio e foi aí que eu estudei; ou seja, ficava no campo trabalhando até 11 horas, depois ia pra casa, trocava de roupa, comia, ia pra essa cidade, andava tudo isso, trabalhava nesse sindicato. Então comecei aos comecei aos 12 anos... e depois, à noite, eu estudava. A gente só chegava em casa, tipo meia-noite, uma hora da manhã, e aí acordava às 4h, e assim a vida continuava.

No decorrer da entrevista, ela detalha que estudou *em condições muito precárias*, foi alfabetizada em casa e educada *para casar e ter filhos:*

> Eu nunca quis casar e ter filhos, eu não gostava muito de brincar, eu queria tá sempre aprendendo... Então desde novinha eu sabia que não iria casar nem ter filhos, e que eu iria ter uma carreira profissional...Só que esbarrava no aspecto moral, né? Porque um pai de

17. Eu soube que os sapatos eram italianos em setembro de 2011, após vê-los dispostos na parte reservada aos calçados italianos em um dos três guarda-roupas do apartamento que ela possuía, localizado na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. O imóvel foi colocado à venda em meados de 2012.

família, ele jamais poderia deixar uma filha sair, porque daí as coisas não batiam, porque primeiro a distância do conhecimento era muito grande, então tinha mesmo que casar e ficar ali. Minhas irmãs todas se casaram, só eu que não casei, então eu sempre, como uma inconformada[18], de certa forma tinha outro tipo de preocupação. Eu gostava de ficar ali ouvindo o que os mais velhos falavam, não me interessava ficar brincando, de certa forma eu tinha outro tipo de preocupação, gostava de ficar ouvindo o que os mais velhos falavam...porque mesmo os mais velhos não tendo uma educação, eles tinham uma sabedoria, e essa sabedoria se souber extrair, é muito rica, então eu preferia ficar ali ouvindo e criando o meu mundo dos pensamentos, e até viajava nas conversas dele.

A gente só tinha rádio lá e assim mesmo na base de pilha e a gente não tinha...o seu mundo restringia com a sua visão do horizonte, então seu mundo terminava quando tua visão do horizonte terminava, mas como naturalmente eu era sempre uma inconformada e meu pai sempre falava que ele queria que eu fosse advogada...ele falava que eu era sempre inteligente... Não sei como ele achava isso, mas acho que o fato de eu não ficar brincando e sempre estudando e ele falava que queria que eu fosse advogada e eu falava pra ele assim: "Como é que você quer que eu seja advogada se eu moro no meio do mato?" Então as coisas não batem...

Quando eu tinha 15 anos ele me chamou e me autorizou, disse que confiava em mim,que ele ia deixar eu seguir o meu rumo, mas aquilo ia ser muito difícil pra ele porque os amigos...o que iam pensar? Porque uma menina...Imagina? Deve ter sido uma decisão muito difícil...Então eu saí, fui pra João Pessoa...

(...)

Dos 15 aos 18 eu trabalhei num jornal mensal que tinha em João Pessoa chamado *O Momento*. Eu comecei a trabalhar aí dos 15 aos 18 anos, e aos 18 anos eu fiquei ainda durante um período, e era tudo muito difícil.

Priscila: O que você fazia no jornal?

Juscelina: Ah, eu datilografava. Eu nunca fiz um curso de datilografia, mas eu fui lá, cheguei lá e disse que sabia, mas eu não sabia. Eu sou uma pessoa que eu sempre, tipo assim, me autodesafiava. Mesmo que eu não soubesse, eu dizia assim: "Me dá que eu faço", e depois eu ia aprender. E aos 18 anos eu fiquei, assim, aos 18 eu passei num concurso. Mas eu...ainda me faltava algo, achava que faltava algo. Eu queria conquistar o mundo.

Priscila: Foi o concurso pro SERPRO [Serviço Federal de Processamento de Dados]?

Juscelina: Foi..Mas aquilo pra mim ainda era pouco. Era bastante interessante porque pela primeira vez eu tinha um emprego decente e [era motivo de] orgulho na época. Agora ultimamente é que voltou, pela falta de emprego, o emprego público ser interessante, Mas no passado era um orgulho. E...Mas 8 meses depois que eu entrei aí, 18, 19 anos, eu larguei tudo porque eu queria conquistar o mundo. Não sabia exatamente que mundo que era, mas um mundo, um mundo que eu pensava, que eu idealizava. Cheguei no Rio de Janeiro, sei lá, em pleno Natal de [19]76, e nessa época eu não conhecia ninguém no Rio também, então era tudo muito complicado, morar em pensionatos, em lugares não dignos também, em Copacabana, e aí você vai descobrindo, sabe? Essa coisa toda ligada a aspectos morais, entendeu? E aí foi uma tarefa muito difícil, mas eu também sou uma pessoa que sempre tive muita sorte, não sei se foi sorte ou se fui eu que busquei porque eu também não acredito muito em sorte. Mas quando eu comecei a trabalhar, arranjei um temporário pra Texaco do Brasil, por 40 dias, fiquei lá por 40 dias, depois eu como... eu trabalhava numa empresa tipo *part time*, né, de temporários.

Priscila: Trabalhava na Texaco como datilógrafa também, né?

Juscelina: Como datilógrafa também...e aí quando foi, quando foi..mas eu também, aí era muito precário. Eu também...minha educação era...Putz... Minha educação era muito...putz,, eu falava errado pra caramba, eu não era preparada nem psicologicamente nem em termos de educação, né. Era tudo muito carente e eu nem entendia muito o que era ser temporário. Aquilo pra mim era muito novidade. O discernimento das coisas, sabe? As coisas não eram claras pra mim. E aí eu saí e pensei: "Ué, eu não tô trabalhando mais?". Na minha cabeça eu tava ali e não ia sair mais. Era tudo muito confuso. Mas eu saí depois de quase dois meses: 40 dias. Comecei a trabalhar exatamente...porque ninguém começa a trabalhar no dia 22 dezembro, mas eu comecei a trabalhar no dia 22 de dezembro, e quando foi no dia 3 de fevereiro eu sai de lá, e no dia 3 de fevereiro por acaso eu comecei a trabalhar na Coca-Cola porque no dia 3 eu voltei pra minha agência de emprego né, lá de temporário. E naquele dia eu me lembro que ela tava com uma psicóloga tentando convencer uma menina a trabalhar por 10 dias, e eu me lembro que a menina era o protótipo da secretaáia: a menina era linda,

18 Adiante, eu me debruçarei sobre as expressões e frases destacadas ao longo dos trechos desta entrevista. Esse é o motivo dos grifos.

> loura, alta, bonita, se expressava bem...então a menina tinha tudo. E eu escutando aquela conversa, e a psicóloga tentando convencê-la, e ela falava que não, que não, que não, que não, e a psicóloga de tanto encher o saco dela e disse "E você? Você quer trabalhar na Coca-Cola por 10 dias?" E eu disse: "Vou". E lá começou tudo. Eu estava,pre-des-ti-na-da a ir [com ênfase] a ir, então eu fui pra Coca-Cola e comecei a trabalhar como secretária português: imagina, que absurdo, eu era secretária português...e aí eu comecei a minha história na Coca-Cola. Agora, parece uma coisa simples, quando você chega numa cidade como o Rio de Janeiro naquela época. Eu te digo o seguinte: obviamente que a mulher ela...ah, você sofreu preconceitos? Os preconceitos que eu senti naquela época não foram tanto pelo fato de eu ser mulher, foi pela fato de eu ser nordestina. Então preconceito veio muito mais disso, principalmente os primeiros anos no Rio de Janeiro foram muito complicados, e aí eu tinha que me superar em absolutamente tudo. Eu tava na Coca-Cola, uma empresa multinacional. Nos primeiros anos que eu tava na Coca-Cola, eu era o oposto de tudo, eu era a aberração da natureza porque as pessoas eram extremamente preparadas...então, às vezes, eu quero dizer que é sorte também.
>
> Priscila: Você percebia isso? Você se via como uma pessoa diferente?
>
> Juscelina: Ah, eu percebia, eu sabia que tinha...as minhas deficiências...se tem uma virtude que eu tenho é ter clareza nas minhas deficiências, entendeu? Eu tinha certeza disso, que eu tinha um monte de coisas...eu costumo dizer que eu nasci aos quase 19 anos, aos 18 anos, então imagina uma pessoa que nasce aos 18 anos e que tenha que aprender tudo, então foi mais ou menos isso que aconteceu na minha vida. Eu nasci aos 18, então dos 18 pra trás, obviamente, quando eu peneiro, foram aspectos morais que ficaram entendeu. Apesar de minha família ser muito pobre a gente tinha que lutar. a gente caçava pra comer, sabe: a gente não tinha roupa, não tinha nada...eu... por exemplo, cheguei no Rio de Janeiro e eu vim a calçar meu primeiro sapato com 19 anos, eu nunca calcei um sapato, dormia em rede porque a gente não tinha cama pra dormir, então eu costumo dizer que, assim, parte do que é certo, errado, moral, respeitar, não roubar, tudo isso obviamente que tudo isso veio da minha infância, mas nascer pra vida, conhecer a vida, conhecer suas necessidades básicas, quer intelectual...isso eu comecei a aprender a partir de 18 anos, até então...isso eu comecei a aprender quando eu tinha, a partir dos 18, era um mundo completamente diferente, então eu nasci aos 18 anos, 19 anos...isso aí eu tenho absoluta certeza disso.

Juscelina se apresentava como alguém de natureza inconformada, mas que, em função mesmo dessa característica essencial, pôde *nascer aos 18, 19 anos,* quando migrou para o Rio de Janeiro e aprendeu tudo o que, na opinião dela, a habilitou a viver durante 35anos no Sudeste e a construir uma sólida e prestigiada carreira profissional. Foi bastante impactante para mim a afirmação de que seu nascimento como alguém civilizada (o contrário de uma *aberração da natureza*) se deu no momento em que começou uma vida no Sudeste. Não consegui imaginar forma mais forte de expressão do recalcamento da própria história. Também me impressionei com o distanciamento com o qual ela se apresentava nessa fase da vida anterior aos 19 anos, assim como com a crença de que a inconformidade com o mundo, que teria marcado toda a sua vida, fosse algo de absolutamente natural, algo como um dom que a orientasse para o que estaria *predestinada*: a carreira profissional na Coca-Cola, a vida longe da família, e o desafio de ser *a única diferente:*

> Priscila: Tem algum irmão seu que você poderia dizer que tem alguma semelhança com você?
>
> Juscelina: Nenhum. Eu sou a única diferente, Eles se contentam, todos se contentaram com muito pouco. [Ela respira fundo e a voz embarga um pouco]. E eu nunca quis me contentar com nada disso. Eu não me contento com nada. Eu até hoje, se eu faço algo, eu olho e digo: poderia fazer diferente. Eu tenho que entregar algo, eu entrego 100%, mas eu penso: Ah, eu poderia ter feito diferente. Eu sempre busco me modificar, fazer com

> que as coisas não sejam normais. Eu penso: O que eu posso fazer diferente? Ah, isso aqui tá brilhante, mas nada é tão brilhante que não possa enxergar novas possibilidades. Então, como natureza minha, eu sempre gosto de enxergar novas possibilidades, eu gosto de ver até aonde as coisas vão, dentro de uma segurança, lógica porque eu sou muito pé no chão, mas eu gosto de ver novas possibilidades, eu não me contento com o óbvio.
>
> Priscila: E isso você atribui a uma questão natural sua?
>
> Juscelina: Eu acho que é natural, desde pequenininha, porque a coisa tá de um jeito, eu sempre acho que pode ser de outro jeito. Como eu sou uma pessoa muito pé no chão, fazer de um jeito que aquilo tinha segurança eu vou fazer, eu não sou uma pessoa que arrisco (com ênfase), não, não é isso. Eu sou assim, pode ter uma coisa que está em conformidade pra todo mundo, mas tá em desconformidade pra mim, e aí é aonde eu...
>
> Priscila: Quando você era mais nova havia alguém que você admirava, em quem você se espelhava ou tinha como exemplo?
>
> Juscelina: Não!
>
> Priscila: Era a sua história mesmo, né?
>
> Juscelina: Era a minha história. Tanto é que eu sempre queria enxergar o mundo. Esse negócio que eu te falei do horizonte pra mim é muito interessante [Ela havia me dito em outro momento da entrevista: "Eu não me contentava, eu achava que num horizonte, tinha uma vida depois daquilo"]. Eu lembro que em frente a minha casa tinha uma mata e eu sempre quis enxergar o que tinha atrás da mata, o além. Um dia eu toquei fogo na mata, toquei fogo e corri pra debaixo da cama. Isso eu tinha 8 anos. E depois alguém falou. Ih, o que é que foi, alguém deve ter fumado e jogado e tal...e eu disse: Fui eu que toquei fogo na mata. Eu sempre assumi, nem que me prejudicasse. Eu poderia ter apanhado. Mas eu sempre assumi. Primeiro deu medo porque eu sabia que era uma coisa errada, mas depois eu assumi. Fui eu porque eu queria ver além dessa mata. (Entrevista concedida em 08 de julho de 2011)

A reação e descrição das visitas à cidade de origem também começaram a ser esboçadas nesta primeira conversa, assim como a percepção da profunda diferença entre o *mundo* emque ela vive daquele em que seus irmãos vivem:

> Priscila: E como é quando você volta Juscelina, pra Caiçara, encontra com seus irmãos...
>
> Juscelina: Não tem diálogo! Não tem...
>
> Priscila: Você costuma ir lá?
>
> Juscelina: Costumo..Já faz uns três anos ou dois anos que eu não vou. Depois que meus pais morreram, rareou. Depois que meu pai morreu ainda fui umas três vezes, mas agora tá rareando porque eu também sofro demais quando eu vou...é um sofrimento ímpar. Porque não tem diálogo, a conversa não flui, entendeu? Uma outra coisa que eu aprendi. Toda vez que eu ia falar com os meus pais, quando eu era mais jovem, eu achava que eles tinham que me entender e aí eu brigava demais comigo mesma porque eu não aceitava isso. E a coisa ficou boa quando eu falei: "Não, Juscelina, eles não têm que ir até você; você é que tem que ir até eles". Mas isso é complicado, porque você vai pra uma vertente que é complicadíssima de aceitar determinadas coisas, entendeu? Porque a briga aí nesse campo é... é muito difícil porque você...o que mais me...o que me deixa mais,digamos assim, com a cabeça mais, que não me prejudica tanto, é o fato de eu não negar as origens. Se eu negasse as origens eu seria um ser humano muito complicadinho. Mas com minhas irmãs é muito difícil, não tem diálogo. O mundo que eles vivem não é o mundo que eu vivo, o mundo que eu vivo eles não conhecem, não sabem, então fica aquilo muito...um monólogo, entendeu? É assim, não flui, a conversa não flui. Por mais que eu tente descer, mas o mundo é muito...o raio de atuação deles é muito pequeno e naquele raio de atuação deles eu não consigo, eu já não compreendo mais esse mundo, então o diálogo é muito difícil, não existe.

Em todos os 16 meses que estive em contato com Juscelina para a realização da pesquisa, ela insistia em afirmar que nunca havia negado suas origens. Ela queria dizer que nunca mentiu sobre suas raízes nordestinas e camponesas, o que me foi afirmado também pelos amigos dela que entrevistei posteriormente. Todos sabiam que ela vinha do Nordeste e

de uma família pobre. Porém, a maioria deles sabia muito pouco além disso. Um amigo, que a conhecia há mais de 30 anos, achava que ela tinha vindo do Ceará, outro não tinha certeza de qual era a região; alguns não tinham informações sobre a família, apesar de afirmarem a afinidade e carinho de Juscelina com seu pai, e o sentimento de piedade e amor para com sua mãe. Havia, entretanto, pessoas que ela considerava *especiais,* e que por isso seriam suficientemente sensíveis para compreender os desafios de sua trajetória. Foram poucas, mas de presença bastante forte em sua vida, assim como foram fortes os momentos em que esses dois mundos se encontravam, como quando uma de suas irmãs, moradora de uma cidade vizinha à Caiçara e que tem alguns filhos que moram em São Paulo, foi jantar na casa de uma amiga paulistana:

> Eu tinha uma amiga e vinha uma irmã do Nordeste aqui pra São Paulo e eu tinha uma amiga japonesa que eu chamei ela pra conhecer minha irmã e fiz um jantar (...) E aí minha irmã veio num sábado antes e eu fiz um jantar. Durante 3 vezes eu olhei pra minha amiga e disse assim : Olha bem pra essa minha irmã, ela é a cara da minha mãe.

Entendi, então, que apesar de *não negar as origens*, ela sempre falou com reservas sobre o passado, seja porque não encontrava interesse nele, por parte de seus amigos e colegas, seja porque ela não se sentia à vontade para detalhar a vida anterior ao que considera seu nascimento social, um reinício biográfico aceitável e compreensível para aqueles com quem ela dividiria as décadas de vida no Sudeste. O encontro de sua irmã, Francisca, com a amiga paulistana, foi um raro momento de contato entre esses dois mundos[19]. É preciso destacar, entretanto, que tudo isso eu fui compreendendo no decorrer da pesquisa. Num primeiro momento a declaração de que ela nunca havia negado as origens junto de outras, como a de que ela nasceu aos 19 anos, eram somente um conjunto de afirmações conflitantes e intrigantes.

Nesse encontro introdutório também procurei conhecer alguns dos hábitos esportivos, alimentares, domésticos e culturais de Juscelina. Sabendo que teria pelo menos mais algumas entrevistas com ela, tentei elaborar perguntas hábeis para o mapeamento de seu patrimônio

19. Duas filhas de Francisca moram em São Paulo e tinham contato frequente com a tia. Uma delas fazia serviços de limpeza e organização da casa durante as constantes viagens de negócios de Juscelina. A outra é cuidadora de idosos e costureira. Juscelina a admira muito, e se identifica com a sobrinha, *que pensa como eu, é tão chata quanto eu. Ela gosta das coisas corretas e organizadas. A gente gosta das mesmas coisas, a gente gosta das coisas bonitas, de decoração... Ela faz comidas divinas, extraordinárias, de alto padrão.Ela é uma pessoa que, se eu pudesse, eu ficaria ao lado dela pro resto da minha vida. Ela é uma guerreira.* Essa opinião sobre sua sobrinha somente me foi afirmada sete meses após a primeira entrevista.

disposicional (LAHIRE, 2010). Imaginei que ela fosse extremamente disciplinada e rigorosa consigo mesma e com a sua equipe de trabalho. Tais pressupostos foram confirmados, assim como uma disposição combativa necessária a uma sobrevivência tão duradoura no *mundo corporativo,* ou *no mundo do business,* como ela costuma dizer.

Nessa entrevista que pensei ser exploratória fiz somente algumas pequenas intervenções porque a forma como ela costurava sua narrativa me interessava, poisdizia muito sobre a forma como organizava a subjetividade[20] a partir da seleção e disposição dos acontecimentos e das ações narradas: quais fatos ela queria que introduzissem sua vida, quais características pessoais ela decidiu destacar e quais eventos e características ela preferiu deixar de lado. Estes últimos eu tentaria fazer com que viessem à tona em outros encontros, quando uma relação de confiança tivesse sido estabelecida.

Dois aspectos já mencionados de sua narrativa me chamaram muito a atenção: sua inconformidade, tanto no sentido de discordância com o destino social que lhe era atribuído quanto de inadequação àquele que ela almejava quando foi para o Rio; um aparente distanciamento da família e comunidade de origem. Esses dois elementos foram os maiores motivadores para que eu quisesse conhecê-la mais profundamente. Além disso, apesar de ter estado com ela por somente pouco mais de duas horas, percebi que ela construía diferentes autoimagens: havia a menina solitária criada em Caiçara,PB, que trabalhava na terra e empenhava-se nos estudos; a adolescente inexperiente e desconhecedora de tudo que é necessário para uma vida verdadeiramente digna de ser vivida (com exceção dos princípios morais básicos aprendidos com a família: *não matar, não roubar, respeitar o próximo*); a mulher madura e realizada, que atingiu suas metas com muita luta *em todas as frentes.*

Dentre essas três representações, a segunda era aquela sobre quem Juscelina falava com menos condescendência, o que me causou angústia, que,sendo primeiramente somente uma perturbação na minha relação com ela, transformou-se, após analisada, em caminho para a compreensão (sempre limitada, dada a impossibilidade de acesso a dados inconscientes) da contratransferência que em função dela eu realizei. Não ser compreensiva com aquela menina de 19 anos me pareceu um sinal de que ela ainda lutava contra suas, digamos, marcas de origem, as quais, nesse período da vida, mais do que nunca, depuseram contra o que ela mais

20. A ideia de narrativa como forma de organização da subjetividade é de Paul Ricoeur. A teoria narrativa encontra uma de suas maiores justificações no papel que ela exerce entre o ponto de vista descritivo sobre a ação e o ponto de vista prescritivo. Descrever, narrar e prescrever – cada momento dessa tríade implica uma relação específica entre constituição da ação e constituição do si (...) é pela escala de uma vida inteira que o si procura sua identidade: entre as ações curtas, às quais se limitam nossas análises anteriores sob o constrangimento da gramática das frases de ação, e a *conexão de uma vida*" (RICOEUR, 1991, p. 138, 139).

queria: aceitação e reconhecimento social. Passo agora a descrever uma etapa fundamental para a compreensão e tentativa de resolução dessa angústia.

1.2 - A tessitura dos vínculos

Um dos momentos mais importantes para a tessitura de uma linguagem e de um sentimento que me habilitaram a uma comunicação bem sucedida com Juscelina se deu pela pela via de uma coincidência afortunada, uma espécie de serendipidade (MERTON, 2004) irresistível depois da qual comecei a imaginar como teria sido aquela moça que chegou ao Rio de Janeiro de dezembro de 1976. É que na época dessa primeira entrevista eu estava lendo *A Hora da Estela*, de Clarice Lispector (LISPECTOR, 1998). Ouvindo e transcrevendo nosso primeiro diálogo, percebi uma série de semelhanças entre determinados trechos da narrativa de Juscelina e a história de Macabéa, protagonista do romance. A percepção de tais similaridades funcionou como uma estratégia, à época não totalmente consciente, de aproximação com Juscelina. Tal coincidência,compreendi depois, foi a via para uma comunicação adequada com a biografada. É o que passo a explicar.

A *Hora da Estrela* narra a vida de uma alagoana que chegou ao Rio de Janeiro aos 19 anos. Ela trabalhava como datilógrafa e morava na Rua do Acre com duas colegas de quarto que trabalhavam nas Lojas Americanas. Juscelina, por sua vez, cresceu no Nordeste, como Macabéa, chegou no Rio aos 19 anos e, no mesmo ano em que Clarice Lispector escrevia o romance (1976), também empregou-se como datilógrafa e teve emoções e desafios muito próximos daqueles "vividos" por Macabéa: a dificuldade com a língua portuguesa formal, o estranhamento com o que ela considerava falta de pudor das mulheres da cidade grande, a admiração pelo arco-íris. Para minha surpresa, até mesmo o encantamento pelos tenores italianos aproximam Macabéa e Juscelina. A primeira, ouvindo seu radinho de pilha, maravilhou-se pela interpretação de Enrico Caruso de *Una furtiva lacrima*. Juscelina, por sua vez, se disse encantada quando ouviu, pela primeira vez, a voz de Andrea Bocelli, tenor que segue a mesma tradição musical de Caruso.

Lembro-me de ler e reler, assustada, a seguinte passagem (LISPECTOR, 1988, p.23):

> Também esqueci de dizer que o registro que em breve vai ter que começar – pois já não aguento a pressão dos fatos – o registro que em breve vai ter que começar é escrito sob o patrocínio do refrigerante mais popular do mundo e que nem por isso me paga nada, refrigerante esse espalhado por todos os países. Aliás, foi ele quem patrocinou o último terremoto em Guatemala. Apesar de ter gosto e cheiro de esmalte de unhas, de sabão

> Aristorino e plástico mastigado. Tudo isso não impede que todos o amem com servilidade e subserviência. Também porque – e eu vou dizer agora uma coisa difícil que só eu entendo – porque essa bebida que tem coca é hoje. Ela é um meio da pessoa atualizar-se e pisar na hora presente.

A Coca-Cola também fazia parte da vida de Macabéa, era uma via de acesso à"hora presente". Na vida de Juscelina, foi o caminho para que ela se fizesse presença. Mesmo que Juscelina só soubesse dessas coincidências muito mais tarde, quando, após um aprofundamento de nossa relação, falei sobre as coincidências entre ela e a personagem, a experiência de serendipidade deu sentido ao trabalho nessa fase inicial, e funcionou para mim como um sinal de que eu deveria seguir adiante. Concordo com Clarice Lispector quando ela diz que, "(...) os fatos são sonoros, mas entre os fatos há um sussurro. É o sussurro que me impressiona" (1988, p.24).

Eu nunca pretendi fazer com que uma das personas de Juscelina – aquela das narrativas da chegada ao Rio–- se transformasse em Macabéa. Porém, a obra literária atuou como imagem ou representação que comunica sobre elementos socioculturais (migração, desafios de adaptação dos novos contextos socializadores, etc.) também presentes na vida de Juscelina. Macabéa mediou minha relação com a pesquisada e nomeou ou destacou o que era implícito ou subestimado na sua primeira narrativa. A personagem literária também me conectou afetivamente com as provações vividas por minha biografada na fase mais crítica de desajuste entre ela e o mundo[21]. Macabéa vivia num mundo "todo feito contra ela" (LISPECTOR, 1998) e Juscelina *era o contrário de tudo,* como me relatou nesse primeiro momento e, depois, diversas outras vezes. Eu percebi, então, que a compreensão de muitos dos conflitos afetivos estruturantes de Juscelina poderiam ser reconduzidos a essa fase de sua vida. Essa foi a época em que o preconceito por ser nordestina atingiu Juscelina da maneira

21. Segundo Berta Waldman (2004), o nome Macabéa traz referência aos livros dos Macabeus, constantes no Antigo Testamento da Bíblia Católica e tidos como apócrifos pelos judeus. Para a autora, haveria em toda a obra de Clarice Lispector referências implícitas ao judaísmo. Estas, vivendo nas entrelinhas, respeitam o silêncio presente também nos escritos judaicos. Os movimentos circulares da linguagem clariceana, suas metáforas carregadas de misticismo e a fragmentação constitutiva de seus textos seriam, assim, uma inscrição literária da exegese judaica, que recusa a possibilidade da apreensão de Deus, embora ele deva ser sempre buscado. O romance *A hora da estrela* é identificado por Clarice como "um silêncio", expressão que afirma e mesmo valoriza o limite incontornável da designação e marca a intenção de um texto que carregue a possibilidade de uma "interpretação multiplicadora" (Waldman, 2004, p. 246), aquela que "põe em movimento sentidos que não se agrupam nem se fixam numa 'figura' única (p. 249), tal como as personagens de Clarice, que se deslocam no espaço (Macabéa é uma migrante como Clarice, nascida na Ucrânia e de origem judia) e apresentam constantes e incontáveis deslocamentos intrapessoais, de modo que a identidade é, como Deus, o desconhecido. Assim, Macabéa afirma para seu namorado, Olímpico: "Não sei bem o que sou, me acho um pouco... de quê?... Quer dizer não sei bem quem eu sou". Olímpico diz: "Mas você sabe que se chama Macabéa, pelo menos isso"? Macabéa: "É verdade. Mas não sei o que está dentro do meu nome". Aqui encontrei outro ponto de identificação entre Macabéa e Juscelina, ambas marcadas pelo deslocamento geográfico (Nordeste-Sudeste; rural-urbano) e pela sensação de ser tal modo estrangeira que a única solução para viver naquele mundo para onde migraram seria morrer e renascer. Juscelina decretou seu renascimento simbólico, Macabéa sofreu um atropelamento fatal logo após ter avistado a terra prometida pelas palavras de uma cartomante.

mais forte: *O sotaque nordestino, as pessoas acham engraçado mesmo. Mas naquela época não era engraçado para mim.*

Ela esforçava-se muito para transformar-se no tipo de pessoa que poderia ser aceita e respeitada. Dedicava-se obsessivamente à leitura de revistas, que poderiam ajudá-la a compreender o mundo onde estava, procurava amenizar o sotaque, corrigir as falhas linguísticas e investir na tentativa de demonstrar suas virtudes por meio da vestimenta (correta, austera e limpa)[22].

Compreendi que nessa fase da vida muitas das características mais evidentes de Juscelina (severidade, combatividade, pragmatismo) começaram a ser moldadas. Ao perceber isso me senti mais à vontade para conduzir a pesquisa. Era como se eu começasse a adquirir segurança sobre como me comunicar com ela por ter conseguido compreender alguns dos motivos de ela se comportar de forma tão dura quando falávamos da família e da comunidade de origem.

Transcrevendo e refletindo sobre a primeira entrevista, de julho de 2011, assim como sobre o impacto que ela me causou, percebi que a trajetória de Juscelina, e a forma como ela a apresentava, continha todos os elementos que eu procurava compreender. Pensei na possibilidade de fazer uma pesquisa biográfica. Caso ela aceitasse, eu poderia acompanhá-la por um longo período e estudar com profundidade sua trajetória por meio de suas narrativas, mas também das de colegas, amigos e familiares. Investigando uma só vida teria tempo suficiente para fazer uma etnografia em sua cidade de origem, o que seria inviável, em função do tempo disponível num curso de doutorado, se investigasse várias trajetórias. Comuniquei minha intenção ao meu orientador e obtive seu apoio, apesar dos riscos e desafios que sabíamos que enfrentaríamos. A eles me aterei em breve.

Apesar de vários pequenos acordos entre mim e Juscelina irem sendo feitos ao longo da pesquisa, mesmo implicitamente, quando sabíamos identificar, ainda que sem declaração direta, por exemplo, quando uma conversa útil ao trabalho dava lugar a uma confissão ou desabafo que extrapolava os limites da pesquisa, alguns momentos precisaram de um ajuste explícito, como quando Juscelina concordou com a biografia. É o que passo a descrever.

22. Mais detalhes sobre as escolhas estéticas de Juscelina serão mencionados e analisados no decorrer deste trabalho.

1.3 - A consolidação da escolha pela pesquisa biográfica

Entre julho e setembro de 2011 nós mantivemos contato por e-mail. Em setembro ela informouque se mudaria para o Rio de Janeiro por razões profissionais. A mudança facilitaria a pesquisa biográfica, pois precisaria de um contato mais frequente com ela. Após ela ter se instalado na cidade, marquei uma conversa e expliquei minha ideia. Disse que para fazer uma pesquisa biográfica eu precisaria conhecer Caiçara e seus familiares, além de detalhes mais íntimos de sua vida. Juscelina resistiu um pouco, disse que não havia nada para descobrir sobre sua vida em Caiçara: *Eu nasci aos 19 anos, quando cheguei no Rio de Janeiro.* Frase que já havia escutado diversas vezes. Eu insisti, falando que muitas vezes o passado se atualiza no presente, mesmo quando não nos damos conta disso, e apontei para um quadro localizado em frente ao sofá onde conversávamos. A pintura retrata uma agricultora fazendo a colheita.

Momentos antes ela havia me mostrado a tela, afirmando que as características da pintura – o chapéu, as roupas e a postura da camponesa[23]– descreviam com exatidão como ela se preparava para o trabalho no roçado.

23.”Camponesa” é a expressão que Juscelina costuma utilizar para falar de sua condição da época em que morava em Caiçara: “*Eu era uma camponesa”*. O termo era percebido com estranhamento por alguns de seus amigos e familiares da Paraíba. Como me relatou um deles: “Não sei por que ela fala que era camponesa. Ela era mesmo da roça, trabalhava no roçado: é assim que a gente fala aqui”. Como procurarei demonstrar no capítulo 4**,** a linguagem é um dos elementos que marcavam a distância social, cultural e afetiva entre Juscelina e sua família. Do ponto de vista analítico, a linguagem foi, para mim, um importante meio de acesso às diferenças entre as formas de compreensão do mundo de Juscelina e as de seus irmãos.

Figura 1 - Quadro na parede da sala de casa no qual Juscelina se vê refletida quando camponesa.
Foto: Coutinho, P.O, 2012.

Depois de conversarmos um pouco ela aceitou que eu fosse até Caiçara, mas disse que iria comigo para me apresentar às pessoas. Eu consenti. Afirmei, entretanto, que precisaria ficar um tempo mais longo, já que os três dias em que ela me acompanharia seriam insuficientes. Ela concordou, apesar de afirmar que eu não *aguentaria ficar naquele fim de mundo por mais de uma semana*. Desde que firmamos esse acordo, Juscelina começou a se preparar prática e psicologicamente para esse momento. Ela organizou sua agenda na Coca-Cola e avisou aos seus irmãos e sobrinhos que estaríamos em Caiçara no carnaval de 2012. Enquanto isso nós solidificávamos nossa relação.

Sem deixar de considerar o que me afirmava explicitamente em suas primeiras narrativas, sempre me esforçava em analisar os silêncios e os não ditos, assim como os olhares que me eram dirigidos. Sabia que o que precisava ouvir não me seria declarado sem que ela confiasse muito em mim, nas minhas intenções e no meu trabalho. Se era assim, deveria ser o mais sincera possível. Lembro-me que certa vez, alguns dias após ter concordado em ser a personagem da pesquisa biográfica que pretendia empreender, Juscelina me convidou para um passeio num shopping de classe média alta na Barra da Tijuca. Olhamos vitrines, sobre as quais fazíamos comentários, e entramos em algumas lojas enquanto ela me mostrava seu conhecimento sobre a história das marcas e seus respectivos

proprietários. Enquanto ela experimentava roupas e sapatos, me observava atentamente. Paramos para jantar e o assunto não foi sobre roupas, joias e sapatos, mas sobre as minhas escolhas pessoais e profissionais, que ela ouviu com curiosidade. Quando estávamos indo embora ela me deu uma carona e perguntou novamente o motivo de ter escolhido a atividade de pesquisa. Disse que tinha feito essa escolha porque assim poderia me dedicar a compreender vidas como a dela, o que me ajudaria a compreender a minha própria vida. Isso, disse a ela, é muito recompensador. Esse foi um momento de negociação implícita. Eu expus minhas intenções mais profundas e esperei que ela refletisse sobre elas e elaborasse um juízo sobre o meu trabalho. Como ensina Schwartz, o conhecimento da vida íntima de entrevistados deve ser construído numa relação em que eles não se sintam pesquisados somente, mas autorizados a conhecerem, e julgarem, a vida do pesquisador. Não se trata de uma estratégia de pesquisa, mas de uma condição para a criação de vínculos de confiança e afeto que dão lugar das narrativas confessionais.

Alguns meses depois eu confirmei que aquela era uma das situações em que me testava. Juscelina contou que quando tivemos nosso primeiro encontro, *eu pensei que era só mais uma daquelas entrevistas idiotas. Depois você veio aqui em casa perguntar se poderia fazer uma biografia sobre a minha história e aí eu fui percebendo que o negócio era sério*. Procurava mostrar à Juscelina que na tese de doutorado eu procuraria explicitar as ambiguidades que todos carregamos, e não algo como versões verdadeiras de acontecimentos. Ela parece ter entendido isso quando me disse que gostava do meu estudo porque eu não escrevia *sobre fatos, mas sobre pensamentos e sentimentos.*

Percebi em vários momentos que a forte disposição para a negociação (o jogo consciente e inconsciente de explicitação e eclipsamento de informações), incorporada por Juscelina em sua socialização no mundo corporativo, era transferido para nossa relação. Algumas vezes me senti lidando com uma negociante centralizadora e autoritária, e muitas outras como alguém que começava a compreender as sinuosidades, pouco conhecidas mesmo pelas pessoas mais íntimas, de uma mulher muitas vezes julgada apenas pela aridez de suas atitudes reativas. Após a consolidação de uma relação de confiança, ela não interferia nem fazia sugestões sobre a pesquisa. A partir do momento em que se sentiu segura para confiar no meu trabalho, Juscelina abriu sua vida com uma generosidade surpreendente. Mostrou-me fotografias antigas, cartas de amor, diários e objetos de especial valor afetivo. Além disso, consentiu em me apresentar para sua família. Antes mesmo dessa etapa fundamental da pesquisa, porém, muitas de nossas conversas me ajudaram a começar a compreender a

"problemática matricial" (LAHIRE, 2010) de Juscelina. Acredito que a percepção da complexidade e delicadeza dessa questão foi o que me preparou para prosseguir sem trair a confiança da pesquisada, foi também o que mais fortemente sustentou a relação de amizade que íamos aos poucostecendo.

1.4 - Problemática matricial: a tensão com o passado

Como destaquei, em suas primeiras narrativas o tempo vivido no Nordeste aparecia nos discursos de Juscelina predominantemente como uma força negativa à qual ela teve que reagir. Era afirmado enquanto energia positiva, criadora, em raros momentos, como ao justificara sua natureza inconformada e dissonante. Assim, muitas vezes, ela descreveu eventos da infância que provariam essa propensão inata à não-conformidade, como quando ateou fogo na mata próxima à sua casa, no *Sítio*[24]Cancão, em Caiçara, para que pudesse enxergar o horizonte que o matagal escondia. Ela via a si mesma quando menina como uma criança calada, triste, deslocada e sempre pesarosa pelos sofrimentos de sua mãe, Satina, que teve 25 gestações, quatro abortos espontâneos e 10 filhos mortos ainda pequenos. Juscelina rejeitava fortemente o destino que a comunidade lhe reservava, cuja representação máxima era a vida da sua mãe. Desde menina dizia que não queria se casar nem ter filhos.

O valor atribuído a essa fase de sua história (infância, adolescência e o início da vida no Rio de Janeiro) também era predominantemente negativo. A incapacidade inicial para lidar com o espaço, a moralidade e a linguagem da capital carioca, além dos deboches de seu sotaque, de seus modos, de seu corpo nordestino: todos esses fatores fizeram com que Juscelina, durante muitos anos, tivesse dificuldades para falar de sua origem e atribuir a ela valor positivo. Ao longo dos 35anos vividos no Sudeste Juscelina fez muitas amizades e construiu *uma no*va *vida*, com novas referências afetivas e éticas. Porém, a situação de *estrangeira*[25] continuou pungente. Isso porque, com muitos dos amores (amigos e namorados, notadamente) conhecidos nos contextos que passou a frequentar após a migração, ela não compartilhava uma etapa fundamental de sua existência. Como afirma Schütz (2003, p. 20):

---

24. O *sítio*, neste caso, não designa a unidade doméstica rural de propriedade de uma família, como em alguns lugares do país, mas uma espécie de bairro rural, uma vizinhança onde habitam várias famílias de agricultores. Normalmente são pedaços de terra pertencentes a antigas fazendas, que com o tempo foram desmembrados em diferentes lotes.

25 .Uso aqui o conceito de estrangeiro exposto por Alfred Schütz: "Nós entendemos aqui por 'estrangeiro' um adulto de nossa época e de nossa civilização, o qual busca se tornar bem aceito, ou senão pelo menos ser tolerado pelo novo grupo." (Tradução nossa) (SCHÜTZ, 2010, p.7).

> Túmulos e lembranças não são coisas que podemos transferir ou adquirir. O estrangeiro, por conseguinte, aborda o outro grupo como um recém-chegado no sentido verdadeiro do termo. No melhor dos casos, ele desejará e poderá estar inteiramente disposto a partilhar com este novo grupo o presente e o futuro no seio de uma experiência vívida e imediata. No entanto, no que concerne a experiências passadas, esta possibilidade se encontra totalmente excluída. Além disso,do ponto de vista do novo grupo, o estrangeiro é sempre um homem sem história". (Tradução nossa).[26]

O passado, enquanto força e valor, era eminentemente negativo, as emoções a ele associadas também o eram: culpa, traição, ressentimento e revanche conviviam com saudade e piedade – notadamente pela condição de sua mãe. Esse conflito com o passado me pareceu o elemento mais estável da "problemática existencial" (LAHIRE, 2010) de Juscelina. Trata-se de condição afetiva matricial que toma diferentes formas em função das etapas do ciclo de vida ou de eventos biográficos específicos. Dessa forma, a culpa ou o sentimento de traição habitou cada momento de alegria, prazer, desespero, medo, dúvida, etc.

Durante as viagens aos lugares que sonhou conhecer ela se ressentia do fato de seus parentes não compartilharem com ela aquele momento. Comorelata: *Eu tinha sempre um pensamento quando eu via uma paisagem bonita, uma obra de arte. Eu pensava que todo mundo deveria ter a possibilidade de ver aquilo*; *e aí eu lembrava muito deles* [da família].

Quando Juscelina saía para as *rodadas de compras*[27] que integravam sua rotina semanal (principalmente nos últimos 15 anos de sua vida profissional, período em que recebeu altos salários) experimentava emoções ligadas ao entusiasmo no ato da compra e à culpa da acumulação. Ela justificava sua avidez pelo consumo com a ideia de que o trabalho lhe deu esse merecimento, mas se culpava por acumular *futilidades* enquanto alguns membros de sua família e muitos de seus conterrâneos nordestinos passavam por dificuldades ligadas a necessidades básicas da vida. Essa mesma culpa, somada a uma sensação de injustiça, era sentida quando vivia uma experiência prazerosa e pensava que sua família estava privada disso, seja por faltar a ela meios materiais, seja por faltarem os modos que habilitam o sujeito a determinados tipos de fruição:

---

26. No original:« Tombeaux et souvenirs sont choses que l'on ne peut transférer ni acquérir. L'étranger, par conséquent, aborde l'autre groupe comme un nouveau venu au sens véritable du terme. Dans le meilleur des cas, il souhaitera et pourra être tout disposé à partager avec ce nouveau groupe le présent et l'avenir au sein d'une expérience vivante et immédiate. Cependant, pour ces qui est des expériences passées, cela est totalement exclu.Aussi, du point de vue du nouveau groupe, l'étranger est toujours un homme sans histoire ».

27. Juscelina costumava gastar somas consideráveis com peças de vestuário e decoração de luxo. O orgulho e o prazer de possuir objetos que ela considera belos e de boa qualidade, entretanto, alia-se a um grande despreendimento com relação a eles. Ela faz frequentes e volumosas doações de roupas, sapatos e variados objetos à família e amigos. Uma de suas amigas me contou: *Não posso elogiar nada da Ju, porque quando a gente elogia ela diz: Gostou, então toma, fica pra você.*

> Eu tive duas grandes culpas na minha vida. Uma eu sentia quando eu tinha acesso, podia comprar. Quando eu chegava em casa com aquelas sacolas todas, ligava a tevê e sempre tinha umas coisas tristes do Nordeste. Agora, graças a Deus melhorou, mas antes era só desgraça, né? Aí eu tinha uma culpa danada porque como é que tinha pessoas sofrendo tanto e eu podia gastar não sei quantos mil reais numa rodada de compras? Me dava muita culpa. A outra culpa [que] eu carreguei foi mais profunda ainda. A culpa era que eu queria que a minha família fosse igual a mim. Eu queria que agissem como eu... O meu maior sonho era poder levar minha mãe pra tomar um chá no fim da tarde... porque eu sou louca por chá. Essa é a maior frustração porque ela nunca ia tomar um chá. Ia tomar um café, comer lá aquele bolo e olhe lá, mas um chá completo, onde você conversa, troca ideia, isso ela nunca faria. Eu carreguei muito um sentimento de, assim: mas por que eu não consegui ter uma família assim? Isso foi muito complicado na minha vida, mas aí, com o amadurecimento, você vai aquietando a cabeça, deixa de ser tão crítica, vai tendo uma observação maior sobre o que te cerca. Aí eu percebi que eu tava querendo demais, que não eram eles que tinham que chegar até mim, que eu que tinha que chegar até eles. (Entrevista concedida em maio de 2012).

Algumas vezes o sentimento de culpa se associava ao de revanche. Em alguns trânsfugas, o revanchismo toma a forma de desejo de vingar a classe de origem, como foram os casos de Pierre Bourdieu (2005) e Annie Ernaux (1991, p.75): "J'écrirai pour venger ma race". Juscelina muitas vezes se sentiu abandonada e injustiçada por sua família e por isso o desejo ambíguo de represália era dirigido não somente à classe que lhe negava reconhecimento, mas também à família à comunidade de origem. Duas situações exemplificam essa vontade de revanche.

Juscelina conta que decidiu estudar inglês quando ocupava o cargo de secretária na Coca-Cola. Ela tinha entre 20 e 22 anos. Subindo no elevador para iniciar a jornada de trabalho, duas secretárias, brasileiras, começaram a conversar em inglês ao a encontrarem. Ela entendeu que queriam excluí-la da conversa: *Naquele dia eu decidi que ia estudar inglês e que nunca mais ia passar por isso.* Com relação ao desejo de revanche sobre a família, ele era gestado pelo sentimento de que seus parentes tinham mais apreço pelo que ela poderia proporcionar a eles, do ponto de vista material, do que pela pessoa que era, com todas as diferenças com relação a eles. Certa vez ela me afirmou: *Às vezes eu penso que queria ganhar na loteria, chegar com esse dinheiro, e depois pedir que me deixem em paz. Eu muitas vezes imaginei isso.*

Nos dois casos a revanche é só uma das faces de um sentimento mais complexo. No primeiro, confunde-se com o desejo de reconhecimento pela classe que a considerava inferior. No segundo caso, a vontade de vingar-se por sentir-se esquecida e instrumentalizada pela família mesclava-se à culpa por ter traído sua origem. Algumas vezes tal sentimento de culpa tomava a forma de ressentimento, arrependimento (pelos objetos consumidos), aspiração de compensar a família pela desigualdade objetiva que os afasta (por meio de presentes e ajuda

financeira), inconformismo (*Se eu consegui mudar de vida, por que eles não conseguiram?*), raiva da dor que ela carregou por toda a vida (*De Caiçara, só quero distância*).

Como é comum entre os que partiram e se distanciaram da família, subjazia à revanche direcionada à comunidade de origem a dúvida sobre se ainda se era amado. O olhar amoroso, ressentido e melancólico do filho que partiu é exemplarmente descrito na carta que Azel, personagem principal de *Partir*, do escritor marroquino de expressão francesa Tahar Ben Jelloun (2006, p.77), escreve para seu país após emigrar do Marrocos para a Espanha:

> Querido país,
>
> Cá estou longe de ti e já sinto falta de algo teu; na minha solidão, eu penso em ti, naqueles que deixei aí, na minha mãe, sobretudo. O que ela estará fazendo enquanto te escrevo? Deve estar certamente preparando o jantar. E Kenza? Ela não vai demorar a chegar, a menos que seja esta a noite de seu plantão. Os colegas, esses, vejo-os muito bem, estão todos no Café. Rachid está de volta, ele não diz nada, os outros jogam cartas, pensam que tenho muita sorte, eles me invejam. Eu os ouço, eles falam de mim com ressentimento. É tão louco, eu tenho vontade de estar com eles, somente por uma hora, e depois voltar para cá. E depois não, não tenho vontade de partir, nem que fosse por uma hora. Quero parar de pensar em você, no teu ar, na tua luz. Sabe, do Marrocos é possível ver a Espanha, mas a recíproca não é verdadeira.Os espanhois não vêem o nosso país, eles não ligam para ele, não há nada que os interesse. Estou no meu pequeno quarto, aqui cheira a mofo, há somente uma janela, mas não ouso abri-la; admito que estou desapontado...estou apenas impaciente, esgotado, cansado; a mudança de clima, além do medo, o medo do que é novo, o medo de não estar à altura...eu vou tentar adormecer pensando em ti, meu querido país, minha querida e tão generosa inquietude.[28] (Tradução nossa)

Após sete meses de encontros e entrevistas nós já havíamos construído uma relação sólida, mas os maiores desafios para a pesquisa e também para nossa amizade aconteceram após a viagem a Caiçara. Antes dessa viagem (fevereiro de 2012) a vida da pesquisada e a pesquisa seguiam caminhos paralelos que de vez em quando se encontravam para depois

28. No original: «Cher pays, Me voici loin de toi et déjà quelque chose de toi me manque ; dans ma solitude, je pense à toi, à ceux que j'ai laissé là-bas, à ma mère, surtout. Que fait-elle à l'heure où je t'écris ? Elle doit préparer le dîner, sûrement. Et Kenza? Elle ne vas pas tarder, à moins que ce ne soit le soir de sa garde. Les copains, eux, je les voir très bien, ils sont au café. Rachid est de retour, il ne dit rien, les autres jouent aux cartes, pensent que j'ai eu beaucoup de chance, ils m'envient. Je les entends, ils parlent de moi avec aigreur. C'est fou, j'ai envie d'être avec eux, juste pour une heure, et puis revenir ici. Etpuis non, je n'ai pas envie de partir, même pour une heure. Je veux arreter de penser à toi, a ton air, a ta lumière. Tu sais, du Maroc, on voit l'Espagne, mas la réciproque n'est pas vrai. Les espagnols ne nous voient pas, ils s'en foutent, ils n'ont que faire de notre pays. Je suis dans ma petite chambre, ici ça sent la renfermé, il n'y a que'une fenêtre et je n'ose pas l'ouvrir ; j'ai avoue que je suis déçu, je suis seulement impacient, vidé, fatigué, le changement de clima et puis la peur, la peur de ce qui est nouveau, la peur de ne pas être à l'hauteur...je vais essayer de m'endormir en pensant a toi, mon cher pays, ma chère et si génereuse inquiétude.»

seguirem sozinhos novamente. Depois da viagem, na qual ela me acompanhou por seis dias, o percurso da pesquisa e a trajetória de Juscelina passaram a estar mais fortemente entrelaçados.

1.5 - A primeira viagem a Caiçara, PB

Antes de ir ao Nordeste conheci primos e sobrinhos de Juscelina que moram no Rio de Janeiro. Entrevistei também alguns colegas de trabalho e amigos. Em todas as entrevistas dois elementos foram muito recorrentes. Juscelina falava muito pouco de sua família para quem fazia parte de sua rede de relações no Sudeste. Por outro lado, nas entrevistas com seus familiares, com e sem a sua presença, o ressentimento direcionado à família e à comunidade de origem estavam sempre presentes em palavras, gestos ou choros.Também participaram a expressão do amor pelo pai, a felicidade de sentir-se a filha predileta dele e uma grande compaixão com relação às dores de sua mãe. Entre outubro de 2011 e fevereiro de 2012 Juscelina empenhou-se em avisar a seus familiares que estaríamos lá no feriado do carnaval, e todos foram se preparando para a nossa chegada.

Nas entrevistas com os parentes que moravam na capital carioca percebi que Juscelina buscava também me preparar para o momento em que conheceria Caiçara. Eles eramas primeiras testemunhas dos fatos que me foram narrados nas várias conversas que já havíamos tido. A uma de suas primas, de idade bem próxima à sua e que também foi criada nas proximidades do Sítio Cancão, ela pediu que contasse detalhadamente o cotidiano da época de infância: *Ela tem que saber de tudo. Pode contar!* A um sobrinhopediu que explicasse como ela era vista pela família, enquanto afirmava seralguém muito pouco compreendida, mas em quem todos buscavam apoio financeiro. Lembro-me que essa foi a primeira ocasião em que ela se comoveu explicitamente. Contou a mim e ao seu sobrinho que seu irmão, Ramos, durante o enterro do pai, em setembro de 2003, lhe disse: *Agora você pode descansar, minha irmã. Você já fez a sua parte.* Juscelina sentiu que Ramos reconhecia todo o esforço que ela haviafeito para ajudar seus pais, e sentiu-se profundamente grata por esse reconhecimento.

Na véspera da viagem Juscelina me ligou dizendo que estava tudo pronto e que estava animada. Ela detalhou o roteiro: "*Vamos para a casa da Anita em João Pessoa. A gente fica lá até segunda [*chegamos a João Pessoa numa sexta-feira*] e aí a gente vai pra Caiçara. Eu já pedi à Maria pra bater a farinha do beiju e eles já começaram a preparar o frango ao molho pardo". (*Caderno de campo, 16 de fevereiro de 2012).

Ao chegar a João Pessoa fomos recebidas por Anita, com quem Juscelina migrou para o Rio de Janeiro em 1976. Após três dias fomos para Caiçara. Havia cerca de cinco anos que Juscelina não visitava a família. Após a morte de seus pais as idas à cidade tornaram-se cada vez mais raras. Apesar da pouca presença física e da distância social e afetiva com relação da maior parte de seus familiares, Juscelina os ajuda financeiramente há muitos anos. Paga as despesas escolares de vários sobrinhos, presenteia a todos com muitas roupas e sapatos, envia mensalmente uma quantia em dinheiro para alguns de seus irmãos.

Juscelina procurou dar à nossa viagem o acento pragmático característico de todas as suas metas. Era como um trabalho difícil, mas que deveria ser cumprido da forma mais rápida e objetiva possível. Nos momentos que antecediam nossa chegada a Caiçara ela procurava me preparar para *enfrentar* a cidade: *Pri, não tome nenhuma água que te oferecerem: água só se for mineral. Eu vou fazer o almoço, então no dia que eu cozinhar você pode comer despreocupada, mas nos outros só coma o que for cozido. Faça todas as entrevistas em uma semana porque você não vai aguentar ficar naquele lugar mais tempo que isso.* Todas essas recomendações repetidas vinham acompanhadas de ansiedade.

Chegamos a Caiçara numa segunda-feira de carnaval. A avenida central da cidade é formada de casas baixas, geminadas e coloridas. Elas formam dois corredores paralelos que recepcionam o visitante. São como elementos coadjuvantes que protegem o prédio protagonista, localizado não às margens, mas no meio da avenida: a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a primeira construção do lugarejo que daria lugar à cidade de Caiçara, fundada em 1841 (COSTA, 1990). O carro de som que circulava o dia todo pela cidade tocava o refrão da moda no carnaval de 2012: *É melhor ser feio e endinheirado/ do que ser bonito sem nenhum centavo*. Os versos de forró eletrônico nos acompanharam durante todo o primeiro dia de entrevistas, mas em nossas primeiras visitas já ouvimos os versos de Luiz Gonzaga.

O rei do baião manifestava-senos aparelhos de som dos moradores mais antigos e também no discurso de quem viveu as secas mais severas do século XX. Os versos das canções de Luiz Gonzaga inseriam-se naturalmente nos discursos de alguns dos irmãos[29] e da tia de Juscelina, mas também apareciam nos "ringtones*"* dos celulares. As expressões regionalistas cujo sentido eu me esforçava para apreender muitas vezes eram usadas para qualificar marcas de roupas estrangeiras e aparelhos eletrônicos de última geração. Um de

29. Ramos, irmão de Juscelina, em uma das muitas descrições que fez de seu pai, seu Gabriel, me disse: "Meu pai foi um herói. Viajou pro Pará com a coragem e a cara. De música, a que ele mais gostava é aquela: eu só trazia a coragem e a cara [Pau de Arara, de Luiz Gonzaga e Guio de Moraes]. Quando ele foi pro Pará ele foi sem nada, né?".

seus sobrinhos tentou explicar-me como eu poderia ter acesso à internet pelo celular que ele próprio me venderia. O aparelho, comprado no centro de João Pessoa e revendido em Caiçara e arredores, é uma versão falsificada da marca Apple. Sua esposa é quem cuida da maior parte dos detalhes das negociações com fornecedores e clientes, por isso não tem muito tempo para cuidar da casa e dos filhos. Esse seria um comportamento bastante incomum na época da meninice de Juscelina. A Caiçara onde Juscelina cresceu já não é a mesma.

As visões de seus sobrinhos sobre a *tia rica* também não são as mesmas de seus irmãos sobre a *caçulinha* que deixou a casa materna aos 15 anos. As tensões entre as representações de Nordeste e Sudeste, atraso e modernidade, masculino e feminino, capital e interior, político e povo, padre e devoto, pobre e rico, etc. também não têm os mesmos contornos. Considerando que a relação entre Juscelina e essas duas gerações de sua família são atravessadas por essas tensões, procuro demonstrar ao longo deste trabalho o sentido dos sistemas categoriais passados e atuais que pautaram a relação de Juscelina com a família ao longo de todo esse período de afastamento.

Sua família demonstrou surpresa desde os nossos primeiros momentos na cidade. Juscelina, segundo o que todos disseram, nunca foi tão falante. A primeira casa que visitamos foi de Dona Mariinha, a única tia, paterna, viva à época[30]. Antes de sairmos do único hotel da cidade, onde eu e Juscelina nos hospedamos, para vermos a tia, Juscelina tirou uma caixa de bombons da mala, entendendo que o presente facilitaria a conversa. Dona Mariinha, porém, é muito fraca, quase não come, e não deu atenção aos bombons. Ela queria conversar e ficou muito feliz em ver a sobrinha. Esta, após me apresentar à sua tia, iniciou seu relatório objetivo de perguntas. Porém, Dona Mariinha, à época com de mais de 90 anos, não ouvia bem e não poderia responder no ritmo que Juscelina esperava. As perguntas não foram respondidas[31]. A tia estudou e formou-se professora, e era sobre isso que ela gostava de falar, e também sobre a felicidade que sentia com a visita inesperada da sobrinha.

Percebi, por um lado, que os familiares e antigos amigos de Juscelina tinham muito a dizer a ela. Por outro lado, muitas das informações sobre o passado de seus pais e irmãos,

30. Dona Mariinha faleceu em 2013. Era a irmã caçula de Gabriel. Satina era filha única, por isso Juscelina não teve tios maternos.

31. Quando chegamos a Caiçara, Juscelina tinha um pequeno relatório oral de perguntas que ela procurava reproduzir em cada uma de nossas visitas aos familiares. Com o tempo ela foi percebendo que o ritmo e a forma de elaboração das perguntas deveriam ser outros. Percebeu também que muitas vezes ela era quem ocupava a posição de entrevistada.

31. Na Paraíba dos anos 1960, onde o índice de analfabetismo era de 66,8%, ocorreram importantes movimentos de alfabetização popular. Aqueles que tiveram início no começo daqueladécada, baseados na Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire, foram depois substituídos por grandes movimentos de alfabetização da ditadura militar. Entre eles estava a Cruzada ABC (Ação de Base Cristã), movimento protestante de alfabetização de adultos baseado no método Laubach (SCOGLUGLIA, 2003).

mesmo informações objetivas, como aquelas sobre o modo de vida da família no Pará, eram desconhecidas de Juscelina. Ela também foi percebendo isso nas visitas. No dia da chegada a Caiçara fomos almoçar na casa de Maria, sua irmã mais velha. Nessa conversa ela teve sua primeira surpresa ao ouvir a irmã caracterizá-la como uma criança muito calada e *desgostosa.*Pensando que nunca havia sido observada e que o desgosto da meninice era um segredo somente dela, notei que a pesquisada começava a ressignificar as memórias de sua infância.

Quando ouviu as narrativas sobre o tempo que viveram no Pará, surpreendeu-se novamente, e foram muitas novas descobertas.Além de termos visitado as ruínas do sítio onde foi criada, recolhemos fotografias e documentos antigos, estivemos com colegas de trabalho do sindicato dos trabalhadores rurais (onde ela era secretária aos 12 anos) e com um erudito local[32](L'ESTOILE, 2001) que nos mostrou fotografias de eventos públicos e festas religiosas da época de infância de Juscelina. Outra surpresa veio de um rapazrapaz que conheci por minhas andanças pelos sítios. Eleme contou que Juscelina tinha dado aulas a ele em sua infância. Uma das irmãs mais velhas de Juscelina, Darcy, formou-se professora por meio de um projeto de massificação da alfabetização do governo militar (1966 a 1970), a Cruzada ABC, e dava aulas nos sítios. Nos dias em que não podia lecionar, Juscelina, já alfabetizada, substituía a irmã. O rapaz me disse que *Juscelina era uma professora tão boazinha* que ele torcia para que a educadora oficial faltasse e fosse substituída pela irmã caçula. Segundo ele, Darcy era autoritária e Juscelina era doce e compreensiva. Pedi que contasse isso a ela. Quando soube, ela surpreendeu-se: *Eu já ensinei?Nunca poderia imaginar isso!*O fato de ser lembrada como alguém *boazinha* também foi inesperado. Em vários momentos ela me disse: *Eu não sei como alguém consegue ser doce.* Posteriormente, após a crise existencial que relatarei, Juscelina me diz: *Eu quero recuperar aquela menina meiga.*

Em sua última ida a Caiçara, antes dessa em que me acompanhou, ela ficou lá somente por algumas horas. Nas visitas anteriores, quando seus pais ainda eram vivos, passava a maior parte do tempo trancada num quarto. Ao chegarcumprimentava todos rapidamente, depois dizia que precisava ler e se isolava. Queria ficar sozinha, isolar-se de todo aquela ambiente que a constrangia. Ela não conseguia, em Caiçara, executar a performance que por vezes cumpria na empresa. Representar um papel era muito mais difícil perto da família porque lá

32. Refiro-me a Jocelino Tomaz de Lima, historiador de Caiçara. Ele organiza um importante arquivo de fotografias e documentos sobre a história da cidade. Jocelino também fundou o Grupo Atitude, associação educacional que ganhou várias premiações nacionais. O Grupo tem bibliotecas que disponibilizam mais de 3.000 livros à comunidade caiçarense. Apesar de terem o mesmo sobrenome, Jocelino Tomaz de Lima e Juscelina não são parentes diretos.

ela não tinha o refúgio do trabalho. Não tinha a defesa dos relatórios, dos arquivos, das visitas aos clientes. Em Caiçara não havia justificativa para aquele sentimento de não-pertencimento, afinal de contas, ela era de lá. Como alguém podesentir-se tão deslocada na casa materna? A sensação pungente de abandono e solidão da infância era revivida a cada visita. Nem mesmo o carinho do pai a retirava desse estado de constrangimento, ao contrário, o reforçava. Ela conta que seu pai queria exibi-la "*como um frango assado numa bandeja*", andando com ele de braços dados pela cidade. Ela negava-se a fazê-lo por timidez e por considerar ridículoesse tipo de exibição da *moça da Coca-Cola.*

Se sofria por sentir que não pertencia à família como os outros, era no abrigo desse nome, a *moça da Coca-Cola*, que Juscelina se escondia de sua família e encontrava a justificativa de ser estrangeira na casa materna. Mesmo em Caiçara, Juscelina não era Gomes de Lima, era a moça da Coca-Cola e só depois era a filha de seu Gabriel e de dona Satina. Esse era o elemento mais proeminente de sua identidade: até mesmo seu sobrenome fora metaforicamente substituído.

Seus pais e irmãos, por sua vez, sentiam decepção diante da atitude de Juscelina. Como a filha caçula, tão amada, tão esperada, poderia sentir-se tão mal em casa? Depois de partir, de viver todos esses anos sozinha, longe da família, como ela poderia não ter felicidade ao reencontrá-los? Pensavam que ela teria vergonha da pobreza da família, mas também dos maus hábitos, da linguagem incorreta, da falta de tudo que a satisfazia. A relação entre Juscelina e sua família era a corporificação das oposições valorativas entre Nordeste e Sudeste, capital e interior, sofisticação e rudeza, conhecimento e desconhecimento, atraso e modernidade.

Ao contrário dos outros migrantes, que voltam para a terra natal *contando vantagem*, falando sobre as maravilhas do Sul, mostrando os bolsos cheios de dinheiro e descrevendo a complexidade do trabalho realizado nas capitais – muito diferente da simplicidade do roçado, Juscelina calava-se, negando-se a ritualizar o que Sayad (1998, p.44) denomina de o "desconhecimento coletivo da verdade objetiva da imigração". Dessa negação derivava esse sentimento de perplexidade de boa parte da família quanto a seu comportamento. Os irmãos mais velhos, porém, me deram uma explicação: *A bichinha sempre foi assim, calada*. A sentença de Maria, a irmã mais velha que ajudou a criá-la, vai ao encontro das memórias de Juscelina sobre sua infância. Ela diz que não gostava de brincar, mas de ficar ouvindo a conversa dos velhos e de correr sozinha nos pastos. Ainda hoje se ressente dos deboches dos

irmãos, que a chamavam de cabeçuda, mas se orgulha da defesa de seu pai nesses momentos: *minha filha, você tem a cabeça grande porque é muito inteligente.*

A sensação de isolamento parece caracterizar a infância de alguns trânsfugas. Consuelo, personagem da biografia familiar *Los Hijos de Sanchez*, de Oscar Lewis, foi aquela que mais se distanciou cultural e financeiramente de sua família (mais dedicada aos estudos, tornou-se comissária de bordo). Suas memórias sobre a solidão da infância aproximam-se muito das de Juscelina. Consuelo, durante toda a sua narrativa, destaca a sensação de isolamento e a vontade de sair de casa. Ela inicia seu relato da seguinte forma:

> Durante toda a minha infância só tive amargura e uma sensação de isolamento(...) Me sentia sozinha, em parte por ter perdido minha mãe e em parte pela hostilidade de meus irmãos comigo. Nunca estive perto de nenhum deles como eles três estavam um do outro.[33] (Tradução nossa)

Não estou com isso afirmando que a sensação de isolamento na infância é uma característica típica de trânsfugas de classe, mas sim que determinadas sensações (a solidão no seio familiar, por exemplo) podem gerar certos tipos de investimento psicológico (no estudo, nos livros, no universo extra familiar), ligados ao duplo desejo de obter demonstrações de amor (os elogios e prêmios pelas boas notas no colégio, por exemplo) e de buscar a possibilidade de libertar-se das angústias geradas no ambiente doméstico. Circunstâncias biográficas específicas podem fazer com que isso que chamei de "duplo desejo" de reconhecimento e de liberação da dor de viver fechada em sua própria tristeza tenham como efeito objetivo um deslocamento de classe.

O comportamento da época de menina não era útil ou adequado à vida na cidade grande. Juscelina precisou lutar contra sua timidez para crescer na carreira profissional e, como ela diz, *sobreviver* nas metrópoles: *se não mudasse, eu seria engolida pelos leões*. Porém, nas visitas a Caiçara ela era calada como sempre. Sua família acostumou-se a vê-la reservada e pouco receptiva. A maioria de seus irmãos e sobrinhos sabe muito pouco sobre ela, apesar de ser uma figura central na família por vários motivos: era a filha predileta do pai, foi a única a conquistar prestígio e sucesso financeiro, costuma resolver problemas de várias ordens, como conseguir vagas em hospitais quando algum familiar está doente. Além de tudo, a sua história é marcada por mistérios (Por que não se casou? Como é a sua casa? Quem são

33.No original: "Durante toda mi infância solo tuve amargura y uma sensación de aislamento (...) me sentía sola, em parte por haver perdido a mi madre y em parte por la hostilidade de mis hermanos para conmigo. Nunca estuve cerca de ninguno de ellos como ellos três estabam uno del outro."

os seus amigos? O que ela gosta de fazer quando não está trabalhando?). Isso também faz com que ela ocupe um espaço de destaque na rede familiar, pois há recorrentes especulações sobre sua vida.

Houve um momento, no segundo dia de visitas, em que uma de suas sobrinhas iniciou uma conversa com Juscelina sobre a relação da tia com a família. Elas tiveram uma discussão aberta e Juscelina confessou sentir-se instrumentalizada e esquecida. Sua sobrinha, por sua vez, afirmou que ela era vista como a *tia rica* porque essa era a única imagem que ela permitiu que fosse construída sobre ela. As visitas de Juscelina, disse sua sobrinha, mobilizam toda a família: *todo mundo tem que ser muito educado, muito fino, e a gente tem que fazer de tudo pra não incomodar*. Deveriam, enfim, ter uma rotina artificial nos dois ou três dias da visita. Depois disso todos voltavam à normalidade e ficavam esperando pela ajuda financeira e pelas visitas, cada vez mais raras, de Juscelina. Estatentou justificar as poucas visitas afirmando que não se sentia amada nem confortada, mas usada pela família. A controvérsia chegou a um bom termo quando ambas admitiram que somente uma maior proximidade afetiva poderia fazer com que esses ressentimentos mútuos fossem curados. Controvérsias com esse mesmo padrão de argumentos foram repetidas e várias outras tensões foram emergindonos três intensos dias em Caiçara.

Notava que naqueles dias na Paraíba um processo de reflexão profunda e ressignificação das memórias entrava em curso. Juscelina desejava rever seu passado, compreendê-lo melhor e a pesquisa foi um veículo para isso. Em uma conversa noturna, gravada por mim com a permissão de Juscelina, sobre o dia em que visitamos a casa de Francisca, sua irmã, e as ruínas do ítio Cancão, ela resume o que aquele período significou:

> Isso tudo tem sido muito bom, muito bom. Porque, assim, é uma verdadeira dualidade, né. O tempo todo, o tempo todo, e eu acho que também a minha vida foi feita disso porque eu estava sempre numa bifurcação. Sempre minha vida foi sempre uma grande bifurcação. Você chega lá e de repente tem que pensar assim: pra onde eu vou? Só que nessa bifurcação eu nunca tinha ninguém pra perguntar pra onde eu ia: eu vou pra direita ou vou pra esquerda? E você vê que quando eu venho pra cá [Caiçara] continua isso: uma grande bifurcação.

1.6 - A relação da pesquisadora com a família de Juscelina

Juscelina voltou para o Rio e eu permaneci na Paraíba até março de 2012. No tempo em que estive lá seus familiares procuravam transferir para mim o padrão de relação que gostariam de ter com Juscelina e pareciam dizer a mim muito do que não foi dito a ela nos últimos 35 anos.

Maria, a primogênita da família, disse várias vezes que gostava muito quando eu estava na casa dela porque *é como se Ju estivesse aqui também.* Uma sobrinha de Juscelina, ao me conceder uma entrevista afirmou: *eu vou ser muito sinceraporque eu nunca pude ter essa conversa com minha tia e eu sei que conversando com você é como se conversasse com ela.*Na minha última visita a Maria, ela disse: *você saiu do Rio de Janeiro e veio sozinha pra esse fim de mundo...você se parece muito com a Ju, minha filha. Fico olhando pra sua cara e procurando a coragem nela.*

Schwartz (2002 apud CIOCCARI, 2009, p. 223), em sua pesquisa sobre a vida íntima de operários franceses, notou que a contra observação do pesquisador pelos nativos "está no princípio de um esforço contínuo de elaboração de sua própria imagem, destinada a impor certa representação deles mesmos àqueles que os observa". A representação que cada um dos irmãos de Juscelina construiu não foi somente para mim, a pesquisadora, mas também para ela. Todos os esforços em agradar, me ver bem alimentada, me deixar confortável, eram esforços dirigidos também a ela.

O fato de eu ter permanecido em Caiçara por um período relativamente curto (o que dificultou a naturalização da minha presença) e o fato de minha presença ter operado como um catalisador de reações carregadas de um forte valor simbólico fizeram com que boa parte dos meus dados, pelo menos aqueles derivados de minha relação com Juscelina e com sua família, fossem produzidos a partir da minha decisão de utilizar a "perturbação" que causava (DEVEREUX, 1980), ou seja, eu passei a compreender que determinadas atitudes ou discursos só poderiam ter sido produzidos por causa da peturbação singular que minha eu causava.

Se em determinados níveis de minha análise (histórico e macrossociológico) a minha posição de pesquisadora de um caso individual é relativamente neutra, quanto mais eu me aproximava dos níveis menos objetivos e mais microssociológicos, eu percebia que influenciava não só a produção imediata do discurso da minha biografada e dos informantes, mas também as visões de mundo, atitudes e comportamentos. A minha condição de pesquisadora (com um determinado gênero, classe, etnia, origem geográfica, etc.) era considerada dentro da de *amiga de Juscelina*. Era preciso estar consciente dessa condição para compreender muito do que me foi direito direta ou indiretamente.

Um fato ocorrido pouco antes da minha partida para João Pessoa, de onde eu embarcariade volta para o Rio, foi particularmente significativo para o entendimento do lugar em que fui colocada, e que aceitei ocupar. Trata-se do falecimento de uma afilhada e sobrinha

de Juscelina, por quem ela nutria muito afeto. Foi essa sobrinha que nos recebeu em sua casa para o jantar nos dias em que estivemos em Caiçara. Estava doente há alguns anos e seu estado de saúde havia piorado muito após ter se recusado a fazer um aborto por recomendação médica quando estava grávida de seu último filho. O parto era muito arriscado, mas ela, muito religiosa, decidiu dar à luz e assumir os riscos. Quando faleceu, em 2012, seu filho já tinha 20 anos de idade. Por tudo isso, sua resistência tinha um forte significado religioso para a família. Como a família me considerava uma amiga de Juscelina, alguém em quem ela confiava, fui incumbida de lhe dar a notícia, e eu atendi o pedido da família.

Após transmitir a notícia à Juscelina, me preparei para ir ao enterro. Como àquela altura já estava na capital paraibana, demorei algumas horas para chegar ao cemitério de Caiçara. Surpreendi-me quando soube que os parentes de Juscelina decidiram esperar a minha chegada antes de fechar o caixão, ato de estima dirigido somente à família e aos amigos íntimos. Eu sabia que, ali, estava no lugar de Juscelina, a familiar ausente, e aceitei ocupá-lo naquele momento de dor para mim e para eles. Depois de chegar ao cemitário de Caiçara e me aproximar do túmulo, eu recuei eu me posicionei num local mais distante, num canto, bem atrás do tumulto de pessoas que estavam acompanhando o enterro de perto. Ao me ver, o sobrinho neto de Juscelina e filho mais novo da falecida, que havia sobrevivido junto com a mãe, apesar de todos os riscos do parto, atravessou a barreira de pessoas para me abraçar e consolar. Fiquei entre constrangida, emocionada e admirada; afinal, nós nos conhecíamos há pouco tempo. Quando, por telefone, contei a Juscelina sobre o gesto de seu sobrinho, ela me respondeu: *Pri, era eu que ele estava abraçando.*

1.7 - A crise

A viagem a Caiçara, a morte de sua afilhada e a insatisfação com os rumos de sua posição profissional na Coca-Cola, além do intenso processo reflexivo desencadeado pelas narrativas, provocaram uma crise existencial cujos efeitos eu não previa, mas que são compreensíveis se considerarmos os conflitos vividos por Juscelina durante todo o período de afastamento da família. Todos esses fatores a levaram a uma guinada na vida pessoal e profissional. Em abril de 2012, por meio de um telefonema, ela me diz que tinha se cansado do *(...) jogo político do mundo corporativo. Não tive infância, mas quero ter terceira idade.* Juscelina pediu demissão e colocou à venda seu apartamento na Barra da Tijuca (apartamento que ela tinha comprado sete meses antes e no qual ela havia me dito que pretendia morar por

muito tempo). Alguns meses depois entrou com seu pedido de aposentadoria (Juscelina completou 55 anos em agosto de 2012) e em outubro de 2012, após a venda do apartamento, ela fez sua mudança para João Pessoa.

É importante destacar que Juscelina já havia pensado sobre a possibilidade de mudar-se para João Pessoa após a aposentadoria. Cerca de cinco anos antes da mudança de fato ela foi até a capital da Paraíba com a intenção de comprar um apartamento. Porém, disse que à época não achou a casa ideal e não se sentia ainda preparada para materializar um possível retorno por meio da compra de um imóvel. A dúvida sobre permanecer ou retornar sempre habitou suas reflexões.

Em um e-mail de 16 de abril de 2014, enviado para algumas de suas amigas mais antigas e encaminhado para mim, a meu pedido, justifica sua decisão:

> Minhas amigas
> Estou super bem, apesar de uma gripe que peguei, fruto do calor e ar condicionado.Minha vida sempre foi feita de acertos e não tenho dúvida que essa minha saída do mundo corporativo foi a melhor decisão de todas.Trabalho desde meus 12 anos, não tive infância, adolescência e hoje tenho a obrigação de escolher a minha terceira idade. Tenho que resgatar a Ju, a sua delicadeza, a sua inocência, as suas raízes, a sua família, os seus amigos e tudo isso enquanto tenho energia, força, lucidez de raciocínio.
> O mercado do Nordeste está em expansão,estão havendo investimentos pesados do governo e lá pode ser um mercado para ser explorado.
> Não tenho telefone fixo e o celular é (...).
> Um beijo.

Para um antigo colega de trabalho, ela justifica sua saída da Coca-Cola, também por meio de um e-mail enviado no mesmo 16 de abril da seguinte forma:

> Oi amigo,
> Gostaria de compartilhar com você uma decisão que tomei semana passada que foi me aposentar. Chega! Não quero mais fazer parte de jogo político.
> Costumo dizer, e é verdade, não tive infância e preciso escolher como vou viver a minha terceira idade e essa minha decisãoé o meu primeiro passo. Lutei a vida inteira para isso e agora vou colocar em prática. Do mundo corporativo o máximo que posso fazer é dar palestra.
> Devo ir morar em João Pessoa que é uma cidade linda e de onde eu vim. Quero resgatar tudo isso que tive que deixar para trás pela sobrevivência e graças a Deus fui feliz e realizada profissionalmente e me proporcionou a tomar uma decisão como essa, parar e viver o resto da minha vida.
> Um bj bem grande, Ju

Entre abril e outubro de 2012, ou seja, após o pedido de demissão e antes do retorno para a Paraíba, Juscelina voltou a frequentar o centro espírita kardecista[34] (ela conheceu a

34. O espiritismo kardecista é uma espécie de filosofia religiosa codificada pelo francês Allan Kardec na obra "O livro dos Espíritos", no início do séculos XX. Funda-se na crença da existência de diversas encarnações e na possibilidade de comunicação com os espíritos. Aos médiuns (pessoas com a capacidade de percepção, interlocução e incorporação de

religião na década de 1980 e, por motivos que procuro explicar no capítulo 4, identificou-se com alguns dos princípios básicos da doutrina), onde ela não ia com regularidade havia alguns anos. Boa parte do seu tempo passou a ser dedicado às reuniões e às leituras da doutrina kardecista, mas também à burocracia do requerimento da aposentadoria, à procura de um apartamento em João Pessoa (que ela comprou em outubro de 2012 e onde mora atualmente) e à reaproximação com a família por meio de telefonemas e alguns encontros com primos e sobrinhos que moram no Rio de Janeiro.

A crise existencial que acompanhei de perto tem a virtude analítica de demonstrar o processo no qual as memórias operam como elementos de um trabalho de reconstrução de sentido. Podemos entendê-las como um recurso cognitivo/afetivo/prático para justificar, avaliar, julgar e produzir o sentido atual de uma vida. Poderíamos dizer que na perspectiva de um grande ciclo de vida, há no indivíduo um conjunto de disposições cristalizadas, mas há também uma série de maneiras de crer, pensar e agir que são móveis, cambiáveis. O trabalho biográfico é o que permite ao analista identificar qual é o patrimônio disposicional mais cristalizado, quais são os modos de agir, crer e pensar mais flexíveis e quais os motivos que levaram a que estes últimos se modificassem ao longo do tempo.

Do ponto de vista do narrador, observei que ao contar e avaliar sua vida, Juscelina a organizou com o fim prático de, numa fase de fechamento de um grande ciclo de vida -aposentadoria-, decidir o que fazer a partir de agora: como usar o seu tempo, como reconstruir sua rede de relações sociais (que inevitavelmente se modifica após uma mudança radical na rotina), como lidar com o dinheiro (controlar os impulsos consumistas, viver da renda da aposentadoria, muito inferior ao salário de executiva), etc. Não se trata, entretanto, de um projeto de vida se o entendermos como um planejamento arquitetado a partir de objetivações conscientes. Trata-se de um conjunto de questionamentos motivados por emoções atuais e interpretações elaboradas a partir do que se pode depreender da situação presente[35]. Assim, no caso de Juscelina, a decisão de pedir demissão, aposentar-se e voltar àa Paraíba envolveu decisões, motivações e expectativas de diferentes níveis de generalidade e imediatidade.

---

espíritos) caberia esta tarefa. Primeiramente européia, a doutrina foi muito difundida no Brasil. Os princípios morais do kardecismo são fortemente baseados na idéia de um aperfeiçoamento pessoal chamado de *evolução espiritual*. A luta existencial de todo ser humano seria pela elevação do espírito e pela busca de um *caminho espiritual de luz*. Para isso, deve-se desenvolver algumas virtudes centrais, como a caridade, o auto-controle, a paciência e a compaixão. Em cada encarnação são colocados aos seres humanos desafios específicos, correspondente a cada estágio de desenvolvimento espiritual, que os ajudariam no desenvolvimento de tais virtudes.

35. Pierre Bourdieu (2001, p. 255) retoma Husserl para qualificar essa visada do porvir como "protensão": "De fato, Husserl estabeleceu claramente que o projeto, como visada consciente do futuro em sua verdade de futuro contingente, não deve ser confundido com a protensão, visada pré-reflexiva de um porvir que se entrega como quase presente no visível, à maneira das faces escondidas de um cubo (...)".

Alguns dos principais questionamentos de Juscelina eram: Como vou viver após essa crise que revelou dúvidas e anseios adormecidos e que me levou a mudar a estrutura da minha vida? Morarei em outro estado e perto da minha família, ganharei cerca de 10% do que ganho agora, não passarei o dia todo no escritório, não me relacionarei socialmente com as mesmas pessoas, não vestirei as mesmas roupas, não conversarei sobre os mesmos assuntos. Assim sendo, como manterei minha sobrevivência e sanidade, e mais do que isso: o que tenho que fazer para viver bem?

A resposta a cada uma dessas questões também era formulada por ela em diferentes graus de generalidade, mas qualquer uma delas encontra sua resposta mais totalizante na apropriação da doutrina kardecista feita por ela. Após a crise, oespiritismo passou a operar como recurso que dá unidade à sua narrativa. Por meio dele, todos os tempos e espaços superpostos de uma vida são organizados e justificados pelo princípio e objetivo transcendente da *evolução espiritual*. Esse é o axioma que justifica o passado e que organiza o discurso sobre o porvir. Algumas semanas após sua mudança para João Pessoa ela me contou sobre alguns de seus objetivos com relação à família, que ela considera precisar de sua ajuda: *É dando amor que a gente consegue resgatar as pessoas.* Porém, considerando que esse resgate é visto por ela como uma meta, ele é exercido, na prática, com as disposições ascéticas e combativas que foram largamente cristalizadas em sua socialização profissional: *Tô tirando eles da zona de conforto, Pri. Essa é uma das minhas missões: provocar, dizer não, questionar. Porque nem todo mundo faz isso, né? Tem que ter umas pessoinhas assim, que às vezes incomodam.*

A crise que leva a uma mudança de perspectiva com relação ao outro, à sua posição atual e aos seus desejos, não provoca um rompimento peremptório, algo como uma conversão que anula tudo que foi gravado no corpo, na mente e no coração e se tornou disposição durável para crer, pensar e agir. Por outro lado, a crise pode colocar em causa conflitos, insatisfações, dúvidas e afetos reprimidos, e dessa forma abrir espaço para uma nova forma de lidar com eles. Esta, por sua vez, pode se direcionar para fatos objetivos da vida (mudança de cidade, pedido de demissão, etc.) e também para uma tentativa de atuação sobre as disposições mais cristalizadas. Gostaria de dar um exemplo do que estou tentando argumentar.

Juscelina é uma pessoa bastante ansiosa, mas aprendeu nas leituras religiosas, conversas com amigos adeptos da doutrina kardecista e nas audições às reuniões do centro espírita que a paciência é uma virtude central para o alcance da evolução espiritual.

Considerando isso seriamente, após pedir demissão e decidir dedicar-se às atividades religiosas, Juscelina passou a buscar a paciência ansiosamente. Ela era uma das primeiras pessoas a chegar no centro espírita, queria sentar na primeira fileira do pequeno auditório onde aconteciam as reuniões para ser também uma das primeiras a receber o passe ao final da sessão, inquietava-se quando alguns dos ouvintes conversavam no momento das palestras dos médiuns.

Ela sabia que não era paciente, mas que precisava ser para evoluir. Buscou aprender essa habilidade com dedicação, mas justamente por não tê-la, vivia uma contradição cuja resolução é dificilmente absoluta, mas pode ser parcial. Juscelina não deixou de ser uma pessoa ansiosa, mas é vigilante quanto à sua inquietação, o que a ameniza. Essa vigilância é justificada por um motivo que pode ser reconduzido à crença na possibilidade do aperfeiçoamento humano animado pela fé no *mundo espiritual*.

Procuro, ao longo desse trabalho, analisar a relação de Juscelina com a religião, tendo em vista a socialização católica da infância e a recepção da doutrina espírita (sociologicamente compreendida não somente a somente partir dos princípios kardecistas, mas também da forma específica como ela se apropriou deles). É o que busco esclarecer no capítulo 4, quando examino a crise ou *"bifurcação*" (BESSINet all, 2010) vivida por ela em 2012 a partir de três dimensões centrais do processo: 1) as disposições cristalizadas e as experiências passadas que estimularam e capacitaram essa mudança de vida; 2) os recentes fatores objetivos que motivaram o retorno; 3) as visões de mundo que ela mobiliza a fim de interpretar essa nova fase de sua vida;

1.8 - Aspectos éticos da pesquisa

1.8.1 – A decisão pelo não anonimato

Desde quando decidimos, juntas, que essa seria uma pesquisa biográfica, Juscelina afirmou que não queria a reserva do anonimato. Atribuo tal deliberação a alguns fatores centrais. Em primeiro lugar, como já foi destacado, apareci na vida dela quando estava disposta a avaliar, julgar e compreender a sua trajetória. Alia-se à propensão ao exercício de autoanálise o fato de ela ter entendido a proposta de que fosse a personagem da minha tese como uma espécie de sinal divino. Isso porque alguns meses antes de nos conhecermos um

amigo de Juscelina sugeriu a ela que escrevesse um livro narrando sua história, e esse conselho lhe foi bastante significativo.

Mais do que isso, ela encarou a pesquisa como uma das vias que a vida lhe ofereceu para *resgatar seu passado.* O significado a ela atribuído ao *resgate*, com base na doutrina espírita kardecista, expressa algo como uma dívida cármica a ser paga. Há, portanto, um sentido religioso no registro e interpretação de suas memórias. Eu perguntei à Juscelina diversas vezes se tinha certeza que preferiria não ter a reserva do anonimato, e ela sempre me respondeu que *não tinha nada para esconder* e que *a vida é um aprendizado. Eu já acertei e já errei muito, mas estou aprendendo. Isso é o que importa*. A tese é, para ela, uma espécie de registro de sua "autoridade experiencial" (CLIFFORD, 1998). Ademais, durante muitos anos foi reconhecida como a "moça da Coca-Cola" ou a "Juscelina da Coca-Cola", de modo que ela tem uma aguda consciência do significado da assunção de seu nome, Juscelina Gomes de Lima, para o reconhecimento e autorreconhecimento de sua identidade. Seu nome é a expressão mais concreta do desejo de ser reconhecida com a consideração de um traço social e afetivo irredutível, qual seja, seu lugar em uma linhagem familiar. Quanto a mim, todas essas razões já me pareciam suficientemente fortes para aceitar a decisão da pesquisada. Porém, tenho outras.

Os motivos que levaram os pais de Juscelina a escolherem o nome da filha caçula são alguns dos elementos centrais da interpretação que estou tecendo. Ou seja, se o anonimato, a princípio, traria uma maior liberdade para o pesquisador na produção de argumentos (ideia comumente aceita e com a qual não concordo totalmente,como expresso, abaixo, me alinhando com a opinião de Márcio Goldman), o não anonimato, no meu caso, limitaria seriamente a construção de vários de meus argumentos principais. Juscelina leu o primeiro texto que escrevi sobre sua trajetória (COUTINHO, 2013) e alguns trechos da tese quando estava em construção. Ela nunca pediu para fazer qualquer tipo de modificação em meus escritos. Sobre a justificativa para o emprego dos nomes verdadeiros de entrevistados, reproduzo a excelente análise de Márcio Goldman (2003) sobre a pesquisa que resultou no texto: *Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos.* Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia*:*

> Um(a) parecerista anônimo da *Revista de Antropologia* – a quem agradeço imensamente – chamou a atenção para o fato deste artigo empregar abertamente os nomes próprios de informantes e colegas sem nenhuma explicação para a escolha. Concordo plenamente com sua observação de que não é possível ' contentar-se com o emprego mecânico de nomes fictícios para preservar a 'identidade das pessoas citadas'. Além de não

> preservar necessariamente nenhum anonimato, no limite, esse procedimento descaracterizaria completamente o valor etnográfico do texto, eliminando sua contribuição para a etnografia regional: o terreiro que serve de palco para a narrativa desapareceria enquanto tal; os políticos teriam outros nomes; a própria Ilhéus não existiria (mas por que não a Bahia ou o Brasil?). Isso acarretaria a perda absoluta do contexto de análise, introduzindo um artificialismo que comprometeria não apenas a leitura, mas qualquer trabalho posterior.Por outro lado, é bem verdade que em certas ocasiões o anonimato de alguns informantes tem de ser mantido – ainda que em outras eles próprios exijam, clara ou discretamente, que seus nomes sejam mencionados. Não creio que haja apenas uma solução para o problema, mas qualquer opção repousa certamente sobre compromissos éticos que o antropólogo deve assumir e respeitar, respondendo por sua violação seja perante seus informantes seja diante de seus colegas, e transferindo parcialmente a responsabilidade também para seus leitores. Desse modo, a tendência atual – importada das ciências biológicas, nas quais possivelmente tenha um sentido – de exigir o "consentimento informado" dos nativos não conduz a lugar algum. Primeiro porque pressupõe que, no momento mesmo da investigação, o pesquisador saiba já onde deverá chegar; segundo, porque supõe algo que só poderia fazer sorrir um antropólogo sério, a saber, um indivíduo racional, claramente informado das intenções, também claras, de seu interlocutor e que, com toda a liberdade, decide concordar com a proposta que lhe é apresentada. Finalmente, porque acaba liberando o investigador de seus compromissos: qualquer coisa pode ser dita uma vez de posse do documento assinado.

Sobre o anonimato dos outros narradores, preferi não revelar aqueles com quem eu tive um convívio breve ou a quem eu não pude explicar os últimos encaminhamentos da pesquisa. Algumas das falas são citadas sem a menção a seus autores, apesar de eu indicar de que grupo de entrevistados a frase é proveniente (amigos, colegas, habitantes de Caiçara, etc.). No caso dos meus interlocutores mais assíduos, como os irmãos de Juscelina, mantive seus nomes não só com a anuência, mas com a exigência deles. Perguntei várias vezes se era isso que queriam, e as respostas vinham com firmeza: *eu tenho muito orgulho da história de meu pai*; *eu tenho muito orgulho do meu nome, que foram meu pai e minha mãe que escolheram.* Procurei explicar a eles sobre como escreveria a tese, e cheguei a levar a Caiçara alguns capítulos. Ia apontando os assuntos tratados em cada etapa do texto e respondia às perguntas que me eram feitas.

Juscelina foi aos poucos compreendendo a dinâmica mesma da pesquisa que estava empreendendo. Ela leu o primeiro artigo que publiquei e disse que um dos momentos do texto que mais a emocionou foi a descrição dos enterros das crianças pequenas, os "anjinhos". Eu fiz as descrições sobre esse tipo particular de funeral com base em entrevistas realizadas em Caiçara, mas também a partir das descrições da antropóloga Nancy Scheper-Hughes (1992), do que pude encontrar sobre o tema em Gilberto Freyre e em alguns textos sobre relatos dos historiadores viajantes Jean Baptiste Debret e François Denis. Essa foi uma interessante ocasião para que Juscelina acompanhasse a produção do trabalho típico das ciências sociais, em que há uma articulação entre os relatos e observações colhidas no trabalho de campo e as elaborações realizadas no "gabinete". As avaliações silenciosas ou declaradas sobre meu trabalho determinaram em boa medida o tipo de relação que construímos.

Juscelina nunca me fez nenhum tipo de cobrança sobre o andamento da tese, apesar de ter curiosidade sobre o trabalho e ter pedido para lê-lo. Como disse, enviei a ela alguns escritos que produzi. Ela repassou um dos textos a uma de suas amigas que me concedeu uma entrevista, e que se surpreendeu com a decisão da mudança para João Pessoa. O envio do texto foi uma forma de apresentar a uma de suas melhores amigas o seu passado, que esta desconhecia quase completamente, e de justificar a decisão do retorno.

Como já afirmei, Juscelina nunca pediu que retirasse ou acrescentasse nada a nenhum dos escritos que ela leu, por mais improvável que isso possa parecer. De minha parte, eu cumpri a promessa implícita de sempre ter seriedade e cuidado na manipulação das informações de sua vida e de seus familiares. Nem todos eles leram meus escritos, mas eles serão enviados a todos aqueles que tiverem interesse em lê-los, e estou trabalhando num texto que enfoca a história da família especificamente, no qual demonstraram ter interesse e que lhes será entregue em breve.

1.8.2 - Os sonhos de Juscelina

Nos três dias que ficamos juntas em Caiçara, eu e Juscelina dividimos o mesmo quarto no único hotel da cidade. Após cada jornada de entrevistas e encontros com familiares e antigos colegas, conversávamos sobre o que tinha acontecido durante o dia. Algumas dessas conversas eram gravadas, como aquela do nosso segundo dia na cidade, quando visitamos as ruínas do sítio Cancão e a casa de uma de suas irmãs, Francisca, em cujo caminho surgiram as conversas sobre as brincadeiras de infância. Foi um dia especialmente marcante. Juscelina, diante das ruínas, descreveu a geografia da casa, mostrou como raspava o tronco do juazeiro para extrair a seiva com a qual escovavam os dentes, apontou a função de cada um dos poços incrustados nos lajedos das proximidades: um onde se lavava a roupa, outro onde se tirava a água que abastecia a casa; indicou também as grutas nas quais eram caçados os tatus e preás que muitas vezes alimentaram a família. Nesses lugares da memória vieram também as lembranças dos hábitos e manias de seus pais, dos costumes da vizinhança, dos instrumentos, gestos e linguagens que integravam o trabalho cotidiano.

Ela descreveu como enrolava um pedaço de pano, a *rodilha*, que era colocado em cima da cabeça para apoiar o pote de água que abastecia a casa. Juscelina era uma das encarregadas dessa tarefa, a primeira do dia. Terminada a higine pessoal e o café da manhã, era iniciado o trabalho no roçado, interrompido pelo almoço. Este era seguido da caminhada

até a cidade, onde Juscelina trabalhava no sindicato dos trabalhadores rurais. De lá ia para o ginásio e depois das aulas voltava para casa, ou dormia na casa de sua prima, que ficava perto do colégio. A descrição de sua rotina veio acompanhada pela narração de como ela se sentia nas caminhadas a pé, da sensação de conforto quando via o horizonte, da alegria ao ouvir seu pai contar histórias ou de quandovia o arco-íris. Contou também lembrarperfeitamente da experiência de ver um neném morrendo no sítio. Era filho de um de seus irmãos. A criança, muito frágil e sem atendimento médico adequado, teve pneumonia e não resistiu. Ela se recorda da respiração e dos movimentos das costelas do bebê, assim como da tristeza de sua mãe e de seu irmão quando a criança morreu.

Depois de um dia inteiro de experiências muito fortes, voltamos ao hotel e Juscelina,em conversa gravada, de quase duas horas, fez uma espécie de análise sobre o que havia ocorrido. Após a conversa, e em meio à agitação que todas aquelas reflexões causaram, fomos dormir. A cama onde dormi estava a mais ou menos dois metros de distância da de Juscelina, mas de lá pude ouvir uma voz trêmula, diferente. Fiquei um pouco assustada, perguntei se ela estava bem, até que me dei conta de que Juscelina falava enquanto sonhava.

Aquela experiência absolutamente insólita, a de ouvir os sonhos da minha biografada, impediu que eu voltasse a dormir. Eu não me sentia suficientemente íntima de Juscelina a ponto de acordá-la para pedir que parasse de sonhar alto, e passar a noite do lado de fora do quarto não me pareceu uma solução viável. Passei a noite em claro e, no dia seguinte, entre constrangida e culpada, não fui capaz de contar a ela o que tinha acontecido. Pelo mesmo motivo, não fiz anotações no caderno de campo.

Ter acesso às imagens inconscientes de Juscelina sem o consentimento dela seria um ato de indiscrição indesculpável se não tivesse sido absolutamente involuntário. Somente alguns meses depois, quando já estava de volta ao Rio de Janeiro, fiz anotações sobre aquela noite:

> Preciso falar sobre as minhas lembranças da experiência de ter ouvido os sonhos de Juscelina. Quando fomos juntas aCaiçara, durante o carnaval de 2012, em fevereiro, eu e Juscelina nos hospedamos no mesmo quarto de hotel. Certanoite, após uma jornada de visitas a seu passado, às ruínas do Sítio Cancão e à casa de Francisca, Juscelina me concede uma longa entrevista sobre o que tinha vivido naquele dia e sobre a falta que sentiu da família em muitos momentos de sua trajetória. Fomos dormir por volta da meia-noite, mas eu acordei de madrugada com a voz de Juscelina. Fiquei muito sensibilizada e, confesso, assustada com o fato de, involuntariamente, estar tendo contato com o que de mais íntimo um ser humano pode guardar: seus sonhos. A experiência de ouvir os sonhos de minha biografada me tirou o sono. Naquela noite não consegui mais dormir. Por pudor, não anotei tudo que ela dizia e demorei para me convencer de que não seria uma intrusão ou um desprespeito fazer notas do que tinha acontecido, desde que eu comunicasse a ela que usaria seus sonhos como dados, no caso de decidir usá-los. Essa experiência, parece-me, pode ser nomeada, com Devereux, de

> hipercomunicação com o pesquisado. Nunca li nenhum trabalho em que esse tipo de dado tivesse sido utilizado e não sei nem mesmo como utilizá-lo. Isso prova a força afetiva da visita ao seu passado e serve de material para pensar a relação de pesquisa. Quando temos esse tipo de proximidade com o pesquisado, muitas vezes é difícil saber até que ponto eu posso me apropriar dessa vida como objeto de estudo. Será legítimo, correto, ético, conhecer até mesmo os seus sonhos?

De Heráclito a Freud, passando pelas intuições bergsonianas e as belas passagens proustianas sobre o sono, as elaborações filosóficas, científicas e literárias sobre os limites entre sonho e vigília falam sobre a sensação que todos temos, a de que o sono guarda segredos. Nas palavras de Heráclito (2002): "Para os que estão em estado de vigília, há apenas um e mesmo mundo. No sono, cada um se volta para o seu mundo privado". Considerando a lembrança o ponto em que se encontram matéria e espírito (BERGSON, 1999), o sono é o estado em que, estando a vida psicológica distante da ação, a memória ganha autonomia e se expressa com a liberdade que é interdita pelos controles sociais constantes na vigília.

É sugestiva a conclusão de Câmara Cascudo sobre o hábito de deixar o lume aceso ao lado da rede de dormir. O costume, a princípio indígena, foi registrado por cronistas do século XVI em diversos pontos do Brasil colonial. A fumaça da tocha ajudava a espantar mosquitos e o calor dela desprendido aquecia os corpos. Há, porém, outra explicação que pode também elucidar os motivos semiconscientes do uso, muito comum, de abajures e luzes baixas próximas aos leitos. Trata-se de uma espécie de defesa do mistério de que se constitui aquele período da existência em que estamos inertes e inermes. Assim,

> (...) o fogo estaria ali na significação de algo divino. Garantia de uma estabilidade e relativo conforto na temperatura e vigilância, representação positiva de um elemento defensivo de alto poder mágico contra inimigos invisíveis e poderosos. (Câmara Cascudo, 2003, p. 67).

Seria legítimo conhecer a vida do indivíduo quanto ele se encontra nesse estado extremo de fragilidade? Por um lado, não disponho do material empírico necessário a uma análise dos sonhos de Juscelina (precisaria pelo menos de relatos de diversos sonhos) e nem das ferramentas analíticas necessárias para examiná-los; por outro lado, uma investigação de imagens inconscientes nunca fez parte do nosso acordo, de modo que não me sinto eticamente autorizada a analisar informações oníricas. Ouvir um sonho é uma possibilidade de tal modo remota que foge ao horizonte de qualquer negociação implícita ou explícita. Não me parece legítimo investigar, sem o consentimento da pesquisada, a intimidade do sono, situação em que, como afirma Yourcenar (1974, p. 27), escapamos ao olhar do outro. O episódio do sonho

será aqui tratado, portanto, como o que de fato significou para mim: uma reflexão sobre a nossa relação e seus limites.

Então destaco dois aprendizados. Em primeiro lugar, um relato não é nunca completamente isento, uma vez que o pesquisado escolhe o que será revelado. Ele não nos diz tudo, e esse tudo inclui tanto questões corriqueiras que prefere omitir quanto questões íntimas que podem ser desconhecidas até mesmo para ele. A segunda é que pesquisador e pesquisado sabem dessas nuances da comunicação. Elas podem não ser declaradas, mas estão entre os dois polos dessa relação, e seus limites são a todo momento negociados. Muitas vezes, o que Juscelina me afirmava ou confessava extrapolava a relação de pesquisa para adentrar no terreno exclusivo de nossa relação de amizade; outras vezes, essas duas dimensões eram inseparáveis e algumas questões eram afirmadas para a amiga e pesquisadora. É preciso ter sensibilidade para distinguir as situações, mas algumas vezes foi preciso pedir que a biografada deixasse clara a permissão de publicar ou não determinada informação.

Não compartilho da ideia de que a boa análise sociológica deva ser completamente isenta de eventuais limites impostos pelas pessoas ou situações que investigamos. Toda e qualquer informação coletada na pesquisa empírica precisa, primeiro, passar pela avaliação de sua relevância sociológica. Em seguida, deve ser submetida ao crivo da ética de pesquisa, independentemente da escolha pelo anonimato. Isso será tão mais incontornável quanto maior for o acesso dos nossos pesquisados às investigações que fazemos sobre eles ou sobre as categorias sociais que integram. O tratamento eticamente criterioso dos dados não é, portanto, uma escolha ou virtude do pesquisador, mas uma tarefa imposta pelas condições objetivas atuais do fazer etnográfico. Essa tarefa, acredito, não se esgota na prática contratualista, muitas vezes inadequada no contexto de relações de pesquisa específicas, de pedir que o entrevistado assine um termo de consentimento. Ela precisa integrar a relação mesma e, na medida do possível, ser tematizada antes, durante e após a pesquisa, no momento de escrita do trabalho a ser apresentado publicamente. Assumir os riscos de eventuais insatisfações dos pesquisados com o resultado do trabalho, mesmo após os esforços em elaborá-lo com atenção à ética de pesquisa,faz parte do trabalho do cientista social. Cada situação terá que ser resolvida conforme as singularidades de que é feita.

Voltando à situação da escuta dos sonhos de Juscelina, eu só fui capaz de falar com ela sobre isso quando estava na fase de escrita da tese. Como essa experiência continuava a ser significativa para mim, conversei com ela sobre a possibilidade de falar do episódio como um mote para refletir sobre a nossa relação. Ela consentiu.

1.9 - Retomando o trabalho empírico

O trabalho empírico foi dividido em duas fases, que totalizaram 15 meses.

Primeira fase: de julho de 2011 a janeiro de 2012 conheci alguns colegas de trabalho, amigos e familiares de Juscelina que moram no Rio de Janeiro. Foram 12 entrevistas. Decidi não gravar todas as conversas com Juscelina por diversos motivos. Em alguns momentos, utilizar o gravador me parecia inadequado porque questões muito íntimas eram aduzidas e a relação de confiança ainda não me parecia totalmente consolidada. Em outros momentos as conversas não eram gravadas por questões práticas: o ambiente onde estávamos era barulhento ou a gravação iniciada no meio de uma fala poderia perturbar a narrativa. Os contextos onde aconteceram os encontros com Juscelina foram, além do escritório da Heineken em São Paulo, restaurantes, shoppings, seu escritório na Coca-Cola,no Rio de Janeiro, seu apartamento na Barra da Tijuca e a casa de uma prima em São João de Meriti, RJ.

A partir da segunda quinzena de janeiro de 2012 até a véspera da viagem para a Paraíba (17 de fevereiro), conversávamos por telefone e por e-mail. Juscelina ficou comigo na Paraíba de 17 a 23 de fevereiro. Eu permaneci lá até 15 de março. Na primeira etapa do trabalho etnográfico em Caiçara fiz cerca de 76 entrevistas gravadas, mantivemuitas conversas não gravadas e ouvi observações cujos pontos mais importantes procurei anotar nos cadernos de campo.

Segunda fase: ao retornar da Paraíba tive encontros semanais com Juscelina. Essa regularidade foi poucas vezes interrompida. Eu a acompanhava nas reuniões do centro espírita e ia frequentemente a sua casa para entrevistas que nem sempre eram gravadas. Acompanhei as pequenas e grandes decisões diárias que viabilizaram o retorno à Paraíba e no dia 22 de setembro de 2012 voltei a Caiçara para acompanhar o período eleitoral na cidade e o retorno de Juscelina (ocorrido no final de setembro). Após três semanas em Caiçara passei uma semana acompanhando os primeiros dias de Juscelina em João Pessoa. Essa fase da pesquisa termina em 22 de outubro. Nessa ocasião, fiz duas entrevistas gravadas com Juscelina, em João Pessoa, mas não gravei entrevistas em Caiçara em função do clima generalizado de desconfiança instaurado no período eleitoral. O fato de estar lá observando já gerava por si só uma série de conjecturas que poderiam atrapalhar o andamento da pesquisa e a dinâmica de vida de alguns dos meus informantes. Nessa fase o registro dos dados foi feito em anotações e por fotografias.

Com relação aos registros visuais, reuni um conjunto de cerca de 700 fotografias de diferentes momentos da vida de Juscelina (infância, primeiros meses no Rio de Janeiro, trabalho na Coca-Cola, viagens, visitas à família), da rotina de Caiçara e do cotidiano específico que caracteriza o tempo da política em Caiçara. Jocelino Tomaz de Lima, historiador que possui um rico acervo pessoal sobre a história da cidade, me forneceu preciosas fotografias e documentos referentes à época da infância de Juscelina.

Para além das entrevistas, registros visuais em fotografias e vídeos e anotações do caderno de campo, Juscelina deixou à minha disposição um conjunto de textos íntimos e confessionais: cartas de amor, *cartas para Deus*, um diário que escreveu em sua primeira viagem ao exterior, aos 23 anos, e *conselhos espirituais* psicografados por médiuns do centro espírita que frequentou no Rio de Janeiro. Os referidos conselhos têm grande importância para Juscelina. Eles serviram de base para a formulação de juízos sobre questões mais imediatas e mais gerais de sua vida. Há ainda documentos profissionais (cartas de seus patrões, textos escritos como requisitos de avaliação para promoções profissionais, etc.), e pequenas notícias sobre sua carreira em revistas que circulavam dentro da Coca-Cola.

1.10 - Sobre a utilização dos tempos verbais e o orquestramento das vozes das personagens

Um dos maiores desafios da produção desse trabalho foi organizar, orquestrar as dezenas de vozes que participaram de alguma forma da reconstrução desta trajetória. Procuro indicar o lugar de cada uma delas, mesmo daquelas que sofreram mutações no decorrer da pesquisa. Esse foi o caso dos discursos de Juscelina, e isso me trouxe impasses e oportunidades.

A biografada passou por um intenso processo de reflexão durante a pesquisa e também por uma crise que a fez revisar muito do que havia me relatado sobre si mesma e sobre a família nas nossas primeiras entrevistas. Isso me colocou diante de uma experiência sociológica singular, a de observar e mesmo participar de um processo de crise e revisão de valores no momento mesmo em que ele ocorria. Do ponto de vista da construção do texto, me trouxe diversas dificuldades. Entre elas encontrar os fios narrativos corretos. Em primeiro lugar, a etapa biográfica que denomino de “passado” de Juscelina (capítulos 2 e 3) precisou ser reconstruída a partir das suas próprias memórias, das de seus irmãos e de alguns membros da comunidade onde cresceu, e da “grande história” (MINTZ, 1960) dentro da qual a história

da família Gomes de Lima foi edificada. Algo próximo se deu na construção da segunda parte, a "ascensão". Apesar de ter me valido muito mais fortemente dos relatos de Juscelina, vozes de colegas, amigos e familiares também estão lá. Minha intenção inicial era a de fazer uma etnografia na Coca-Cola, acompanhando o dia a dia da biografada. Porém, as transformações da vida dela me levaram a uma considerável reformulação do projeto inicial, de modo que a Coca-Cola será tratada muito mais a partir das narrativas de Juscelina e de seus colegas de trabalho do que por meio de uma espécie de sociologia das corporações. Assim, em vez de me concentrar nas características de funcionamento organizacional da empresa e dos cargos ocupados por Juscelina, em umaanálise sociológica mais voltada para o mundo do trabalho, me aterei ao que a Coca-Cola significou para ela.

Outro desafio, estilístico, é o da utilização dos tempos verbais. Como muitas das opiniões e visões de Juscelina sobre si mesma, sua carreira e sua família foram se modificando, me valho de tempos verbais no pretérito para indicar como ela pensava, sentia ou agia naquele momento em que a entrevista ou conversa foi realizada, mas também uso o pretérito quando preciso narrar acontecimentos que já se deram ou de sentimentos e pensamentos que se fizeram presentes no passado e durante a narrativa são rememorados. Assim, por exemplo, Juscelina, quando crianças, *abominava* procissões (o verbo está no pretérito perfeito por caracterizar um sentimento habitual da infância). Outro exemplo: na primeira entrevista, Juscelina definiu-se como uma inconformada. Apesar de essa declaração ter sido feita em julho de 2011, essa é uma caracterização de si mesma que ela ainda utiliza. Por outro lado, quando digo, no tópico sobre a problemática existencial da biografada, que o valor atribuído a determinadas fases da vida de Juscelina, (adolescência e o início da vida no Rio de Janeiro, sobretudo) eram predominantemente negativos, eu utilizo o verbo ser no pretérito perfeito porque, tendo acompanhado a crise existencial que Juscelina viveu, eu, como analista, já não posso mais afirmar que o passado ainda é visto de modo predominantemente negativo. A análise é correta para período anterior à crise, mas não seria uma interpretação correta se considerarmos a última etapa do ciclo de vida aqui analisado. Procurei estar atenta a essas questões que foram sofrendo modificações ao longo da pesquisa e tentei esclarecer as questões passadas, as ambíguas e as que eram aparentemente fixas no momento em que iniciei a pesquisa, mas que foram se modificando com o tempo. Por tudo isso, peço paciência ao leitor. Muitas das facetas e fases da vida de Juscelina vão sendo apresentadas no decorrer da tese. Essa é uma personagem que se transmuta em várias outras.

Por último, ao contrário de muitas biografias de personagens já falecidos, como é o caso da biografia sociológica de Franz Kafka elaborada por Bernard Lahire (2010), e na qual eu me inspiro para apreender o sentido de uma trajetória sociologicamente reconstruída (e não de uma análise da história de vida narrada), a que se apresentará aqui é a biografia de uma personagem que continua vivendo processos de transformação inapreensíveis em sua totalidade. Deixo claro, portanto, que as minhas análises se prendem ao período que eu pude investigar, e que a vida da Juscelina continua.

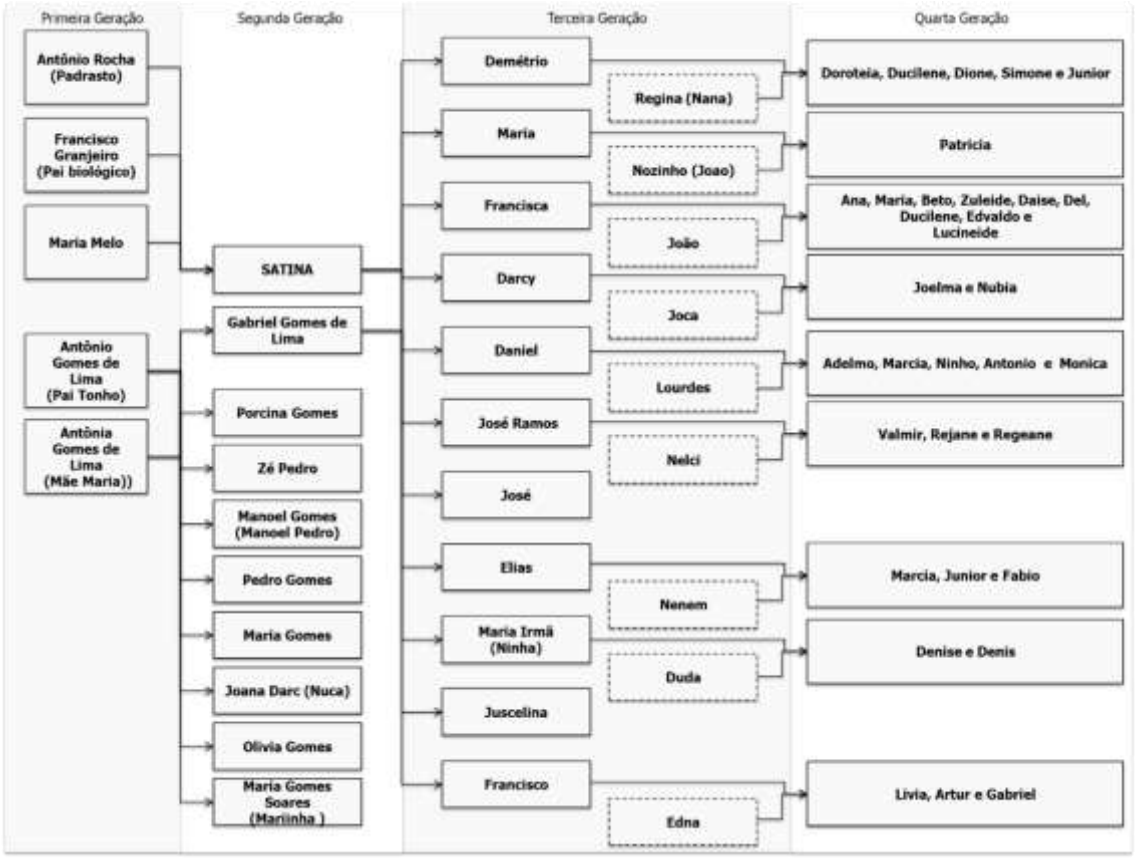


Figura 2 - Árvore genealógica da família de Juscelina, desde seus avós até seus sobrinhos de primeiro grau, construída com base em informações familiares fornecidas até outubro de 2012..

HISTÓRIA DA FAMÍLIA

2.1– Gabriel, um homem livre

Eu quase nada sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente um ideia ligeira e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém!

Riobaldo, Grande Sertão: Veredas (João Guimarães Rosa)

No início do século XX, época do nascimento dos pais de Juscelina e quando começaremos a compreender essa trajetória, o município onde Gabriel e Satina passaram a maior parte de suas vidas era maior do que é hoje em dia. No período de sua emancipação de Guarabira, em 1908, a Vila de Caiçara[36] possuía 458 km[37] e abrangia, além do território que conforma o município atualmente, as porções de terra que hoje compreendem os municípios de Belém, Duas Estradas, Sertãozinho, Serra da Raiz, Lagoa de Dentro e Logradouro, todas no Estado da Paraíba. Caiçara situa-se no Agreste, numa zona de transição entre o Sertão e a Zona da Mata paraibanos. Embora também seja próxima ao Brejo, mais úmido e frio, o clima da cidade aproxima-se mais do das zonas semiáridas.

Foi na definição de um morador da cidade que encontrei a expressão mais precisa sobre as características do trecho agrestino onde se localiza Caiçara: *agreste acatingado.* Sua localização geográfica levou a que a cidade fosse, até meados do século XX, uma espécie de ponte entre a economia do açúcar e a do algodão, do gado e do agave. Por isso, os trabalhos no comércio, exercido por almocreves[38] e mascates eram característicos da região onde o pai de Juscelina nasceu, em 1913, no Sítio Jatobá[39]. A estes combinava-se o trabalho na terra, feito por pequenos produtores, homens livres que vendiam sua força de trabalho,

36. Em 30 de março de 1938, pelo decreto nº 1.010, Caiçara foi elevada à categoria demunicípio. Disponível em: <(http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=250360&search=|caicara)>. Acesso em: novembro de 2014.

37. O território atual do municípioa cidade, segundo o IBGE, é de 127,9 km². Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/geociencias/cartografia/default_territ_area.shtm)>. Acesso em: novembro de 2014. Como afirma Jocelino Tomaz de Lima (não publicado), segundo o Censo de 1950, último realizado antes de se iniciarem as emancipações dos distritos que integravam o território do município, Caiçara tinha 37.492 habitantes. O Censo de 2010 aponta uma população de 7.220 habitantes. Certamente as migrações, intensificadas após a década de 50, contribuíram também para a diminuição populacional.

38. Encontrei a expressão "almocreves", sinônimo de tropeiro, no título do livro de Severino Ismael da Costa,*Caiçara...caminho de almocreves*. O autor era professor e também escreveu a letra do hino da cidade.

39 .Ao longo do texto, falo sobre sítios e fazendas. As fazendas eram porções de terra maiores, onde normalmente havia grandes plantações de gadoe algodão, assim como criação de gado. Os sítios eram menores. Ambos pertenciam a poucos proprietários, mas com o tempo foram se tornando pequenos vilarejos. Atualmente, são considerados, no sistema de endereço postal dos correios, logradouros.

sazonalmente, a grandes ou médios proprietários, e por *moradores.*Sobre essas categorias de trabalhadores do campo falaremos em seguida.

Gabriel, filho de Antônio Gomes de Lima (conhecido como Antônio Pedro pela comunidade e como Pai Tonho pela família) e Francisca Gomes de Lima, ambos agricultores e pequenos produtores, era tropeiro e *negociante*[40]. Liderava a tropa de burros que carregava, em cangalhas de cestos, feijão, milho e mandioca até a Praia da Pipa,RN, e de lá voltava com sal, peixes e camarões. Ele também vendia o excedente de legumes e grãos cultivados no *roçado*da família, além de outros alimentos negociados nos caminhos e estradas[41]. Sua clientela situava-se nas feiras de cidades localizadas na divisa dos estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte.

Apesar de no início do século o distrito de Serra da Raiz,onde havia vários importantes engenhos de cana de açúcar, pertencer à Caiçara, a região destacava-se principalmente pelo cultivo de algodão (então chamado de "ouro branco"), cuja produção nas *fazendas* combinava-se à criação de gado, favorecida pelo relevo agrestino. No centro da cidade, ao redor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário (cuja imagem, trazida de Portugal até o Porto de Mamanguape, foi carregada em procissão, de distrito a distrito, até chegar à cidade), podia-se avistar os tropeiros transportando grandes cargas de algodão juntarem-se aos descaroçadores de seus frutos e aos produtores de fumo, mandioca, milho, feijão e café que na feira iam fazer negócios (LIMA, não publicado). Com a chegada da linha férrea, em 1904, boa parte do algodão passou a ser conduzida por comboios, mas o trabalho de tropeiro manteve sua importância no transporte de alimentos[42] nas décadas seguintes.

Os pais de Gabriel não tinham a propriedade da terra onde moravam com seus filhos e de onde tiravam seu sustento, mas eram arrendatários, o que garantia alguma autonomia social, moral e política, já que não eram dependentes diretos de um proprietário, ou seja, não tinham a condição de *moradores*: aqueles quevendiam sua força de trabalho em troca da ocupação de uma porção de terra do proprietário (GARCIA, 1989; PALMEIRA, 1976). Além

---

40. As expressões em itálico no corpo do texto são termos nativos ou trechos de discursos dos irmãos de Juscelina. Em alguns momentos eu não identificarei o interlocutor porque essas memórias foram narradas em várias conversas fragmentadas entre várias pessoas: irmãos, sobrinhos, sobrinhos netos de Juscelina, etc.

41. A combinação entre a agricultura e o comércio era comum na região e respeitava a sazonalidade da produção. Nas épocas em que o *inverno* (época de chuvas) não era *bom* a compra de produtos para a venda em feiras era o que salvava a família. No caso de Gabriel, a compra de peixes e camarões, cuja produção não é tão dependente de condições climáticas, mantinha a família nas épocas mais difíceis. Era comum também que o negociante não trabalhasse na lavoura, como era o caso de Gabriel. Explicaremos esse ponto mais adiante.

42.Cultivado em Caiçara desde 1940, a partir de meados da década de 50o agave ou sisal superou o algodão em termos de produtividade. Porém, por volta da década de 70, com a generalização do uso do nylon, fibra sintética que substituiu o sisal eficazmente, a produção de agave entrou em declínio irrecuperável.

de trabalhar a maior parte da semana para o dono da terra, sob a ameaça de ser expulso, o *morador*submetia-se a uma série de exigências impostas muitas vezes violentamente pelo *senhor*. Assim, na dinâmica das relações sociais constituídas nos espaços e na época em análise (Brejo, Agreste e Semiárido paraibanos da primeira metade do século XX), a oposição entre *moradores* e *homens livres,* ou *sujeitos* e *libertos,* expressava tanto formas de residência e trabalho quanto condições existenciais caracterizadas pela de dependência a um senhor que delimita os "horizontes sociais e mentais" (GARCIA, 1989) de quem lhe era sujeito.

Ao *morador sujeito* (registrado no dicionário Aurélio como brasileirismo: "designação que davam os sertanejos aos escravos", como anota Afrânio Garcia)não eram fornecidos os meios de constituição de interesses individuais ou coletivos. O proprietário de terras assegurava àquele os elementos materiais de reprodução da vida (teto e espaço, fundamentalmente), delimitava os espaços físicos e sociais nos quais era permitido movimentar-se, determinava de quais atividades culturais e religiosas era permitido participar e decidia qual comportamento político o morador e sua família deveriam tomar. O *senhor* era, antes e além de tudo, dono do corpo de quem lhe era cativo, e por isso lhe era autorizado infligir castigos físicos aos desobedientes[43].

Na economia das práticas da dependência, o morador era o *cabra*[44] e o *liberto* era o *homem.* Àquele não era dada a possibilidade de obter respeitabilidade social, pois ele não podia exigir reparação às ofensas sofridascotidianamente. Era o homem condenado à

43.Ciro Flamarion Cardoso (1979), baseando-se no conceito de "brecha camponesa", de Tadeus Lepkowski, propõe a tese de que, no sistema escravista brasileiro, os cativos exerciam, em muitas regiões, a agricultura de subsistência, atividade autorizada pelo senhor. Do ponto de vista econômico, tal concessão diminuía os custos de manutenção e reprodução da força de trabalho, além de presumivelmente diminuir a inclinação à fuga. Essa teria sido a origem da *morada*, tornada, após a abolição, sistema que sustentou a parte essencial do trabalho nos *engenhos* e *fazendas* da Paraíba. A tese da "brecha camponesa", como ressalta Cardoso (1979), encontra suporte em muitos documentos históricos de regiões de escravidão negra (Antilhas, sul dos Estados Unidos e Brasil). Schwartz (1977 apud Cardoso, 1979) anota que na Bahia, em 1790, um grupo de escravos fugitivos estabeleceu por escrito suas condições para voltar à fazenda. Dentre elas estavam a permissão de dias livres para plantar para o próprio sustento e a autorização para fazê-lo nas terras do senhor. A análise de Schwartz detais documentos conclui que os escravos estavam acostumados a garantir seu próprio sustento. Dessas práticas teria surgido, para usar a expressão de Sidney Mintz, um "protocampesinato escravo", cuja reconstituição histórico sociológica esclarece muitos dos traços característicos do sistema de *morada.* Certamente essa poderia ser a origem da *morada* em muitas regiões, mas é difícil precisar a origem da utilização desta terminologia, com o sentido aqui empregado, em regiões em que o trabalho escravo não era utilizado tão sistematicamente, como era o caso do *agreste acatingado*, ou seja, *nas regiões mais semiáridas do agreste*. Os *moradores sob condição*, como destaca Andrade (1964), também têm sua origem, na Paraíba e em Pernambuco, no fato de muitos produtores de açúcar do século XIX não poderem arcar com os altos custos do trabalho escravo, de modo que uma alternativa viável era permitir que homens pobres (índios, mulatos e negros livres) morassem em suas terras e vivessem sob a sua tutela em troca de trabalho. Para uma análise mais detalhada das origens históricas da morada como relação de trabalho, ver Garcia (1989), Palmeira (1976), Sigaud (1977), Heredia (1979) e Dabat (2007). Esta última faz uma revisão da literatura sobre a morada, abordando como a categoria foi tratada desde Gilberto Freyre e José Lins do Rêgo até o grupo de etnógrafos do Museu Nacional que se debruçaram sobre a morada em diferentes regiões do Nordeste, notadamente na Zona da Mata pernambucana e no Brejo e Agreste paraibanos.

44. Como explica Afrânio Garcia (1989, p. 49): "O valor simbólico da palavra cabra está ligado aos usos sociais deste animal: criadas por mulheres, as cabras não são difíceis de alimentar e vivem em lugares onde outros animais não se adaptam, como nas regiões semiáridas (Sertão, Curimataú). São elas que fornecem a maior parte do leite às crianças dos *engenhos*, sobretudo aos filhos de *moradores*".

vergonha, vivida como condição existencial, não sentimento transitório. O fato de não ter domínio sobre seu corpo e sua vontade levava a que a vergonha recobrisse todo o espaço moral no qual se constrói a identidade pessoal e familiar. Dentro dos limites arbitrários dos desejos do senhor, era, por vezes, permitido ao *cabra e à sua família* o cumprimento dos sacramentos católicos que os colocariam no universo daqueles que têm chances de salvação no mundo extraterreno. Por isso, o senhor era *aquele que casava e batizava*, na expressão corrente incorporada na literatura de José Américo de Almeida. Ao *morador* era negada participação nos jogos de afirmação da reputação (BOURDIEU, 2000,) cujo imperativo central é o do reconhecimento mútuo da igualdade em honra, tanto aqueles do cotidiano quanto as disputas do "tempo da política" (PALMEIRA, 2002), já que o *eleitor*, para o ser, tinha que ser *homem*, enquanto o *cabra* posicionava-se obrigatoriamente do lado do candidato apoiado pelo *senhor*, e dava o seu voto e os de sua família para quem ele ordenasse.

Comecei a compreender a posição da família de Gabriel no espaço social caiçarense quando, ao perguntar a uma das irmãs de Juscelina, Darcy, se seu pai já havia sido um morador, ela me respondeu enfaticamente: *Não! Papai era um homem livre!* Em outras entrevistas descobri que não só Gabriel mas seus pais e todos os seus irmãos também escaparam da *morada* como condição de sobrevivência. Antônio e Francisca, além de não terem vivido sob o regime de sujeição[45], contavam com o trabalho de *moradores* que residiam na terra arrendada, vendiam o excedente da produção nas feiras da cidade e tinham uma *criaçãozinha*, algumas poucas cabeças de gado.

Apesar de todas as privações ligadas à dificuldade de acesso a bens e serviços, às restrições derivadas da falta de direitos e aos muitos limites na reprodução da vida ao qual estavam submetidos agricultores pobres naquela época, acredito que muitas das possibilidades abertas à família devem ser sociologicamente reconduzidas à condição de família *liberta*. Tal situação garantiu algumas vantagens econômicas, como a venda da produção excedente, e

45.Afrânio Garcia (1989) afirma que muitos agricultores tornavam-se*sujeitos* ao proprietário pela via do arrendamento da terra. Entretanto, esse não era o caso dos pais de Gabriel. Os motivos que me levam a essa conclusão são diversos. Em primeiro, Mariinha, ao falar de seu pai, destacou sua condição de arrendatário que tinha *moradores*. Dificilmente um agricultor que arrenda a terra num regime de *sujeição* (e não de relativa autonomia garantida pelo pagamento em dinheiro ou em alimentos pela posse temporária da terra) poderia ter *moradores* no espaço arrendado. Isso porque permitir a um *sujeito* ter*moradores* é subverter a hierarquia que sustenta o sistema mesmo da sujeição. Além disso, todos os filhos de Antônio e Francisca Gomes de Lima foram alfabetizados, o que não era de forma alguma trivial na região rural do agreste paraibano das primeiras décadas do século XX. Se fossem *sujeitos*, a única possibilidade de alfabetização dos filhos seria pela vontade do senhor, sob o comando e vigília deste. E mais,alguns dos filhos não continuaram o trabalho de agricultores, como foi o caso de Gabriel, que serviu o Exército, fez bicos no comércio e tornou-se tropeiro e negociante, e de Mariinha, professora primária, destinos improváveis para filhos de trabalhadores dependentes de um senhor.

certa liberdade política, já que não eram obrigados a votar nos candidatos apoiados pelo proprietário da terra.

O casal tinha, além disso, um status social privilegiado comparado aos dos*moradores* (GARCIA, 1989; PALMEIRA, 1976) e se enquadrava naquilo que Afrânio Garcia (1989, p. 50) conceitua como "agricultores". São aqueles indivíduos que ocupam posições intermediárias no espaço social, ou seja, localizam-se entre os *senhores de engenho* ou *fazendeiros* e os *moradores sujeitos.* Dentro desse grande corte de classe há outro, bastante significativo, que somente um trabalho etnográfico poderia apreender. Trata-se da divisão entre "agricultores" e "agricultores fracos" (GARCIA, 1989, p. 56). Os últimos, para sobreviverem, dependiam do *alugado*, ou seja, "alugavam" sua força de trabalho para pequenos agricultores ou senhores de *engenhos* e *fazendas* nas épocas de colheita. Os primeiros combinavam a agricultura como o *negócio* nas feiras e, eventualmente, contratavam o trabalhador *alugado.*

É importante destacar que, na falta de arranjos institucionais que garantissem acesso básico a recursos de saúde, educação e transporte, aqueles que possuíam patrimônio fundiário suficiente para oferecer morada e trabalho, e que contavam com recursos privados para custear com segurança as necessidades básicas e supérfluas da vida, distanciavam-se enormemente dos agricultores, tanto em termos de prestígio quanto de bem-estar e poder político e social. Era brutal a desigualdade de distribuição de renda e terra, o que se radicalizava pela ausência de um sistema de atribuição e efetivação de direitos que garantisse a autonomia jurídica, política e social daqueles que estavam sob o domínio pessoal direto do *senhor*, no caso dos *moradores*, ou indireto, no caso dos agricultores que viviam na região por onde seirradiava seu poderio econômico, político e social.

Assim, apesar de pertencer a uma camada intermediária, um agricultor poderia padecer de penúrias as mais severas. Porém, como pude confirmar nas minhas entrevistas e conforme procurarei demonstrar ao longo deste capítulo, a redução da escala de análise a um nível microssociológico indica que as diferenças entre *moradores*, "agricultores" e "agricultores fracos" adquiria significado relevante para a população de Caiçara e, especificamente, para a família de Juscelina.

2.1.1 –Educação, carisma e posição social

Gabriel[46], o filho mais velho, e seus irmãos, apesar de todas as dificuldades, foram alfabetizados. Numa época em que, segundo o recenseamento de 1920, feito pela Diretoria Geral de Estatística, cerca de 80% dos paraibanos e 76% dos brasileiros não sabiam ler nem escrever (BRASIL, 1920), alfabetizar os filhos certamente significou muito do ponto de vista de chances de sobrevivência e de posicionamento na escala social local. Maria Gomes Soares, Mariinha, a caçula da família e única da fratria ainda viva quando fiz a pesquisa de campo em Caiçara, formou-se professora e mantinha uma relação afetiva com as letras tão cara quanto aquela que tinha com a religião católica. Ela me conta que ia, a pé, do pequeno sítio onde morava com a família, em Jatobá, até a escola, na casa de um fazendeiro das cercanias da Fazenda Massaranduba, ambos em Caiçara. Mariinha foi alfabetizada pela sobrinha neta de um religioso célebre no Agreste, bispo Dom Epaminondas, cuja ascendência era de políticos e senhores de terras da região.

A irmã caçula de Gabriel, assim como a maior parte da família, com exceção dele, que tinha uma relação menos rigorosa com os dogmas religiosos, era católica fervorosa. Em nossas entrevistas, os assuntos predominantes eram as atividades da Igreja, algumas das quais ela ainda conduzia aos 86 anos, e as lições escolares que aprendeu e depois ensinou. Surpreendi-me quando, em um de nossos primeiros encontros, ela ditou a primeira lição da cartilha que usava comoprofessora das escolas rurais da região:

> No primeiro livro, o dono da família, quer dizer, o representante, era o Doutor Silva Ramos. Isso na história do livro, do meu livro de lições. Doutor Silva Ramos era ele, e ela era Dona Júlia, e tinha o Paulo, Donato e Luizinho, que eram os três filhos.
>
> [Com a voz cadenciada, como num ditado, ela recita a lição]:"Ano-bom. Primeiro de janeiro. É o ano-novo que começa. Olhem para o rosto de Paulo. Está alegre. Está muito alegre. É que ele espera ser mais feliz neste ano do que no ano que findou. Sua mãe vai cumprira a promessa de mandá-lo para a escola".
>
> Eu ainda tenho isso gravado. Aí tinha outra. Mais adiante, a segunda, era a historinha de um gatinho e um cachorro. Aí dizia assim: "Era uma gata Negrinha. Era um cãozinho Tupi. Dormiam juntos na cama, comiam no mesmo prato, brincavam juntos na grama, desmentindo, assim, a fama das brigas de cão e gato".

Mariinha nasceu 14 anos após Gabriel, o primeiro da fratria. Dentre os filhos de Pai Tonho, ela foi a que mais estudou. Formou-se na Escola Normal, nome então atribuído às instituições educacionais que preparavam professoras primárias, em Caiçara. Quando Gabriel aprendeu a ler e escrever nem mesmo escolas públicas improvisadas nas casas de fazendeiros

46. Gabriel nasceu em 1913. Mariinha, a caçula, em 1927.

existiam. Ele *tomava lições* na casa de uma professora. A cada vez que ia à escola, a professora era remunerada com pequenas quantias.[47]

O letramento era bastante valorizado na família, o que não deixa de ser um tanto surpreendente se considerarmos o universo rural paraibano das primeiras décadas do século XX[48]. Joana D'Arc, a Nuca, irmã de Gabriel, não só se empenhou na alfabetização dos filhoscomo os estimulou a continuarem os estudos. Uma de suas filhas, Maria Soares, foi aluna do primeiro curso de economia doméstica de Caiçara, e depois, em 1963, a primeira vereadora da cidade.

47. Segundo Romanelli (2005), em 1888 estavam matriculados no ensino primário 250 mil alunos num total de 14 milhões de habitantes. A precariedade do ensino primário na época foi relatada pelo maranhense Antônio Almeida de Oliveira, um dos defensores da criação de bolsas escolares para crianças carentes. No projeto do deputado do Partido Liberal do Maranhão o material escolar a ser doado incluiria, além do material básico (lápis, papel, livros), mesas e cadeiras, pois os estudantes levavam de casa a mobília utilizada nas aulas. Essas eram ministradas em casa particulares onde residiam os mestres-escolas pagos pelo município ou província. Cada professor lecionava, em sua casa, a matéria de sua especialidade para um grupo de 5 a 12 alunos. As únicas escolas seriadas eram os liceus provinciais e o Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro(OLIVEIRA, 2003). A situação só mudaria na década de 1930. Diante da falta de mestres-escolas pagos pelo município na época e região em que Gabriel e alguns de seus irmãos foram alfabetizados, os professores davam aulas em suas casas mediante pagamento.

48. Como afirma Romanelli (2005), o atraso na generalização da educação até 1930 prendia-se às prioridades do Estado, que se confundiam com os interesses imediatos da agro exportação, o que excluía qualquer possibilidade de investimentos em direitos sociais. Assim, até o final da Primeira República a maioria da população estava concentrada na área rural, sobrevivendo de uma economia de base agrícola que não precisava modernizar seus fatores de produção. Um real investimento institucional na educação só ocorre quando passa a ser uma exigência da economia de mercado. A intensificação do processo de urbanização, causado pela deterioração das formas de produção do campo e pela implantação do capitalismo industrial, assim como as crescentes necessidades de recursos humanos para ocupar funções nos setores secundários e terciários da economia, forçam uma mudança significativa no que se refere à alfabetização e à qualificação da população (ROMANELLI, 2005). Assim, pelo menos até a década de 30, a possibilidade de ascensão social por meio da aquisição de capital cultural esteve direcionada para estratos sociais intermediários. As possibilidades de que um homem pobre ou um liberto conseguisse educar-se eram irrisórias, assim como eram mínimas as chances de alguma ascensão social para grupos populares que não fosse por meio da escolarização. Esse quadro de inescapabilidade de uma posição social subalterna atingia tanto os ex-escravos quanto os homens brancos e pobres, habitantes de regiões rurais em regime de semiservidão.

Figura 3 - A primeira turma do curso de Economia Doméstica de Caiçara. Maria Soares, prima de Juscelina, é, da esquerda para a direita, a segunda moça abaixada.
Foto: Acervo de Jocelino Tomaz de Lima, sem data.

Figura 4 - Maria Soares é empossada vereadora de Caiçara, em 1963.
Foto: Acervo pessoal de Jocelino Tomaz de Lima, 1963.

Quando estive pela primeira vez em Caiçara, entre fevereiro e março de 2012, fui até a casa de Manuel Pedro, um dos irmãos de Gabriel e seu colega na condução da tropa. Ele

haviafalecido, mas sua viúva, Dona Maria Miguel, me mostrou, orgulhosa, a estante de livros que integrou a formação escolar de seus filhos. Posicionada em frente a elaestava uma coleção de imagens santas, entre as quais as de Frei Damião e do papa João Paulo II. Três de suas filhas tornaram-se freiras.

Curiosa para saber um pouco mais sobre *a moça do Rio de Janeiro*, Dona Maria Miguel sentou-se ao meu lado e fez algumas perguntas. Percebi que havia uma agenda em cima da mesa e perguntei o que ela costumava anotar. Havia lembretes sobre os dias santos, anotações sobre datas da morte de familiares, algumas contas, endereços e comentários rotineiros que ela mesma fazia.

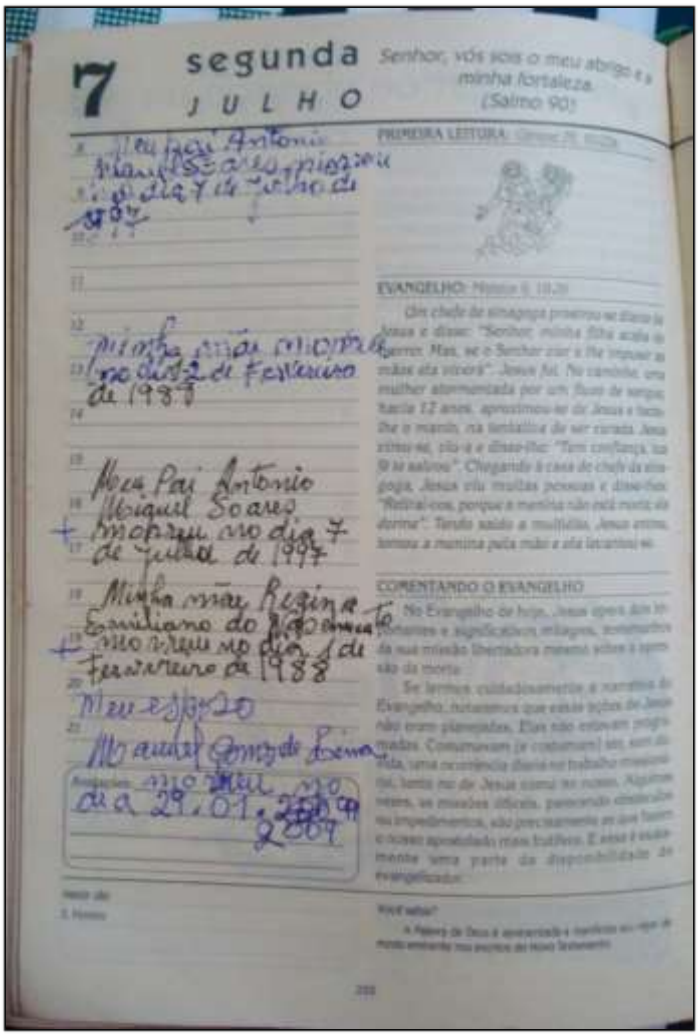


Figura 5 - Uma página da agenda de Dona Maria Miguel.
Foto: Coutinho, P.O, 2012.

Dona Mariinha mostrou diversos cadernos onde anotava cotidianamente as passagens bíblicas que depois seriam lidas por ela nas missas ou em programas religiosos de rádio para os quais era convidada – sua devoção à Igreja Católica era por todos reconhecida. Também nos cadernos fazia as contas semanais, mensais ou diárias. O pouco dinheiro que recebia precisava ser sempre contado e recontado para fazer frente às despesas.. Esses cálculos pareciam povoar incessantemente a cabeça de Dona Mariinha. Em quase todas as páginas que folheei de seus cadernos havia continhas que se alternavam com os textos religiosos. O hábito de repetir os balanços diários, semanais ou mensais parecia ser uma forma de diminuir a angústia causada pela obrigação de gerir as muitas despesas com o dinheiro exíguo do trabalho de professora, inicialmente, e, depois, da aposentadoria.

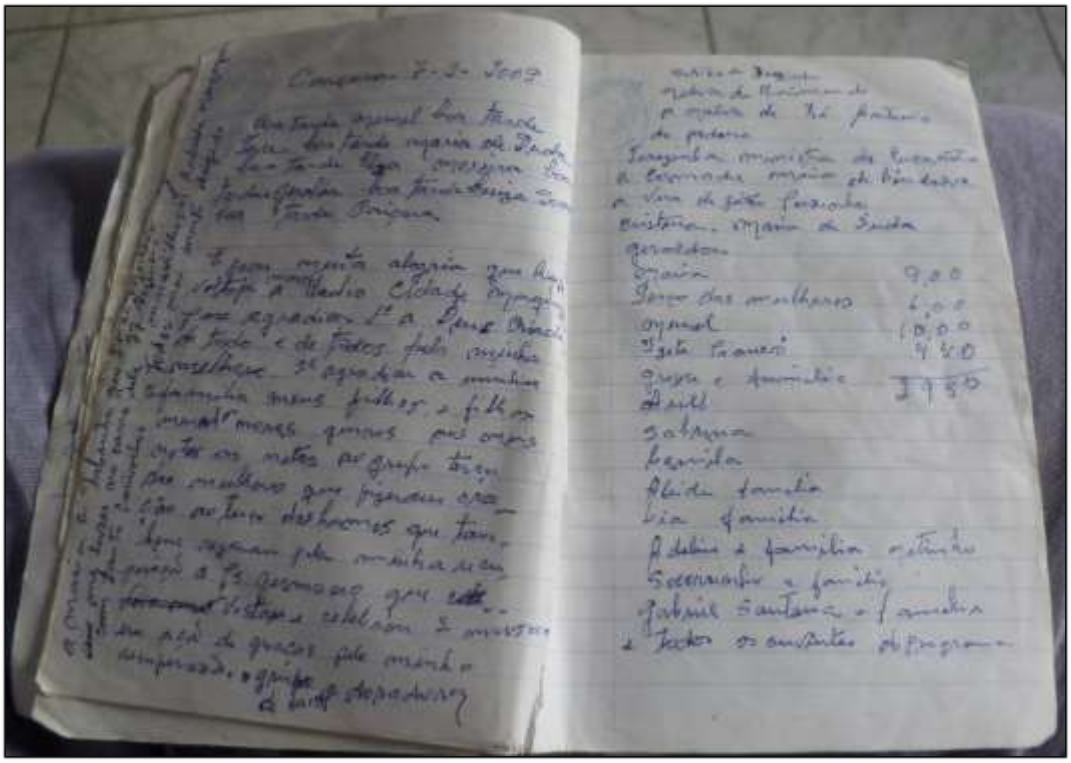


Figura 6 - Caderno de anotações diversas de Dona Mariinha.
Foto: Coutinho, P.O, 2012.

A prática cotidiana da escrita, além de ser forma de gerir a economia doméstica e deregistrar de informações familiares, vicinais e comunitárias, possui dimensão moralrevelada num verdadeiro encantamento pela palavra grafada. Depois de alguns minutos de conversa Dona Maria Miguel perguntou se eu era professora. Eu respondi que sim, e então ela disse: *Deixa eu escrever meu nome no seu caderno pra você ver se eu ainda sei.* Satisfeita com meu

elogio à sua letra, ela pediu que eu escrevesse meu nome em sua agenda. Era uma oportunidade de conhecer uma caligrafia nova. Visivelmente contente em satisfazer sua curiosidade, pediu que eu deixasse um recado em sua agenda, paraque pudesse, sempre que quisesse, lembrar-se daquela visita e admirar *uma letra diferente*.

Conversando com Dona Maria Miguel, e, em outros momentos, com familiares de Juscelina, percebi a significativa valorização da caligrafia entre os meus informantes com mais de 60 anos. Numa época em que a "escrita à mão" era a forma predominante de documentar informações cotidianas, a beleza e correção da caligrafia indicavam habilidades ligadas ao letramentoapreciada pessoalmente e valorizada socialmente[49]. Assim como a higiene das casas, utensílios domésticos e roupas, a caligrafia funcionava como "coeficiente de prestígio" (HOGGART, 1970) entre a população local. Não por acaso, quando algum dos filhos de Gabriel[50] mencionava que ele sabia ler, escrever e fazer contas muito bem, acrescentava: *Papai tinha uma caligrafia linda!*

Além da valorização da educação formal, cujo acesso era muito restrito, Gabriel era um entusiasta da cultura popular nordestina e encontrou diversas maneiras de desfrutá-la e praticá-la. Costumava ler *folhetos* do romanceiro popular nordestino (literatura de cordel)para seus filhos e recebia em sua casa músicos que encontrava nas *ruas*dos municípios onde negociava[51] ou em suas viagens com a tropa de burros. Eram, em sua maioria, *emboladores de coco* que, acompanhados *de ganzás* e*panderolas*, cantavamversos noite adentro, enquanto, à luz do candeeiro, os feijões colhidos pela família eram debulhados e peneirados na *urumpemba*[52]. Gabriel conhecia de cor muitos versos do cancioneiro popular, legado transmitido a alguns de seus filhos. Ramos conhece a fundo a obra de Luiz Gonzaga e em suas narrativas associava cada etapa da vida familiar a uma canção do Rei do Baião, figura mítica que em Juscelina desperta lembranças ternas de seu pai. Darcy e Demétrio ouvem rádio todos os dias e é com a música que Daniel, que mora no Rio de Janeiro, tenta aliviar a saudade de sua terra.

---

49. O letramento é capacidade que ultrapassa em muito a função utilitária a ele inerente. Agrega valor à força trabalho, mas, muito além disso, é impregnado de força simbólica, já que, nas sociedades grafocêntricas, éinerente aos processos institucionalizados de incorporação de conhecimento, uma dimensão normativa ligada às noções de dignidade, liberdade, autonomia e reconhecimento (TAYLOR, 1997).

50.Com exceção de Juscelina, que me disse, em nossa primeira entrevista e em outras ocasiões, que seu pai lia e escrevia muito mal. Essa foi uma dentre as controvérsias (pontos de vista discordantes e tematizados) surgidas entre ela e seus irmãos quando estivemos, juntas, em Caiçara.

51. *Rua* é como se nomeia a parte urbana da cidade (identificada, no início do (século XX), como o lugar da Igreja Matriz e da feira semanal); *Sítio* denota a porção rural do município. Como foi explicado na nota de rodapé n. 24, quando se fala, por exemplo, de Sítio Cancão, a referência é a uma espécie de bairro rural.

52. Trata-se da arumpeba, uma espécie de peneira.

Dona Mariinha, por sua vez, tinha grande habilidade para fazer versinhos. Durante muitos anos, e incentivada pelo entusiasmo de Gabriel, foi contratada para compor as músicas de campanha de Severino Ismael de Oliveira, importante político local que viria a se tornar deputado estadual entre os anos de 1947 e 1966 (cinco legislaturas). Ela também criava narrativas poéticas sobre o cotidiano. Uma delas, patrimônio oral familiar muito caro a seus filhos, foi por mim transcrita em outubro de 2012 (Anexo A). Entoados em traços melódicos que lembram o aboio, definido por Guerra Peixe (1954) como "cantoria feita pelo vaqueiro ao conduzir a boiada de um para outro lugar, servindo, ainda, para embelezar o aboiar", os versos narram a saga de Adovan, filho de Mariinha que havia sido convocado por um fazendeiro a amansar os bois Careta e Camarão, animais bravos (*barbatão*) e tidos até então como inadestráveis.

O tipo de apropriação criativa que Gabriel fazia da linguagem popular, tal como um artista do cotidiano, integrava o que de forma um tanto vaga, mas que pretendemosdensificar,pode ser denominado de "carisma" do pai de Juscelina. Essa característica foi muitas vezes, e de diferentes formas, explicitamente evocada pelos meus entrevistados de Caiçara. Quando mencionava seu nome, dificilmente meu interlocutor não respondia com um sorriso: *Lembro sim de Seu Gabriel. Era uma figura.* Maria o definiu de muitas formas, dentre elas: *Papai era um meninão.* Sua prosa me foi descrita como sagaz e repleta de traços de comicidade, algo próximo do que diversas vezes ouvi como a *malícia do tropeiro.* A sagacidade, na visão de Gabriel, integrava algo como a honra masculina, de modo que a noção de virilidade estava àquela atrelada. Um provérbio que ele enunciava quando considerava um homem muito *mole/besta (*ou seja, pouco sagaz, em oposição a rijo/astuto) era: *Se o homem for pra ser besta, é melhor ser ladrão de cavalo.*

A imagem de Gabriel reúne a família de modo bastante significativo e singular. Nos momentos em que se contavam as *resenhas de papai*, como Maria costuma dizer, foi quando pude ver o modo mais harmonioso de integração de Juscelina com seus irmãos. Era quando ficavam mais evidentes os laços de sangue e vínculos afetivos profundos com aqueles com os quais não se partilham muitos dos valores e visões de mundo. O compartilhamento das histórias sobre Gabriel, sempre cheias de comicidade, picardia e originalidade, eram períodos de trégua, quando as diferenças ficavam momentaneamente suspensas para darem lugar ao riso, cujo sentido se pode extrair da compreensão coletiva das sutilezas e particularidades que tecem cada uma dessas histórias, e ao contentamento coletivo promovido pelas boas lembranças.

São várias as anedotas sobre ele. Seus filhos contam que *na época que papai bebia*[53], antes de irem para o Pará, viagem sobre a qual falarei adiante, Gabriel, após algumas doses, subia em seu cavalo com o objetivo de voltar para casa, mas dormia em cima do animal. Este sabia o caminho e o levava com segurança até o sítio, de modo que Gabriel chegava dormindo, mas *são e salvo* pelo cavalo. Quando o tropeiro caíaa pelo caminho, o cavalo levava até o sítio os alimentos armazenados nos cestos das cangalhas. Outra anedota da qual a família se orgulha e com a qual se regozija é a do *morcego*. Reunida com a família, em fevereiro de 2012, foi Juscelina quem pediu a Demétrio, seu irmão mais velho, que a contasse detalhadamente:

> Lá em São José do Mipubu tinha um padre que viu que tinha muito morcego na igreja, aí ele matou um bocado de morcego e ficou aquilo tudo caído no chão. Aí o tributirno [vendedor de refeições] passou e viu aquele bocado de morcego no chão. O triburtino era bem inteligente, metido a sabidão. Aí o pessoal, antigamente, tinha mania de chamar notinha velha de morcego, dinheiro velho de morcego, né. Aí papai disse pro padre: Padre, o que o senhor vai fazer com esse bocado de morcego? O padre disse: Vou jogar fora. Ele disse: Padre, me dê um bocado de morcego. Aí o padre disse: O que você vai fazer com morcego morto. Ele disse: Deixe comigo. Aí ele foi lá no restaurante. Chegou e perguntou: Recebe morcego? Aí o rapaz meio desconfiado: disse: Recebe. Aí ele sentou, almoçou bem. Aí na hora de vir a conta, o rapaz disse: É tanto! Aí papai começou a tirar aqueles morcego tudo do bolso, e o restaurante cheio, né. Aí o triburtino disse: Vai -se embora daqui com esses morcego, hômi, vai-se embora! E papai foi embora sem pagar a conta!

Nas diversas historietas a mim relatadas, o pai é sempre a personagem principal, uma espécie de herói com atitudes picarescas, bem ao modo de vários protagonistas de Ariano Suassuna, que transitam em diversos contextos sociais com destreza evivacidade. Sobre a capacidade de compreender a linguagem, performance e valores de diferentes ambientes e classes sociais, assim como de adaptar-se a eles, Gabriel repetia uma fórmula que marcou a vida de Juscelina: *Em terra de sapo, de cócoras com eles.*

O hábito de colorir de comicidade a interação com os outros dava a Gabriel uma familiaridade privilegiada com as diversas categorias sociais com as quais convivia. Como afirma Maria, ele *adorava uma piada:*

> Ih, piada era com ele. Tinha um juiz, um promotor em Caiçara, que ele começou como promotor, virou juiz, aquela confusão toda. Ele toda noite, depois que chegava do Fórum, ia lá pra casa pra escutar papai contar piada. Contava piada de papagaio, de morcego, tudo quanto era piada ele saiba...de padre, contava muita piada de padre.

Numa sociedade onde o "*ethos*" humorístico é bastante presente, como documenta Suassuna (1974), os gracejos e zombarias de Gabriel serviam de mote para muitas de suas

53. Não se sabe a época exata em que Gabriel parou de beber, mas Juscelina conta que, em suas lembranças de menina, seu pai já não consumia bebidas alcoólicas com frequência.

relações. Desse modo, ele era capaz de, com suas *palestras* divertidas, mobilizar, modelar e transformar suas relações (COMEFORD, 1997). Ademais, ele recebia admiração especial por sua engenhosidade linguística. Isso porque era mestre em provocar o riso na medida mesmo em que explicitava com jocosidade dados implícitos da estrutura social ou de determinadas interações. Maria relata:

> Ele gostava era de rico. Gente com bigode enrolado era com ele mesmo. Pra juiz era festa e jantar que ele dava. Pra pobre não, pra pobre era bom dia, boa tarde e até logo. Papai dizia que quando um rico morria o sino tocava: "Peeena, peeena, peeena", e quando um pobre morria o sino tocava: "Se dane, se dane, se dane".

Das "brincadeiras" (DOUGLAS, 1968) de Gabriel também podemos depreender o senso de distinção social do qual ele era de fato consciente. Procurou estar perto de pessoas influentes e de classes sociais superiores à sua porque essa aproximação lhe agradava e poderia render favores e prestígio, mas também por entender que ele se assemelhava socialmente a eles. Era um *homem livre* ealfabetizado num universo de muitos *cativos* e analfabetos. Ademais, , a profissão de tropeiro não só o diferenciava positivamente dos agricultores, mas também lhe fornecia capital simbólico específico, qual seja, um conhecimento sobre o mundo que um lavrador daquela época, quando as migrações para a cidade ainda eram raras, dificilmente teria (WOORTMAN, 1990).

Juscelina o define como um *bon vivant,* e todos os seus filhos disseram que ele *só gostava de coisas boas*, característica muito bem sintetizada no ditado, que ele costumava repetir: *calça de veludo ou bunda de fora.* Sobre isso, é novamente Maria, a filha que mais intensamente conviveu com ele, quem explica:

> Papai tinha espírito de rico. Só andava todo esticado. Os pés de papai era fino que nem pé de moça. É porque pé de pobre é grosso, pode pisar em terra quente, barro quente e aguenta, sabe? Os pés dele não aguentava não.
>
> Priscila: Mas por quê? Ele usava sapato?
>
> Maria: É porque ele fazia calçado. Era bem engomadinho, sentado, conversando, conversava com um e com outro, brincava com um, brincava com outro. A vida dele era divertida.Ele nunca teve espírito de pobre não. Andava nos trens aí, mas era sempre todo engomado. Parava, dava cinco tostões a um, cinco tostões a outro pra carregar as bagagens dele. Acha que ele ia carregar bagagem nas costas, é? Ele pagava...Nãocarregava bagagem não. Aí eu digo assim: papai tinha espírito de gente rica, mas quem quer ser pobre?

O que estava subjacente às "brincadeiras" (DOUGLAS, 1968) de Gabriel era tanto a ambiguidade consistente no fato de ser ele um homem modesto se fazendo de rico quanto a posição intersticial que ele ocupava na estrutura social. Conviviam em sua personalidade a consciência de estar socialmente acima de um *morador* ou de um "agricultor fraco", mas de

compartilhar com eles as inúmeras dificuldades e misérias da vida. A posição média que Gabriel ocupava, entre *moradores* e grandes proprietários de terras, o aproximava mais, do ponto de vista das condições de que se revestiam o cotidiano (inseguranças quanto à provisão alimentar, quase inexistência de serviços de saúde, precariedade do transporte, etc.), dos *pobres* dos quais ele zombava do que dos promotores e juízes dos quais ele buscava astuciosamente aproximar-se por meio da manipulação consciente de seus talentos sociais.

Assim, Gabriel não estava suficientemente acima de um *pobre* para que suas piadas fossem consideradas ofensivas. Era como zombar de si mesmo e ao mesmo tempo fingir estar no lugar do rico. É um pobre falando de si como se fosse um rico falando do pobre. Era na imitação do rico, expressão também um desejo de o ser, que residia a graça.

2.2 –Satina: uma mulher trabalhadora

Senhor, não é soberbo o meu coração, nem altivo o meu olhar; não ando à procura de grandes coisas, nem de coisas maravilhosas demais para mim.Pelo contrário, fiz calar e sossegar a minha alma; como a criança desmamada se aquieta nos braços de sua mãe, como essa criança é a minha alma para comigo.
Bíblia. Salmo 131: 1 e 2

Ainda muito jovem Gabriel conheceu Satina, que morava no sítio Cancão, também na região de Caiçara. Ela nasceu em 1917 e morava lá com sua mãe, Maria Amélia dos Santos, natural de Borborema (na microrregião do Brejo Paraibano) e com o padrasto, Antônio Rocha. Maria Amélia havia se separado do pai de Satina quando ela era ainda muito pequena, de modo que não conviveu com ele. Era filha única e a ausência de parentes vivos dificultou a coleta de informações sobre sua infância e ascendência. Satina e Gabriel começaram a namorar quando ela era ainda muito moça. Antes da formalização do pedido de casamento eles não podiam conversar – - a mãe era muito rigorosa. Sendo uma *mulher falada*, já que vivia *amancebada*, Dona Maria Amélia deveria exceder os cuidados cotidianos com a respeitabilidade da moça, que já vivia com a mácula de ser filha de uma *mulher separada.*Gabriel e Satina trocavam bilhetes deixados num caco de telha de uma *casa de farinha* localizada nas imediações dos dois sítios.Satina também sabia ler e escrever. Após vários bilhetes e o consentimento das famílias, eles se casaram, em 1932, em cerimônia celebrada pelo padre Aprígio, célebre na região e pároco responsável pela cidade desde 1896 (LIMA, não publicado).

Logo após o casamento, foram morar numa casinha *de taipa e porta de vara*, no sítio arrendado pelo pai de Gabriel, em Jatobá. São casas feitas de varas de madeira com

enchimento de barro. Por causa da precariedade, ligada tanto à falta de segurança(portas de vara têm fechaduras muito frágeis) e privacidade quanto ao perigo de doenças, principalmente da malária, esse tipo de moradia era feito em caráter provisório, apesar de muitas vezes não ser possível substituí-la por uma casa de alvenaria, o que representaria melhora de vida importante para a família. Eram muito comuns no Sertão e no Agreste. Ainda existentes, notadamente no Sertão, é comum ouvir que em casa de taipa e vara vive um grito de fome.

Satina, segundo relataram seus filhos e netos, era uma mulher muito *recatada, honesta, trabalhadora, limpa* e *religiosa,* mas era também *opiniosa* (expressava seus pontos de vista com força e rigor), como sua mãe, e *austera*. O comportamento severo assinalava a disposição ascética que marcava a higiene doméstica, a seriedade no relacionamento com a família e vizinhos, a relação rigorosa com a religião, a disciplina no trabalho em casa e no roçado e o cumprimento das regras sociais que garantiam a honradez da mulher camponesa daquela época e naquela cultura. Quando a vida melhorou um pouco, em sua velhice, Satina adorava assistir a jogos de futebol (torcia para o Vasco, como Juscelina), jogar baralho e *apostar no bicho.*

A vida privada com Gabriel, um homem muito conhecido por sua beleza e pela fama de *namorador (a mulherada só faltava brigar pra ficar com ele*), foi difícil.O marido passava muito tempo fora de casa e as tarefas domésticas ficavam a cargo de Satina. A falta de água limpa e serviços básicos de saúde para seus filhos a angustiavam cotidianamente. O medo de que a comida faltasse também marcava a rotina de Satina,e foi motivo de muitas discussões entre ela e Gabriel. Sendo a gestora da casa, ela sabia que a fartura ou a *precisão*dependiam mais das circunstâncias sobre as quais não tinha nenhum controle (a *bondade do inverno*, o lucro dos *negócios* do marido, a saúde das crianças, etc.) do que do trabalho diário que ela executava com tenacidade. Satina pressionava Gabriel para que ele comprasse mais farinha quando ainda tinham farinha em casa e escondia alguns alimentos para que ele não soubesse que havia um pequeno estoque para abastecer a família em caso de necessidade. Era ela também quem definia como deveria ser repartida a carne das refeições, e passou tal habilidade para as filhas. Darcy conta que algumas vezes foi considerada muito brava por seus irmãos porque a tarefa de repartir a carne ficou a seu cargo e ela precisava ser rigorosa na escolha.

Muitas das características de Satina foram moldadas ou reforçadas em reação às de Gabriel. Ele gostava de uma *palestra,* de uma *piada*, aprendidas e performadasprincipalmente no mundo público, enquanto ela, confinada ao mundo doméstico, era calada e de pouco riso. Ele era, nas palavras de Maria, um *meninão,* um *sonhador*. Satina, ao contrário, não achava

que a ludicidade lhe fossea permitida. A vida em muitos momentos confirmou, nas várias vezes que teve a gravidez involuntariamente interrompida ou que viu seus filhos morrerem em seus braços, que, se o mundo terreno tem uma lógica ditada pelo Criador e desconhecida pela racionalidade humana (o que é "*alea*" para o homem é vontade para Deus), então certamente tal lógica se constitui muito mais de sofrimento do que de alívio ou felicidade, de modo que somente a resignação concilia o homem, sobretudo a mulher, com o Altíssimo.

Não por acaso, Satina guardou por décadas uma mortalha, com a qual tinha o cuidado do convocado que se quer apresentável no momento definitivo de seu julgamento e, espera-se, consagração. ApresentoSatina com dramaticidade não somente porque o drama integrou sua vida, mas também porque ela foi socializada numa época em que a tragédia, entendida, com Simmel (1998), como ciclo no qual as forças de criação são as mesmas que geram o aniquilamento, era a metáfora religiosa (Eva e seu pecado) e o sentido mesmo da vida de muitas mulheres. Era, sobretudo, o sentido atribuído à morte das crianças pequenas, sobre a qual falarei adiante.

Figura 7 - Satina e Gabriel.
Fotos: Arquivo pessoal da família, sem data.

2.2.1 – A divisão do trabalho na família

Enquanto o trabalho no roçado era feito por Satina e filhos, Gabriel conseguia o dinheiro para a vida modesta que levavam com o penoso trabalho de almocreves. Para *agir os burros* de Caiçara a Pedro Velho,RN, rota mais frequente, era necessário sair às 3h da manhã para chegar ao destino às 5h da tarde. O fato de muitas vezes precisar alugar ou emprestar os animais e de não poder custear elementos que facilitariam seu trabalho (melhores animais, alimentos, estribos e esporas, etc.), além de não ter o dinheiro necessário para tentar contornar

os diversos perigos que as viagens podem apresentar, como assaltos e necessidade de eventual substituição dos burros, tornavam o trabalho ainda mais difícil.

Apesar disso, os filhos costumam dizer que *papainão gostava de uma enxada*, sugerindo que a parte mais pesada do trabalho de reprodução da vida familiar ficava a cargo de Satina. É o que afirma Maria:

> Papai não gostava de trabalhar, ele gostava só de orientar e acabou-se. Também porque ele não tinha emprego, mas tinha que trabalhar também, assim, com a tropa de burros. Juntando 5, 6 burros, aí se dá o nome de tropa. Ele tomava conta de uma tropa de burro daqui pra lá. No caso, alho, cebola, umas troçada...Fumo... Aílevava pro Rio Grande do Norte e de lá já trazia outras coisas de lá. Aí ele vendia e ganhava um trocado pra manter a casa. A gente sempre foi mantido assim.

Podemos compreender a recusa de Gabriel em trabalhar no roçado se considerarmos o tipo de relação entre valor social e trabalho que marcava a época. Tendo sido filho de homens livres e pretendendo para si o prestígio que a situação de homem livre e alfabetizado poderia proporcionar, executar trabalhos no roçado sistematicamente representaria a aceitação de um rebaixamento social. Como explica Palmeira (1976), o trabalho *na enxada* é a mais simples e rotineira atividade executada por um *morador:*

> Um morador que, no fim da vida, se define como "trabalhando na enxada", ou "tirando conta", trabalho pelo qual as crianças começam e no qual as mulheres permanecem, trabalho que todo mundo realiza ao longo de todos os momentos da vida, símbolo por excelência da indiferenciação, está declarando que não conseguiu afirmar-se como morador – pois segundo sua própria lógica, não há dois moradores iguais –só sabendo fazer aquilo que qualquer outro sabe(...) (p.212)

Mesmo entre os moradores havia diferentes posições, mais ou menos prestigiosas, e o exercício perene do trabalho com a enxada significava a mais baixa entre elas. Nos*engenhos* e *fazendas*um *sujeito* poderia afirmar-se mais positivamente exercendo atividades que exigem uma habilidade ou uma *arte* específica, a qual se caracteriza por ser independente da atividade produtiva executada no âmbito da propriedade do senhor, como, por exemplo, o trabalho de ferreiro. Levando-se em conta que até mesmo um *morador* pode executar uma *arte*, um *homem livre*, para afirmar seu status social e reputação, deveria evitar o trabalho contínuo e exclusivo no roçado. O fato de a Satina e aos filhos caber a lida na agricultura familiar marca tanto a hierarquia de gênero e etária, que funcionava como princípio de organização familiar, quanto o domínio do pai sobre o tempo da família.

Gabriel, por todos esses motivos, preferia trabalhar com a tropa de burros e com o *negócio*, o que o mantinha fora do ambiente doméstico e favorecia a constituição de uma rede

de relações por meio da política e da aproximação de pessoas com status social privilegiado, que também gerava, de tempos em tempos, benefícios para a família.

2.3– A morte dos meninos pequenos

Agnus Dei, quitollispeccatamundi, dona eis requiem.
Agnus Dei, quitollispeccatamundi, dona eis requiem.
Agnus Dei, quitollispeccatamundi, dona eis réquiem sempiternam.

Bíblia. João 1: 29

Gabriel e Satina, recém-casados, ficaram ficou pouco tempo no sítio Jatobá, em Caiçara. Foi lá que o primeiro filho, Demétrio, nasceu. Na época Gabriel já trabalhava como tropeiro e passava dias fora de casa. Enquanto isso, Satina cuidava sozinha da casa, do filho e do roçado. Como ainda não podia levar o bebê para a agricultura, costurava sua roupinha na rede de dormir, de modo a prender seu corpo, para que ficasse seguro até que ela voltasse. Depois nasceram Maria, Francisca e Darcy. Francisca foi morar com Mariinha quando ainda tinha 2 anos, mas as outras duas meninas, a partir dos 6s anos, começavam a ajudar Satina em todas as tarefas domésticas.

Como conta Darcy, Gabriel *não parava em canto nenhum.* Porém,ele se movimentava somente nos limites dos estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Nos primeiros anos da década de 1930 eram raras as *viagens* (migrações temporárias) para o *Sul*. Antes do surgimento de um mercado de trabalho no Centro-Sul que absorvesse grandes contingentes, a maioria dos trabalhadores daquela região permanecia nos domínios dos engenhos e fazendas, no caso dos *moradores*, ou nas estritas parcelas de terra onde produziam para subsistência, no caso dos *agricultores.*

Em suas andanças ele recebia notícias sobre as movimentações de cada cidade ou lugarejo, e avaliava as chances de neles prosperar. Pouco tempo após o casamento, Gabriel e Satina tentaram a vida em João Pessoa, mas logo depois mudaram-se para São José de Mipibu,RN e em seguida para Pedro Velho,RN. Na década de 1940,as cidades próximas a Natal viviam um momento de grande agitação, já que a capital estava intensa e excepcionalmente movimentada em função da construção, no governode Getúlio Vargas, da baseaérea de Parnamirim (atualmente Base Aérea de Natal), de crucial importância para os Aliados durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em 1941, época de mundialização da Coca-Cola, as primeiras garrafas de refrigerante eram produzidas no Brasil, em pequenas

fábricas em Natal e no Recife. Foi no Nordeste, portanto, que o refrigerante iniciou sua circulação no Brasil[54].

A época era de dinamização da economia da região e Gabriel tentou beneficiar-se do momento. Estratégica para ele, a região estava bem perto do litoral, onde ele comprava os peixes e camarões, na Praia da Pipa,RN, e também das cidades do interior da Paraíba, onde fizera sua clientela como *negociante*. Em São José o casal morava em frente à casa do prefeito, *e toda noite ele* [Gabriel] *batia papo com ele*. Foi nesse município que Ramos, o quarto filho da família, nasceu. Em seguida, foram para Pedro Velho,RN, divisa com a Paraíba, onde arrendaram uma parcela de terra e permaneceram por cerca de cinco anos, entre 1948 e 1953.

Dos filhos nascidos na cidade, cerca de seis faleceram na primeira infância. Alguns morreram de *gasto,susto e queda*. Os abortos involuntários eram, com frequência, atribuídos a eventual *susto* da gestante ou à não satisfação de um desejo alimentar. Quanto às crianças que dias ou meses após nascer apresentavam sintomas (vômitos e diarreias frequentes)que poderiam levá-las à morte, muitas vezes eram tidas como condenadas e já não eram mais medicadas - acreditava-se que o uso de remédios para curá-las poderia enlouquecê-las. Naquele tempo, o alto risco de morte das crianças, associado à enorme dificuldade de atendimento médico, levava a que a criança saudável fosse considerada abençoada com a beleza e a saúde que anunciam maiores chances de sobrevivência. A criança bonita diferenciava-se da *enjoada,* cujo choro frequente marcava o rosto, a enfeiando. O bebê que nascia *fraco* deveria morrer porque assim iria para o céu como um anjo[55]. Tidos pela tradição judaico-cristã como figuras medianeiras entre o fiel e a divindade, a relação dos anjos com as crianças se faz presente no Brasil desde a época colonial, quando, na encenação dos autos de Anchieta, os curumins faziam o papel de tais criaturas celestes (BOSI, 1992).

A morte de *menino pequeno* era de tal forma incorporada ao cotidiano da família que Darcy costumava brincar de enterrar sabugos de milho como se fossem crianças mortas. Os sabuguinhos eram enfeitados de *pedregoso* (nome popular de flores da região). As cruzes e capelinhas eram feitas de pequenos gravetos. Entre os bebês que Satina e Gabriel perderam

---

54. Em 1942 foi aberta a primeira fábrica própria da Coca- Cola, na cidade do Rio de Janeiro, então capital da República, no bairro de São Cristóvão. Disponível em:<(http://www.cocacolabrasil.com.br/coca-cola-brasil/historia-da-marca/)>.Acessado em:

55.As referências e descrições da morte e dos velórios de *anjinhos* podem ser encontradas em clássicos como *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre. A literatura de viagem também descreve ritos funerários. Jean-Baptiste Debret (1989) e Ferdinad Denis (1980) são exemplos. Nancy Scheper-Hughes (1992), em seu*Deathwithoutweeping*, também faz ricas descrições sobre os enterros de crianças pequenas que ela acompanhou em sua pesquisa na Zona da Mata pernambucana da década de 1980.

vários tinham o nome Maria porque havia o costume de dar às crianças nomes de santos – o que também evitava eventuais recusas dos padres em batizá-las. Além das interrupções involuntárias das gestações, morreram pequenos, em Pedro Velho,PB, Maria Salete, Maria do Socorro, Maria do Rosário, Maria Dione e Francisco de Assis[56]. Foram enterrados em caixõezinhos coloridos fabricados em casa.

Na procissão em direção ao cemitério, acompanhada por crianças e moças, o caixão era carregado com a tampa aberta e coberto de flores. Dizia-se que as flores que caíam no caminho anunciavam a morte de mais bebês. Essa era uma ocasião de interação entre as crianças da região. Era também uma cerimônia para meninas e moças (as futuras mães), algo como uma brincadeira que promovia, desde a infância, a naturalização da morte precoce. As crianças encaravam o enterro com alegria: *as crianças ficavam todas felizes com aquele enterro*, me disse Darcy[57]. Esse tipo de ritual funerário, colorido e alegre, remonta o Brasil Colônia. Como aponta Vailati (2002), alguns viajantes estrangeiros (Debret, Dennis, Saint-Hilaire) perceberam esses enterros como festa apenas, não como um cerimonial cujo ritual específico contava com elementos comuns a outras manifestações festivas, talvez por isso eles associassem os enterros das crianças ao júbilo, e encaravam com perplexidade os "yeuxsecs" (olhos secos) da família, sobretudo das mães. Porém, o ritual de morte dos anjinhos era, na interpretação de Alencastro (apud Vailati), uma espécie de sublimação do choque emocional sofrido pelos pais. Relato emocionante sobre esse tipo de ritual post-mortem, tão rico nos seus sentidos culturais, místicos e sociológicos, é dirigido por Dona Sebastiana, moradora de São João do Rio do Peixe, no sertão Paraibano, ao documentarista Eduardo Coutinho (2005).

> Dona Mariquinha: Quando Bastiana casou-se [filha de criação e sobrinha], teve quatro filhos de sete meses. Os três nasceram e morreram logo: nascia e morria. Aí nasceu

56.De todas as Marias nascidas sobreviveram duas, a Maria, primeira menina a nascer, e a Maria Irmã. Maria Irmã foi a décima oitava filha. Colocar o "Irmã" no registro de nascimento foi a solução encontrada para diferenciar as duas Marias. Muitos dos filhos são chamados por apelidos (Maria Irmã é Ninha) pela família e também pela comunidade.

57. Em outras regiões do país, como em Minas Gerais, as cerimônias de enterros de crianças tinham características próximas àquelas que a mim foram relatadas por Darcy. O cortejo das crianças com flores em punho e o caixãozinho colorido são descritos no poema de Vinícius de Moraes, "Menino morto pelas ladeiras de Ouro Preto", de 1954 (MORAES, 1986):"Hoje a pátina do tempo cobre também o céu de outono/Para o teu enterro de anjinho, menino morto/Menino morto pelas ladeiras de Ouro Preto./Berçam-te o sono essas velhas pedras por onde se esforça/Teu caixãozinho trêmulo, aberto em branco e rosa./Nem rosas para o teu sono, menino morto/Menino morto pelas ladeiras de Ouro Preto/Nem rosas para colorir teu rosto de cera/Tuas mãozinhas em prece, teu cabelo louro cortado rente... Abre bem teus olhos opacos, menino morto/Menino morto pelas ladeiras de Ouro Preto./Acima de ti o céu é antigo, não te compreende./Mas logo terás, no Cemitério dasMercês-de-Cima./Caramujos e gongolos da terra para brincar como gostavas/Nos baldios do velho córrego, menino morto/Menino morto pelas ladeiras de Ouro Preto./Ah, pequenino cadáver a mirar o tempo/Que doçura a tua; como saíste do meu peito/Para esta negra tarde a chover cinzas.../Que miséria a tua, menino morto/Que pobrinhos os garotos que te acompanham/Empunhando flores do mato pelas ladeiras de Ouro Preto.../Que vazio restou o mundo com a tua ausência.../Que silentes as casas... que desesperado o crepúsculo/A desfolhar as primeiras pétalas de treva...".

> um, esse levaram e batizaram, aí eu fiz uma promessa que se os outro alcançasse um batismo, tudo ia chamar Francisco. E todos chamaram Francisco: teve 18 filhos.
>
> Eduardo Coutinho: A senhora chamava de apelido?
>
> Dona Mariquinha: Tudo de apelido.
>
> Eduardo Coutinho: Mas a senhora pediu só que desse pra batizar.
>
> Dona Mariquinha: Eu não pedia pra se criar não, pedi só o batismo. Pedia pra batizar. Porque o povo tem um dizer, não sei porque tá no céu, o povo é que diz, que os anjinho é no escuro: todo dia pede que o mundo se acabe. O povo tem um dizer, o povo é quem diz [ela diz um pouco sem graça, sabendo da estranheza de sua afirmação para alguém que vem de fora].
>
> Eduardo Coutinho: Os anjinhos?
>
> Dona Mariquinha: Os anjinhos pagão.
>
> Eduardo Coutinho: Eu queria perguntar uma coisa pra senhora, sobre o anjo Serafim.
>
> Dona Mariquinha: É esses menino que nasce e não come nada do mundo, esse é que é o anjo Serafim. Nasce, morre e não comeu nada. Não bebeu e nem comeu nada.
>
> Agora diz que o pagão é enterrado no cruzeiro, e se ouve o choro deles. É verdade. O povo diz que é. Diz que chora com sete dias, sete meses ou sete anos, diz que chora pra pessoa ir batizar. Isso é o que o povo diz. Eu nunca vi. Acho que é, que chora. Ali no Cruzeiro Maria Pontes tem muito menino enterrado. Quando o mundo se acabou na outra era, se acabou com água. Agora quando o mundo se acabar, vai se acabar com fogo. Essa...essa era agora que nós tamo. O mundo se acaba com a fumaça e não fica mais ninguém. Não tem em Creio em Deus Pai? Que Deus desce à terra pra julgar os vivos e os mortos. Os mortos é os que já morreram, e os vivos é nós que morremos aquele dia. É o julgamento final. É o julgamento. Tem no Creio em Deus Pai! Agora inclusive, diz que foi aqueles que morreram aquele dia e os morto foi aqueles que morreram, aí se salva tudo.
>
> Eduardo Coutinho: Todos se salvam?
>
> Dona Mariquinha: Se salva tudo, ninguém fica não.
>
> Eduardo Coutinho: Mas e os que estão no inferno? Até eles se salvam?
>
> Dona Mariquinha: O povo diz que salva tudo.

O significado da morte das crianças era impregnado de uma "cultura bíblica" (VELHO, 1995) cujos traços, impossíveis de serem reconstituídos em sua totalidade, derivam de diferentes registros e interpretações religiosas. Elementos de tradições messiânicas e milenaristas, trazidas pelos primeiros catequizadores católicos para o Brasil Colônia e sincretizados à cultura rústica das regiões mais interiores do Nordeste, onde viveram e pregaram alguns dos principais santos populares do país (Padre Ibiapina, Antônio Conselheiro e Padre Cícero, entre os mais conhecidos), aparecem nas falas habituais. Tais imagens não são recursos metafóricos, mas visões de mundo apreendidas durante toda a vida, não só durante os rituais religiosos, mas em todas as dimensões do cotidiano.

Encontrei uma grande proximidade entre a descrição de Schepper-Hughes (1992) dos ritos pós-morte das *crianças pequenas* na Zona da Mata pernambucana e as descrições das mesmas cerimônias – e os sentimentos a elas associados – nas narrativas de irmãs de Juscelina. A análise feita pela antropóloga americana de alguns dos significados particulares dessas cerimônias é reveladora quanto ao impacto psicológico das mortes das crianças para a família. Como afirma a antropóloga, o bebê seria considerado um anjo que, com sua morte, agrada a Deus – ao dar-lhe companhia – e salva a família de possíveis infortúnios. Por isso quando nasce *fraca* a criança deve morrer e ficar perto de Deus e dos familiares que já foram

para o *céu*, ou será castigada com uma vida marcada por doenças e desventuras. Compreendendo o sentido que as mães atribuem à morte de seus filhos pequenos, o que poderia ser considerado descuido (a recusa em medicá-los) ou indiferença toma a forma de um sentimento de resignação cuja complexidade só é esclarecida se considerarmos as condições materiais de existência às quais estavam submetidasas famílias e as práticas e crenças místicas e devocionistas constitutivas da comunidade. A experiência de ter uma vida em que a morte está sempre perto, à espreita, mostrando a face poderosa de um destino do qual não há meios de escapar, dada a impossibilidade simbólica de fugir dela (a fuga acarreta um castigo) e as dificuldades materiais de afastá-la, faz com que a sobrevivência adquira um significado específico e ambíguo: é ao mesmo tempo um ato de resistência e uma manifestação da permissão de Deus ("Deus permita que o menino cure").

Apesar do trabalho exaustivo com o roçado e com a casa, Satina demonstrava afeto e cuidado com os filhos, principalmente pelos bebês, expostos a muitos perigos. Ela costurava as bonequinhas de pano das meninas e se ocupava sem descanso da higiene da casa. Os filhos lembram-se da enorme angústia de Satina quando ela os ouvia chorar de fome nas épocas de seca prolongada, quando a única alternativa alimentar era o preparado de água, farinha e rapadura, o alimento básico das épocas de maior *precisão.*

Na época da grande seca de 1953, quando Luiz Gonzaga gravou *Vozes da seca*[58], Gabriel e a família ainda moravam em Pedro Velho,RN, onde viram muitos de seus filhos perderem a vida. Como contou Demétrio, nesse ano a vida da família ficou ainda mais difícil: *Houve uma época que teve um verão pesado. O comércio ficou ruim e uns amigos de papai diziam que no Pará era muito bom, tinha muita terra boa.* A *fome de 53* é ainda hoje lembrada pelos habitantes daquela região. Por causa dela, muitos moradores do Sertão e Agreste paraibanos decidiram partir. Um comerciante de Caiçara relatou:

> Em 1953 teve uma fome muito pesada. O inverno [época de chuva] demorou a chegar e em 53 não existia a aposentadoria do agricultor. O governo manda buscar feijão e o feijão demorou a chegar porque nessa época as estradas ainda eram de barro. Meu irmão mais velho foi para o Rio. Conseguiu trabalhar como bombeiro. Passou sete anos. Na primeira viagem que ele veio pra cá, ele disse: Vou não. Não gosto de trabalhar como pra ninguém. Vou ficar por aqui mesmo. Mas voltou. (...) Eu tinha uma irmã aí. Não sei se você já conheceu. Ela era quem recebia a carta. Nesse tempo o dinheiro vinha pelo correio. Então tinha um bodegueiro lá embaixo, na esquina, que guardava essas cartas do correio. A pessoa

58. A letra da canção é de Zé Dantas, importante representante da chamada música de protesto: "Seu dotô os nordestino/Têm muita gratidão /Pelo auxílio dos sulista/Nessa seca do sertão/Mas dotô uma esmola/A um home qui é são /Ou lhe mata de vergonha /Ou vicia o cidadão/É por isso que pidimo /Proteção a vosmicê/Home purnóisescuído/Para as rédia do poder/Pois dotô dos vinte estado/Temos oito sem chover/Veja bem, quase a metade/ Do Brasil tá sem comer (...)"

> ia pro Rio porque naquele tempo não era salário geral como é hoje, né. O cara ia pro Rio porque lá ele ganhava dois, três, quatro salários. Meu irmão, o primeiro dinheiro que ele ganhou, ele mandou pra papai. Isso em 53. Aí todo mês ele mandava dinheiro pra papai. Todo mês, todo mês mandava pra o meu pai. Aí minha irmã, era quem recebia a carta, aí ela recebeu essa carta que ele apareceu morto na linha do trem. A gente tinha medo porque esse negócio de apagar fogo, né. Aí ele morreu. A gente não sabe se ele caiu ou se empurraram, né. Isso, em 70.

A vida no Nordeste parecia insustentável para a família de Juscelina. Gabriel, não encontrando compradores para suas mercadorias e recusando de modo veemente a condição de *morador*, resolveu tentar a vida no Norte, já que parte do transporte, do Ceará para Belém, era financiada pelo governo. A exploração de novos caminhos se apresentava menos arriscada para o tropeiro acostumado aos perigos, aventuras e possibilidades das estradas.

Uma vez tomada a decisão de partir, a família cuidou de vender o pouco que tinha. Os burros de Gabriel eram emprestados. Quando foi devolvê-los, o proprietário disse que poderia voltar com eles porque, em função da seca, ele não poderia alimentar os animais. Gabriel prometeu a ele que venderia os burros e que, assim que possível, voltaria para pagá-lo[59]. Com o dinheiro da venda ele pagou o transporte da família até Fortaleza. Uma das crianças, Francisca, ficou com Mariinha[60]. Gabriel, Satina, à época grávida, e seis dos sete filhos viajaram durante vários dias, em trens, ônibus e *paus de arara*, até Fortaleza.

2.4– A viagem para o Norte e a vida no Pará

Quando eu vim do sertão,
seu moço, do meu Bodocó
A maleta era um saco
e o cadeado era um nó
Só trazia a coragem e a cara
Viajando num pau de arara
Eu penei, mas aqui cheguei.

Luiz Gonzaga e Guio de Moraes, fragmento de*Pau de Arara*.

Na década de 1950 o Norte foi o destino de muitos nordestinos (JUCÁ, 2003). O fluxo migratório para a região foi incentivado pelo governo Getúlio Vargas, que pretendia fornecer mão de obra barata para os latifundiários daquela região. O casal não pretendia trabalhar nos

59. Maria me relatou que seus pais, no tempo em que viviam no Pará, foram até Caiçara visitar a mãe de Satina. Nessa ocasião, Gabriel pagou Damião, o proprietário dos burros.
60. A adoção informal de Francisca não aconteceu sem conflitos. A criança tinha a saúde frágil e, por isso, o pai de Gabriel, exercendo sua autoridade, insistiu para que Francisca ficasse na Paraíba com a tia, apesar dos apelos de Satina para levar a menina na viagem para o Norte.

seringais, mas se dirigia para o Norte seguindo as esperanças advindas das notícias de riqueza do Pará e do Amazonas. O incentivo à migração para a região, entretanto, foi anterior à década de 50. Integrou um amplo projeto político anunciado pelo governo estado-novista, o qual pretendia, na toada do movimento de 1930, empreender o rompimento com o modelo agrário-exportador e implementar aquele baseado na substituição de importações (BRESSER PEREIRA, 1977). Para isso era necessário alargar o mercado interno e colonizar o sertão do país, ou seja, impulsionar o povoamento do interior por meio da inversão dos tradicionais fluxos migratórios do Sertão em direção ao Litoral.

Porém, como afirma María Verónica Secreto (2007), em sua pesquisa sobre os "soldados da borracha", o amplo programa de colonização que se pretendia desenvolver foi rapidamente deixado de lado em função da participação do Brasil nos acordos de Washington, assinados em 1943. Nos tratados o Brasil comprometia-se a fornecer a borracha e outras matérias-primas aos Aliados, o que causou uma inflexão no modelo econômico defendido por Vargas, baseado na recusa do modelo agrário-exportador e na fragilidade que se acreditava ser a ele inerente.

Apesar de suas justificativas iniciais de desbravamento da Amazônia se distanciarem das experiências anteriores, ocorridas no fim do século XIX e no início do XX, a marcha estado-novista para o Oeste e seu projeto de colonização do "Novo Brasil" fracassou diante da necessidade de reprodução do velho modelo de exploração extrativa tradicional associado ao nomadismo. Com financiamento dos Estados Unidos, toda a política de envio de nordestinos para Amazônia foi estruturada para recrutar trabalhadores solteiros que aceitariam partir com urgência, em condições altamente insalubres e sem garantias trabalhistas. A seca de 1942 serviu como justificativa moral para a condução das migrações desse modo.

A ambiguidade estava presente na propaganda varguista e nos rumores sobre o Norte.Havia anúncios que se inspiravam num conjunto de ideias, sistematizadas por Cassiano Ricardo e divulgadas por Getúlio Vargas, que associavam a "Bandeira Colonial"ao Estado Novo. Segundo elas, o litoral era o local de atração dos lusos, daqueles que mantinham laços estreitos com a Europa e não assumiam o papel de abraçar verdadeiramente o Brasil, enquanto o Oeste era conquistado por quem assumia de fato a identidade e a responsabilidade de dar as costas ao mar e civilizar o Ssertão. Tudo isso era construído no registro de uma democracia mestiça tornada democracia social (a nação homogênea e madura que superou os conflitos sociais).

A coordenação de Mobilização Econômica criou o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) e o Serviço Especial de Saúde Pública (SESP). As políticas de migração transformariam os "flagelados" em trabalhadores "sadios, fortes e produtivos", como propagandeava o governo (SECRETO, 2007). A campanha de recrutamento e envio dos trabalhadores da borracha não era anunciada como plano de migração nem vista pelos "soldados" e seus familiares como tal. De fato, a propaganda do governo era como um clamor de recrutamento para guerra, como pode ser visto no primeiro anúncio, abaixo, de convocação para alistamento no SEMTA. Porém, o nacionalismo do discurso de chamamento à guerra convivia com aquele que associava o interior que se pretendia povoar como terra de abundância, esperança e felicidade. É o que expressa o cartaz de 1943, criado pelo artista plástico suíço Jean-PierreChabloz, entusiasta da "Marcha para o Oeste" varguista e responsável pela divisão de propaganda do SEMTA. No cartaz são representados vários elementos cuja semântica se opõe àquela das áreas áridas e semiáridas do Nordeste, de onde procedia grande parte dos trabalhadores que eram público-alvo do recrutamento. A vegetação abundante, a casa espaçosa e contornada de cerca, denotando proteção e propriedade da terra, os animais, o verde intenso que transmite a impressão de fertilidade e que colore não só as variadas plantas rasteiras e árvores suntuosas, mas também o riacho diante do qual uma mulher estende as roupas enquanto o homem se dedica à extração da borracha na seringa próxima à moradia. Todos esses componentes pictóricos denotam a salvação que o Estado proporcionaria aos "flagelados", para usar a linguagem oficial do "discurso do socorro" (SECRETO, 2007) varguista, que ainda sofriam com os efeitos da grande seca de 1942. A vida nova que o cartaz anuncia é homóloga à ideia de "Brasil país do futuro", potente slogan do governo Vargas.

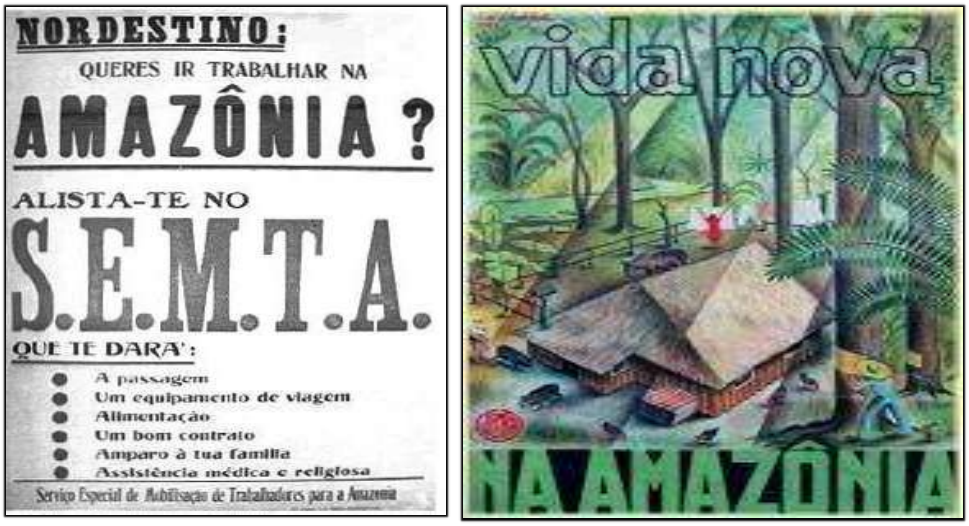
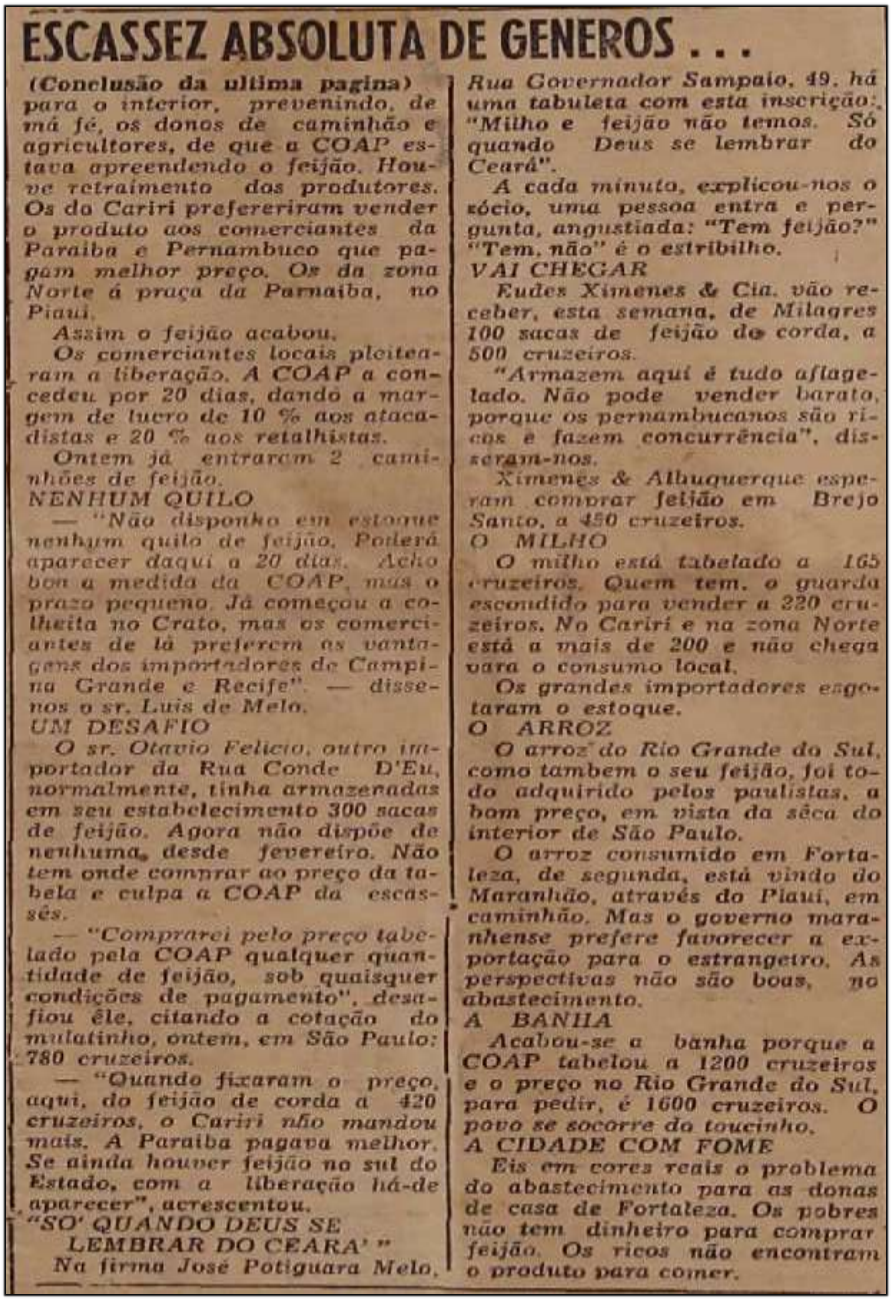


Figura 8 - Cartazes do SEMTA. O primeiro convoca para o alistamento de homens solteiros, tal como um chamado de guerra.O segundo, desenho publicitário de Jean-Pierre Chabloz, retrata uma terra idílica, de abundância e felicidade.
Fonte: Gonçalves e Costa, 2008, e Morais,2013.

A estrutura que esperava os migrantes no Ceará em nada se assemelhava à entrada no paraíso que os cartazes de Jean-Pierre Chabloz prometiam. Ao contrário, o que se via lá era uma estrutura de urgência, com todas as suas limitações materiais e de direitos, justificadas pela exceção jurídica institucional que caracteriza a situação de guerra. Tal estrutura não foi reformada quando, após a queda da produção de borracha, o projeto de colonização da Amazônia volta a ganhar espaço e a estrutura logística e institucional criada para transportar e receber os soldados da borracha é utilizada para receber famílias de migrantes que a partir da década de 50 dirigem-se ao Norte do país para trabalhar na agricultura. Foi esse aparato de guerra que recebeu a família de Gabriel e Satina quando chegaram a Fortaleza (sede do SEMTA), em março de 1953, e onde ficaram por cerca de 30 dias, alguns deles na famosa hospedaria Getúlio Vargas (mais conhecida como *hospedaria dos flagelados*), inaugurada em 1943 (logo após os acordos de Washington). A hospedaria era administrada pelo Departamento Nacional de Imigração do Ministério do Trabalho.

No período em que estavam lá o filho mais velho, Demétrio, vendia macaxeira para ajudar a sustentar a família. Os jornais fortalezenses publicavam notícias sobre as péssimas condições de recepção e sustento dos flagelados. Por falta de medicamentos muitas crianças haviam morrido. Muitos migrantes passavam o dia mendigando e dormiam sob os cajueiros do Alagadiço, bairro de Fortaleza. Havia notícias sobre as condições terríveis dos hospedados, os boatos de espancamento de migrantes que se recusavam a trabalhar de graça e a extorsão

daqueles que chegavam com algum dinheiro (Jucá, 2003). Sobretudo faltavamgêneros alimentícios básicos para a população. O jornal *Unitário*, de 1953, denuncia a "escassez absoluta de gêneros". Segundo a reportagem, mercearias da cidade penduravam tabuletas com indicações como: "Milho e feijão não tem. Só quando Deus se lembrar do Ceará".



ESCASSEZ ABSOLUTA DE GENEROS . . .

(Conclusão da ultima pagina)

para o interior, prevenindo, de má fé, os donos de caminhão e agricultores, de que a COAP estava apreendendo o feijão. Houve retraimento dos produtores. Os do Cariri prefereriram vender o produto aos comerciantes da Paraiba e Pernambuco que pagam melhor preço. Os da zona Norte á praça da Parnaiba, no Piauí.

Assim o feijão acabou.

Os comerciantes locais pleitearam a liberação. A COAP a concedeu por 20 dias, dando a margem de lucro de 10 % aos atacadistas e 20 % aos retalhistas.

Ontem já entraram 2 caminhões de feijão.

NENHUM QUILO

— "Não disponho em estoque nenhum quilo de feijão. Poderá aparecer daqui a 20 dias. Acho bon a medida da COAP, mas o prazo pequeno. Já começou a colheita no Crato, mas os comerciantes de lá preferem as vantagens dos importadores de Campina Grande e Recife". — disse-nos o sr. Luis de Melo.

UM DESAFIO

O sr. Otavio Felicio, outro importador da Rua Conde D'Eu, normalmente, tinha armazenadas em seu estabelecimento 300 sacas de feijão. Agora não dispõe de nenhuma, desde fevereiro. Não tem onde comprar ao preço da tabela e culpa a COAP da escassés.

— "Comprarei pelo preço tabelado pela COAP qualquer quantidade de feijão, sob quaisquer condições de pagamento", desafiou êle, citando a cotação do mulatinho, ontem, em São Paulo: 780 cruzeiros.

— "Quando fixaram o preço, aqui, do feijão de corda a 420 cruzeiros, o Cariri não mandou mais. A Paraiba pagava melhor. Se ainda houver feijão no sul do Estado, com a liberação há-de aparecer", acrescentou.

"SO' QUANDO DEUS SE LEMBRAR DO CEARA' "

Na firma José Potiguara Melo, Rua Governador Sampaio, 49, há uma tabuleta com esta inscrição: "Milho e feijão não temos. Só quando Deus se lembrar do Ceará".

A cada minuto, explicou-nos o sócio, uma pessoa entra e pergunta, angustiada: "Tem feijão?" "Tem, não" é o estribilho.

VAI CHEGAR

Eudes Ximenes & Cia. vão receber, esta semana, de Milagres 100 sacas de feijão de corda, a 500 cruzeiros.

"Armazem aqui é tudo aflagelado. Não pode vender barato, porque os pernambucanos são ricos e fazem concurrência", disseram-nos.

Ximenes & Albuquerque esperam comprar feijão em Brejo Santo, a 450 cruzeiros.

O MILHO

O milho está tabelado a 165 cruzeiros. Quem tem, o guarda escondido para vender a 220 cruzeiros. No Cariri e na zona Norte está a mais de 200 e não chega vara o consumo local.

Os grandes importadores esgotaram o estoque.

O ARROZ

O arroz do Rio Grande do Sul, como tambem o seu feijão, foi todo adquirido pelos paulistas, a bom preço, em vista da sêca do interior de São Paulo.

O arroz consumido em Fortaleza, de segunda, está vindo do Maranhão, através do Piauí, em caminhão. Mas o governo maranhense prefere favorecer a exportação para o estrangeiro. As perspectivas não são boas, no abastecimento.

A BANHA

Acabou-se a banha porque a COAP tabelou a 1200 cruzeiros e o preço no Rio Grande do Sul, para pedir, é 1600 cruzeiros. O povo se socorre do toucinho.

A CIDADE COM FOME

Eis em cores reais o problema do abastecimento para as donas de casa de Fortaleza. Os pobres não tem dinheiro para comprar feijão. Os ricos não encontram o produto para comer.

Figura 9 - Jornal fortalezense, de 7 de abril de 1953, época em que o casal e filhos estavam em Fortaleza esperando o embarque para Belém, denuncia a carência de alimentos.
Fonte: Unitário. Disponível em:<http//portal.ceara.pro.br>. Acesso em: 1 de novembro de 2014.

Ramos, Maria, Darcy e Demétrio lembram-se, emocionados, do show de Luiz Gonzaga na hospedaria. Segundo os irmãos mais velhos de Juscelina, o cantor chorou de tristeza ao ver as condições de vida dos trabalhadores que o assistiam e denunciou os *tubarões* que haviamroubado o dinheiro que ele mandou para ajudar os *aflagelados*da hospedaria.

Vários pequenos focos de revolta ocorreram nessa época. Um deles, segundo Ramos, teve seu pai como protagonista.

> Toda vez que dava 20h vinha chuva. A nossa barraca ficava embaixo de um cajueiro no Alagadiço, aí todo dia vinha inverno, né. Aí o pai disse que ia invadir a igreja, né. Aítrês pais de família disse: Seu Gabriel, corta o baralho pra mim? Quer dizer, pra entrar no meio, né? Aí foi os três pais de família na frente e as mulheres atrás com a meninada. Veio aquela fila. Aí o vigia veio, começou a se zangar e meu pai disse: "Olha, pelo amor de Deus, você fique quieto aí, senão você vai pro Americano". O Americano era um vagão que tinha. Aí ele disse que ia ligar prasForças [armadas]. Quando as Forças chegaram, aí eles deram comida, remédio, aí chegou com tudo. Aí fomos apoiados pelas forças.

Seu Gabriel blefou dizendo que ia invadir a Igreja e assim conseguiu a atenção do Exército. Alguns de seus filhos e muitas outras crianças estavam subnutridas e havia dias sofriam com altas febres, que nãopodiam cessar nas barracas úmidas em que foram alojados. Diante da situação, houve uma manifestação de muitos migrantes da hospedaria e de parte da população de Fortaleza no Mercado São Sebastião. Eles pediam por comida, mas a multidão assustou a autoridades. Com a intervenção do Exército a revolta foi reprimida, mas forçou o transporte de emergência dos migrantes. Ramos, um dos irmãos de Juscelina, com 5 anos quando viajou com a família para o Norte, narra suas lembranças sobre a ação do Exército e a viagem de Fortaleza até Belém:

> Quando o Exército tomou de conta aí melhorou tudo. Houve a invasão do mercado dos aflagelado, né... Num tinha médico, tudo cabeludo, aí o Exército chegou com aquelas máquinas, né, aquelas riiiiiiiiiii... Aí era dois minutos pra fazer o cabelo. Só não dava acabamento, mas era ligeira a máquina. Aí dizia: "Abre a boca!" Abria a boca: Dentes ruins. "Entra aí!" Entrava o dentista, extraía os dentes. Aí arrumaram de comer e barraca de lona. O navio do Exército encostou e resolveu tudo. A gente viajou nesse navio. O nome dele era Poconé. Já ouviu falar no nome desse navio?

UNITARIO

EDIÇÃO DE HOJE: 8 PAGS.

PREÇO — Cr$1,00

ORGÃO DOS "DIARIOS ASSOCIADOS"

VERDADEIRO ACAMPAMENTO NAS IMEDIAÇÕES DA HOSPEDARIA

27 BARRACAS MILITARES E 13 TOLDOS DE CAMPANHA ESTÃO SENDO ARMADOS ALI

COZINHAS E REFEIÇÕES

PLEITEIAM AUMENTO GERAL DE VENCIMENTOS TODOS OS FUNCIONÁRIOS DA "CEARA' LIGHT"

FALECEU NO RIO O DR. JAIME CARNEIRO LEÃO DE VASCONCELOS

TECNICO FRANCES EM SECAS ESTA' EM FORTALEZA

MAJORAÇÃO DE SETENTA, SESSENTA, CINQUENTA E QUARENTA POR CENTO

Tem nova diretoria o Sindicato dos Bancários do Ceará

BAIXA DE 350 CRUZEIROS NO PREÇO DO FEIJÃO

EM MENOS DE OITO DIAS O PRODUTO SOFREU UMA QUEDA DE MAIS DE 50%

AGUARDEM "ENCICLOPEDIA CURIOSA"

"BOI" FOI PRESO EM SOBRAL

ATUAÇÃO DO DEPUTADO ADOLFO GENTIL EM DEFESA DA ECONOMIA CEARENSE

Desordem na Assembléia: grupo armado invadiu uma fazenda em Independência

POMPEU GURGEL CIRURGIÃO DENTISTA

Debates na Câmara em torno de prisão de um funcionário da Prefeitura Municipal

SESSÃO HOJE NA A. C. L.

MARIO GENARI, O APLAUDIDO ARTISTA, AMANHÃ NA P.R.E.-9

Figura 10 - Jornal Unitário noticia a intervenção militar na hospedaria Getúlio Vargas. Provavelmente a mesma citada por Ramos, considerando que a família estava na hospedaria em abril de 1953.(Fonte: Unitário, de 07 de abril de 1953. Disponível em: <http://portal.ceara.pro.br>. Acesso em: 1 de novembro de 2014.)

No porão do Poconé[61] a família viajou por oito dias. Ramos detalha:

> Passamos pela Ilha das Pororocas. Foi onde deu mais zebra. É quando tem o encontro do Rio Negro com as águas do mar. Foi lá que eu me lembro que a água batia muito no navio. Eu achava bonito era quando amanhecia o dia, o sol saindo, a água batendo nele [no Poconé]. Eu lembro que ele parou um dia e meio em São Luís [do Maranhão].

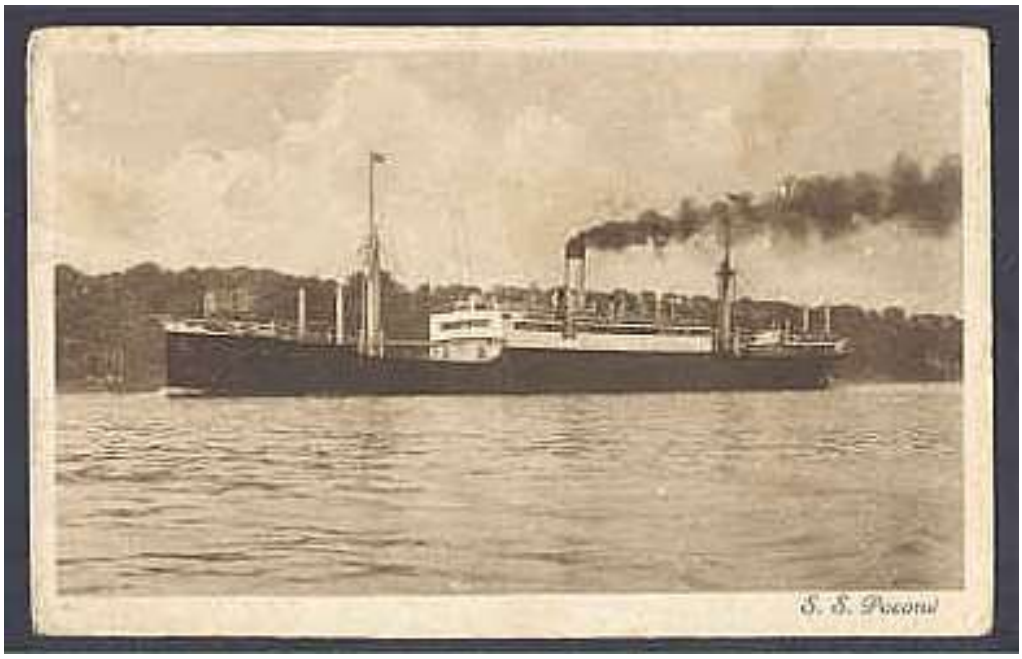


Figura 11 - Cartão postal com imagem do Navio Poconé.
Fonte:Disponível em: <http://www.riopostal.com/detalhes_produto.asp?id=1689.>Acesso em: junho de 2012.

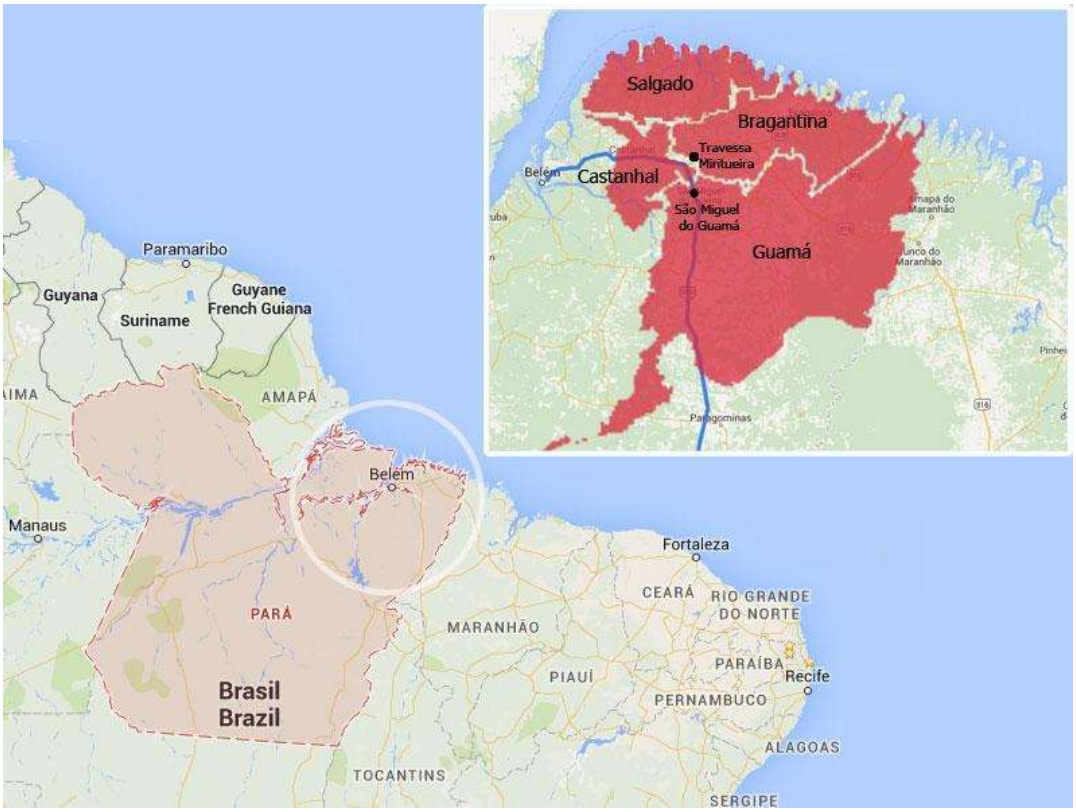
Chegaram a Belém e foram novamente para uma hospedaria do Governo Federal, a Tupanã, onde Gabriel recebeu propostas de emprego de fazendeiros que buscavam mão de obra. Ele parecia ser o tipo ideal de homem que colonizaria as regiões de fronteira, caso o projeto estatal de migração para colonização de fato se concretizasse como planejado. Homem pobre, porém alfabetizado, com experiência de desbravamento de estradas adquirida em longos anos de trabalho na tropa, migrou com a família com intenções de fixar-se na região. Gabriel e sua família se estabeleceram num lugar propício para o trabalho na agricultura e

61. A narrativa de Ramos sobre a viagem para o Norte é rica em detalhes: sensações, nomes, datas, preços, etc. Em pesquisa em vários sites dedicados à história naval brasileira encontrei uma fotografia do lendário Poconé. O navio foi confiscado pela expedição do general Mena Barreto, em represália ao afundamento de navios mercantes brasileiros por submarinos alemães. O Poconé foi utilizado, entre outras coisas, para o transporte dos migrantes na década de 1950. Foi vendido como sucata em 1960.

para o comércio dos alimentos cultivados, entre Bragantina e Guamá. Ramos narra a chegada a Belém e o caminho até a estabilização financeira e geográfica da família:

> Aí todo dia chegava muita gente atrás de papai [na Hospedaria Tupanã] pra trabalhar na vacaria, mas ele não queria. Já que tava lá, queria um negócio melhor, né. Aí chegou um senhor com nome de Zé Guedes e ajeitou com ele pra ir pra fazenda dele. Aí ele foi, ajeitou e marcou o dia na quarta-feira que ele vinha, que ele era proprietário do caminhão naquela época e vinha apanhar a gente. Foi chegar era 6 horas da noite, aí nós viemos e fomos chegar era 12 horas na fazenda. Aí ele ficou lá um ano, mas com um ano ele não queria mais ser *sujeito*, sabe? Ele queria crescer. Aí falou com o homem que queria botar três hectares de terra, mas só se fosse de mata virgem... aí ele exigiu isso porque ele sabia que o homem não tinha essa terra lá, sabe? Num tinha como arrumar, né. Era pra ele poder sair fora, né. Aí disse: "Dom João que tem esses terreno todo, mas ele é muito bravo". Só que ele falava alto por ele mesmo, sabe? Não tinha nada disso não, não era bravo não. Aí ele foi lá com Dom João e levou um outro ano, mas lá ele já montou comércio, começou a subir, né. Aí no fim do ano ele colheu 360 sacos de arroz... eu lembro ainda. Colheu muito arroz e depois comprou a terrinha dele.

Como afirmam Cardoso e Muller (1977), podem-se distinguir duas fases na economia amazonense no período: uma que vai de1940 até 1945, caracterizada por um novo surto da borracha, a outra de 1945/1950 em diante, caracterizada pelo desenvolvimento de alguns produtos voltados para o mercado interno. Eentre esses produtos estavam a castanha, que, como afirma Velho (1979), sobreviveu à crise porque pôde superar o êxodo da mão de obra por meio do aproveitamento da estrutura da borracha, também a juta, a pimenta (predominantemente cultivada, à época, por colonos japoneses) e o arroz. Este último era semeado em janeiro e colhido em junho ou julho, e por isso seu cultivo combinava-se com o de outros grãos ou frutas nas pequenas propriedades da região de Bragantina e do Guamá.



Mapa 1 - região de Bragantina e Salgado e também a microrregião de Guamá, localizada no nordeste do Pará
Fonte: Bing Mapas, 2015.

Afirmam Valverde e Dias (1967) que a colonização ocorrida na região metropolitana de Belém não foi fruto de um projeto político organizado, mas de aglomerações espontâneas de pequenos trabalhadores ao longo de estradas, ferrovias ou rios. Assim foi povoada a região de Bragantina e Salgado e também a microrregião de Guamá, localizada no nordeste do Pará e ao sul de Bragantina[62]. Em algumas partes dessas duas regiões havia a distribuição de lotes nos períodos eleitorais, assim como a venda de terras a preços baixos no período pós-Segunda Guerra, época de expansão urbana de Belém (VALVERDE E DIAS, 1967).

Mesmo que na década de 1950 os esforços práticos de desenvolvimento (entendido como a criação das condições necessárias à atuação do capital privado) da região não

62. Como veremos adiante, foi nessa região que se iniciou a construção da rodovia Belém–Brasília, projeto do governo Juscelino Kubitschek, que demonstrava atenção à Amazônia, notadamente às questões ligadas ao transporte e à comunicação, desde a sua legislatura como deputado federal (GUERRA, 2000).

tivessem sido tão pujantes ou agressivos como o foram mais tarde, no período militar, a intenção de colonização dirigida que marcara o início da Era Vargas foi retomada com a Lei 1.806 de 1953, que previa, entre outras coisas, a "elaboração e execução de um plano de transportes e comunicação para Amazônia" e os "agrupamentos dos elementos humanos da região ou de outros estados em áreas escolhidas, onde possam constituir núcleos permanentes" (CARDOSO e MULLER, 1977). O Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC), criado em 1954 em substituição à Divisão de Terras e Colonização, ao criar um programa de colonização em âmbito nacional em atendimento à Lei 1.806/53 implantou em São Miguel do Guamá, em 1954, um núcleo colonial (CARDOSO e MULLER, 1977).

O fato de a região onde a família de Juscelina se estabeleceu ser um espaço estratégico de investimento na fixação de migrantes provavelmente facilitou a aquisição da terra e o gozo de uma infraestrutura mínima a partir da qual a família pudesse desenvolver atividades agropecuárias. A região de Bragantina, segundo o Censo de 1960, possuía expressiva densidade demográfica não só com relação ao estado do Pará, mas a toda região amazônica. Isso certamente beneficiou o comércio praticado por Gabriel e explica em parte a prosperidade conquistada pela família nessa época. O casal não fazia parte do que KalervoOberg (VELHO, 1979) denominou de campesinato marginal, ou seja, caboclos e caipiras que plantavam para a subsistência e formavam um contingente de reserva para a *plantation*.

Apesar de ter trabalhado para um proprietário de terra em seus primeiros anos no Pará, os anos seguintes foram de pequena produção independente possibilitada pelo mercado relativamente próspero da área onde a família instalou- se, densamente povoada e com boa terra para agricultura. Ao contrário de outras regiões do Pará, de sedimentação recente, onde predominam terrenos baixos e alagadiços, a região Bragantina era aquela com predomínio de terra firme e que margeava a antiga rodovia e a ferrovia.

A região onde Gabriel comprou sua terra chamava-se Miritueira, nos limites dos municípios de São José do Guamá e daquele que em 1961 se tornaria o município de Santa Maria do Pará. Aquela que era, à época, chamada de Fazenda Miritueira, localizava-se a poucos metros de distância de onde, entre 1959 e 61, seria iniciada a construção de trecho da rodovia Belém–Brasília (linha azul no mapa(colocar o número). O terreno tinha *1 quilômetro de fundo com 100 metros de frente,* ou seja, 10 hectares, porção de terra queum agricultor do Agreste paraibano dificilmente seria capaz de adquirir, como constatou recenseamento feito

por Afrânio Garcia na feiraa de Remígio, PB em 1982 (GARCIA, 1989). Segundo o antropólogo, nenhum dos agricultores que negociavam na feira tinha mais de 10 ha. O principal alimento cultivado pela família para a venda a mercearias da região era o arroz, semeado em janeiro e colhido em junho ou julho. Maria conta que um estrangeiro ia com frequência ao sítio comprar o cereal: *Ele era do comércio. Comprava para revender. A gente chamava ele de polonês, mas ele era japonês*. Na região do Guamá havia uma representativa população imigrante de origem japonesa. Alguns dedicavam-se ao comércio, mas eram, em sua maioria, produtores de malva e pimenta do reino financiados por bancos oficiais(CARDOSO e MULLER, 1977).

A viagem para o Norte, com todas as suas descobertas, além do contato com pessoas vindas de outras áreas do país e do exterior, trouxem muitas novidades para a vida da família, e gerou nas crianças a alegria da satisfação da curiosidade, sempre incentivada por Gabriel.

> Priscila: Maria, como vocês conheciam os nomes das outras cidades, das cidades grandes?
>
> Maria: Eu vim conhecer assim por nome foi quando eu já tinha meus 14 que eu fui conhecer. Aí, no caso, Rio Grande do Norte, Fortaleza, Maranhão, Belém do Pará, Minas Gerais, São Paulo. Eu fui conhecer os nomes, vivendo, caminhando.

As habilidades sociais de Gabriel colaboraram para a boa adaptação e para a sobrevivência por meio da venda do que era cultivado no terreno adquirido e também do trabalho como *marchante* (abatedor e negociante de carne), que executou durante alguns anos. Homem alegre, gentil e carismático, habilidoso nas relações sociais, além de alfabetizado, conseguiu exercer funções que lhe asseguravam algumas prerrogativas. Demétrio afirma que seu pai *tinha umas amizades com o prefeito lá de São Miguel do Guamá*. Na região onde comprou sua terra obteve uma espécie de concessão oficial para ser algo com um chefe de diligências local, um *oficial de justiça*.

O prestígio e os privilégios dessa colocação garantiram à família uma vida mais confortável e segura. Gabriel, lembra uma de suas filhas mais velhas, *comprou um cavalo preto bonito, uma boa sela, comprou uns gados. A gente andava muito bem calçado.* Era com esse cavalo que ele cumpria as diligências oficiais, imponente e sempre bem vestido com as roupas engomadas por Satina no ferro à brasa. A amizade com o prefeito e o espírito empreendedor de Gabriel, além da grande importância que ele atribuía ao estudo de seus filhos, levaram a que ele, com o apoio da prefeitura, criasse uma escola, que atendia também às outras crianças da região do sítio. A professora do *grupo* morava com a família.

> Priscila: E depois que ele se ajeitou lá no Pará, é verdade que ele fez uma escola para vocês estudarem?
>
> Ramos: Ele fez um grupozinho e botou a professora por conta dele. Estudava os filhos e os vizinhos, quem quiser estudar lá. Meu pai foi um herói. O único homem que eu vi construir um grupo. Tinha uma professora por conta disso. Foi... Ele montou um grupo! Eu me lembro até o nome da professora: era Oswalda. Tinha um campo de futebol também, que ficava em frente da casa lá. A escola dele era muito boa. Lá tinha espaço, tinha mesa, tinha quadro negro. (Entrevista com Ramos, fevereiro de 2012)

Em seu sítio, Gabriel também promovia atividades culturais, voltadas principalmente para as crianças do lugarejo. Como diz Maria, *papai juntava um bocado de gente lá no Pará*:

> Demétrio: Lá no Pará papai inventou o Zé Redondo. Botava um pano e aí ele ficava que nem um boneco falando, botava os dedos assim e ficava falando. Tinha o Zé Redondo e tinha também o Baltazar.
>
> Juscelina: Ele que criou os bonecos?
>
> Darcy: Foi, mas foi lá no tempo do Pará.
>
> Juscelina: Mas ele fez isso pra quê? Pra ganhar dinheiro?
>
> Maria: Não. Ele fazia pra divertir a vizinhança. Ele fez pra fazer graça e dizer como é que acontecia aqueles bonecos falando. Ele inventou os bonecos.
>
> Ramos: Ele dizia: "Eu me chamo Zé Redondo, barriga de dois vintém. Eu mando buscar e não vem".

2.5 .–O nascimento de Juscelina

Juscelina nasceu em casa, na Fazenda Miritueira, em 1957, pelas mãos de Maria Agrião, a parteira mais famosa da região de São Miguel do Guamá. Ela foi a décima nona da fratria. Seu nome é homenagem a Juscelino Kubitschek e seu registro de nascimento foi em Urucueuteua, distrito do município. Os pais,Satinae Gabriel tinham muita admiração pelo presidente. Gabriel, sobretudo, sempre muito inteirado da política local e nacional, identificava-se com o presidente bossa-nova.

Os motivos para tal identificação eram abundantes, desde que compreendamos não só a propaganda de JK, cuja eficácia e estratégia inauguraram um período inovador de tecnologia de marketing político, mas também imaginemos o tipo de "fabricação" (DE CERTEAU, 1998) da imagem de Juscelino que Gabriel – com os meios tecnológicos de que dispunha, com as circunstâncias nas quais vivia e com os elementos psicossociais (FERNANDES, 2007) ou disposições (LAHIRE, 2010) de que se constituía a sua subjetividade- , poderia realizar.

A relação de Gabriel com a política local e nacional é antiga. Ele sempre se interessou por ambas, e durante toda a sua vida elas tiveram impacto determinante em sua trajetória e na de sua família. É claro que as decisões estatais impactam a vida de qualquer cidadão, mas certas políticas de governo podem ser mais definitivas para uns do que para outros. Ademais, cada indivíduo e cada família tem uma forma particular de lidar com o Estado. Trata-se de

diferentes "maneiras de fazer" (DE CERTEAU, 1979), ou seja, de diferentes formas de utilizar a ordem estabelecida. Ordem essa que pode ser tanto a lei que obriga o cidadão a fazer algo quanto um programa de governo que oferece a ele um espaço de jogo, um tabuleiro onde, apesar de todas as restrições impostas, encontra um lugar para, nas brechas das normas universalizantes e dos planos de ação formatados à sua revelia, criar as suas táticas.

Gabriel, um homem inteligente e experiente, sabia que não só os políticos jogam entre si, também um cidadão precisa saber jogar com o *poder*[63]. E ele soube fazer isso muito bem, pois conhecia profundamente a cultura política na qual se inseriae possuíagrande habilidade para capitalizar as relações sociais conquistadas com suas capacidades técnicas (habilidades adquiridas nos trabalhos executados, além das linguísticas e de escrita) e com seu carisma, galhardia e senso de distinção social. O conhecimento sobre planos e medidas políticas era obtido nas leituras de jornais que encontrava vez por outra em suas viagens, nas conversas e nas notícias ouvidas no radinho de pilhas que o acompanhou durante grande parte da vida.

Gabriel adorava A voz do Brasil, o *Repórter Esso* e os programas de notícias da Rádio Tabajara. Como afirma Lúcia Lippi Oliveira (2007), o rádio era um dos bastiões da modernidade da Era Vargas. A democratização de seu acesso integrava a política de aprimoramento da comunicação no Brasil e ao mesmo tempo era uma estratégia propagandística muito poderosa. A construção de uma "cultura nacional", como Vargas projetou, teve o rádio como o maior suporte tecnológico. Como grande parte da população era analfabeta e vivia no interior do País, o rádio permitia alguma interação entre governo (que tinha programas de auto divulgação específicos e regulava as outras emissões), a população e os artistas nacionais e locais. Gabriel, que *adorava tudo que era moderno*, não poderia deixar de adorar o rádio.

Quando ele decidiu partir da Paraíba rumo ao Norte com sua família não era somente o desespero que o motivava. Havia também esperança, e certamente esse sentimento era construído com a expectativa de progresso e modernidade que, em meio a todo desrespeito, humilhação e privação que encontrou na Hospedaria Getúlio Vargas, ainda podia divisar. Apesar de tudo eles conseguiriam chegar ao Pará e então poderiam recomeçar a vida em um lugar com água e terra para plantar. Gabriel via que o Brasil estava mudando, que as estradas começavam a ser construídas e o país ficava paulatinamente mais integrado. Além disso,

63. Em Caiçara o *poder é* o conjunto de possibilidades, atribuições, capacidades e prerrogativas sobre as quais têm domínio o conjunto de indivíduos e grupos que ocupam os aparelhos estatais nos três níveis fundamentais da Federação (União, Estados e Municípios). Uma análise da política caiçarense será feita no **capítulo 6.**

projetos inéditos de apoio ao Nordeste eram implementados (obras de combate à seca, Banco do Nordeste, etc.). Mesmo sem ter conseguido executar reformas trabalhistas no meio rural, que só começariam a ganhar corpo com a luta pela transformação da participação política dos trabalhadores do campo, protagonizada pelas Ligas Camponesas, o trabalhismo da Era Vargas indicava uma mobilidade daquelas forças políticas que Gabriel conhecera em sua juventude, assim como dos valores que as sustentavam.

Gabriel e sua família eram parte daquela população que o governo varguista desejava instrumentalizar. Eles integraram a massa humana que passou por situações de brutal abandono durante a Marcha para o Oeste, apesar de tudo de fato algumas possibilidades estavam abertas no Norte do país. O que o estudo biográfico dessa trajetória familiar demonstra é que a astúcia de Gabriel, a resistência de Satina e a força moral de ambos atuaram nos momentos que pareceram a eles oportunidades de melhora da situação familiar. Não conseguiram livrar-se de muitos apuros, penúrias e sofrimentos, mas puderam inventar cotidianamente maneiras de amenizá-los por meio de uma "ética da tenacidade" praticada na forma de uma "estética dos lances" (DE CERTEAU, 1979). Com jogadas táticas, criadas em cada momento tido como oportuno, a família foi salvando a si mesma. O fato de ter tido algum espaço de ação fazia com que Gabriel fosse grato ao governo getulista e idolatrasse Juscelino Kubitschek, que chegou à Presidência na época em que a família atingiu a estabilidade no Pará– quando, após quase dois anos vivendo como empregados (*sujeitos*, como Ramos diz), conseguem comprar a terra em que viveram de 1955 a 1960.

O discurso do desenvolvimento, do modernismo e do progresso que capitaneou o imaginário construído sobre o presidente dos "50 anos em 5" (seu plano de governo previa fazer 50 anos de progresso em 5 anos de realizações)só pôde alcançar tamanha legitimidade porque prosseguiu, em grande medida, com os projetos do desenvolvimentismo varguista. Getúlio promovera a criação de uma série de agências para estudar, formular e executar políticas de desenvolvimento, sempre dentro de uma ótica que valorizava a ação do Estado, a iniciativa local e o nacionalismo. Um dessesempreendimentos era o Plano de Valorização Econômica da Amazônia, que nos interessa mais diretamente, de cuja comissão Juscelino havia participado em sua segunda legislatura como deputado federal (SIMÕES, 2000). No governo de Minas Gerais e no LegislativoJuscelino dedicou-seainda a grandiosos projetos de comunicação, eletrificação e transporte, de modo que sua imagem sempre esteve associada ao desenvolvimentismo. O dirigismo estatal que valorizava a participação local e que tinha como

base ideológica o nacionalismo construído pelas elites intelectuais, teve início com Vargas e continuou criativamente com JK.

O aparato de propaganda mobilizado na Era Vargas serviu de aprendizado para Juscelino Kubitschek, que não a utilizava esporadicamente, mas como integrante perene de sua "*práxis*" política. É o que defende Josanne Simões, completando que a propaganda direta, formada pelo investimento em contatos físicos com eleitores e apoiadores e focada em características pessoais e na trajetória do político, gerava afetividade, empatia e veneração, e reforçava o que era divulgado, em rádios, jornais e no boca a boca, sobre as virtudes de Juscelino. Sonhador, idealizador, pé de valsa, simpático, elegante, confiante, dinâmico, ousado, sorridente e habilidoso nas relações sociais e políticas ("se dava com todos"), a identidade mítica de JK era muito próxima da autoimagem de Gabriel. E também de como ele me foi descrito. Ramos, na primeira conversa que tivemos, comparou seu pai a Juscelino:

> Ramos: Meu pai foi um herói, que nem Juscelino, que também foi um herói. É verdade o que falam sobre ele?
> Priscila: De quê?
> Ramos: Que ele deixou o país endividado?
> Priscila: É... Parece que deixou mesmo...
> Ramos: Mas é claro, um homem que construiu Brasília, construiu a estrada, a Belém–Brasília!

A trajetória pessoal também foi aproveitada politicamente. O menino que vivia isolado na Diamantina,MG, da década de 1920 era aficionado por estradas e energia elétrica, por isso desbravaria os fundões do Brasil abrindo caminhos e levando o desenvolvimento. Homem de "*virtú",* munido da "capacidade humana de agir e criar sobre ocasiões e circunstâncias" (SIMÕES, 2000, p.33), Juscelino, filho de uma professora primária e de um caixeiro-viajante, teve uma infância pobre. Seu pai morreu poucos anos após o nascimento dos filhos e Dona Júlia, sua mãe, teve que arcar sozinha com a manutenção da casa e da família. Porém, o ofício de professora trazia o "status intelectual que abria as portas da convivência social" (SIMÕES, 2000, p.22), de modo que, não obstante a pobreza, a família contava com reconhecimento social. Por isso, afirma o próprio Juscelino (Apud SIMÕES 2000,p. 22): "Nossa pobreza não era, pois, propriamente da origem, mas das circunstâncias". Então, por mais que a vida da família fosse cercada de privações, Júlia e seus filhos pertenciam, ou julgavam pertencer, a camada sociocultural diversa. Como conclui perspicazmente Josanne Simões (2000, p.22): "se a pobreza era de 'circunstância' e não de 'origem', coloca-se o traço distintivo e impulsionador que os diferenciava dos pobres de origem: o sentido da inadequabilidade diante

dos fatores externos impostos à vida". Nada mais próximo do modo como Gabriel compreendia a própria situação social.

Se, como afirma Hazareesingh (2010), a compreensão do mito (homem tornado mito) demanda a reconstituição da dupla afetividade que o constitui, no nosso caso de JK com os brasileiros e dos brasileiros com ele, então certamente a apreensão da apropriação individual de um personagem simbólico do imaginário coletivo depende da análise dos fatores que levam à identificação do homem comum com o mito.

A construção midiática da imagem, por mais difusa que seja, tem alguns padrões recuperáveis analiticamente. No caso de Juscelino muitas das representações produzidas sobre ele (numa clara e proposital confusão entre o político e o garoto irrequieto, ágil, culto, ousado, brilhante e elegante que saiu do interior de Minas Gerais para conquistar a presidência do país) participaram da construção particular que Gabriel fez sobre o presidente da modernidade, mas a personalidade do pai de Juscelina (disposições, aptidões, visões sobre si, etc.) e as circunstâncias nas quais Gabriel apropriou-se do mito intervêm definitivamente na visão que sobre JK será construída. Ele não só sentia gratidão e admiração por JK, Gabriel achava que eles se assemelhavam, como é possível concluir de alguns dos relatos de seus filhos. Desse modo, o nome de sua filha não era somente uma homenagem ao homem visionário que estava construindo a Belém-Brasília, estrada que passaria às margens da Fazenda Miritueira (tropeiro que era, Gabriel sabia que o desenvolvimento não poderia vir sem estradas), tratava-se ainda de uma homenagem a si mesmo, assim como uma forma de perpetuar, pela nomeação identificadora, essa conexão entre o mito JK e a sua autoimagem.

Acredito que o fato de Juscelina ter nascido numa época de prosperidade familiar e de empolgação nacional fez com que a relação entre pai e filha fosse pautada, entre outras coisas, por esse elemento da esperança de ascensão. Não se pode dizer que Juscelina incorporou o projeto paterno de elevação social, tal como seria correto afirmar, por exemplo, sobre o caso de Wolfgang Amadeus Mozart, descrito e analisado na bela pesquisa de Norbert Elias. O pai do gênio austríaco era músico e empenhou-se sistemática e planejadamente na educação musical do filho, de modo a desenvolver ao máximo seu talento natural. Sua habilidade nas práticas pedagógicas iluministas, consistentes, como afirma Elias (1991, p. 76), em "subjugar o ensino ao desejo pessoal do professor", certamente reforçaram progressivamente o vínculo de dependência do menino com seu pai, assim como a extrema insegurança emocional que caracterizou, desde a infância, a personalidade de Mozart. A constante vigilância exercida por Leopold Mozart, que encarregava sua esposa de fazê-la em seu lugar quando não podia

acompanhar o filho nas turnês europeias, assim como o exercício da dupla autoridade, de pai e mentor, ambos muito rígidos e ambiciosos, são outros fatores que reforçariam a adesão do filho ao projeto paterno.

Entretanto, mesmo não havendo, no caso de Gabriel, um empenho sistemático em transformar a vida de sua filha na vida que ele próprio gostaria de ter, ela foi desenvolvendo, como pretendemos demonstrar, anseios, hábitos e habilidades que iam ao encontro do que seu pai considerava características de alguém *estribado* (bem-sucedido). Ou seja, alguém que poderia superá-lo do ponto de vista econômico e cultural/escolar e o superando traria sentido e realização à sua vida. Tal tipo de conexão entre pai e filha (o) não tem nada de incomum, mas a compreensão de como ela se dá em cada caso demanda o conhecimento de sua incontornável singularidade.

O que pretendo fazer é, por meio de uma reconstituição social dos afetos na forma de uma biografia, tentar apontar alguns dos muitos momentos, sentimentos e atitudes que teceram a relação de Juscelina com seu pai, indicando a sua especificidade. Contudo, apesar da complexidade e riqueza deste vínculo merecer um trabalho a ele inteiramente dedicado, meu objetivo é articular componentes que dele pude compreender com diversas outras relações decisivas que Juscelina estabeleceu ao longo da vida (com sua mãe, irmãos, amigos, colegas, etc.), assim como com os macros e micro processos que moldaram sua trajetória, constituindo disposições, gostos, visões de mundo, ambições, etc.

Após essa digressão analítica que elucida um pouco do contexto do nascimento de Juscelina na biografia familiar, voltoà famíliae à decisão que levou ao retorno a Caiçara.

2.6.–A decisão de voltar à Paraíba

Vendi meus troços que eu tinha
O resto eu dei pra guardar
Talvez eu volte pro ano
Talvez eu fique por lá
Ai, ai, ai, ai
Adeus Belém do Pará
Ai, ai, ai, ai, Adeus Belém do Pará

Dorival Caymmi, fragmento de *Peguei um ita no norte*.

A época que a família viveu no Pará, na visão dos filhos mais velhos, foi muito próspera e feliz. Demétrio diz sentir*muita saudade de lá até hoje... muita, muita.Eu até deixei uma namorada lá, disse que ia voltar, mas não voltei. Até hoje eu me lembro dessa*

namorada. Maria conta que foi uma época da vida que a família *tinha tudo.* Gabriel, que costumava beber na Paraíba, deixou a bebida no Pará.

> Juscelina: E ele continua bêbado, alcoólatra, lá no Pará?
> Maria: Aí lá no Pará ele queria tirar uma assim, de uma pessoa que já tá bem estribado, né? Comprou um cavalo preto, bonito, com uma boa sela, saía comprando gado. Aí ele não podia viver bebendo, aí bebia pouco.
> Priscila: Comprou gado, também?
> Maria: Matava gado também. Aí eu só sei dizer que ele se ajeitou muito...
> Juscelina: E aí quando ele chegou aqui na Paraíba ele continuou bebendo?
> Maria: Foi aqui mesmo onde ele empurrou o pé... (muitos risos)

Figura 12 - Gabriel (de chapéu), Demétrio a seu lado e um rapaz não identificado.(Foto: Acervo familiar, sem data.)

Apesar da prosperidade alcançada no Norte, e de Gabriel ter conseguido colocar-se numa posição social que entendia merecer, o afastamento da Paraíba causava muito sofrimento a Satina. Ela percebia que seus filhos começavam a criar laços fortes no Norte.

Demétrio apaixonou-se por uma moça de quem se lembra até hoje como um grande amor e suas filhas mais velhas poderiam começar a namorar os *caboclos* da região. Ela tinha uma vida ainda mais isolada do que aquela que levava no Nordeste. Na Paraíba Satina poderia pelos menos visitar colegas, familiares e participar de atividades religiosas. Em São Miguel do Guamá ela estava mais isolada socialmente e precisava conviver com os riscos visíveis e invisíveis de regiões de floresta. Esses últimos a assustavam sobremaneira, pois tinha uma relação delicada com a morte e com a vida espiritual.

Juscelina conta que sua mãe ouvia vozes de fantasmas pela casa, e se impressionava com elas, assim como com os relatos sobre assombrações, muito frequentes na região onde moravam. Maria lembra-se de uma das ocasiões em que acontecimentos sobrenaturais teriam interferido na vida familiar. Logo após chegarem ao Pará, na ocasião do nascimento de Elias (Satina viajou grávida), alguns mistérios envolveram a ida da parteira para a casa onde moravam:

> Maria: Mamãe, em Belém do Pará, quando foi ganhar o Elias, chamou a parteira. Resultado: a parteira veio. Quando foi atravessar uma porteira. Perto da porteira era um mato fino, sabe? Só que quando ela atravessou uma porteira, assim, abriu a porteira que fechou, aí era já só uma mata virgem, aquilo tudo fechado, aí ela conheceu que tava encantada. Ela passou a noite encantada e nada de chegar lá em casa. No outro dia meio-dia é que Elias veio, nasceu.
>
> Priscila: Aí ela contou depois?
>
> Maria: Aí ela contou. Quando amanheceu o dia que ela desencantou. Disse que era cada tronco de pau tão grande que ela conheceu que tava encantada.
>
> Priscila: O que acontece quando tá encantado?
>
> Maria: É melhor se aquietar.
>
> Priscila: Aí ela ficou quietinha?
>
> Maria: Ficou lá num tronco duma árvore que era um monstro de tão grande. Quando amanheceu o dia que ela entendeu o que aconteceu... É desse jeito...
>
> Patrícia (filha da Maria): É quem faz isso? É Maria Florzinha?
>
> Maria: É uma tal duma Florzinha, é uma tal duma Mambira...Ttm uma Mambira. Em Belém do Pará tem esses encantos que também é terra de caboclo, terra de índio, aí tem essas coisas.
>
> Priscila: Em terra de índio tem muito espírito? Por que?
>
> Maria: É... Tem muito dessas coisas. É que eles não são batizados, não são nada... Não tem religião de nada. É isso aí...

Como Gabriel estava satisfeito com a vida próspera que levavam em São Miguel do Guamá, Satina temia que não voltassem mais. Ela, que era filha única, não se conformava em ficar longe da mãe. Havia chegado o tempo de voltar para casa e cuidar de Dona Maria Amélia. Diante da insistência e tristeza de Satina, Gabriel aceitou voltar à Paraíba quando Juscelina tinha 2 anos. Ele esperou o momento da colheita da safra de arroz daquele ano, vendeu tudo que tinham e comprou passagens de volta para todos, que retornaram em um avião da Varig, em 1960. O mapa, abaixo, resume a trajetória da família a partir da mudança

de Caiçara para Pedro Velho, o trânsito por Fortaleza, a ida para Belém, onde houve a fixação em São Miguel do Guamá, na Fazenda Miritueira, por sete anos, e a volta a Caiçara.

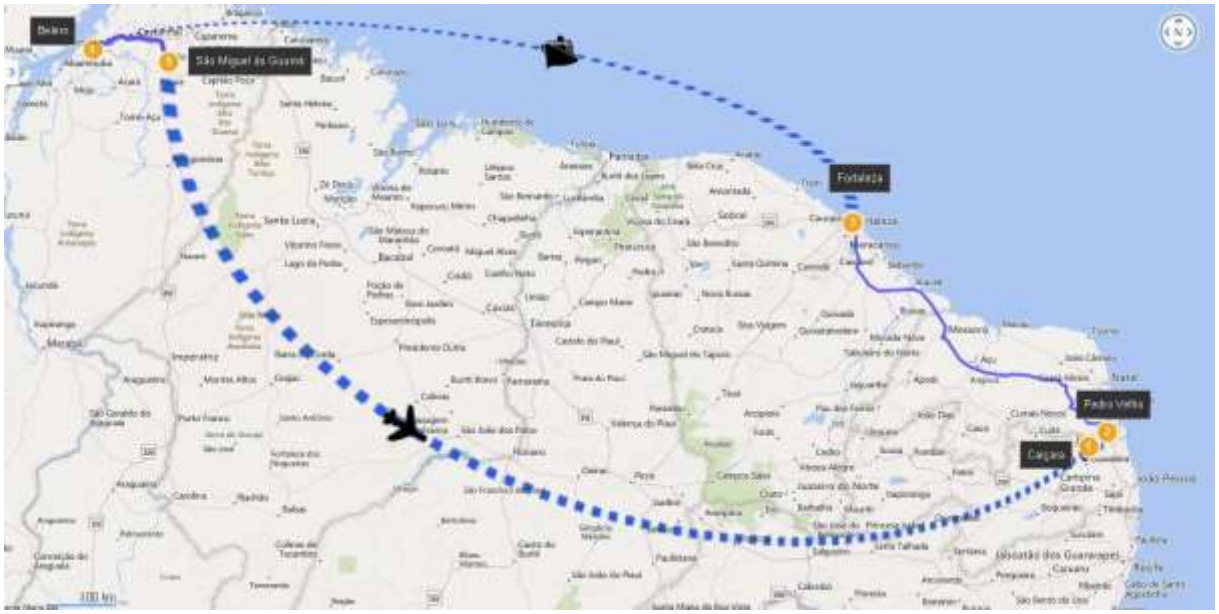


Figura 13 - Percurso migratório da família de Gabriel e Satina. (Fonte : Bing Mapas, 2015)

INFÂNCIA

L'enfance, ce grand territoire d'où chacun est sorti. D'où suis-je ? Je suis de mon enfance comme d'un pays[64]...

Pilote de Guerre (Antoine de Saint-Exupéry)

3.1.–A Caiçara que a família reencontrou: transformações entre as décadas de 1950 e 1970.

Figura 14 - Vista aérea da parte urbana do município de Caiçara.
Foto: Acervo de Jocelino Tomaz de Lima, 1966.

64 A infância, esse grande território de onde todos saímos. De onde venho? Eu sou da minha infância como se é de um país... (Tradução nossa)

Gabriel, Satina e os 12 filhos retornaram à Paraíba em 1960. Esse foi o ano em que os primeiros AeroWillys chegaram ao mercado brasileiro, fato anunciado com entusiasmo por Juscelino Kubitschek. O Alfa Romeo 2000, lançado na Itália em 1957, teve todo seu ferramental comprado pela Fábrica Nacional de Motores, que o rebatizou de JK, em homenagem ao presidente. Em Caiçara, como anota Jocelino Tomaz de Lima (não publicado), havia cerca de dez automóveis em 1950. Dez anos depois o número certamente cresceu, apesar de não haver fontes precisas quanto a isso, e é razoável imaginarmos que a renda dosagricultores não era suficiente para pagar um automóvel e as despesas com ele. Eram políticos, donos de fazendas de agave ou algodão e alguns comerciantes mais prósperos que tinham condições financeiras para isso. Segundo Brandão (2010, p.12), em 1960, a tabela de preços de carros nacionais novos da revista *Quatro Roda*sanunciava que o "Dauphine custava Cr$ 530 mil; o DKW-Vemag sedan, Cr$ 668 mil; o AeroWillys, Cr$ 895 mil , o FNM 2000 JK, Cr$ 946 mil, e o SimcaChambord pouco mais de Cr$ 1 milhão". Esses eram valores altíssimos comparados ao salário mínimo (renda mensal superior ao que muitos agricultores podiam atingir), que em 1960 girava em torno de Cr$ 9.600,00[65].

O transporte entre as cidades vizinhas era feito em trens (considerando que era necessário andar até a Estação Caiçara, que ficava onde é atualmente o município de Logradouro, a cerca de seis quilômetros do sítio Cancão) e nos *mistos,* que começaram a aparecer nos primeiros anos da década de 50. Eram misturas de caminhões com ônibus (daí o nome),feitas por mecânicos. Os mistos tinham "cabine dupla, três bancos geralmente de tábua e carroceria (...)levavam de 10 a 12 pessoas e eram os carros mais usados para levar as pessoas para as feiras das redondezas" (LIMA, não publicado). Como ainda havia grandes dificuldades de atendimento médico na cidade, nos *mistos* se transportavam os doentes até Guarabira (a 36 quilômetros). Em casos mais graves, era preciso ir até João Pessoa (a 120 quilômetros).

Muitos dos itens básicos para o cotidiano no sítio eram comprados em Guarabira– cidade mais próxima de Caiçara para se adquirir ferramentas, por exemplo. Algumas bodegas – pequenos armazéns de secos e molhados –em torno da Igreja Matriz vendiam alimentos, bebidas, miudezas, alguns itens para limpeza. A bodega "Esquina da Saudade", que ainda existe, também guardava, no cofre do estabelecimento, as cartas dos caiçarenses que partiram

65. Segundo dados do IBGE, a frota de veículos em Caiçara, em 2010, totalizava 656 unidades, sendo 221 automóveis, 13 caminhões, 36 caminhonetas, 3 micro-ônibus, 334 motocicletas, 41 motonetas e 3 ônibus. Não foram registrados tratores de roda nem caminhões trator. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/painel/frota.php?codmun=250360&lang=_ES>. Acesso em: dezembro de 2014.

para o *Sul*. As correspondências, transportadas de trem até a Estação Caiçara, geralmente vinham acompanhadas de algum dinheiro para as famílias dos remetentes. Muitos dos clientes compravam fiado na bodega e pagavam as compras com o dinheiro dos parentes migrantes, dinheiro este que de certa forma já estava em poder do *bodegueiro.*

Quando Gabriel e a família voltaram para Caiçara a parte urbana da cidade já estava mudadae oportunidades de formação educacional surgiram com a abertura de algumas escolas. Ainda na década de 1950, segundo registra Jocelino Tomaz de Lima, foi fundado em Caiçara o "Clube de Mães Nossa Senhora do Rosário",ondefuncionava o ensino primário, além de cursos de bordado e artesanato com flores. Em 1957, como uma extensão da Escola de Agronomia do Nordeste, atual Universidade Federal da Paraíba (UFPB), foi criado o Centro de Economia Doméstica, mais tarde conhecido como Centro de Artesanato.Em 1958, com o apoio da Fundação Padre Ibiapina, foi criado o Ginásio Comercial. Além das matérias tradicionais, havia disciplinas técnicas como **"**Dever e Haver", "Lucros e Perdas" e "Crédito e Débito" (LIMA, não publicado), para as quais era muito difícil encontrar professores. O ginásio funcionava em prédios emprestados, mas em 1963 foi construído o prédio onde alguns anos mais tarde Juscelina estudaria.

A comunicação com as cidades vizinhas e mesmo com outros Estados passou a ser possível, mesmo que de modo lento e restrito, em 1956, quando foi instalada uma estação radiográfica na cidade, em colaboração com o Comando da Polícia Militar (LIMA, não publicado). O serviço não funcionava adequadamente,apresentava defeitos frequentes, mas foi o primeiro passo para a instalação do serviço de DDD 20 anos depois, em 1976, por meio de convênio firmado entre a prefeitura de Caiçara e a empresa Telecomunicações da Paraíba (TELPA). Durante muitos anos, era daagência da Telpa que Gabriel conversava com Juscelina–no dia e hora marcados esperava o telefonema da filha. Ela conta que seu pai, impressionado com a possibilidade de ouvi-la tão bem ao telefone, apesar dos 2.500 kmque os separavam, dizia, quando ouvia a voz da filha: *Filha, você tá mangando d'eu? Tu tá no Rio de Janeiro mesmo?*

Figura 15 - Inauguração do serviço telefônico em Caiçara em 1956.
Foto: Arquivo de Jocelino Tomaz de Lima, 1956.

A configuração da cidade, notadamente da área central, da *rua*, também se modificou enquanto a família de Juscelina estava no Norte do país. Em 1958 algumas das principais vias da porção urbana foram pavimentadas com paralelepípedos (COSTA, 1990).

3.1.2 –Economia, política e religião

Nos primeiros anos de 1960 a vida política do município passou por mudanças importantes.Havia mais de duas décadas que prefeitura era dominada pelos *ismaelenses*, ou seja, por políticos ligados a Severino Ismael de Oliveira, que por sua vez pertencia ao grupo liderado pelo Coronel Antônio Florentino da Costa Miranda, ou "Tota Miranda", primeiro prefeito e condutor político do processo de emancipação da Vila de Caiçara, em 1908.

Figura 16 - Jantar de comemoração da posse, como prefeito, de Severino Ismael de Oliveira, em 1945. Somente os homens tiveram direito a sentarem-se à mesa.
Foto: Acervo de Jocelino Tomaz de Lima, 1945.

Figura 17 - Jantar de despedida do prefeito Severino Ismael Costa, em 1959. Nessa época, as cerimônias oficiais já eram regadas a Coca-Cola[66], refrigerante célebre na região desde finais

66. Ainda hoje, a presença de Coca-Cola no cotidiano ou nas festas familiares denota a boa situação financeira da família, já que o refrigerante é considerado de qualidade superior. Algumas vezes, em minhas visitas a casas de caiçarenses, ouvi frases do tipo: "Aqui em casa a gente gosta mesmo é de Coca-Cola", ou "Aqui só entra Coca-Cola".

da década de 1940, quando foi conhecida como a bebida dos oficiais americanos temporariamente lotados no Rio Grande do Norte.
Foto: Acervo de Jocelino Tomaz de Lima, 1959.

Em 1960, em uma eleição para prefeito atribulada, com brigas antes e depois do pleito, a hegemonia dos *ismaelenses* foi quebrada. Severino Ismael da Costa, tabelião público e sobrinho de Severino Ismael de Oliveira, perdeu para Antônio Alves, popularmente conhecido como "Antônio Alves das Malhadas" (por causa das terras que possuía com esse nome). Apesar de a família Alves ter poder político indireto havia muito anos, foi a primeira vez que um de seus membros assumiu como prefeito. Desde então, essa foi a família que chefiou a prefeitura o maior número de vezes, apesar de algumas rupturas intrafamiliares[67].

Ainda na década de 1960, dois deputados estaduaistinham Caiçara como base eleitoral: Severino Ismael de Oliveira e Amélio de Miranda Leite, este ligado ao grupo Abílio Dantas, que administrava a algodoeira de Logradouro (LIMA, não publicado). Severino Ismael era amigo de Gabriel e de sua irmã, Mariinha. Ela chegou a compor algumas músicas de campanha para ele. A amizade com políticos de significativo poder local garantiu algum capital social para o pai de Juscelina, assim como, de tempos em tempos, alguns favores para a família.Em 1960 um primo de Gabriel, *o primo rico*, João Gomes, ganhou a eleição para prefeito em uma cidade vizinha, Belém, que foi distrito de Caiçara até a emancipação, em 1957, quando ainda era Belém de Caiçara. O poder político do primo somou-se ao econômico. Sua família é até hoje proprietária de uma fábrica de biscoitos em Belém.

A empresa empregou alguns parentes em vários momentos, inclusive Chico, irmão mais novo de Juscelina. O fato de ter parentesco tão próximo de um político importante da região também trouxe prestígio à família de Gabriel. Numa época em que o "espaço social" (BOURDIEU, 2007) nordestino ainda era fortemente estruturado pelo capital social de relações pessoais, a possibilidade de um chefe de família livre obter favores de pessoas influentes poderia ter um impacto expressivo no volume e estrutura dos capitais econômico e cultural de uma família. Foi o que ocorreu. Darcy estudou para ser professora com a ajuda do*primo rico*. Os tais parentes ajudaram a viabilizar a construção de uma escola na região

67. Em 2012 quando estive em Caiçara, Hugo Alves era prefeito e governava a cidade desde 2005. Ele é filho de Antônio Alves Sobrinho, primo e adversário de Antônio Alves. Antônio Alves Sobrinho ocupou a prefeitura pela primeira vez em 1976. O candidato por ele apoiado nas eleições municipais desse mesmo ano perdeu por um voto para um comerciante que residia na cidade havia 12 anos, Cícero da Eletrolar. Uma análise dessa disputa eleitoral será feita no **capítulo 6**.

rural, onde ela lecionou como professora do município. E obras de emergência em épocas de seca (construção de barreiras nos lajedos para armazenamento de água) foram feitas no sítio de Darcy em troca de uma indenização a ela paga pelo Governo Federal. Nos relatos dos filhos de Gabriel há muitos exemplos de favores corriqueiros conseguidos por ele e pela família.

Quando visitei a casa de Darcy, em Caiçara, observei que na parede em que estavam dispostas fotografias de família a imagem de João Gomes tinha lugar de destaque, ao lado da fotografia de casamento da filha mais velha de Darcy, Joelma, e abaixo da imagem de Gabriel e Satina.

Figura 18 - Fotografias de família de Darcy. Abaixo da fotografia central, de Gabriel e Satina, estão João Gomes e dois de seus filhos.
Foto: COUTINHO, P.O, 2012.

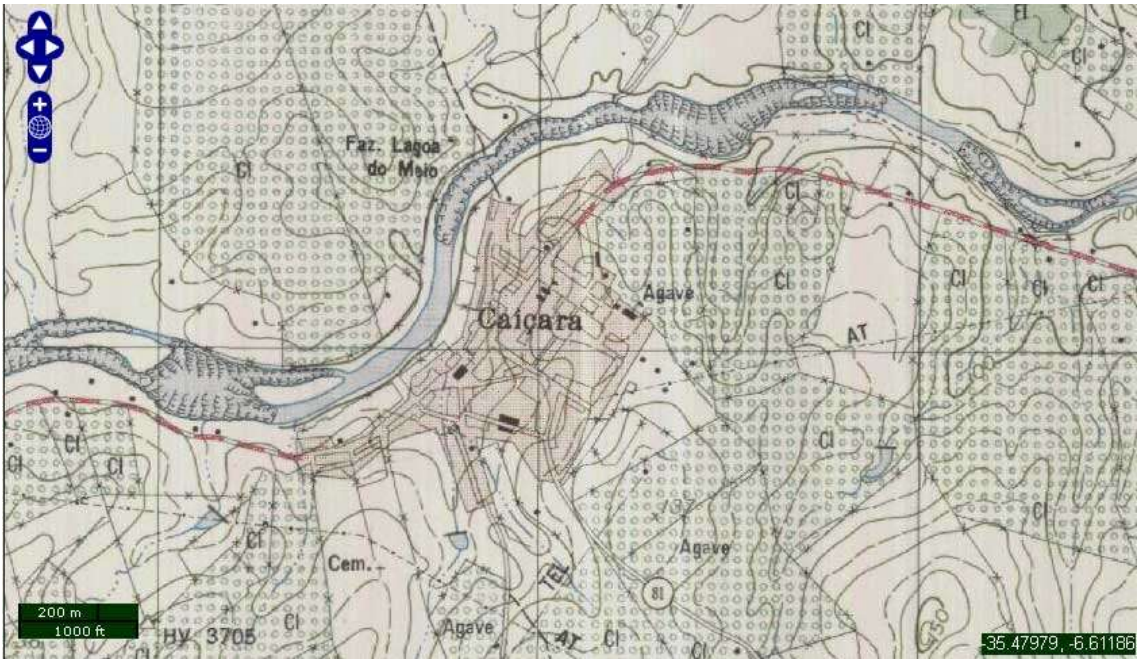
As movimentações eleitorais em Caiçara na década de 1960 não foram significativamente afetadas pelas modificações ligadas ao aumento da presença da esquerda na vida política paraibana, cuja expressão maior era o movimento das Ligas Camponesas, iniciado na década de 50 no Engenho da Galiléia, em Pernambuco. Um de seus líderes mais atuantes, João Pedro Teixeira, operava pela Liga de Sapé, uma das mais importantes da

Paraíba, a apenas 77 quilômetros de Caiçara. Apesar de não ter encontrado registros de atuação das Ligas na cidade, Jocelino Tomaz de Lima relata que um grupo de socialistas caiçarenses incentivavam os agricultores e *moradores* a filiarem-se a grupos de defesas dos trabalhadores. Eram os "11 de Brizola", em homenagem a Leonel Brizola, governador gaúcho, aliado de Jango e defensor das Ligas. O grupo se organizara com a intenção de ocupar os cargos e lideranças no município caso houvesse uma revolução socialista no Brasil.Estavam ligados ao jornalista paraibano Jório Machado[68], fundador do jornal pessoense de esquerda *O Momento*. Curiosamente, esse foi o jornal onde Juscelina trabalhou como datilógrafa em João Pessoa, entre 1974 e 1976. Voltaremos a esse ponto ao fim deste capítulo.

Em 1963, como resultado da luta das Ligas, foi aprovado o Estatuto do Trabalhador Rural e a partir de então muitas de suas sedes transformaram-se em Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Com o golpe militar, em 1964, a organização foi desarticulada, mas os efeitos históricos da atuação organizada de trabalhadores do campo num movimento que chegou a reunir 80 mil pessoas não poderiam ser ignorados. Os sindicatos dos trabalhadores rurais continuaram abertos, mesmo quesob a tutela do regime ditatorial, como foi o caso do de Caiçara, inaugurado em 1966[69]. No sindicato, ao qual Gabriel era filiado, Juscelina trabalhou, como secretária, entre 1969 e 1971, ou seja, dos 12 aos 14 anos. Boa parte dos filiados trabalhava na cultura do agave ou sisal, cultivo que desde meados da década de 1950 tinha tomado parte das terras de Caiçara, como pode ser visto no mapa abaixo. As terríveis condições de trabalho nos agaviais da região levaram a que o número de associados crescesse significativamente entre o ano da fundação e os primeiros anos da década de 70. Apesar de a família de Juscelina não ter trabalhado diretamente nos agaviais, com exceção do marido e dos filhos de Mariinha, que eram vaqueiros de grandes proprietários de fazendas de agave, a planta marcou a vida de todos os habitantes de Caiçara e redondezas. Ligadas a seu cultivo estão diversos acontecimentos políticos, econômicos, ambientais, sociais e religiosos.

68. Jório de Lira Machado foi militante socialista bastante atuante na Paraíba. Participou da fundação das Ligas Camponesas, foi membro da Frente de Mobilização Popular, deputado estadual e professor da Universidade Federal da Paraíba. Publicou os livros *Resistência ao Medo: História de uma eleição indireta na Paraíba*, em 1979, e *1964: A Opressão dos Quartéis*, sobre o período em que esteve preso em Fernando de Noronha, João Pessoa e Recife.

69.A Associação Rural de Caiçara, que no começo dos anos 70 passou a chamar-se Sindicato dos Produtores Rurais, foi fundada em 1952. Essa instituição de representação e proteção dos produtores rurais foi anterior, portanto, ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caiçara.



Mapa 2 - Mapa de Caiçara da década de 1960. Área verde coberta de pequenos quadrados sinaliza o cultivo de agave.(Fonte: Disponível em: <http://www.geoportal.eb.mil.br/sade/public/.>. Acessado em: 21 de outubro de 2014).

3.1.3 – O agave e as migrações

A cultura do agave está ligada ao aumento das migrações entre os moradores da região. Não me refiro àquela migração sazonal para o trabalho nas plantações de cana de açúcar da Zona da Mata pernambucana (MENEZES, 2002), que existe desde o século XX, e que visava à obtenção de alguma renda para atender às necessidades básicas da família. Esse tipo de movimento migratório, que prova a complementariedade entre a "economia camponesa latifundiária e a da plantation canavieira no Nordeste do Brasil" (MENEZES, 2002) era mais comum entre as famílias cujos membros viviam do *alugado*, prática mencionada no capítulo 2.

Como afirma Menezes (2002), nas décadas de 1950, 60 e 70 os movimentos para o Sudeste do país, iniciados na década de 1930, cresceram significativamente na Paraíba. As construções de estradas ligando o Nordeste ao Sudeste, além dos empregos em indústrias e na construção civil favoreceram a ida para o Sudeste de migrantes solteiros (homens, em sua grande maioria), que mantinham a cidade de origem como local de fixação, voltando de tempos em tempos. Outras vezes migravam famílias inteiras, que normalmente partiam com intenção de permanência no *Sul*. Apesar de não dispor de dados estatísticos sobre os deslocamentos migratórios de Caiçara para outras regiões do país, a maior parte das pessoas

que conheci fizeram ou me relataram casos de deslocamentos para diversas capitais nordestinas (João Pessoa, Sergipe, Salvador e Ceará, principalmente) e para o Rio de Janeiro. As viagens para o *Sul*, por isso, são também chamadas por lá de *idas para o Rio.*

Entre as mudanças políticas e econômicas provocadas pelo aumento das *idaspara o Rio* está o aumento da renda, proveniente do dinheiro enviado pelos migrantes, mas há outras, bastante esclarecedoras. Mariângela de Vasconcelos Nunes (2006) aponta duas delas que nos interessam mais de perto: a utilização política de recursos do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) para estancar o êxodo para o Norte e Sul do país, e o uso do agave, planta resistente aos períodos de estiagem, com o mesmo objetivo de frear os movimentos migratórios que esvaziavam o Sertão e Agreste de trabalhadores, mão de obra que fazia falta aos grandes proprietários de terras.

Tais práticas teriam começado nos anos 1940, quando as migrações para a Amazônia começaram a ameaçar os grandes proprietários nordestinos, muitos dos quais ocupavam cargos políticos no governo federal ou tinham acesso às decisões tomadas nesse nível do poder estatal. Como afirma Nunes (2006), o investimento em agave, além de apresentar bom investimento para os *senhores*, teria a intenção política subjacente de "fixar o homem à terra através de uma cultura mais rica e adaptada ecologicamente, visando o bem comum para um meio equilibrado econômico da Paraíba". A afirmação, feita pelo engenheiro agrônomo Carlo Farias no texto *A conquista das nossas Terras Áridas* (FARIAS, 1948, apud NUNES, 2006), integrava o corpus de discursos técnicos que endossavam a intenção dos latifundiáriosde estancar o êxodo. Disputava com a propaganda varguista de incentivo ao deslocamento para o Norte, a divulgação, pelos órgãos de imprensa ligados aos grandes produtores, de que na Amazônia os nordestinos correriam riscos, ao contrário do que era prometido pelos "agenciadores desonestos", que buscavam mão de obra a ser explorada no Norte (NUNES, 2006).

A pesquisa de Mariângela Nunes concentra-se na região dos Cariris Velhos (parte norte do Planalto da Borborema), no período entre 1937 e 1966, mas acredito quealgumas de suas análises nos auxiliam a compreender a lógica das práticas de dependência em Caiçara, assim como as reações e interpretações dos trabalhadores quanto ao tipo de exploração que os proprietários de agaviais lhes infligiam. A autora demonstra que nos momentos críticos, quando a estiagem prejudicava irremediavelmente as lavouras, período que favoreceria os deslocamentos para o Norte ou para o Sul, eramorganizadas frentes de trabalho do DNOCS, cuja intenção velada era empregar precariamente trabalhadores que perderam suas fontes de

renda em função da seca, de modo a desestimular o êxodo para as regiões industriais e para a Amazônia. Como percebiam tal intenção, os lavradores costumavam nomear o serviço para o DNOCS de *cachorra magra,* expressão que denota não só baixíssimos pagamentos representados na imagem do animal desnutrido, mas também a falta de vergonha da cachorra, que aceita qualquer esmola. Expressava-se a conotação negativa do trabalho para o governo em oposição a uma situação verdadeiramente digna, a do trabalho para si mesmo, no roçado da família (NUNES 2006).

As obras do DNOCS em Caiçara garantiam favores políticos (o governo indenizava os proprietários em cujas terras eram construídos muros de contenção das águas da chuva, espécies de pequenas represas, de modo que havia uma disputa entre eles para que suas terras fossem contempladas pelo programa de Estado), empregavam precária e sazonalmente alguns lavradores e geravam capital político para os governantes locais que diziam se empenhar para resolver o problema da seca. Em 1958, ano de seca bastante severa, o DNOCS enviou perfuratrizes para a zona rural da cidade. Porém, não tendo feito estudos prévios que garantiriam a eficácia do trabalho, este só gerou recursos políticos e expectativas não atendidas. A água retirada dos poços era de má qualidade, de modo que o problema da seca continuou a ser resolvido de forma urgente e precária por caminhões-pipa (COSTA, 1990).

A trajetória de crescimento do agave no município, entre as décadas 1950 e 70, também pode ser compreendida a partir do aumento dos deslocamentos para as capitais que passavam por expressivo processo de industrialização. Desde a década de 40 o agave vinha ganhando espaço na Paraíba, mas foi entre 1955 e 1960 que alcançou, em Caiçara, o auge de sua produção. Junto com a planta capaz de resistir à seca, veio a promessa de fontes de empregos permanentes. Os políticos e homens de terras defensores do cultivo da planta argumentavam que pequenos e médios produtores também poderiam obter renda com a produção de sisal, seja cultivando-o em suas pequenas porções de terras, seja fazendo o trabalho de desfibramento das folhas em *máquinas de mão*, chamadas tecnicamente de alicate, à noite, após o trabalho no roçado.

Eram necessários trabalhadores para realizar, em média, cinco funções na produção das fibras do sisal: *cortador* das folhas, *cambiteiro* (organizava as folhas em feixes e as transportava até as máquinas, normalmente em jumentos), *bagaceiro*(retirava o bagaço *da* folha e a deixava pronta para o desfibramento), *puxador* da fibra (fazia o desfibramento propriamente, com alicates ou máquinas movidas a motor)e*lavador*(lavava e estendia as fibras).

O trabalho com o sisal era muito duro. Muitos perderam unhas e dedos puxando as fibras; outros, por causa dos espinhos pontiagudos que atingiam os olhos, ficaram cegos. Depois a mecanização do desfibramento do sisal forçou o disciplinamento do trabalhador e colaborou para o alastramento da monocultura sobre a cultura alimentar (NUNES, 2006).

A produção de sisal deixou de ser competitiva por causa da produção em massa de fibras sintéticas, como o náilon, que o substituía eficazmente. Com o declínio do sisal, uma nova onda de desemprego, fome e desespero abateu-se sobre Caiçara. Segundo me contou um antigo produtor de sisal do município, eram necessários 10 homens para *virar um motor, para puxar um sisal,* de modo que com a desvalorização da fibra, que ocupava grande parte das terras da cidade, muitos caiçarenses se viram sem condições de continuar na cidade*:*

> Era dois trabalhador para cambitar, para botar o agave no pé domotor; um pra tirar obagaço, um pra pegar fibra; dois pra pegar a folha, pra buscar o agave; um pra lavar o agave e dois ou três pra cortar: 10 pais de família desempregado.

A decadência do sisal, que se seguiu ao fechamento da estação de trem (em 1979) e que foi contemporâneade uma nova onda de migrações para o Sudeste, além das enfermidades que o trabalho com a fibra causavam, levaram a que a planta fosse associada, em muitas regiões do semiárido,ao *Capa Verde,* Besta Fera presente nas pregações do Padre Cícero e Frei Damião, e recuperada pela literatura de cordel.Enock José de Maria, nos versos de*A Voz de Padre Cícero* (sem data e local de publicação), reproduz o aviso do santo:

Agora caros ouvintes
Venham ouvir um romeiro
Descrevendo a profecia
Na bola do mundo inteiro
Contando a voz em sermão
Do Padre Cícero Romão
Na Matriz de Juazeiro

Meu padrinho em 34
Entregou a Juazeiro
Nas mãos de Frei Damião
Que mandou Deus verdadeiro
Até quando ele voltar
Que Jesus Cristo ordenar
Pra salvar todo romeiro

O Padre Cícero Romão
Tem força que Deus lhe deu
É como João Batista
Assim como Jesus escreveu
Desse grande mensageiro
Na Matriz de Juazeiro
Sua voz apareceu

Foi em uma sexta-feira

Pra todo mundo entender
Aquela voz tão sublime
Que veio ao mundo trazer
A notícia do Cordeiro
Do Brasil ao estrangeiro
O que vai acontecer

Nesse momento ouviram
Aquele santo sermão
Dizendo para os romeiro
Da Virgem Conceição:
Meus filhos cuidem rezar
Que não tardarão chegar
Os anjos da maldição

São os anjos do diabo
Que chegam no fim da era
Fazendo tantos milagres
Que todo mundo os venera
Saciando fome e sede
São iguais ao Capa Verde
Correios da Besta Fera (...)

Não ouvi, em Caiçara, histórias sobre o *Capa Verde,* talvez porque tenha concentrado minhas entrevistasna família de Juscelina, já bastante numerosa, e nenhum de seus familiares entrevistados trabalhou diretamente com o agave. Como ressaltei, o marido de Dona Mariinha e alguns de seus filhos, como Adovan, o herói dos versos do cordel presente no anexo A, eram vaqueiros de fazendas com plantações de agave, mas não trabalhavam diretamente com a planta. De todo modo, como demonstraram diversas pesquisas (MARTINS,1995 e NUNES, 2006), em localidades muito próximas a Caiçara o mito esteve presente e elucida um pouco da complexa e ainda pouco esclarecida religiosidade nordestina, que articula registros de diferentes tradições religiosas numa hermenêutica popular cujos meandros e especificidades mereceriam um trabalho inteiramente dedicado a ela.

De todo modo, podemos fazer referência a uma tradição milenarista da qual fazem parte, entre os mais célebres, Padre Ibiapina, Antônio Conselheiro, Padre Cícero e Frei Damião. Ela gerou diferentes movimentos políticos e comunitários de vertente religiosa, como foi Canudos, liderado por um dos mais célebres dos beatos seguidores do Padre Ibiapina, o sebastianista Antônio Conselheiro. Em meio a essa cultura religiosa de raízes medievais estáa Besta Fera, figura bíblica presente no Apocalipse, que esteve frequentemente associada à noção de cativeiro, à ausência de liberdade nascida da escravidão e presente na experiência de muitos camponeses em todo país (VELHO, 1995). A volta do cativeiro seria ordenada pela Besta Fera, que antes de mostrar sua face terrível ofereceria água e comida, como quando Jesus foi tentando no deserto:

> Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto, onde, durante quarenta dias, foi tentado pelo Diabo. Não comeu nada durante esses dias e, ao fim deles, teve fome. O Diabo lhe disse: "Se és o Filho de Deus, manda esta pedra transformar-se em pão". Jesus respondeu: "Está escrito: 'Nem só de pão viverá o homem'". O Diabo o levou a um lugar alto e mostrou-lhe num relance todos os reinos do mundo. E lhe disse: "Eu te darei toda a autoridade sobre eles e todo o seu esplendor, porque me foram dados e posso dá-los a quem eu quiser. Então, se me adorares, tudo será teu". Jesus respondeu: "Está escrito: 'Adore o Senhor, o seu Deus, e só a ele preste culto'". O Diabo o levou a Jerusalém, colocou-o na parte mais alta do templo e lhe disse: "Se és o Filho de Deus, joga-te daqui para baixo. Pois está escrito: Ele dará ordens a seus anjos a seu respeito, para o guardarem; com as mãos eles o segurarão, para que você não tropece em alguma pedra". Jesus respondeu: "Dito está: 'Não ponha à prova o Senhor, o seu Deus'". Tendo terminando todas essas tentações, o Diabo o deixou até ocasião oportuna. (*Livro de Lucas*, Capítulo 4, Versículos 1-13)

O que nos interessa notar é que a compreensão de acontecimentos estruturais ou situações cotidianas é muitas vezes elaborada partir de uma "cultura bíblica" (VELHO, 1995) profundamente inscrita no "mundo da vida" (SCHUTZ, 1979) da comunidade caiçarense, que por sua vez é marcada pelas experiências mais definitivas da história do Nordeste: escravidão, êxodos, batalhas (de índios com brancos, de brancos com negros, de homens pobres com *senhores*, etc.) pelo território e pelo direito de afirmação simbólica.

Inicialmente, em meus primeiros momentos no campo, a referência a personagens e acontecimentos bíblicos não me parecia nada além de analogias ou associações superficiais (VELHO, 1995). Porém, ao voltar a Caiçara, na época mais *quente* do "tempo da política" (PALMEIRA, 1997), em setembro de 2012, no ápice de um momento excepcional de efervescência, quando a reflexão coletiva sobre a história e os rumos da comunidade estava no centro dos debates públicos e privados, pude compreender que, mais do que uma operação analógica, a compreensão do mundo por meio das escrituras sagradas é uma complexa operação de interpretação do contexto atual e da vivência e narrativa histórica por meio de uma ampliação criativa do texto bíblico, tal como concluiu Otávio Velho (1995) em sua pesquisa no Norte do país, quando compreendeu o sentido bíblico atribuído à noção de "cativeiro" pelos camponeses da frente de expansão na Amazônia.

Não se trataria, portanto, de simplesmente associar o Capa Verde ao sisal, mas de interpretar o contexto a partir do conhecimento profundo do texto; conhecimento esse adquirido por meio da cultura oral, das pregações de santos populares e de religiosos dogmáticos –todos integrando a religiosidade nordestina –, da identificação afetiva das narrativas com a experiência comunitária, familiar e pessoal. Deixo essa explicação sobre interpretações de processos e fatos sociais a partir da cultura bíblica um tanto vaga neste momento, mas voltarei a ela no capítulo 6.

A forma como a população interpretou a tomada do território e da vida das pessoas pelo agave nos interessa na medida em que esclarece um pouco do contexto no qual Juscelina viveu sua socialização primária. A paisagem da porção rural e urbana do município, as histórias dos poderosos e dos agricultores vizinhos ao sítio e associados ao sindicato onde ela trabalhava, a divisão social que via ser construída e mantida cotidianamente: tudo isso tinha a economia do agave como um dos propulsores mais imediatos. A relação entre política, sociedade e religião na comunidade caiçarense, muito presente em suas memórias e bastante definidora de suas cosmovisões sobre ética, religiosidade e autonomia individual, também foram tecidas naquela sociedade.

O tipo de interpretação da religiosidade caiçarense feita por ela, as memórias das crenças, superstições, procissões e rituais, além da devoção cotidiana, que Juscelina associa à exploração econômica pelos mais poderosos e a uma submissão essencial manifesta na atribuição da sorte, infortúnios e desgraças a um Deus que tudo conhece e decide-todos esses elementos nos ajudam a compreender, em associação com outros fatores que serão mencionados em momento oportuno, a sua conversão, na década de 1990, ao espiritismo kardecista. Ela acredita que essa doutrina propicia a libertação e evolução do espírito humano, ao levar em contao respeito ao livre arbítrio e à autodeterminação individual.

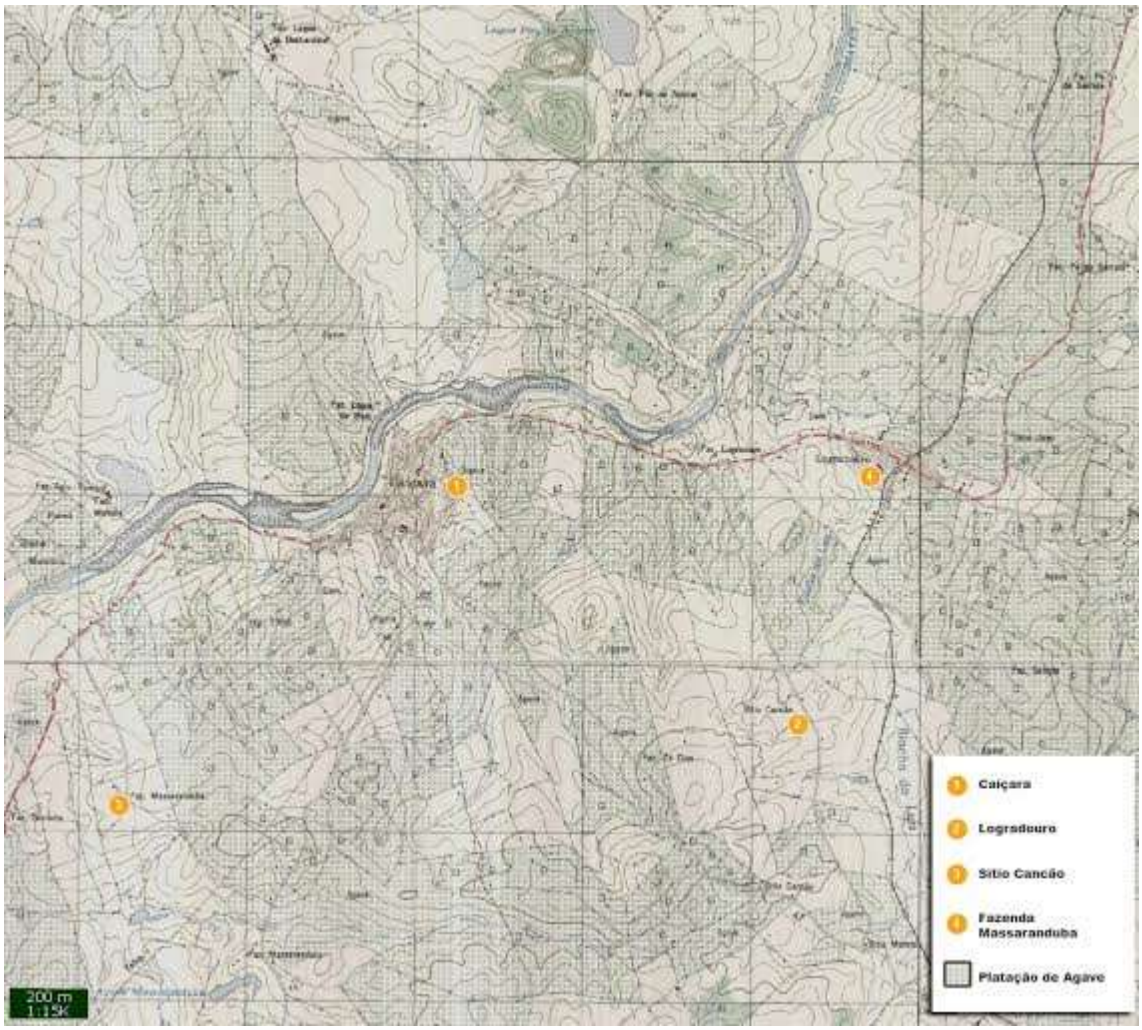
A dimensão religiosa é aquela que mais proveitosamente esclarece as tensões entre passado (infância e adolescência na Paraíba), vida adulta (longo processo de ascensão nas capitais) e os momentos mais recentes, que acompanhei de perto, quando Juscelina viveu uma significativa “bifurcação” (BESSIN et all., 2010), uma crise que a levou a intensas reflexões sobre seus caminhos existenciais, notadamente sua relação com o passado e com a família. O esforço em entender as interpretações de Juscelina sobre as diferentes experiências religiosas que viveu ou presenciou ao longo da vida me ajudou a compreender como uma dinâmica de negação do passado, ou seja, de forte reação ao que sua família e comunidade experimentavam, se combinava com um desejo de reaproximação e intervenção nesse mesmo passado e em tudo que dele persiste. Essa tensão permanente marcou a vida da biografada e toda a sua trajetória deve ser compreendida em referência a ela.

Agora falarei mais especificamente sobre a rotina da família de Juscelina no sítio Cancão, após o retorno do Pará. Ela foi sendo vivida enquanto todas essas transformações até aqui relacionadas aconteciam em Caiçara. Como optei por construir uma narrativa das diferentes fases da vida de Juscelina em vez de separar os capítulos da tese em temas, vez por outra serão feitos recortes temporais que se combinam sem se sucederem. Assim, neste tópico

3.1, fiz referência a alguns dos acontecimentos posteriores à chegada da família ao sítio Cancão, mas que ajudam a esclarecer, em conjunto, as experiências familiares. Como temos um grande quadro formado por diferentes registros temporais, podemos relacionar uma época à outra, associando e interpretando acontecimentos que só o distanciamento e a reconstrução históricos são capazes de articular.

Passo, então, a contar um pouco de como a família viveu o retorno, em 1960, e de como foram os anos seguintes, até 1971-1972, quando Juscelina parte para João Pessoa.

3.2 –O cotidiano no Sítio Cancão após o retorno



Mapa 3 - Mapa do Exército brasileiro, no qual estão indicados a porção central de Caiçara, às margens do rio Curimataú, assim como alguns sítios e fazendas do município. Entre eles, a Fazenda Massaranduba, coberta de plantações de agave, e o Sítio Cancão, onde predominavam pequenas propriedades de agricultores que praticavam a policultura de subsistência.(Fonte: Dados geográficos do Exército. Disponível em:

<http://cidades.ibge.gov.br/painel/frota.php?codmun=250360&lang=_ES>. Acesso em: 5 de dezembro de 2014.)

Depois de retornar para Caiçara, a família de Juscelinafrequentava a *rua(porção urbana do município)* vez por outra, mas a vida se concentrava no *Sítio Cancão,* na zona rural da cidade, perto da porção de terra onde viviam a mãe e padrasto de Satina, depois herdada por ela[70]. No sítio o casal criou os filhos mais novos, enquanto os mais velhos continuavam a ajudar na lida cotidiana no roçado. Os primeiros anos após o retorno não foram fáceis. O casal perdeu mais um menino pequeno no Cancão, e Gabriel voltou a beber com intensidade. Os filhos sentiam muita saudade do Pará e todos temiam que os apuros que os fizeram partir em 1953 voltassem à vida familiar. Ramos fala um pouco sobre como se sentiu ao retornar:

> Eu cheguei aqui [Caiçara] como criança [cerca de 12 anos] e não voltei no outro dia porque não tinha condições. Eu, né, da minha parte. Eu, quando cheguei aqui me encontrei tomando banho em rio, tomando banho de água salgada.... Não ficava com nojo não sabe, mas tomando banho de água salgada... Os cabelos ficando tudo duro, bebendo água salgada. E lá [no Pará] era tudo bom... Meu pai era rico.

Porém, aos poucos, e com muitas dificuldades, eles foram se readaptando. Maria e Darcy, as meninas mais velhas, ajudavam Satina na lida diária com a casa, os filhos pequenos e o roçado. Todos os dias buscavam água nos reservatórios naturais incrustados nos *lajedos*da planície do Curimataú, onde ficava o sítio. Era nos lajedos que ficava boa parte da água utilizada pela família. Nas cavernas formadas entre as rochas viviam alguns dos animais caçados para completar a alimentação cotidiana, como tatus e preás, assim como era nos poços mais estreitos que se deixava a mandioca afogada na *água azinhada* (azeda) para depois se extrair a *farinha da mandioca mole*[71].

Nos tempos do Cancão, períodos de escassez alternavam-se com aqueles nos quais o *inverno* era generoso. Gabriel ainda *agiu a tropa* por alguns anos, mas também já se locomovia em trens para fazer seus *negócios.* Saía da Estação Caiçara (fechada em 1979) e ia até a Estação de Cuitezeiras (Pedro Velho,RN), de onde seguia de carroça até a Praia da Pipa para comprar peixes e camarões. O ofício foi ensinado aos filhos homens. Quando voltaram do Pará, os mais velhos foram fazendo suas vidas. Demétrio chegou aCaiçara com 23 anos, Maria, com 22, Darcy entre tinha entre 20 e 21 anos, Daniel, entre 17 e 18, José tinha em torno de 16 anos, Ramos tinha 12 anos e Elias, 10 anos. José, Ninha, Juscelina e Chico eram

70. Após mais de 30 anos de união, Dona Maria Amélia e Antônio Pedro se *casaram no padre*, na Igreja Católica.
71Também chamada, em outras regiões do país, de puba e de mandica azeda.

os menores. Francisca, que ficou em Caiçara com a tia, Mariinha, a essa altura já estava casada.

Juscelina tem recordações bastante vivas da sensação de fome que algumas vezes sentiu nos primeiros anos da década de 1960. Ela se lembra de confessar sua fome à Satina, que, atordoada, respondia com rispidez *mata um homem e come,* e em seguida fazia uma mistura de água, açúcar e farinha. A rudeza com que vez por outra Satina respondia a seus filhos deve ser compreendida como a reação de alguém que, não obstante a capacidade de superação adquirida com a vida, não vê a si mesma como heroína (HOGGART, 1973). Um dos momentos mais marcantes de nosso encontro com a família, em fevereiro de 2012, foi a forma como Juscelina, de um lado, e de seus irmãos, de outro, referiam-se à experiência da fome.

Todos os seus irmãos com quem conversei (Maria, Darcy, Ramos, Chico, Demétrio e Francisca), disseram, orgulhosos, em nossas primeiras conversas, que, apesar das dificuldades, nunca passaram fome. Daniel, que eu conheci no Rio, em setembro de 2012, disse o mesmo logo depois de nos apresentarmos. Juscelina, no entanto, me disse diversas vezes, sempre muito comovida, que ela só tem um medo na vida :de *passar fome,* pois ela conhecia essa experiência, a pior de sua vida.

Nos dois polos a realidade foi "colocada em jogo" de diferentes maneiras porque a experiência de sentir fome é interpretada, vivida e lembrada de modos distintos. Uma situação que a princípio é bastante objetiva e livre de controvérsias (a ausência de alimento) é, na verdade, carregada de valor e passível de diferentes interpretações. Juscelina, após os anos no Cancão, conheceu uma realidade bem distinta daquela, frequentou contextos nos quais a experiência da fome é qualquer coisa de absolutamente afastada, conviveu com pessoas que se alimentavam com refinamento e fartura. Viveu, ela própria, a experiência de beber os melhores vinhos e comer as mais sofisticadas iguarias. Acredito que esse distanciamento do mundo de origem, que somente ela viveu de forma tão radical, tenha feito com que não fosse capaz de naturalizar as situações limite pelas quais a família passou. Maria, Demétrio, Darcy, Ramos, Francisca e Daniel, os filhos mais velhos, e mesmo Ninha e Chico, os mais novos, são capazes de rir dos apuros pelos quais passaram. Zombam das dificuldades que viveram, riem de si mesmos.

Uma análise bourdieusiana, por exemplo, sintetizaria tal comportamento com a fórmula da necessidade tornada virtude: o fato de estarem ainda engajados em condições materiais e morais próximas daquelas do passado levaria a que o sujeito, por meio de uma

espécie de proteção psíquica, mascarasse a crueza de sua vida. Estando enredados no mundo que também está dentro deles sob a forma de um "*habitus*", não haveria distância objetivante possível.

Tal tipo de análise pode ser ainda nuançada por exames de situações específicas nas quais questões como a da fome são tematizadas. Percebi que quando estão todos juntos, relembrando a infância e juventude, há uma espécie de teatralização dos acontecimentos, sejam eles negativos, como a experiência da fome, ou positivos, como os momentos de diversão com os repentistas e emboladores de coco. Juntos, eles se divertem com os apuros vividos, e mesmo Juscelina se diverte com as narrativas. Quando não estão em grupo o estilo é outro, o tom é grave. Lembro-me que na primeira visita à casa de Francisca estava acompanhada de Juscelina, em fevereiro de 2012. Querendo "puxar" alguns assuntos da infância de Francisca, ela perguntou: "*Mas me diz assim: como era essa pobreza?".* Ao que Francisca responde:"*Oh menina, se você não sabe o que é pobreza, deixe quieto".*

Respostas parecidas com essas também me foram dirigidas algumas vezes, quando falávamos sobre assuntos delicados ligados às dificuldades materiais, as quais apresentam, sempre, desafios morais. Entendo que há aí uma componente cultural importante: existe uma tradição de contar estórias em roda, coletivamente, e esse é um momento de descontração, de diversão, de modo que mesmo as lembranças mais duras adquirem colorações alegres. No entanto, quando estão sozinhos, sem a proteção do riso coletivo, outro tipo de reflexão é acionada e as lembranças adquirem outro peso e outra cor. Apesar de ter percebido isso no discurso de todos com quem conversei, no de Juscelina tais lembranças têm características específicas. Ela coloca seu passado em relação a tudo que viu e viveu posteriormente de forma muito frequente e aguda. Isso gera uma constante comparação entre si mesma e o outro, e entre as maneiras de sua família e um ideal de comportamento que considera correto e *civilizado*. As referências que constroem esse ideal estão ligadas ao cuidado e à higiene da casa e de si, principalmente, mas também a um esforço cotidiano na busca de um preparo profissional e intelectual satisfatórios, e também à prática de uma ética da caridade. Uma constante comparação entre seu passado e o mundo que conheceu depois de migrar para as metrópoles do Sudeste levam também a intensas reflexões sobre as orientações que povoaram seus caminhos, algo como espíritos superiores e desencarnados que a orientaram: *Pri, várias vezes eu ouvi vozes aqui na minha mente, mas não era a minha voz, que diziam pra eu agir dessa ou daquela maneira.*

3.2.1 –A vida religiosa, as brincadeiras de criança e o universo moral da família

3.2.1.1–As primeiras experiências religiosas de Juscelina

Antigamente, em maio, eu virava anjo.
A mãe me punha o vestido, as asas,
Me encalcava a coroa na cabeça e me encomendava:
'canta alto, espevita as palavras bem'.
Eu levantava vôo rua acima.

Verossímil(Adélia Prado).

Penso ser um grave erro afastar a possibilidade do elemento mágico em qualquer ajuntamento humano. Outrora sabiam e hoje já não sabem, mas o elemento continua incorporado ao seu patrimônio, bagagem e costume.

Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica (Luís da Câmara Cascudo)

O cotidiano da família e da comunidade era impregnado de religião, que marcava o calendário, as práticas rotineiras, a política local e também a paisagem cultural. É perceptível a força da herança dos franciscanos, beneditinos e carmelitas que catequizaram potiguaras, tapuias e tabajaras, povos indígenas que habitavam a região antes denominada de Cupaóba (conjunto de serras que abrangia a região da Serra da Raiz até Areia e cujas divisas eram as bacias dos rios Camaratuba ao leste e Curimataú a oeste). Como anota Bosi (1992), a tradição católica popular ibérica, diferentemente do puritanismo inglês ou holandês dominante nas colônias da Nova Inglaterra, valia-se fartamente das imagens para delimitação do espaço sagrado e como elemento de catequese. A riqueza imagética do barroco paraibano é traço de conquista territorial nas impactantes igrejas de João Pessoa, as quais não trazem a riqueza característica da região mineradora, notadamente do barroco mineiro, mas refletem a intenção de conquistar fiéis por meio da agregação de elementos locais (fauna e flora) aos símbolos católicos (OLIVEIRA, 1999).

Nas regiões mais interiores, a herança do catolicismo português da devoção popular ibérica, ainda medieval no século XIX, como demonstrou e professou Suassuna (1974), marcou mais os rituais, músicas e fala do que os edifícios religiosos. Traço marcante do enraizamento popular do catolicismo barroco é a encarnação simbólica dos anjos e santos nas crianças travestidas de tais figuras celestes.

Figura 19 - Coroação de Nossa Senhora do Rosário, na Igreja Matriz.
Foto: Acervo pessoal de Jocelino Tomaz de Lima, 1958.

Durante todo o mês mariano as crianças dos sítios, vestidas de anjos, participavam das cerimônias de agradecimento e glorificação à santa nas capelas e casas da região rural. Os altares, alguns improvisados, eram enfeitados com flores, tal como na fotografia acima. Diante deles os fiéis faziam seus pedidos e agradecimentos à mãe de Jesus de Nazaré. Na casa da avó de Juscelina havia uma capela e todos os anos um dos *noitários*(reuniões noturnas patrocinadas pela família que recebe fiéisem casa para fazer novenas) de maio eram lá realizados. No s*ítio de Antônio Pedro,* com quem sua avó vivia, Juscelina algumas vezes representou um dos anjinhos que com as flores e imagens da capelinha compunham o cenário da cerimônia. Ao final da novena, as flores eram guardadas para a celebração derradeira, a *queimagem das flores*, em 31 de maio.

Na área rural, a *queimagem* acontecia após a cerimônia da capela da Fazenda Massaranduba, uma das áreas mais ricas em agave do município. As flores recolhidas em cada noitário eram levadas para lá. Uma fogueira era acesa e em volta dela formava-se uma ciranda de mulheres, moças, crianças e anjinhos. Juntos, cantavam em exaltação à Nossa Senhora:

Vamos pastorinha
Vamos todos acompanhar
Vamos queimar estas flores
Que já foram deste altar

Vamos companheiros
Vamos todos com alegria
Vamos queimar estas flores
Do Santo mês de Maria

A fumaça perfumada que se desprendia lentamente era elemento de júbilo do ato de adoração, equivalente à oferta de um sacrifício, tal como aquele que Noé, após construir um altar para o Senhor, realizou por meio da imolação de alguns dos animais e aves de sua arca, conforme narrado em*Gênesis* 8, 19-22:

> Então Noé saiu da arca com sua mulher e seus filhos e as mulheres deles, e com todos os grandes animais e os pequenos que se movem rente o chão e todas as aves. Tudo o que se move sobre a terra saiu da arca, uma espécie após a outra. Depois Noé construiu um altar dedicado ao Senhor e, tomando alguns animais e aves puros, ofereceu-os como holocausto, queimando-os sobre o altar. O Senhor sentiu o aroma agradável e disse a si mesmo:"Nunca mais amaldiçoarei a terra por causa do homem, pois o seu coração é inteiramente inclinado para o mal desde a infância. E nunca mais destruirei todos os seres vivos como fiz desta vez. Enquanto durar a terra, plantio e colheita, frio e calor, verão e inverno, dia e noite jamais cessarão".

A comunidade acreditavaque a fumaça tinha dons curativos. Dona Geralda, que morava nas cercanias da Fazenda Massaranduba e que organizou várias cerimônias de homenagem a Nossa Senhora, conta que ela sofria muito com doenças respiratórias quando criança e que sua tosse desaparecia na hora em que aspirava a fumaça que se desprendia das flores: *Aquelas flores era tudo abençoada,* me diz.

A estratégia de se representar sacralizado por meio da encarnação de personagens célebres também era prática de políticos locais. E muito comum nas celebrações de datas oficiais, como o dia da Independência do Brasil ou da Proclamação da República, prefeitos vestidos de Dom Pedro I e Tiradentes.

Figura 20 - Pompa e circunstância na cerimônia de Coroação de Nossa Senhora do Rosário, na Igreja Matriz.
Foto: Acervo pessoal de Jocelino Tomaz de Lima, 1958.

Da Paraíba colonial restou ainda a vigilância rigorosa da fé na forma de controle social, exercido tanto pelos mandatários da doutrina católica quanto pelos próprios fiéis, os quais exerciam rigoroso controle sobre a sexualidade feminina e sobre o respeito à hierarquia etária, social e de gênero. Juscelina lembra-se de que precisava pedir a bênção aos vizinhos mais velhos e que inventava pecados a serem confessados ao padre da cidade, cuja figura lhe causava temor e desconfiança. *Eu inventava pecado...Umacriança que morava no mato, que só trabalhava e estudava, vai ter pecado, Pri*? O padre, que tinha muito poder na cidade e liderou a paróquia desde a década de 1940 até fins dos anos 60, ainda povoa o imaginário de Juscelina.

Ele é uma referência importante da Igreja Católica da qual ela começou a afastar-se quando chegou ao Rio de Janeiro. Figura autoritária e atemorizante,é comum ouvir em Caiçara que o padre frequentava as bodegas da cidade, bebia e fumava charuto. Dizem também que ele andava armado e respondia com rispidez e truculência ao sentir-se desafiado. Mesmo pouco amistoso, era imperativo que fosse adorado, dado o poder religioso, político e

social que encarnava. Nas entrevistas no Rio de Janeiro o padre já havia sido mencionado por Juscelina, mas foi em Caiçara, em uma visita ao acervo fotográfico de Jocelino Tomaz de Lima, que as lembranças do religioso vieram com mais força:

> Juscelina: Quando você estuda, por exemplo, 'O Nome da Rosa", e a época da Inquisição... Ele vem daí, entendeu? Ele vem daí... Porque eu não posso entender como é que um padre faz uma criança ficar ajoelhada no milho e rezar cem Padres Nossos e não sei quantas Ave-Marias. Eu não podia conceber isso.(...) Agora você vê como um padre pode marcar a vida de uma pessoa. Eu tinha que venerar esse homem, mas eu me negava a venerar esse homem. Agora, eu não podia compartilhar isso com ninguém. Era uma coisa íntima minha, porque senão eu seria excomungada. Eu não esqueço essa palavra: excomungada.

Ela conta que na década de 1990, quando assistiu ao filme *O nome da Rosa* (1986), baseado no romance homônimo do italiano Umberto Eco, teve um grande impacto, pois lembrou muito vivamente do padre, com suas ordens, desmandos e discursos sobre pecados, penitências, obrigações, vícios e temor a Deus. Sua irmã Darcy e sua tia Mariinha, muito religiosas, têm outras memórias do padre. Ambas disseram que ele era muito *ético e bondoso.* Pelo que constatei conversando com outros caiçarenses, o padre é mesmo uma personagem muito marcante e controversa na cidade.

O calendário municipal, assim como o tempo da família, era cadenciado pelas festas religiosas. Nos primeiros dias do ano acontece a festa mais importante da cidade, a Festa de Reis. Depois vem a Consagração de Nossa Senhora, no fim de maio, e então São João, quando Juscelina tinha direito a mais uma peça de roupa nova. O calendário religioso regia até mesmo o guarda-roupa da família. Próximo a outubro acontecia a Festa da Colheita e em dezembro o Natal, que no Sítio Cancão não era comemorado como ocasião especial.

Elementos mágicos participaram da socialização religiosa de Juscelina e de seus irmãos, tanto na fase do Pará quanto no tempo vivido na Paraíba. No Norte, as brincadeiras e travessuras aconteciam na mata, onde muitas vezes os acompanhavam os espíritos da floresta. Sobre eles, Maria e Ramos entendem bem:

> Maria: A gente tinha três cachorro bom de caçar à noite e era noite de lua, minha filha. Aí fomos, aí quando chegou lá em cima do alto, a gente sentou todo mundo em cima de umas pedrinhas, umas coisas, e ficamos lá. Daqui a pouco os cachorro apareceram tudo desconfiado, fizeram um buraco no chão e se deitaram, aí o cumpadre Ramos disse assim: "Ah, hoje não tem caçada não. Não tá me cheirando bem". Eu disse: "O que é quehá?" Aí, ele disse:"Não é nada não: escuta aí". Aí essa mata é uma mata virgem, que nunca foi cortado um pau nem nada, sabe? É as madeira tudo em pé. Aí, minha filha, lá vem um converseiro, aquelas conversa de dentro do mato como se viessem de uma trilha.
>
> Priscila: Todos ouviram?
>
> Maria: Todos nós ouvimos: Tununum, tununum, tununum, não sei o que. A gente só não entendia o que tava falando, mas a gente ouvia que tava conversando como duas pessoas. Tununumtununum. Minha filha, daqui a pouco nós com a luz de gás acesa, aí haja rebolo, minha filha, de barro. Jogaram:bá, bá, bá, bá! Era rebolo pra todo lado.
>
> Priscila: Vocês jogaram?

> Maria: Jogaram na gente!
> Priscila: Jogaram?
> Maria: Foi...Jogaram, só não bateu na gente, nem nos cachorro, mas você vê a hora que batia no chão: pá, pá, pá! É esquisito demais. Aí nós falou: vamos embora!
> Priscila: Você não ficou com medo não, Maria?
> Maria: Oh, o povo fala de uma Florzinha, a gente sabia que aquilo era uma arrumação dela, de encanto das matas. É que as matas têm encanto de verdade.
> Priscila: Falam numa Florzinha?
> Maria: É, é a dona das matas, assim. É tipo um espírito. É...

Em Caiçara o elemento mágico continuou presente. Satina costumava dizer que ouvia vozes de fantasmas, e Maria, até hoje, vez por outra se depara com encantos da natureza quando faz pescarias e passeios com seu netos:

> Maria: Agora tem uma coisa que acontece,assim... Talvez se eu falar você nem vai acreditar. Em pescaria vocêvê, tipo assim, coisa encantada. Há poucos dias fui eu, Nozinho [marido] e Isaac [neto mais velho] pescar. Lá tem um canto que a gente pegou, assim, quase um saco de peixe nesse canto. Aí um outro dia botou um negócio assim que a gente joga e tinge a água, aí o peixe se embebeda e a gente pega o peixe.
> Patrícia: É uma planta.
> Maria: Aí, quando a gente botou, sabe o que foi que aconteceu? Os peixinhos miudinhos que tinha vinha beliscando o mato que a gente põe na água, roendo aquele mato, nada de efeito teve. Aí eu escutei umas músicas dentro da pedra. Aí eu disse: "Tá escutando, Isaac?" Ele disse: "Tô, vovó". E eu: "Meu filho, olhe, isso é um encanto que tem dentro dessa pedra". Aí eu fui... Ninguém pegou um peixe sequer. Cê acredita?
> Priscila: Não entendi, Maria. Por causa do encanto?
> Maria: Sim, o negócio das águas, coisa assim que ninguém pega. Se você for pra uma pescaria, pra uma caça, até se você for pra uma viagem assim, vai impedir. Eu fui pescar, aquilo impedia de pegar o peixe. Não teve peixe aquele dia. Aí,é aquelas músicas:Nanananana,nanananana,nananaananana... Lá longe dentro daquela pedra. Aí quando eu andei como daqui até a entrada da rua, aí deu vontade de eu olhar pra trás. Aí a pedra ela é assim, ó, como se fosse com um bico pra cima. Ela é assim: fecha em cima, abre no meio e fecha embaixo. Ela tem uma barriga, não tem como subir e ela é bem alta. Eu disse:"Tá vendo, Isaac, o que é aquilo em cima da pedra? Ele disse: "Não. É uma pessoa?"Não tem quem suba lá. Eu e ele vimos a pessoa.
> Patrícia: Agora, eu acho que ele viu tambémporque ele é criança.
> Maria: Mas é porque dava pra ver e ele escutou também a contarola lá na pedra, dentro da pedra, a gente entende que é na pedra. E quando o rádio tá tocando a gente não entende que é no rádio? Pronto. Aí outro dia eu fui pra uma caçada.
> Priscila: Mas você ouvia esse canto, esse som te impede de fazer qualquer coisa, né? Não só pescaria?
> Maria: Não só pescaria. Aquilo é um negócio que, sei lá, tá*impatando* de você fazer alguma coisa.
> Priscila: Já tinha ouvido antes?
> Maria: Já, já... Mas assim, quem vive dessas vidas que eu gosto, assim, ouve essas maracutaia.

Ainda hoje, em Caiçara, as imagens e rezas da religião católica convivem harmoniosamente com crenças de todos os tipos. Em algumas casas os altares domésticos possuem somente imagens de santos e anjos da Igreja Católica, como é o caso do altar de Dona Mariinha. Perto dele, havia um chapéu, que era de seu falecido esposo. Ela me conta que *na casa de uma senhora casada sempre deve ter um chapéu de seu marido*, mesmo que ele não esteja mais lá. Em outras casas, a imagem de Nossa Senhora está cercada de pimenta,

alho e plantas que *espantam mau olhado*. Nas lojas é comum haver uma bíblia aberta próximo à porta de entrada.

Figura 21 - Em uma casa, em Caiçara, a imagem de Nossa Senhora está acompanhada de alho, pimenta e espada de São Jorge - planta que espanta mau olhado.
Foto: Coutinho. P.O, 2012

Figura 22 - Dona Mariinha mostra o altar de sua casa e o chapéu de seu marido, que demarca a presença masculina, mesmo que simbólica, na casa de uma mulher *correta*.
Foto: Coutinho. P.O, 2012.

3.2.1.2–As brincadeiras de criança e a relação com os pais e irmãos

Quem nasce feio, enjoado
Tem sofrimento, tem dor
Por todos não desejado
Não tem vintém, nem amor

Fragmento de O urubu é um triste (Luiz Gonzaga)

Escrita a lápis:
Era tão apagada que certa vez inadvertidamente a Vida escreveu sobre o seu rosto uma nova história pensando tratar-se de uma página em branco.
Firmemente ela passou a ter novos pensamentos.

Contos contidos (Maria Lúcia Simões)

Nas entrevistas feitas no Rio de Janeiro e em São Paulo, antes de irmos à Paraíba, Juscelina falou muito pouco sobre detalhes da infância, como brincadeiras e a rotina no Sítio Cancão. Apesar de mencionar com carinho a si mesma ainda menina, as lembranças que me foram narradas eram mais ligadas às dificuldades cotidianas, ao trabalho no roçado e à solidão. Comentou sua aparência: *Eu era muito feia, tinha uma cabeça muito grande, aí meu pai me dizia assim: "Você tem cabeça grande porque é inteligente".* Um dia, em novembro de 2011, visitei seu apartamento para conhecer seu acervo de roupas, sapatos, bolsas e lenços, todos de importantes marcas nacionais e internacionais, impecavelmente guardados em armários e gavetas perfeitamente limpos e organizados. A certa altura, ao me mostrar alguns de seus chapéus, ela me confessa: *Uma tristeza que eu tenho é de nunca ter encontrado um arco que coubesse na minha cabeça. Nunca pude usar um arco.* Além da cabeça grande, lembra-se de ser muito barriguda e um pouco manca, tal como sua mãe, Satina. Até hoje mesmo depois de visitas aos mais renomados médicos do país, o motivo dessa pequena imperfeição não foi descoberto. Entretanto, como sua mãe tinha a mesma característica, ela entende tratar-se de algum tipo de herança genética.

A convicção de que a barriga grande da infância é também uma tendência genética, faz com que Juscelina tenha uma disciplina alimentar e de exercícios espartana. Nem as dores nas

pernas a impedem de correr e ela segue uma dieta alimentar orientada pelo mesmo ascetismo que a levava ser, desde os primeiros anos na Coca-Cola, uma das primeiras funcionárias a chegar ao escritório, mesmo quando já era uma importante executiva.

A solidão e tristezas da infância eram as memórias narradas com mais frequência no Rio de Janeiro e em São Paulo, no entanto ao chegarmos a Caiçara outras lembranças foram sendo reavivadas. A paisagem da cidade, os horizontes que podem ser vistos da planície do Curimataú, os pés de Joá, Amburana e Mulungu, os Paus D'arco, que ficam lindos quando floridos, os mandacarus, as plantações de palma, as ruínas do sítio, os lajedos: todos esses lugares da memória e a companhia de seus irmãos trouxeram à tona linguagens e recordações que até então não haviam aparecido.

Em meio às ruínas do Sítio Cancão e nas estradas que levavam à casa de seus irmãos foram surgindo lembranças das brincadeiras de infância. Pude compreender que elas também tinham um tempo: o tempo da floração do caju, do *inverno* (época de chuvas), das festas. No início de janeiro a brincadeira era a expectativa e a presença na Festa de Reis, a mais importante da cidade, que reunia os cidadãos caiçarenses, os da redondeza, e também os migrantes que voltavam nessa época para visitar a família e amigos. Para ir à festa ela ganhava a primeira roupa nova do ano. Era também, e ainda é, um lugar de encontros. A esperança das moças casamenteiras é reavivada no tempo da Festa de Reis, quando os rapazes que partiram retornam triunfantes, noticiando uma vida moderna, confortável e cheia de alegrias[72].

Nas lembranças de Juscelina, a Festa de Reis trazia novidades que nem o São João nem a Festa da Colheita tinham: parque de diversões, algodão doce, maçã do amor e alfenins

72. O conto *O sonho de Cléo*, de Roniwalter Jatobá (2010), narra, com precisão etnográfica e rara sensibilidade, a história de uma moça do interior que, em uma das festas da cidade, inicia um namoro com um rapaz que havia migrado para uma cidade industrial do estado de São Paulo, e com ele parte para a cidade grande. Foi numa Festa de Santa Efigênia, na cidade de Bananeiras, que Cléo começou um namoro com Arnaldo Lopes. Ele, vindo de São Miguel Paulista para passar o tempo da festa na cidade, chegou bem vestido, pagando bebida e, dizendo ser um "homem de muita sorte" (p.108). Pediu a moça em casamento e ela se perguntou: "Por que não fugir desse mundo sem nenhum futuro?" (p. 108). Partiu de Bananeiras e encontrou em São Paulo uma vida muito distinta daquela anunciada pelo homem que, repentinamente, se tornara seu marido. Não concretizou o sonho de autonomia que impulsionou sua aventura e nunca teve cumprida a promessa de jantar num restaurante, um sonho que tinha desde quando morava no interior. A história de Cléo aduz à dinâmica social segundo a qual a experiência de migração é compreendida por registros opostos: ora como bênção, ora como maldição (SAYAD, 1998). Situação muito próxima a essa aconteceu com um de meus informantes, à época deprimido com a partida de sua esposa. Ele é um rapaz de prestígio em Caiçara, mas no Rio de Janeiro, onde morava havia cerca de 10 anos, era somente um vendedor de peixes. Sempre muito bem aprumado e discursando com eloquência, conheceu uma moça na Festa de Reis, e imediatamente pediu à família dela permissão para namorarem e casarem. Uma vez que a permissão foi concedida, tudo foi arranjado rapidamente e em menos de um mês a moça estava no Rio de Janeiro. Ao contrário do que previa, entretanto, ela não morava perto da praia, e sim na Baixada Fluminense, e trabalhava o dia todo na pequena peixaria do marido. Decepcionada com a vida que levava, mas decidida a não voltar para Caiçara, ela se revolta e decide partir com outro homem.

(*alfininhos*). Estes últimos, segundo Gilberto Freyre (1997) e Câmara Cascudo (1983), são quitutes árabes trazidos para o Brasil por portugueses de origem moura. Na Península Iberica, os docinhos já eram popularesem fins do século XV e princípios de XVI. Juscelina e os irmãos com idades próximas àsua ganhavam *alfininhos* no Natal. Maria e Darcy, as irmãs mais velhas, iam para a Missa de Natal em Logradouro e compravam os docinhos, cuja massa branca feita de açúcar, água e goma de mandioca é habilmente transformada em esculturas de motivos religiosos ou do universo rural infantil (animais, flores, objetos domésticos). Ao chegarem, deixavam os frágeis doces em cima dos chinelos das crianças.

Mais forte do que as lembranças dos docinhos e brinquedos da Festa, entretanto, é a do tipo de segregação social que ratificava. No espaço onde os festejos aconteciam eram muito bem demarcados os limites que separavam os agricultores pobres daqueles que moravam na cidade, assim como dos proprietários de terras e suas famílias. No palanque onde eram – e ainda são –feitos os leilões, que funcionam também como importante ritual de afirmação de poder no "tempo da política" (PALMEIRA, 2002), só tinham lugar aqueles que possuíam poder econômico e/ou político. O mesmo ocorria nas áreas centrais da festa. Juscelina lembra de que havia algo como um cordão (imaginário ou físico) que separava os agricultores dos políticos, senhores, comerciantes e funcionários públicos. Sobre isso, diz:

> Só podiam subir lá as pessoas ricas. Eu podia ser a bela da praça, que nem era o caso, mas o fato de não pertencer a essas famílias, eu jamais poderia subir num negócio desses. Nós éramos meros coadjuvantes naquela palhaçada toda. E naquela época eu já achava aquilo uma palhaçada.

Figura 23 - Leilão da Festa de Reis.

Foto: Acervo de Jocelino Tomaz de Lima, sem data.

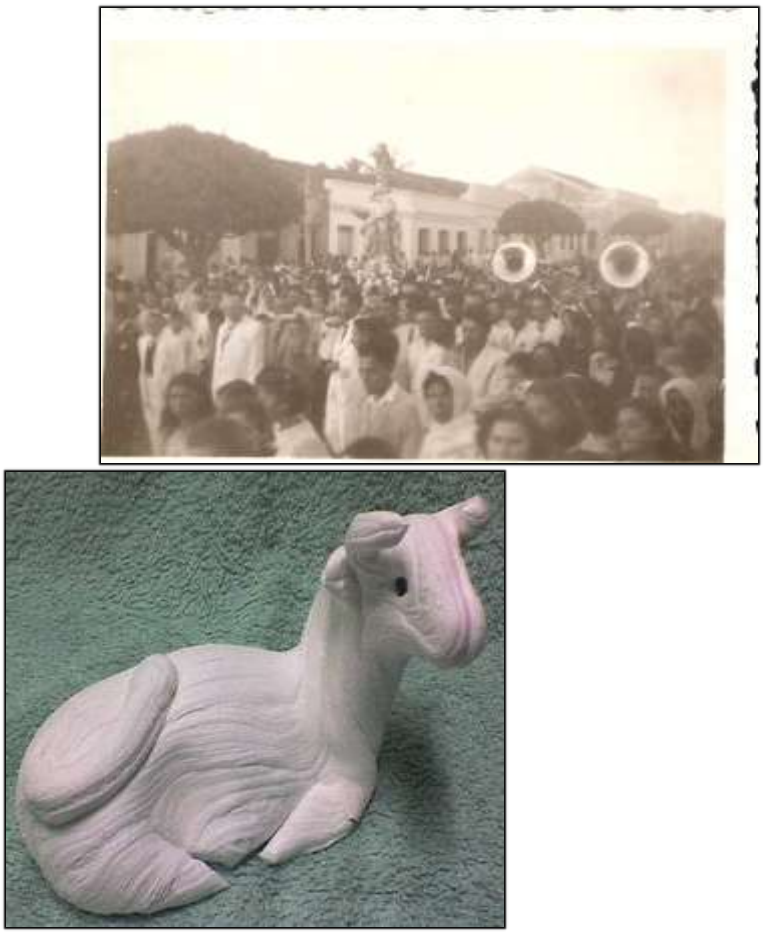


Figura 24 - Procissão de Reis e alfenim.
Foto: Acervo de Jocelino Tomaz de Lima, sem data.

Entre uma festa e outra a rotina de trabalho era aliviada pelas brincadeiras com os irmãos, principalmente com Ninha e Chico, que têm idades mais próximas à de Juscelina. Satina fazia bonecas de pano para as meninas, mas as crianças também inventavam seus próprios bonecos com frutas e gravetos. Como conta Maria: *Antigamente a gente improvisava, pegava aquelas manguinhas verdes que caíam das árvores e botava pezinhos nela com palito e fazia umas galinhaescritinha. Era...*

Quando iam à feira de Caiçara, vez por outra Gabriel e Satina traziam panelinhas de barro para as crianças. Satina, ao limpar a carne que, na maioria das vezes, havia sido caçada, separava as vísceras para que as crianças brincassem de cozinhá-las na panelinha aquecida por fogueirinhas de gravetos. Jogavam também com bolinhas de gude. Juscelina lembra-se de ficar encantada com as diferentes colorações que elas mostravam quando aproximadas ao candeeiro. Outra diversão acontecia no *inverno*. As crianças já se animavam com aquele

tempo bonito, carregado, acinzentado. Quando a água caía, aí a brincadeira era muito animada, iam todos para fora de casa comemorar e tomar banho de chuva.

Dentre as diversões da infância, não podiam faltar as animadas noites com os emboladores de coco que Gabriel encontrava pelo caminho. Da alegria e gargalhadas de seu pai ao ouvir as histórias dos repentistas, assim como de quando ele, deitado na rede, lia os folhetos que trazia da feira, Juscelina lembra-se muito bem.

Em junho vinha o São João, que também era divertido porque a festa era boa e Juscelina ganhava outra peça de roupa nova. Quando ia chegando agosto os cajueiros começavam a dar frutos. As crianças pegavam, então, os *maturis (*castanhas de caju ainda verdes) e brincavam de derrubar a *bitela*, ou seja, a castanha maior. Era assim, *parecido com boliche*, explica Juscelina: *a bitela ficava num lado e a gente ficava no outro, com as castanhas menores. A gente ia jogando as castanhas até acertar a bitela. Quem acertasse, ficava com a bitela e com as outras castanhas.*

Juscelina e seus irmãos tinham dois grandes companheiros de brincadeiras e caçadas, o Zeca e o Lourenço. O primeiro era um cachorro; o segundo, um gato. Quando partiu para João Pessoa, diz ela, *eu não sei de quem eu sentia mais falta, se era deles ou da minha família.* Sobre os dois amigos, ela conta um pouco mais no quadro localizado no final do tópico 3.3, deste capítulo.

Figura 25 - Juscelina com seu vestido novo, aos 9 anos, no Sitio Cancão.

Foto: Acervo da família, sem data.

Em outubro vinha a Festa de Colheita, que até os anos 1980 tinha características fortemente religiosase depois foi se tornando *profana*, como me explica Joelma, filha de Darcy. A festa era uma forma de agradecimento a Deus pela colheita durante o ano. Juscelina não tem registros particulares dessa festa. Em dezembro vinha o Natal. Nada de especial acontecia no sítio, além dos *alfininhos*deixados embaixo dos chinelos.

Quando as crianças faziam bagunça ou *arengavam* (brigavam), Satina prometia uma surra, mas antes disso eles deveriam estar alimentados. Ela dizia, então: *toma café pra apanhar.* Os filhos contam, entretanto, que a surra nunca vinha depois do café. A economia moral da família não contava com modalidades violentas de inculcação da autoridade dos pais. Seguindo a tradição da ética do trabalho camponesa, a educação era fortemente baseada numa "pedagogia do sofrimento" (COMEFORD, 2003), segundo a qual o aprendizado da honestidade e a garantia de respeitabilidade só podem ser conseguidos à custa de muito trabalho. Esse tipo de formação ética, como assinala Comeford (2003), é também uma forma de perpetuação de um determinado modelo familiar baseado na obediência aos pais, na solidariedade e no respeito aos irmãos e à comunidade. Os pais ensinavam o trabalho aos filhos e procuravam fazer com que eles os vissem trabalhando porque assim também davam o exemplo. Satina acompanhava e coordenava o trabalho dos filhos no roçado, enquanto as filhas maiores cuidavam dos pequenos. Gabriel procurava ensinar aos meninos mais velhos o trabalho de tropeiro e negociante. Ramos lembra-se de quando desistiu da vida de tropeiro. O dia ficou marcado não só pelo sofrimento, mas também por ter sentido em seu corpo o sacrifício pelos quais seu pai passava para sustentar a família.

> Priscila: Seu pai se zangava muito com vocês?
>
> Ramos: Meu pai não reclamava com a gente não, não era grosseiro não. Mas o que ele mandava fazer a gente fazia. Todo mundo obedecia. Quando dava uma ordem era lei. Eu me lembro um dia que ele me mandou pra Pirpirituba [localizada a 30 km de Caiçara] pra entregar duas caixas de camarão. Aí eu disse: "Pai eu não vou não que eu não conheço a estrada, não conheço o caminho". Ele disse: "Você começa a agir [conduzir a tropa de burros] três horas da manhã. Você encontra os matuto e acompanha eles e chega lá".
>
> Priscila: E chegou?
>
> Ramos: Cheguei, mas nesse dia eu sofri muito. Peguei muito inverno esse dia, sabe? Sofri muito. E os burros daqui são acostumados com o curimataú [vegetação de caatinga típica do Agreste paraibano]. Lá eu peguei muito brejo, muita ladeira na serra. Ficava escorregando, virando, caindo em cima... Ih, Nossa Senhora.
>
> Priscila:Demorou muito tempo pra chegar lá?
>
> Ramos: Cheguei lá onze horas do dia pra doze e cheguei aqui três horas da manhã. E de volta foi pior. Aí nesse dia abandonei de tanger burro.
>
> Priscila: Por quê?
>
> Ramos: Sofri muito nesse dia. Levei chuva o dia todinho. Aí eu entendi o que ele sofria né? Porque ele saía daqui e ia até o Rio Grande [Rio Grande do Norte] tangendo burro.

Gabriel era uma figura de autoridade bastante marcante. Sobre isso, Juscelina diz: *Na minha vida, a única pessoa pra quem eu abaixava a cabeça era pro meu pai(...) a única. Fora isso, nunca abaixei a cabeça pra ninguém. O meu pai eu respeitava, o meu pai era só olhar. Eu nunca discuti com meu pai.*

No universo rural, no qual há um maior peso dos princípios de divisão de gênero na estruturação das práticas, há um trabalho específico de socialização das pulsões primárias dirigido às mulheres. A "pedagogia do sofrimento" (COMEFORD, 2003) toma contornos característicos quando o que se pretende é educar uma mulher. A respeitabilidade da mulher implica rígido controle sobre sua sexualidade, exercido pela família, pela comunidade e pela Igreja (cujos princípios direcionam a censura da família e da comunidade) sob a forma de um conjunto de permissões e proibições que moldam a noção de mulher honesta.

Juscelina era proibida de aproximar-se de mulheres *separadas*, de usar roupas curtas, maquiagem e calça comprida. As atividades de lazer restringiam-se à participação em atividades religiosas e em alguns poucos bailes organizados durante o ano, nos quais havia o olhar atento da comunidade sobre as moças. O controle explícito e implícito sobre a sexualidade feminina foi apreendido por ela na forma de um comportamento sério e recatado, além de um *puritanismo*, como ela mesma diz, que se chocou com as práticas e discursos sexuais mais liberais que foram conhecidos no tempo em que viveu em metrópoles.

Arelação com Satina também era marcada pela obediência, mas em suas memórias ela não vinha acompanhada do mesmo carinho que constituía a relação com Gabriel. As narrativas da infância demonstravam certo ressentimento com a mãe e irmãos. Junto com a mágoa vinham saudade, compaixão por sua mãe e a sensação de que ela era uma criança muito solitária. Maria, que ajudou Satina e Gabriel a criarem Juscelina e seus irmãos, fala um pouco de como era o comportamento da menina, e questiona uma lembrança que a marcou, a de que sua mãe a escondia das visitas porque achava a filha muito feia. Da conversa abaixo transcrita, participam eu, Maria, Juscelina, Patrícia (filha de Maria), Núbia (filha de Darcy) e Moisés (sobrinho neto de Juscelina). Além de Juscelina, os sobrinhos, que sabem muito pouco sobre a trajetória da tia, demonstram interesse em compreendê-la um pouco melhor:

> Maria: Ela [Juscelina] toda a vida foi calada. Ela nunca brincou com a gente, ela nunca cantou, ela nunca assobiou. Ela era uma menina, ali...morta. A gente tava brincando ali e ela daqui observando tudo aquilo ali calada.
>
> Núbia: Não participava da brincadeira não?
>
> Maria: Nada. Nunca correu.
>
> Priscila: Por que será?
>
> Maria: Dela, é o jeito dela. Por isso mesmo que hoje ela vive assim. É tudo dela. Mas menina, essa criatura é isso mesmo.

> Juscelina: Fala mais disso.
> Maria: Mas não é verdade?
> Juscelina: Não sei, Maria, você tem que falar o que você pensa. Como era eu, assim...
> Maria: Você era isso mesmo que eu tô dizendo.
> Juscelina: Então eu não ria, não falava muito?
> Maria: Não. Você não era de brincar nem de boneca. Nós não tinha boneca porque nossa mãe não tinha condições de arrumar, é...dinheiro pra comprar boneca pra gente. Aí ela fazia aquelas bonecas de pano e nós brincava. Mas ela nunca foi nem de enrolar uma bonequinha com nada. Ela foi separada da gente porque ela era calada.
> Núbia: Mas você pensava que era por quê? Só porque ela era calada...
> Maria: É, é porque era dela mesmo.
> Patrícia:Não era porque ela era das mais novas, não?
> Maria: Não, não porque Ninha era também das mais novas e erabirribica [travessa]. (risos).
> Juscelina: Maria, eu tinha uma ligeira lembrança de que minha mãe me escondia, que eu era muito feia quando era pequena.
> Maria: Não...Elanunca escondia não...
> Juscelina: É...Escondia sim. A Ninha era bonita e o Chico era bonito, e eu era feia.
> Maria: Não, falava sim, mas mamãe nunca escondeu filho não.
> Juscelina: Minha mãe me achava feia demais.
> Maria: Nós mesmo achava feia, sabe? Porque era a cabeça grande, a barriga (todos riem), não tinha bunda,
> Moisés: As filhas faziam a cabeça da mãe.
> Maria: É, nós mesmo fazia greve [bagunça], mas ela dizia: não, pra mim todos são iguais.
> Juscelina: Então quem dizia que eu era muito feianão era minha mãe, eram vocês.
> Maria:Era.
> Juscelina: E eu era muito feia mesmo, é?
> Maria:Era feiinha que doía. Só tinha cabeça, cabeça grande.
> Juscelina: É verdade...a Nana [Regina, esposa de Demétrio] falava que eu andava de lado, andava torta. É verdade isso?
> Maria: É! Andava quase que nem caranguejo (risos). Mas você era assim mesmo, era uma criancinha tão assim [Maria se encolhe e abaixa a cabeça, mostrando como era Juscelina], sem graça, como se sofresse algum desgosto. Mas ela é desde pequenininha, e foi crescendo nisso e ela ainda hoje é calada. Ela não gosta de muita conversa não.

Em conversas com outras pessoas, opiniões sobre a aparência de Juscelina foram bem diferentes. Uma de suas primas, filha de Mariinha, disse que *a Juscelina era tão linda, tava sempre tão bem arrumada.* Sobre os apelidos, brincadeiras e deboches com as características físicas, nenhum dos irmãos de Juscelina escapava. Porém, a forma como ela organizou essas memórias e a maneira com que seu espírito sentia esses deboches a levaram a uma determinada visão de si à época, imagem essa que influi sobre as várias construções de simesma elaboradas ao longo da vida. A organização racional desse sentimento de *patinho feio*, elaborada nas narrativas a mim dirigidas, avalia, julga e justifica também o tipo de relação que ela manteve com a família ao longo dos anos de distanciamento.Juscelina sentia-se injustiçada, abandonada, e os motivos que justificam esse sentimento eram por ela, em grande medida, assentados na infância de suas memórias, marcadas pela solidão.

São também as vivências e recordações da infância que de modo mais pungente conformaram sua visão da relação com Satina.Juscelina rejeitava fortemente o destino que a comunidade lhe reservava, cuja representação máxima era a vida da sua mãe. Todos disseram

a mesma coisa sobre Satina: *era muito trabalhadeira, devota, séria e muito limpa. Mas ela era feliz?,*perguntaJuscelina a Maria. *Eu acho que era porque ela tinha muito filho, e quem tem filho tem amor no coração*. Juscelina não pensa assim. Amor no coração pode não ser o mesmo que felicidade. Ela não via felicidade na vida de sua mãe, apesar de achar que a missão dela na terra foi ter filhos. Foram 25 gestações quatro abortos, nove filhos pequenos falecidos[73] e dois filhos adultos mortos (Elias e José).

O tipo de reflexão sobre a figura de sua mãe feita por Juscelina já adulta naturalmente não é o mesmo de uma menina de 8 ou 10 anos, mas qualquer criança é capaz de sentir tristeza, alegria, nostalgia ou solidão, assim como de compreender as manifestações sentimentais do outro. Ela sentia a tristeza de sua mãe e procurou fugir de uma vida em que a mulher só tinha permissão para cuidar dos filhos e da vida doméstica. Era a infelicidade de sua mãe que ela rejeitava e o modo de vida de sua mãe que ela negava: *Eu nunca quis casar, ter filhos, essas coisas. Não consigo nem imaginar aquele monte de criança pendurada na saia.*

A força da relação com Satinaé manifestada em duas dimensões aparentemente contraditórias. Ela posicionou-se reativamente à sua identificação com a mãe, fugindo de forma obstinada do fado que achava que lhe era socialmente reservado. Por outro lado, pelo que pude perceber após muitas entrevistas com familiares e antigos moradores de Caiçara, os quais descreviam o comportamento de Satina de forma bastante similar, Juscelina tem disposições muito parecidas com as de sua mãe, tais como sua rigidez moral, austeridade, ascetismo e excessiva preocupação com a organização e higiene doméstica.

Podemos compreender a relação entre essas duas dimensões (proximidade com a mãe por meio da incorporação das disposições nela personificadas e por ela ensinadas e rejeição ao destino da mãe pela sensibilização ao seu sofrimento) se considerarmos que todo aprendizado consciente ou semiconsciente ocorre pela mediação do afeto. Assim, um "*habitus*" primário consiste na cristalização dos afetos socializados na família mediante um trabalho de inculcação cujos mecanismos mais eficazes situam-se nos limites da busca e da doação de afeto.

Juscelina rejeitou o destino que sua mãe personificava, mas incorporou o aprendizado por ela professado por meio de ensinamentos cotidianos (como *pegar na enxada,* caçar o

73. Existem algumas controvérsias quanto ao número de gestações e de filhos mortos ainda pequenos. Eu me refiro a números aproximados, mas, como Satina já havia morrido quando fiz a pesquisa, não foi possível obter essas informações com exatidão.

alimento da família nas pequenas cavernas dos lajedos, equilibrar na cabeça o pote de água que abastece a casa diariamente, etc.). Ao contrário de suas irmãs, não reproduziu o modo de vida em que utilizaria essas práticas, mas extraiu delas o sentimento de saber viver no limite (*eu aprendi a lutar, eu caçava pra comer*), o que dá segurança sobre sua coragem e capacidade de autodefesa:

> As pessoas não acreditam que eu vim de uma classe social tão no limite, que tinha que lutar pela subsistência. A gente tinha que lutar, a gente caçava pra comer. Ninguém, ninguém que me afrontou achando que eu ia recuar me viu recuar. Pelo contrário, aí que eu pulo na frente igual a um bicho: autodefesa. O ser humano é assim: acuado ele reage.

As condições materiais de existência eram limitantes e o horizonte moral da comunidade restringia a mulher ao espaço doméstico e à maternidade, mas Juscelina, apesar de tudo, foi criada num contexto histórico e social diferente do de sua mãe. Há uma questão geracional a ser considerada. Sua prima, Maria Soares, havia sido eleita vereadora de Caiçara em 1963, quando Juscelina completou 6 anos; sua irmã, Darcy, conseguiu se formar professora;na década de 1960 Caiçara tinha um curso de economia doméstica e ouvia-se dizer que algumas poucas meninas tinham saído da cidade para estudar ou trabalhar em capitais ou em localidades maiores, como Guarabira. Apesar da educação rígida, do controle comunitário sobre as mulheres e das diversas censuras religiosas sobre elas, Juscelina vivia num contexto que dava alguma abertura para que o jugo da religião e dos critérios de hierarquia social fossem vistos e sentidos como injustos e excessivos.

Uma visão diferente, um tanto distanciada do próprio universo também foi possível, acredito, devido ao tipo de relação que Juscelina mantinha com seu pai. Essa relação de admiração, amor e respeito é recorrente e valorizado:

> Ah, meu pai [...] Meupai era de externar. Ele gostava, ele era uma figura que ele gostava de coisas bonitas, de coisas boas, no fundo ele achava que socialmente era melhor do que de fato era, ele agia como se fosse, mas não era. Ele sempre queria, se ele comprava um chapéu ele queria o melhor chapéu, ele queria o que era bom, ele gostava de viver, era um *bon vivant*. [...]Meu pai... Eu era a princesa do meu pai, se existe adoração de um pai pela filha, era o que meu pai tinha comigo. Ele me tratava, isso era estranho, ele me tratava totalmente diferente dos demais filhos, desde pequenininha.

A relação com o pai foi fundamental para a construção da autoconfiança que a motivou a conhecer o mundo para além de Caiçara, assim como a estimulava a seguir o caminho que seu pai dizia que era o dela, o de uma moça inteligente que poderia se tornar advogada algum dia. A filha procurava corresponder às expectativas conciliando o trabalho

com o estudo e afirmando aos familiares e amigos que não queria casar e que precisava conhecer o mundo.

3.2.1.3–Trabalho e estudo

Juscelina, assim como todos os seus irmãos, com exceção dos mais velhos, Demétrio, Maria e Francisca, foi alfabetizada por sua irmã, Darcy, que se formou professora entre meados da década de 1960 e início da década de 70. Sua formação deu-se durante o Regime Militar, por meio de um amplo projeto de formação de professores destinados a lecionar segundo os métodos pedagógicos do Projeto Cruzada ABC (Ação de Base Cristã), movimento alfabetização baseado no método Laubach. A Cruzada ABC foi idealizada e executada por três pilares institucionais básicos, a USAID (United StatesAgency for InternationalDevelopment), a SSuperintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) e alguns movimentos protestantes (a sua maioria com sede nos Estados Unidos) (SCOCUGLIA, 2003). Suas atividades destacavam-se nos estados do Nordeste brasileiro durante a década de 1960, até ser substituído pelo Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL). Tanto o primeiro quanto o segundo projetos foram executados após a desintegração, durante o regime militar, de importantes movimentos de alfabetização popular baseados na Pedagogia do Oprimido, de Paulo Freire. Segundo documenta Scocuglia (2002), um dos objetivos da Cruzada ABC era o de "capacitar o homem analfabeto – marginalizado, a ser participante na sua sociedade contemporânea, como contribuinte do desenvolvimento socioeconômico e recebedor de seus bens."(Objetivos da Cruzada ABC, 1965, apud, SCOCUGLIA, 2002).

Após formar-se, Darcy ensinava na sala da casa de seus pais, no Sítio Cancão. Assim como fez na casa de São Miguel do Guamá, a casa do Sítio também funcionou como uma escola rural improvisada. Segundo Darcy: *Papai tinha prazer que eu ensinasse lá em casa.*

Figura 26 - Darcy com sua beca de formatura do curso Normal.
Foto: Acervo da família, 1974.

Pelo fato de ter sido alfabetizada em casa Juscelina tinha vantagem com relação às crianças que iam para escola para aprender o básico: segurar o lápis, assinar os nomes, conhecer os números e as letras. Ela dedicava-se com afinco aos estudos, aproveitando a luz do candeeiro:

> Só eu estudava, só eu estudava à luz de candeeiro, mais ninguém...Nãofoi á toa, né. Sempre fui diferente mesmo. Eu lembro que minha mãe me mandava parar de estudar, de fazer as tarefas, por causa da minha vista. Candeeiro ainda era chique, era aquela latinha de querosene com o pavio de algodão. Aquilo ia queimando, queimando, ficando preto. Essa cicatriz aqui [ela me mostra uma cicatriz em sua mão direita] é uma cicatriz de quando a minha mãe acendia o candeeiro e deixou respingar fogo na minha mão.

A obediência da filha, somada ao bom desempenho escolar que ela sempre demonstrou, levou a que Juscelina ganhasse alguns prêmios de seu pai. Além dos elogios e da defesa quando seus irmãos debochavam de sua cabeça grande, Gabriel promovia outros encorajamentos sutis e cotidianos. Para compensar as boas notas, ele levou a filha em algumas de suas viagens até a Praia da Pipa. Juscelina lembra-se bem do trajeto de trem até Pedro Velho e da linda paisagem que encontrava quando chegava a Pipa. Além de passear, essa era uma oportunidade de observar como seu pai negociava.

Breves episódios de demonstração de que a filha era especial tornaram-se recordações tão duráveis e significativas quanto àquelas ligadas à solidão na infância ou à dor de compartilhar os sofrimentos de Satina. Por exemplo, havia épocas em que os ciganos passavam na frente dos sítios. Com medo dos roubos que, segundo boatos, os ciganos costumavam praticar, mas receosos também dos poderes místicos desse povo enigmático, as mulheres tratavam logo de fechar as portas de suas casas, buscando protegê-las das surpresas com as quais não se sabia lidar. Gabriel, entretanto, curioso que era, deixou que uma cigana lesse a sua mão. Nela, a quiromante peregrina disse ter visto que um de seus filhos o tiraria da pobreza. Gabriel acreditava que Juscelina personificava a profecia e que ela seria advogada: *Ele falava sempre que queria que eu fosse advogada.*

Num contexto tradicional de organização da hierarquia familiar ao homem são atribuídos a força, a autonomia e a lei; a palavra do pai tem a capacidade de construir a representação da realidade e de moldar projetos de vida. Como afirma Bourdieu (2007, p.88), "(...) as proposições paternas têm um efeito mágico de constituição, de nominação criadora porque falam diretamente ao corpo".

Em tese sobre escritoras tunisianas na qual reconstitui, a partir do estudo de trajetórias de escritoras de diferentes gerações, as condições sociais que permitiram às mulheres os investimentos em práticas criativas ligadas ao trabalho de escrita, AbirKréfa demonstra que um dos elementos centrais para a compreensão dos elementos socializadores que colaboraram para a aquisição e reapropriação de disposições e competências ligadas à erudição e ao cultivo de atividades intelectuais é a relação das escritoras com seus pais. Como afirma Kréfa (2013, p.141):

> A eficácia da transmissão das disposições cultivadas pelos pais tornou-se possível pela conjunção de três fatores que tendem a reforçar-se mutuamente: a maior aproximação afetiva das entrevistadas com os pais, comparativamente à proximidade com as mães, de uma parte, haja vista, em certos casos, uma relação conflituosa com estas e uma distância dos papéis sexuais femininos; uma socialização primária na companhia do pai, que fazia a intermediação da criança com o espaço público; enfim, uma valorização simbólica das escritoras pela figura paterna, manifesta na linguagem ordinária[74].

A pesquisa de Kréfa constata que o papel do pai na gênese da incorporação de disposições cultas pode ser exercido mesmo por aqueles não letrados. Nesses casos, o

74. No original: « L'efficacité de la transmission des dispositions cultivées par les pères a été rendue possible par la conjonction de trois facteurs qui tendent à se renforcer les uns les autres : la plus grande proximité affective des interviewées au père relativement à la mère d'une part, voire dans certains cas une relation conflituelle avec celle-ci et une distance avec les rôles sexués féminins ; une socialisation primaire enfantine en compagnie du père, intermédiaire dans l'accès à certains spaces publics ; enfin, une valorisation symbolique des écrivaines par la figure paternelle, manifeste dans la laguage ordinaire ».

incentivo à leitura e ao estudo, assim como frequentar ambientes "masculinos"[75], ou seja, espaços que ultrapassam o ambiente doméstico é fundamental para a construção da autoconfiança e do sentimento de que frequentar tais lugares é não só permitido mas digno de uma mulher.

Gabriel, acreditando que Juscelina tinha habilidade e dedicação especiais para o estudo, mobilizou os recursos de que dispunha para que a filha completasse o curso ginasial. Sabendo que o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Caiçara, ao qual era filiado, concedia bolsas aos filhos de filiados que demonstrassem bom desempenho escolar, pleiteou uma bolsa de estudos para a caçula. Com a bolsa Juscelina estudou no Ginásio Comercial de Caiçara, colégio particular no qual completou o ensino fundamental. Além de ter boas notas escolares, a bolsista deveria trabalhar meio período como secretária no sindicato, uma espécie de estágio. No sindicato, Juscelina aprendeu datilografia ediversos outros serviços corriqueiros com os quais nenhum de seus outros irmãos teve contato. Como contauma antiga colega de sindicato, era ela quem escrevia as atas das reuniões. Tinha contato com documentos e procedimentos burocráticos, fazia leitura de um modo mais sistematizado e aprendeu um vocabulário burocrático. Além disso, na gestão de João Olímpio, presidente à época que Juscelina lá trabalhou, houve a organização de uma pequena biblioteca nas dependências do sindicato, representação simbólica da importância atribuída ao estudo e recurso material que pode ter ajudado na formação escolar de Juscelina. Ela e a colega conversaram, em fevereiro de 2012, sobre o trabalho no sindicato. Havia décadas que não se viam, mas a companheira de sindicato lembrava-se de Juscelina e sempre ouvia falar dela na cidade. Reproduzo abaixo trecho da conversa entre as antigas colegas que diz um pouco não só de como era a rotina no sindicato, mas também das descobertas de Juscelina sobre si mesma:

> Colega: Aí você tirava ficha, pegava o nome dos sócios, fazia ofícios. O sócio trazia a carteira, o nome dos dependentes dele, né? Aí se adoecesse, você tirava a ficha pra ele ir pro hospital, tomava nome, fazia ofício.
>
> Juscelina: E fazia como, na mão?
>
> Colega: Não, era naquelas máquinas que você fazia. Quando tinha reunião você escrevia a ata.
>
> Juscelina: É mesmo? Era eu que fazia isso?
>
> Colega: Era.
>
> Juscelina: Era eu que fazia isso?
>
> Colega: Era. Era nós duas.Naquela época era João Olímpio, você, eu e Milton.
>
> Seu José Olímpio era presidente, eu era a tesoureira e compadre Milton era secretário.
>
> Juscelina: E eu?
>
> Colega: Você era a ajudante. Era a mais novinha.

75. Referimo-nos, aqui, à Tunísia das décadas de 1940, 50 e 60 e ao Brasil das décadas de 1950 e 60, nos quais a divisão entre espaços público e privado segundo critérios de gênero era mais marcante.

> Juscelina: Depois que eu saí você ficou lá ainda muito tempo?
> Colega: Depois que você saiu eu fiquei ainda nove anos. Você saiu logo. Dizia assim: "Não, eu não quero essa vida não". Aí você foi embora pro Rio.
> Juscelina: Eu falava assim, foi?
> Colega: Foi.
> Priscila: E ela obedecia às ordens?
> Colega: Ela obedecia direitinho, mas queria ir embora. Queria ter outra vida. E aqui não saía do que tava não.
> (...)
> Juscelina: Então naquela época eu já falava...
> Colega: Você não queria ficar num lugar atrasado, né. Você na época morava até no sítio. Queria uma vida melhor.Eu naquela época nem estudava porque naquela época pra estudar no ginásio, ou tinha bolsa, ou tinha particular, aí eu não podia estudar na época. Depois eu estudei, mas aí casei e parei de estudar de novo.
> Priscila: E eram poucas bolsas?
> Colega: Era. Só os filhos de associados e quem tinha notas boas.
> Juscelina: Aí eu troquei. Eu trabalhava e não recebia salário nenhum do sindicato porque eu ia estudar em troca da bolsa de estudo. Eu trabalhava na parte da tarde. A gente acordava quatro, cinco horas da manhã, aí a gente ia abastecer a casa com águas, essa coisa toda. Eu ia pegar água, aí eu ia pro campo, depois almoçava, vinha pra cá e à noite ia pro colégio. E eu me lembro que eu não trabalhava em troca de salário.
> Colega: E só tinha direito quem tirava boas notas.
> Juscelina: Era mesmo? Eu tinha boas notas.
> Colega: Era! Só tinha direito quem tinha nota, que só tirava dez.
> Juscelina: Era mesmo? Então eu era boa aluna e nem sabia? Então eu desaprendi, menina.
> Colega: Oxe! É mesmo? Énada... Quevocê é inteligente!

A gestão de seu João Olímpio marcou os tempos áureos do sindicato de Caiçara, como afirma seu Milton, tesoureiro do sindicato na época de Juscelina e genro do já falecido João Olímpio:

> Ele foi quase o fundador [o sindicato foi fundado em 1966] porque quando ele tomou conta do sindicato tinha cento e poucos associados, aí houve a eleição, ele foi eleito e quando ele entregou, entregou com dois mil e pouco. Ele comprou a casinha, botou madeira nova, telha, comprou mobiliário, estante, máquina de escrever, serviço de som pra em dia de reunião falar com o pessoal. Ele criou uma biblioteca para aqueles que não podiam estudar. Naquele tempo ele criou bolsas de estudo, bolsas de estudo era do MEC né, que tem até hoje.

Figura 27 - No centro João Olímpio, presidente do sindicato dos trabalhadores rurais na época em que Juscelina trabalhou lá. A seu lado, à esquerda, Milton, tesoureiro. À direita, outras duas funcionárias.
Foto: Acervo de Milton, sem data.

No início de sua adolescência, apesar de ser uma moça tímida e obediente, Juscelina, segundo alguns depoimentos, tinha alguns atributos que a diferenciavam da maioria das meninas da cidade de sua classe social, ou seja, de filhos de agricultores. Além de estudar no Ginásio, suas roupas eram sempre muito bem cuidadas e costuradas. Maria era quem as cosia. Quando seu pai ia comprar os tecidos ela pedia que ao invés de comprar dois ou três cortes de um tecido mais barato, a *chita,* ele comprasse somente um corte de um tecido de melhor qualidade. Suas roupas, por isso, destacavam-se. Uma de suas primas, filha de Dona Mariinha, que tem idade bem próxima à de Juscelina e tornou-se professora primária, contou que sentia *inveja, coisa de adolescente,* das roupas e da beleza de Juscelina:

> Nós estudávamos no mesmo colégio. Ela sempre teve algo diferente no sentido de posição social. Nós éramos mais degradados no sentido financeiro, e o pai dela tinha mais uma possibilidade, já tinha casa própria, um terreno pra viver, né, um gado, e nós não. Nós tínhamos 10, 12 anos (...). Eu me lembro bem...coisa de adolescente, que eu tinha sempre uma inveja da roupa de Juscelina. Ela tinha sempre roupas bonitas. A irmã dela sabia costurava, né, a Maria costurava muito bem e fazia aqueles vestidinhos bonitinhos, e eu ficava com inveja, né, porque eu não podia fazer. Naquela época se usava tamanco e ela tinha aqueles tamancos e eu tinha, assim, um desgosto de não ter aqueles tamancos. Na época tinha até uma música: "É, é, é tamanco no pé. É, é, tamanco mulher".

Figura 28 - Juscelina em dois momentos da adolescência. De roupa nova, pronta para algum evento, e vestida para o desfile de Sete de Setembro.
Fotos: Acervo da família, sem data.

A mesma prima conta que ela sempre dizia que queria sair de Caiçara. Nos bailinhos, as *tertúlias dançantes,* momentos privilegiados para a entrada no "mercado matrimonial" (BOURDIEU, 1998 apud NOGUEIRA, 2006), Juscelina era admirada pelos meninos da cidade, mas não demonstrava interesse por eles. Uma moradora de Caiçara, contemporânea de nossa biografada, relata:

> Colega de infância: Esse namoradinho, que inclusive hoje é meu marido, ele era louco por Juscelina.
> Priscila: É mesmo?
> Colega de infância: É! Ele não era louco por mim. Ele era louco por Juscelina. Então ele escrevia pra mim e escrevia pra Juscelina na mesma época. Só que ela dizia: Ih, não vou querer não. Ele é muito feio. Pode ficar com ele!
> Priscila: Ela dizia?
> Colega de infância: Sim...Ih, não quero nada com ele não. Só que eu fui a sortuda, né...fiquei com ele. Ela, Deus a livre de ter casado com ele, porque ela não conseguiria passar o que eu passei. E eu pedi separação.

Juscelina tem ótimas recordações da professora Auxiliadora, que admirava muito: *era uma mulher extraordinária, ela era também precursora do kardecismo em Caiçara.*Na escola, era muito obediente, embora tivesse seus momentos de revolta. Lembra-se de ter desafiado o professor de português do ginásio e associa o fato ao tipo de comportamento

exigente, e algumas vezes irascível, que ela desenvolveu em sua socialização profissional na Coca-Cola:

> Eu fui uma pessoa que sempre questionei tudo. Eu tinha um professor que era médico e ele foi ensinar português e eu não aceitava aquilo: um médico ensinando português.Eu era extremamente quietinha, mas o dia que eu queria, o pau virava porque eu era muito questionadora, eu desafiava. Eu estudava pra desafiar os professores, pra mostrar que eles estavam errados, que eles tinham o conhecimento limitado. Então era complicado o negócio. Desde novinha eu era assim. Eu preciso tá muito embasada, conhecer muito profundamente pra questionar com você. Agora é assim: se quiser questionar comigo, não questione, porque você vai perder.

Certo dia, um professor por quem ela não tinha muita simpatia, por considerá-lo excessivamente autoritário, surpreendeu-se logo no início da aula. Juscelina narra o fato:

> Ele entrava na sala, assim, todo duro, ele não dava boa-noite. E eu era muito quietinha. Aí eu pensei: Eu vou sacanear esse cara, mas eu era muito quieta.Eu gritei: "Independência ou Morte!". Aí ele disse: "Quem foi o gaiato que disse isso?". E eu respondi: "D. Pedro I". Ele: "Saia da sala agora, aí eu virei pra turma e disse: Quem for brasileiro que me acompanhe", e a sala de aula me seguiu.

3.3 –A trajetória dos irmãos

Cada um dos filhos de Satina e Gabriel foi seguindo sua vida nas redondezas do município. Alguns faziam trabalhos temporáriosem capitais (São Paulo, Rio de Janeiro, Fortaleza, Salvador, João Pessoa) e voltavam por motivos comuns: o término do contrato temporário na construção civil, o medo e o risco de vida imposto pela criminalidade, a instabilidade do mercado de trabalho informal – única possibilidade de sustento na cidade para alguns deles. Eles partiam com o objetivo de conseguir algum dinheiro e voltar para a Paraíba com condições de comprar uma casinha e um pedaço de terra[76].

Demétrio agiu os burros por um tempo, aos 26 anos casou-se com Regina, a Nana, de quem Juscelina, ainda criança, era muito próxima, e dedicou-se à venda de gado. Alguns anos depois, aproveitando o prestígio de Gabriel e também de sua esposa, muito carismática e conhecida na cidade por sua devoção e generosidade com os pobres, candidatou-se a

76. Muitos estudos sobre migrações ainda costumam explicá-las a partir da chave interpretativa que opõe atraso e desenvolvimento ou expulsão do campo e atração da cidade. As migrações internas, nessa perspectiva, são vistas como um movimento decorrente das desigualdades regionais criadas pela industrialização nos moldes capitalistas. Porém, como já defenderam Afrânio Garcia (1989), Marilda Menezes (2002) e KlaasWoortmann (1990), a "migração de camponeses não é apenas consequência da inviabilidade de suas condições de existência, mas é parte integrante de suas próprias práticas de reprodução. Migrar, de fato, pode ser condição para a permanência camponesa" (MENEZES, 2006). Não só familiares de Juscelina, mas muitas outras pessoas com quem conversei em Caiçara me disseram que iam para as capitais do *Sul* com o objetivo de conseguir algum dinheiro e *comprar uma terrinha pra fazer um roçado.*

vereador. Em 1978 ganhou aprimeira eleição. O mandato foi, excepcionalmente, de seis anos, por causa de uma "prorrogação". Venceu a eleição seguinte, também com mandato estendido, e as três seguintes, de quatro anos cada. No total, permaneceu 24 anos *no poder*, de 1976 a 2000.

Maria continuou ajudando seus pais e só mais tarde, depois dos 30 anos, fez algumas viagens para o Rio e Salvador. Foram períodos de no máximo dois anos. Primeiro foi sozinha para o Rio. Morou com Daniel na Vila Kennedy, onde fazia trabalhos de costura e como vendedora ambulante. No Rio, num golpe de sorte, encontrou com seu atual marido, de quem havia sido namorada em Caiçara e que trabalhava à época no Estaleiro Mar Azul. Depois, já casada, voltou para o Rio de Janeiro com o marido e a filha de menos de 2 anos. O casal era caseiro de um sítio em Niterói. Nessa época, Juscelina já estava no Rio e ela e Anita, com quem foi para o Rio e dividiu apartamentos até 1982, frequentavam a casa de Maria. Na conversa abaixo, ela conta um pouco de como foram seus períodos no Rio:

> Maria: Eu e Nozinho fomos para Bonsucesso, saindo de Bonsucesso fomos pra Campo Grande, de lá fomos pra Niterói, aí Juscelina quando frequentou nossa casa lá, nós estava em Niterói.
>
> Priscila: E vocês faziam o quê lá?
>
> Nozinho: Eu trabalhava num estaleiro, Mar Azul.
>
> Maria: E antes eu morei em Vila Kennedy. Quando era solteira.
>
> Priscila: Com o Daniel?
>
> Maria: É.
>
> Priscila: E você foi fazer o quê lá, Maria. Trabalhar? Trabalhou com o quê?
>
> Maria: Mulher, eu arrumei um emprego primeiro numa fábrica lá pro lado do Leblon. Só que quando eu cheguei lá era tempo de calor, me deu uma dor de cabeça tão forte, aí eu cheguei em casa com isso daqui tudo preto [ela me mostra parte do rosto]. Acho que foi tipo um derrame que deu em mim.
>
> Priscila: Era fábrica de quê?
>
> Maria: Costura, que é o único curso que eu fiz na minha vida, foi corte e costura. Mas aí eu falei com o rapaz que não ia ficar lá não. Mulher, tinha que pegar dois carros, não dava não. Aí Daniel comprou uma máquina e eu fiquei costurando em casa.
>
> Priscila: E ficou quanto tempo lá com o Daniel?
>
> Maria: Dois anos.
>
> Priscila: E depois veio e não voltou, Maria?
>
> Maria: Eu tinha terminado o namoro com ele [Nozinho, seu marido], o noivado, aí, quando foi uma Sexta-feira da Paixão, eu tava ali em Bonsucesso, na Igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, aí quando eu olho, assim, eu vejo Nozinho, com a mão no queixo escorado num poste que tem aquelas lâmpadas redondinha assim. Aí eu digo: Cumadre, olha quem tá ali. Vamo lá agora. Ave Maria, quase que ele cai de costas. Aí ele queria que eu ficasse lá pra casar lá mesmo. E eu disse: Não, vou pra casa e você vá também. Aí veio. Porque pra eu ficar com ele lá, iam dizer que eu tava amancebada e gente amancebada aqui, Ave Maria, é um Deus nos acuda.
>
> Patrícia: Agora não é assim não, mas antigamente era, né.
>
> Maria: Ave Maria, quem se amancebava não tinha direito nem de entrar numa Igreja. É, não pode ser madrinha, a Igreja não aceita.
>
> Patrícia: Aqui a Igreja ainda não aceita. Se você não é casada não pode ser madrinha.
>
> Patrícia: Conta aí que tia Juscelina ia lá.
>
> Maria: Ah, era legal demais quando ela ia, ia lá com Anita comer minha galinha. Ah, mas era divertido demais.
>
> Priscila:E vocês, depois que casaram, não voltaram pro Rio?
>
> Maria: Nós casamos e fomos pro Rio, depois voltemos, aí fomos pra Salvador.

> Priscila: Mas e esse tempo que vocês ficaram no Rio juntos?
>
> Maria: Ficamos foi um ano. Aí, depois, Juscelina achava assim que eu era uma da família que podia tomar conta de papai e mamãe, porque eu só tinha ela [Patrícia], aí ela mandou que eu viesse pra dentro de casa tomar conta de papai e mamãe que ela todo mês mandava [dinheiro] mesmo e até hoje na realidade ela ainda tá mandando. Pra você ver, né? É toda irmã que faz isso? É nada.
>
> Maria: Trabalhei nas Casas da Bahia... E ainda vendi de ambulante lá.
>
> Patrícia: Mãe, conta aquela história de quando você foi ambulante...
>
> Maria: É que nós fomos ambulantes, eu e uma portuguesa, aí fomos vender lá pro Morro do Alemão porque pra vender tinha que ir lá pro Morro. Aí nós tinha que vender pra ganhar alguma coisa e ter um dinheiro pra voltar, mas na voltacadê o dinheiro que não tinha? Aí a portuga disse: "Já sei de uma: nós panha o ônibus, mas não passa na roleta. Quando nós chegar emVila Kennedy, aí nós diz assim pro trocador: "Olhe moço, quando chegar em Madureira (que era o ônibus que vinha por dentro, por Madureira), aí você avisa que nós vamos ficar lá. Aí ele vai dizer: "Vixi, mas ficou muito pra trás! Desça! Foi assim que a gente chegou em casa. [Todos riram muito]
>
> Priscila: Deu certo, Maria!
>
> Deu certo, minha filha. Ele falou:"Desça, apanhe o próximo que vem aí". Mas mulher...Mas foi a portuguesa, porque, por mim, a gente tinha descido o morro a pé.

Como casou-se tarde, com quase 40 anos, ela dedicou-se a Gabriel e Satina durante boa parte da vida. Conforme explicarei no capítulo 4, Juscelina morou durante um ano e meio em Fortaleza, entre o início de 1982 e fim de 1983. Nessa época, pediu a seus pais e a seu irmão mais novo, Chico, que vivia com os pais, para se mudarem para a capital cearense. Moraram os quatro juntos durante cerca de 16 meses, até que Juscelina recebeu uma proposta de promoção na Coca-Cola, mas teria que voltar para o Rio de Janeiro. Ela, então, decidiu aceitar a proposta, mas não teria condições de levar os pais para a capital carioca (*Em Fortaleza eles ainda estavam no Nordeste, é mais ou menos a mesma cultura. Agora, Rio de Janeiro era diferente. Não tinha como ir com eles pra lá).* Como não queria que seus pais voltassem para a casa do Sítio Cancão, Juscelina vendeu seu Fusca recém-adquirido e comprou uma casa que pertencia à sua prima, Luiza, no centro de Caiçara. Lá Gabriel e Satina moraram até o fim da vida.

Alguns anos depois Juscelina passou a propriedade do imóvel para Maria, que mais tarde vendeu a casa na qual seus pais passaram os últimos 15 anos de suas vidas (Satina faleceu em dezembro de 1995 e Gabriel morreu em setembro de 2003). Maria, depois de cuidar de todos os seus irmãos, cuidou também de seus pais até a morte de ambos. Por tudo isso Maria ocupa o lugar que era de Satina. Como diz Ramos: *A mãe foi embora, ficou Maria.* O temperamento de Maria, entretanto, não se parece com o de Satina. Ao contrário, ela é gazeteira e alegre como era Gabriel. Sobre isso, ela diz: *Eu queria ser mais como minha mãe, mas nunca fui. Sempre fui assim, desmantelada.* Muito engraçada, com excelente memória e um vocabulário regional riquíssimo, além de um conhecimento da vegetação e da culinária

agrestinas absolutamente excepcionais, foi Maria quem me deu um acesso privilegiado à linguagem e à cultura na qual Juscelina foi criada. Interlocutora sagaz e sensível, Maria foi quem mais detalhes forneceu sobre o temperamento de Juscelina na infância e sobrecomo se configuram as tensões entre a filha mais nova, que fez a vida na cidade grande, e a família de *paraíbas,* tal como Maria me disse algumas vezes.

Ramos tentou a vida de tropeiro mas, diante das dificuldades, abandonou as estradas. Fez vários tipos de trabalho ao longo da vida. Logo depois de se casar, em 1972, foi com a esposa e a filha para João Pessoa trabalhar na construção civil. Porém, o tempo na capital foi curto. Sua filha adoeceu gravemente e ele voltou para Caiçara. Depois disso fazia várias *viagens* (migrações curtas) para capitais do país. No Rio de Janeiro e em Salvador, efetuou tarefas de mecânico, das quais se orgulha muito. Segundo ele, no Rio de Janeiro, executava função depois atribuída a um engenheiro. O orgulho de trabalhar como mecânico pode ser compreendido a partir do que foi dito no capítulo 2 a respeito daqueles trabalhadores (*moradores* ou não) que sabiam executar uma *arte*, ou seja, um trabalho que fugisse ao primarismodo semear, arar, capinar e colher no roçado. A gênese do prestígio do trabalho de mecânicos também pode ser explicada a partir do que afirmou Debret (1989) sobre o ofício no Brasil. Segundo o viajante francês, as atividades de mecânicos normalmente ficavam a cargo de imigrantes europeus, que já tinham tido experiência com o manejo de máquinas em seus respectivos países. Ramos era um excelente profissional da construção civil. Executou vários tipos de serviço. Muitos problemas, de vários tipos de obras, que pareciam insolúveis até mesmo para engenheiros, eram resolvidos por ele. Esse tipo de trabalho lhe dava muita satisfação e orgulho: *a gente tem que ter bravura no serviço*. Quando terminava uma tarefa difícil, ele *ficava tão alegre no mundo.* No ramo daconstrução civiltrabalhou em Recife, no Rio de Janeiro, em Salvador, Aracaju e Belo Horizonte.

Desde seu último retorno de deslocamentos sazonais para trabalho na construção civilfirmou-se como pequeno *negociante* de frutas da região. Vai buscá-las em sítios e revende em mercearias, padarias e pequenos mercados. Ramos aprendeu com o pai o comportamento camarada e gentil. É uma pessoa querida e muito habilidosa no trato com os colegas de serviço, fornecedores e clientes. O lirismo presente em suas narrativas e o comportamento afetuoso e generoso também guardam semelhanças com os de seu pai. Ramos tem orgulho de dizer que todos acham que ele é o filho mais parecido com o pai. Demétrio diz a mesma coisa, assim como Daniel. Ramos, ao contrário dos outros interlocutores, não destacou a personalidade brincalhona de seu pai, mas sim sua bondade e generosidade:

> Meu pai era um homem muito bom, muito bom coração. Teve um rapaz que faleceu aqui da Paraíba que a esposa dele era cega e não tinha nenhum filho. Meu pai botou ela dentro de casa porque era cega, ficou lá uns seis meses e por ele não tinha saído de lá nunca.

Juscelina tem uma relação muito particular com Ramos. Trata-se de uma admiração mútua. Da parte dela, pela *bondade, resistência*e *lirismo* de seu irmão. Da parte dele, pela coragem e generosidade da irmã. Há mais de dez anos, Juscelina deu uma bicicleta para Ramos. Ele orgulha-se muito do presente, e diz que *só de desfaz dela se for para doar pra um museu: não vendo, não dou, não desfaço dela de jeito nenhum!*

Ela [Juscelina] *tem orgulho de mim?* Ele me pergunta. *Sim,* eu respondo.*Juscelina falou de você desde a primeira vez que nos encontramos. Ela sempre disse que você é um anjoe que ela quer fazer muita coisa boa nessa vida pra ficar perto de você quando desencarnar*. Juscelina, que se tornou kardecista, disse que gostaria de ficar num plano espiritual próximo ao que seria de Ramos após a morte. Na visão dela, o irmão, com sua ingenuidade, lirismo e bondade excepcionais, é mais evoluído espiritualmente.

Chico, depois de voltar de Fortaleza, onde viveu com Juscelina e seus pais, tentou a vida no Rio. Lá morou com Daniel. Trabalhou como porteiro e vendedor ambulante, mas os perigos na capital carioca eram muitos. Chico conta que passou por alguns apuros com os *valentões*da Vila Kennedy. De tanto *pelejar* com as dificuldades da capital voltou para Caiçara e casou-se com Edna, com quem teve três filhos, dos quais se orgulha muito. Lívia, a mais velha, estuda Filosofia na Universidade Federal da Paraíba. Artur, o filho do meio,faz, no momento, mestrado em Engenharia ambiental. Ele passou em primeiro lugar na seleção, como afirma seu pai. Ítalo Gabriel fazfaculdade de Zootecnia. Atualmente Chico faz serviços de pedreiro, ora em Caiçara, ora em João Pessoa. Juscelina ajuda a família de Chico há muito anos e eles demonstram gratidão, apesar de terem pouco contato com a tia. Ítalo Gabriel, especialmente, um menino muito doce, tem muita curiosidade sobre a vida de sua tia e me pediu que lhe enviasse uma cópia dessa tese quando estivesse pronta.

Elias casou-se em Caiçara. Teve trêsfilhos e trabalhava como negociante de gado. Com sua família tive pouco contato. Ele morreu seis meses após Gabriel, em março de 2004.

Ninha, a irmã mais *danada, arteira,* como diz Juscelina, casou-se algumas vezes. Ela tentou a vida no Rio, mas, segundo me contou, tinha a expectativa de que a vida dela fosse como a de Juscelina. Ela queria *trabalhar fora.* Os empregos que conseguiu, como cuidadora de idosos e babá, não a satisfizeram, e ela retornou para Paraíba em menos de um ano.

Francisca fez sua vida em Caiçara. Casou-se, continuou trabalhando no roçado e criou seus filhos na zona rural, numa região entre Caiçara e Nova Cruz, RN. Alguns ficaram na Paraíba, outros foram para São Paulo. Uma delas, Dulce, tornou-se bem próxima de Juscelina nos últimos 15 anos, quando ela mudou-se para a capital paulista. Dulce fazia alguns serviços domésticos para Juscelina, que a admira muito por seus muitos talentos: *Ela sabe fazer tudo dentro de uma casa com perfeição e, se tivesse tido oportunidade, teria se tornado uma arquiteta. Ela mesma que fez o projeto da casa dela em São Paulo,* diz Juscelina, quando fomos visitar Francisca, em fevereiro de 2012.

Entre os filhos que deixaram Caiçara e não voltaram estão Daniel, José e Juscelina. Daniel e sua esposa partiram *de desgosto* após a morte do primeiro filho do casal. Seguiram para o Rio de Janeiro e reconstruíram suas vidas na comunidade de Vila Kennedy, em Bangu.

A partida de José é um assunto delicado para a família. Alguns dizem que ele era muito namorador, farrista, inquieto e que deixou a cidade porque queria conhecer Copacabana. Outros me disseram que José nunca gostou de *trabalhar na enxada* e por isso decidiu partir. Há, ainda, outra versão, a de que José se foi depois de ter levado uma *surra* do irmão mais velho, Demétrio[77]. As notícias de José vieram em poucas cartas. Uma delas contava que ele havia se casado com uma mulher de nome Júlia. A última, enviada de Brasília, continha duas notícias: uma triste e uma feliz. A feliz era que no dia da postagem da carta um filho de José havia nascido; a triste era o anúncio de sua morte.Juscelina lembra-se do desespero de sua mãe ao receber a carta.

O quadro abaixo reproduz uma conversa entre mim, Juscelina e alguns de seus irmãos e sobrinhos. Aconteceu no dia 21 de fevereiro de 2012, na varanda da casda de Darcy, antes do almoço que ela ofereceu.. Foi um momento especial de confraternização familiar, propiciado pela presença de Juscelina em Caiçara, que conversa com seus irmãos e sobrinhos sobre algumas memórias de sua infância. As reuniões familiares têm significado próximo ao da reunião litúrgica: trata-se de momento ritualístico que assume o compartilhamento de um passado e o desejo de construção de um futuro comum. É este o ânimo dos familiares de

77.A virilidade é um dos elementos mais importantes da dignidade masculina nordestina e uma surra publicamente conhecida – e em cidades muito pequenas brigas de família são brigas públicas – é o tipo de humilhação que poderia de fato motivar a partida de casa.Luiz Gonzaga também partiu de sua terra, Exu, em Pernambuco, depois de uma surra: "Tudo isso (a carreira musical) que aconteceu comigo foi por causa de uma surra, uma surra bem dada, aquele castigo que, quando é bem aplicado, na hora exata, dá bons resultados". O trecho integra um depoimento de Luiz Gonzaga ao Museu da Imagem e do Som de Juiz de Fora, MG, disponível em:<http://www.cronopios.com.br/site/artigos.asp?id=4313>. Acesso em: 1º de abril de 2012.

Juscelina nos momentos de visita. Há sempre a esperança do retorno e do fortalecimento da dimensão ancestral do encontro.

A conversa reproduzida foi um momento bastante significativo dos três dias que Juscelina esteve em Caiçara. Nela, linguagem, memória e passado comuns são discutidos com naturalidade e alegria até um assunto delicado ser levantado, a partida e morte de José. A conversa terminou com o aviso de que o almoço havia sido servido.

No dia 21 de fevereiro de 2012 estava em Caiçara com Juscelina e fui com Ramos a Jacaraú (a cercade 40 quilômetros de distância), a convite dele. Fomos a alguns sítios comprar as frutas que ele negocia nas padarias e bodegas de Caiçara e região. Voltamos aCaiçara na hora do almoço, que naquele dia reuniu a família na casa de Dona Darcy. Ela esperava esse almoço com ansiedade. Quando cheguei, Juscelinae Maria estavam na varanda de Darcy conversando. Elas falavam sobre a época em que moravam todos juntos no Sítio Cancão. No momento em que entrei, falavam de como enrolavam a*rodilha*, que é um pano torcido e assentado no contorno da cabeça para apoiar o pote de água. Eu, então, iniciei a gravação da conversa.

Maria: *E aqui você botava um pote d'água na cabeça. É assim que a gente carregava. E a gente ia buscar lenha, fazia uns gravetos assim* [Maria simula a arrumação de um feixe de gravetos entre as duas mãos], *depois amarrava a lenha com cipó e aí botava na cabeça.*

Juscelina é chamada por alguém na cozinha quando Maria começava a contar um caso. Eu pedi que ela continuasse, ao que me responde: *Deixa ela* [Juscelina]*voltar que ela vai dar uma risada. Eu gosto tanto de ouvir ela dando risada, porque ela não ri não.*

Demétrio chega com Nezinha, com quem se *ajuntou* recentemente. Francisca chega logo depois, e em seguida chegam Ramos e sua netinha.

Juscelina volta da cozinha, e ela e Maria começam a conversar sobre os tanques de água dos lajedos. Maria conta que uma vez quase se afogou lá. As beiradas dos poços naturais de água eram escorregadias porque repletas de lodo. Certa vez, Maria escorregou: *Mas eu senti como se tivesse sido puxada, aí eu desci empezinha assim, minha filha, ó: tuuuuummmmmmm!*

Como Maria esperava, Juscelina solta uma gargalhada e logo depois se dirige a Dorotéia, sua sobrinha, que também morou no Sítio Cancão: *A gente tá falando daquele lajedo em frente a nossa casa, Dorotéia, que a gente pegava água pra beber.*

Maria: *O tanque.*

Dorotéia [sobrinha, filha de Demétrio]: *O tanque...Aquilo era perigoso, não era? Eu lembro que tinha um negócio assim que a gente pisava pra abaixar e pegar água. Eu morria de medo.*

Maria: *O quê? Mas foi naquele canto memo!* [que Maria caiu]

Dorotéia: *Parece um sonho, né? Olhe, eu não tenho nada na minha vida, mas eu nem acredito que eu consegui chegar onde eu cheguei. Eu não tenho nada e nem sou nada, mas assim, o que eu tenho...Ter saído de um buraco daquele, né?*

Juscelina: *Mas termina aí, Maria.*

Maria: *Aí eu sei é que caí nesses três, quatro metros, só que eu sabia nadar um pouco, né. Cheguei em cima que nem um cachorro d'água. Olha, aquilo ali pra quem não souber nadar...É uma entrega.*

Juscelina:*Eu me lembro daquilo ali...Assim, às vezes as pessoas que não conhecem não sabem dimensionar o perigo, né, porque assim: ou você enfrenta aquilo ou você não bebe a água, entendeu? E eu era uma criança. Eu me lembro que era criança. Então é aquela coisa da sobrevivência. Como é que você enfrenta as coisas pra poder sobreviver. E aquele tanque sempre daquele jeito. Aquela coisa verde e aquilo ali escorregava, era igual sabão, era um lodo. E aquela outra parte que escorregava é onde a gente lavava roupa, né?*

Juscelina: *Maria, naquela época da Jovem Guarda, era apaixonada por Jerry Adriani e por Ronnie Von.*

Maria: *Ih, menina, nessa semana quase que eu não me canso mais de olhar Ronnie Von.*

Priscila: Onde vocêos via, Maria?

Maria: *Na TV.Mas quando eles começaram a carreira deles, que faz mais de 30 anos, não. Naquela época era no rádio. Eu passei a ver na televisão quando eu fui pro Rio, aí eu via na TV.*

Juscelina: *Aí o que eu tava falando, uma coisa que papai sempre levava lá pra casa era aqueles cantador de coco, de viola, né...e bolador, bola...*

Maria: *Bolador de coco!*

Juscelina: *E repentista, que ele adorava. Ele dava gargalhada...Aíele convidava o pessoal da comunidade lá perto. Aparecia todo mundo pra ir lá em casa. Ele sempre foi isso: violeiro, embolador de coco e repentista... Era a diversão. E outra diversão era a da mamãe que adorava jogar sueca.*

[Maria dá uma gargalhada]

Juscelina continua: *Mamãe gostava de jogar sueca, mas ela tinha os nervos atacados, né? Minha mãe não admitia perder e quando perdia ela ficava... Lembra?* [ela pergunta a Maria]. *Mas ficava com um mau humor, malcriada! Puxava, assim, as coisas, entendeu? E podia tá lá quem fosse,*

ela dizia que tava roubando. Ela ficava muito macha. Mas ela brigava, sabe, ela chegava a ponto, até chorava quando tava por fora, não era?

Maria: *Ih, tá por fora...Chorava, rasgava o baralho. Acabava com o jogo.*

Juscelina ri e diz: *Era malcriada, malcriada. E os cantores de rádio, que ia lá pra casa no Natal, que a gente tinha as galinhas da gente, eles vinham lá de Guarabira comer as galinhas da gente*.

Priscila: Mas eleia lá em Guarabira convidar, é?

Juscelina: *Menina, onde ele passava ele chamava gente.*

Maria: *Eu não sei nem como que ele chegava lá, eu sei que chegava gente lá, convidado. E passava lá um tempão com os cantores de rádio.*

Juscelina: *E, Maria, lembra quando a gente não tinha comida em casa e ia lá caçar os preás ali naqueles lajedos? E lá ainda tem preá?*

Maria: *Mulher, nunca mais deu.*

Juscelina: *É mesmo?*

Maria: *É. Teve um ano que deu, que dava até quando a gente andava na rua.*

Juscelina: *E aí tinha duas coisas que eram fantásticas. Duas coisas que eu mais sinto saudade.*

Chico chega na varanda.

Maria: *Ô, Chicão, cabra gordo* [Chico é muito magro]. *Pense num cabra que tá num regime à toa* (risos).*Tudo bem, meu filho? Cadê os meninos? Os meninos não vieram mais, hein. Quando eles vêm eu passo o dia lá em casa mais ele. É bom demais!*

Juscelina: *Aí tinha uma coisa que eu adorava demais que tinha um cachorro que chamava Zeca*.

Maria: *Ah, Zeca era meu amigo...*

Juscelina: *E um gato chamado Lourenço. Quando eu fui embora daqui acho que foram as duas coisas que...Pra ser honesta eu acho que eu não sabia do que eu mais sentia mais falta, se era da minha família* [ainda não tinha ouvido Juscelina se referir à sua família dessa forma, como *minha família*] *ou se era daqueles, desses bichos. E, curiosamente, eu não gosto de cachorro, eu adoro gato. Mas eles eram muito inteligentes, esses dois bichos. Só faltava falar. O Zeca, ele ajudava a gente a caçar. O Lourenço, a gente falava assim, não lembro se o Chico lembra disso...*

Chico: *Lembro.*

Juscelina: *Lourenço, vem cá, me dá um beijo, ele vinha, dava um beijo assim na gente, fazia carinho assim na gente. Ô Lourenço, vai caçar. Ele ia no mato caçar e daqui a pouco ele chegava*

com uma caça, um preá, uma coisa assim. Lourenço, me dá minhas chinelas.Ele ia lá, pegava as chinelas com a boquinha e trazia. Cara, era uma coisa assim...uma lembrança minha assim de bicho que eu tenho extraordinária, do Zeca e do Lourenço.

Maria: *O Zeca era sabido demais.*Maria: *Mulher, eu criei um porco, não sei se tu lembra, que o nome dele era Vaqueiro. Foi do seu tempo?*

Juscelina: *Eu não sei... Eu me lembro que você criava os coitadinhos....Você era má, Maria. Você criou coelho e matou!*

Maria: *Matei para comer, Mulher!*

Juscelina: *Exatamente, mas você criava, a gente pegava afinidade, ficava amiguinho dele, e aí você foi e matou.*

Maria ri.

Juscelina: *Ela criou, minha filha, como é mesmo o nome daquilo? Ah, o tatu, criou o tatu, e foi e matou o tatu.*

Maria: *Mas...*

Juscelina: *Mas não é matar o tatu, você cria uma afinidade com o tatu, como é que você pode matar um amiguinho seu, do seu diaadia? Ela matava!*

Maria não dá muita confiança para a crítica de Juscelina e continua:*Mas o tatu era muito sabidinho. A gente ia pro terreiro com ele... Pegava uma baciinha, enchia d'água e botava ele pra tomar banho: vai tomar banho.*

Juscelina: *Cara, outra coisa que eu fiz no meu tempo que eu jamais vou fazer na minha vida era matar pombo.*

Maria solta uma gargalhada.

Juscelina: *Como é que alguém tem coragem de fazer aquilo? E eu fazia. E era na crueldade porque as pessoas aqui são cruéis matando bicho.Ai meu Deus do céu... Quando eu penso nisso, é como se eu tivesse vendo...Nossa, gente, é como se eu tivesse vendo as cenas hoje. Como é que pode?*

Maria: *A gente tirava as asas, depois os pés...*

Juscelina: *Esse aqui também matava* [refere-se a Chico]. *Matava boi, dava tiro.*

Júnior (genro de Maria): *Pior é matar um boi, com ferro, assim*.

Maria: *Ô Chico foi com tu que eu matei um boi uma vez, num sábado de Santana...Sábado de Santana, não, Sábado de Aleluia, que a bicha ficou de cabeça mole de tanto que a gente bateu assim...*

Juscelina: *Ai, Maria, , mudar de assunto!*

Chico: *Agora, o cachorro Zeca, a gente estava deitado assim, ele levantava a gente pra ir caçar.*

Juscelina: *Você lembra bem do Zeca também?*

Chico: *Lembro!*

Ramos chegou com sua neta e conta do meu passeio com ele no mato de Jacaraú. Ele leva uma garrafa pet de dois litros que ele encheu com a água do poço de um sítio de Jacaraú, porque a água, segundo ele, é muito boa.

Maria: *Mas...Vocêtrouxe água de lá pra quê, homem?*

Juscelina: *Agora, Maria, fala um pouco do José, que eu nunca sei direito qual é a história dele. Como é que era ele?*

Maria:*O Zé era legal, mulher, mas ele ara assim, apurrinhado. Se ele quisesse, vamos, dizer, ir em Logradouro agora, ele não empatava, ele ia.*

Juscelina: *Com que idade ele saiu de casa?*

Maria: *Quando ele saiu de casa ele já tinha seus 20 anos.*

Juscelina: *E ele nunca mais voltou?*

Maria: *Não voltou porque ele não gostava de trabalhar com a enxada.*

Juscelina: *Ele tinha preguiça?*

Maria: *Ele não gostava.Aí certo dia ele chegou em casa, no terreiro de casa, e jogou e enxada e disse: "Eu vou pro Rio de Janeiro e nunca mais eu pego em tu". Aí, aquilo, ele viajou com Paulo Bernardino, uma coisa assim. Eu sei que ele viajou...*

Juscelina: *E vocês não ficaram tristes não, quando ele viajou?*

Maria: *Oh, mulher, a gente vai fazer o quê? A tristeza vem, afaga. Na hora do almoço, na hora que junta todo mundo, sempre falta um...*

Juscelina: *E minha mãe ficou triste?*

Maria: *Chorava muito, coitada.Eu sei que ele viajou, quando foi um dia...Ele não ligava porque num tinha telefone, mas aí um dia ligou. Falou que tava trabalhando em oficina, aí foi dá ré num caminhão... E ele nunca tinha pegado em direção aqui, aí passando uma pessoa por trás e essa pessoa chegou a falecer.*

Juscelina: *Nossa...*

Maria: Foi.Aí ele foi pra Brasília, pra lá arrumou uma mineira, pra lá teve dois filhos, arrumou uma mulher lá de Minas Gerais....Aí eu só sei que foi um tempo e veio uma carta, um amigo dele que escreveu que mataram ele num lugar de conveniência, acho que foi num cabaré, né.

Juscelina: *Maria, quando você nasceu, mamãe devia ter uns 18, 19 anos, né?*

Maria:*Papai era de 13 e mamãe 17, né?*

Juscelina: *Mas quando você era pequena, ela era mocinha. O que vocês conversavam?*

Maria: *E lá tinha tempo?*

Juscelina: *Não. Mas quando tinha, o que conversavam?*

Maria: *E acha que pai e mãe chamava filho pra conversar? Não, não tinha isso não.*

Juscelina: *Se você tivesse com dor, ela fazia o quê?*

Maria: *Ela oferecia um chá, alguma coisa assim, e tomava cuidado*.

Juscelina: *Darcy, tu tem a carta da morte de José?*

Darcy:*Tenho.*

Juscelina: *Depois você procura?*

Darcy: *Procuro.*

Maria: *Ô Darcy, tu lembra o nome da mulher?*

Darcy: *Lembro: Júlia.*

Maria: *Era dois filhos, né?*

Darcy: *Não, era um.*

3.4 –Primeiro movimento migratório: a partida para João Pessoa

Quando completou 15 anos, ou seja, entre 1972 e 1973, Juscelina pediu a seu pai autorização para mudar-se para João Pessoa, e obteve a sua bênção:

> Ele falava sempre que queria que eu fosse advogada, aí eu falava pra ele assim: "Como é que você quer que eu seja advogada se eu moro no meio do mato?"[...] Quando eu tinha 15 anos ele me chamou e me autorizou. Disse que confiava em mim e que ele ia deixar eu seguir o meu rumo, que aquilo ia ser muito difícil pra ele porque os amigos o que iam pensar, porque uma menina... Imagina, deve ter sido uma decisão muito difícil.

Conforme me disseram vários caiçarenses, era raro que mulheres partissem sozinhas para cidades maiores. Os movimentos migratórios mais comuns eram de homens solteiros, homens casados em viagens temporárias e famílias inteiras com intenção de permanência. Considerando a idade de Juscelina à época, podemos imaginar que sua partida não passou despercebida pela comunidade, e que preocupou a família. Porém, sair de casa com a permissão e o apoio do pai, apesar da pouca idade e da condição de mulher, certamente tem um grande peso na construção da coragem e segurança para enfrentar os desafios da vida solitária na capital do Estado em seu primeiro movimento migratório.

Seu irmão, Ramos, à época recém-casado, morava em Cabedelo, cidade portuária ao lado da capital, com sua esposa e filhacom idade entre 1ano e 2 anos. Ramos casou-se aos 23 anos e foi para a capital um pouco antes da irmã caçula. Juscelina, entretanto, não foi morar com ele, mas na casa de conhecidos, numa Vila Militar na Avenida Epitácio Pessoa, Bairro dos Estados, próximo ao centro de João Pessoa.

O início da vida em João Pessoa foi muito difícil. Juscelina conta que essa foi a única fase em que ela pensou seriamente em desistir e voltar para Caiçara. Um dos homens que morava na casa onde ela hospedou-se inicialmente a assediava constantemente, mas ela demorou um pouco até encontrar um lugar mais seguro. Do jornal e dos anos em João PessoaJuscelina tem poucas lembranças. Ela se recorda, entretanto, de que havia uma grande movimentação no jornal para a definição do editorial:

> Agora, eu me lembro que, assim, que na época eu não entendia bem, mas eu me lembro que uma coisa que se comentava muito lá dentro era o editorial, e apesar de não ter uma consciência densa do que era, eu me lembro que era um assunto que gerava polêmica, entendeu? (...) porque a mim só cabia datilografar, nada mais do que isso. Eu só escutava a discussão: "Vai pra lá, vai pra cá", mas os riscos que se tem no editorial, eu não sabia que riscos eram esses, mas eles falavam.

Certamente o clima num jornal de esquerda em pleno auge da ditadura militar, no governo Médici, era bastante tenso[78]. Ela lembra-se também de uma senhora, que ela pensava ser uma das donas do jornal: *Eu me lembro que uma das pessoas que discutiam* [o editorial*] era uma das donas. Ela se chamava Moema e eu achava lindo aquele nome: Moema. E era bonita também. Parecia gente rica, entendeu? Achava que tudo que ela usava era lindo, ela era bem tratada, boa pele e tal.*

Segundo Juscelina, as pessoas com quem convivia no jornal *falavam em códigos. Era o português correto, mas pra mim eram códigos. Eu não entendia. Parecia outro dialeto.*Apesar de não se recordar de muitos detalhes da época em que trabalhou como datilógrafa no jornal, Juscelina certamente aprendeu muito enquanto estava lá. Além do contato com uma linguagem que até então lhe era pouco conhecida e do convívio com novas regras de comportamento e signos estéticos, Juscelina teve a oportunidade de saber da existência de lugares, pessoas, profissões, eventos, etc. Provavelmente foi no jornal que ela teve conhecimento sobre o país que ela sonhava conhecer desde a adolescência: *eu me lembro*

78Juscelina não sabia que se tratava de um jornal de esquerda. Ela se surpreendeu quando, durante a pesquisa, eu contei a ela sobre a importância do jornal para a luta contra a ditadura na Paraíba. Depois disso, as lembranças sobre as discussões acerca do editorial passaram a fazer mais sentido para ela.

que,na Paraíba ainda, eu queria ganhar dinheiro pra ir pra França. Eu queria conhecer o Rio Sena, e até hoje tem uma simbologia muito grande na minha vida. Tanto é que quando eu cheguei na França, eu parei naquelas pontes e fiquei parada durante horas olhando pro Sena.

Dentre os desafios que enfrentou para aprender a viver, estudar e trabalhar numa cidade bem maior do que Caiçara, Juscelina destaca um em especial, o qual expressa um pouco de como ela era, em suas palavras, *inocente*.

> Uma vez eu saí correndo no meio da rua porque o telex disparou e eu achava que ea um fantasma. Porque, com a influência da minha mãe, que achava que mortos eram fantasmas que podiam te perturbar, assombrar. E aí eu me vi saindo no meio da rua gritando que tinha um fantasma dentro, datilografando sozinho, a máquina datilografava sozinha. Olha que inocência!

Tratava-se provavelmente de um teletipo, dispositivo telegráfico de transmissãode mensagens mecanografadas. Foi muito utilizado pela imprensa nacional na década de 1970, antes da invenção e generalização do Telex, que Juscelina utilizou em seus primeiros anos na Coca-Cola.

Juscelina ia a Caiçara com certa frequência, uma ou das vezes por mês, e também nos eventos familiares. Sobre a fotografia abaixo, do casamento de sua irmã, Darcy, em janeiro de 1975, ela comenta: *Eu sou essa aqui de braços cruzados...Ouseja, fechada para o mundo: exatamente isso aí que eu era.*Apesar de ser *fechada para o mundo,* tanto o da família quanto o exterior, Juscelina queria se abrir. Precisava sobreviver e se desafiava a isso. Mesmo com todas as dificuldades da vida em João Pessoa, ela decidiu permanecer na capital. Uma moça inexperiente, sozinha, cheias de medos e inseguranças, além de constantemente assediada por alguém com quem precisava dividir uma moradia, tinha seus momentos de raiva e revolta. Algumas vezes eram dirigidas aos familiares, quando culpando-os de abandoná-la. Outras vezes a revolta vinha de formas bastante inesperadas. Ela conta que em uma discussão com um professor do ensino médio, em João Pessoa, ela atirou uma cadeira em sua direção.

Figura 29 - Casamento de Darcy, em janeiro de 1975. Juscelina, em primeiro plano, à esquerda, com os braços cruzados.
Foto: Acervo da família, 1975

Entre o final de 1975 e o início de 1976 Juscelina passou num concurso para o Serviço de Processamentos de Dados (SERPRO), da Paraíba, onde conheceu e se tornou amiga de Anita, com quem no final de 1976 viajou para o Rio de Janeiro.

As coisas melhoraram quando entrou no SERPRO. No emprego, melhor e mais estável, que deixou sua família muito orgulhosa, afinal, ela havia se tornado uma funcionária pública, Juscelina conhece Anita. A moça, natural de Solânea, no Brejo paraibano, é sete anos mais velha do que Juscelina. Alegre e inteligente, Anita até hoje tem uma personalidade extremamente cativante. Carismática e generosa, Anita sempre foi muito romântica. A amizade entre as duas moças do interior mudou a vida de ambas.

Anita morava num pensionato de moças na Rua da República, no centro histórico de João Pessoa, e percebendo que Juscelina não estava muito bem no lugar onde moravasugeriu que ela se mudasse para o pensionato. Com o estreitamento da amizade, começaram a confessar seus sonhos uma para a outra.

Anita dizia que sonhava conhecer o Rio de Janeiro e Juscelina mencionou que um de seus irmãos morava na capital carioca. Daniel e sua primeira esposa chegaram à cidade no início da década de 1970. Foram morar na Vila Kennedy, no bairro de Bangu, em uma casa de dois cômodos, e foram construindo suas vidas por lá. Nenhuma das duas moças tinha ideia do que era o Rio. Daniel nunca havia dado detalhes de sua vida, e Anita imaginava o Rio dos cartões postais de Copacabana. Fascinada com a possibilidade de uma vida cheia de liberdade e alegria, além de novas possibilidades profissionais e pessoais, Anita começou a incentivar Juscelina a ligar para seu irmão e perguntar se ele as receberia:

> Anita: Eu conheci a Ju, ela trabalhando no SERPRO. Eu entrei como secretária e a gente sempre se identifica com alguém no trabalho, né? E eu morava num pensionato e elae morava...Acho que era da família, não me lembro, e eu morava num pensionato, mas com uma pessoa muito amiga, muito amiga da família. Lá moravam 7 ou 8 moças. E eu conversando com ela que morava lá e ela também tava querendo sair, e foi morar com a gente lá naquele pensionato.
>
> E eu sempre fui uma pessoa muito sonhadora. Desde a infância queria conhecer coisas novas, tinha essas ideias e ela comentava comigo que tinha um irmão, o Daniel, né, que morava no Rio. Eu comecei a criar, a fazer fantasia em cima disso: mas Ju, e se a gente fosse morar no Rio? E ficava meio assim insistindo, né? Aí um dia ela disse assim: Eu vou ligar pro meu irmão pra perguntar o que ele acha. Aí ela ligou e o Daniel falou: "Vocês podem vir, vocês ficam na minha casa". A gente não sabia onde o Daniel morava, não sabia nada. A Ju não sabia e eu também não sabia detalhes porque eu só conhecia a Ju, né? Aí a gente ficou toda empolgada pra morar no Rio, largar o trabalho. Olha só... Ainda bem que ela se deu bem, porque se ela se desse mal eu poderia ficar culpada porque fui eu que incentivei, eu como a mais velha, né, era bem mais velha que ela, sete anos. Então eu que incentivei toda essa história. Aí depois de ter ligado pro Daniel a gente começou a pensar: O que é que a gente vai falar pra família? Porque minha mãe...Falarem sair de casa... Ave Maria, e a mãe dela também. Morar no Rio, sair de casa há 30 anos atrás era aventura, né? Nem todo mundo ia. Aí a gente combinou, também não sei se ela comentou isso, a gente combinou que cada uma ia inventar uma mentira pra família, que a gente ia fazer um curso no SERPRO. Aí a gente combinou que a mesma história que uma contasse a outra ia contar também. Aí a gente contou a mesma história: que o SERPROtava mandando a gente pra fazer um curso de dois meses e a gente armou tudo e tal, mas já sabendo que a gente ia ficar definitivo.
>
> Priscila: Aí vocês pediram exoneração?
>
> Anita: É, aí a gente pediu demissão do trabalho e se mandou, minha filha, praticamente sem dinheiro, né? É uma loucura porque às vezes alguma pessoa me pergunta assim: Você faria tudo de novo? Eu acho que eu faria sim, por tudo que eu passei, como experiência, como pessoa, eu faria sim. Valeu a pena, sabe?

Como relata Anita, ela e Juscelina, ao decidirem se mudar, e depois de Daniel afirmar que as receberia no Rio de Janeiro, contaram para a família que fariam um curso do SERPRO, ou seja, que a viagem não seria uma mudança definitiva, mas provisória. É interessante notar que, apesar de morar em João Pessoa, portanto longe da família, Anita fala da ida para o Rio de Janeiro como *sair de casa.* De fato, as duas etapas do movimento migratório que ambas fizeram tem gradações e sentidos bastante diversos. Ir para João Pessoa aos 15 anos (no caso de Anita, aos 20 e poucos anos) já era uma situação um tanto excepcional. João Pessoa não

era tão distante geograficamente da cidade de origem de ambas, assim como apresentava muitas similaridades culturais e linguísticas com relação ao interior da Paraíba. A proximidade cultural e geográfica da família era também afetiva. Além disso, e talvez o mais importante, em João Pessoa elas não estavam tão desprotegidas quanto estariam em uma cidade mais distante, do *Sul*, onde, apesar da possibilidade de encontrar familiares e outros migrantes paraibanos, os riscos são maiores, assim como o são os desafios da adaptação.

Uma vez tomada a decisão de partir para o Rio, as amigas pediram demissão do SERPRO e solicitaram cartas de recomendação dos antigos empregos (AnexosB E C) . No final de semana anterior à partida elas foram, juntas, visitar cada uma das famílias. Anita acompanhou Juscelina em Caiçara e esta acompanhou a amiga na vista à Solânea. Somente elas sabiam que se tratava de uma despedida. Entre os dias 18 e 21 de dezembro de 1976 compraram as passagens de ônibus e partiram para o Rio de Janeiro. Juscelina faz aniversário no final de agosto, de modo que tinha completado 19 anos. Atualmente ela afirma que nasceu aos 19 anos, ou seja, na idade em que foi para o *Sul.* É sobre o "nascimento" e a ascensão de Juscelina que falarei no capítulo4.

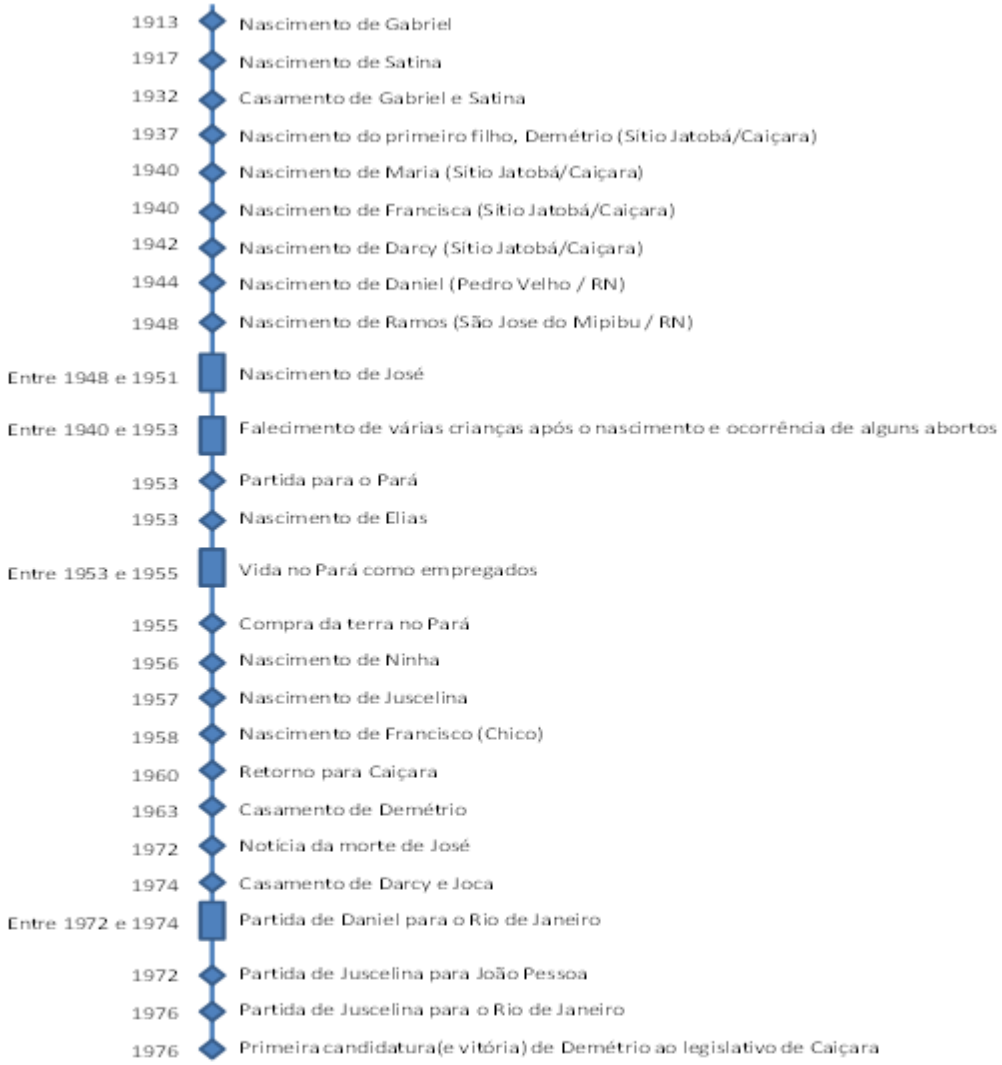


Figura 30 – Linha do Tempo

ASCENSÃO

É de ferro e em espiral, dando a impressão que bem em cima se estreita não permitindo a passagem. Mas, à medida que subo, sinto os degraus mais largos e firmes e a claraboia luminosa de onde se devem avistar infinitos horizontes. O ar se torna cada vez mais leve o que me dá a certeza de que só há aquela saída e, mesmo sendo perigosa a subida, meus passos vão se tornando seguros.

(Maria Lúcia Simões)

4.1 – Saídas e bandeiras número Nº 1 - O nascimento da "Juscelina da Coca-Cola"

Juscelina e Anita, após pedir demissão, recolhercartas de recomendação dos antigos empregos e fazer a última visita à família, compraram as passagens de ônibus e seguiram em direção ao Rio de Janeiro. Anita conta que as novidades e aprendizados começaram no dia da viagem, a mais longa que haviam realizado até então. Estavam, ambas, animadas. Partiam para uma aventura. Pode parecer superficial falar que a decisão foi motivada por um desejo de conhecer o Rio, arriscar a vida na emblemática cidade do "Sul Maravilha" e viver o tipo de liberdade que, na visão delas, seria julgada excessiva no Nordeste. Anita e Juscelina sonhavam com a independência financeira e autonomia moral, e isso exigiria um modo de vida muito diferente daquele aprovado e incentivado pela família e pela maioria das pessoas que integravam seus círculos de relações pessoais:

> Anita: Eu mesma e ela também, a gente olhava muito por esse lado, a independência da mulher. Porque aqui [Paraíba]... agora mudou muito, mas a mulher era muito submissa. Submissa ao pai, namorado, ao marido e isso não era o que a gente queria. A gente queria ser independente, ter nossa vida, nossa casa, sem depender de homem. Se tivesse um homem ótimo, maravilhoso, não resta dúvida. Mas até hoje você pode ver que a Ju é independente mesmo sem ter um marido.

Tratava-se, portanto, de uma aventura motivada pela curiosidade e desejo de liberdade. Não teve a conotação de uma "expulsão", como foi a motivada migração dos pais de Juscelina para Belém após a seca de 1953. Elas haviam acabado de conseguir um bom emprego e, considerando suas origens de classe (o pai de Anita tinha uma pequena bodega), começavam a progredir. Ambas eram funcionárias públicas do SERPRO. No caso de Juscelina, os desesperos e apuros dos primeiros anos em João Pessoa, quando era difícil satisfazer mesmo as necessidades mais básicas, começavam a ser amenizados com a nova colocação profissional.

No entanto, o Rio já carregava a carga simbólica de cidade cheia de belezas, oportunidades e novidades, e ambas ansiavam por viver lá. Como tinham a companhia uma da outra e o amparo do irmão de Juscelina, que estava empregado e tinha constituído família lá, os riscos pareciam reduzidos. As duas tinham pouquíssimas informações sobre a cidade e sobre as reais possibilidades de emprego. Por outro lado, a experiência migratória era relativamente comum entre seus conhecidos, principalmente na família de Juscelina, de modo que partir para uma cidade desconhecida era uma experiência possível.

Mesmo que, retrospectivamente, tais detalhes não sejam tão ressaltados por Juscelina, já que ela ficou na casa de seu irmão por apenas um mês e teve uma experiência migratória muito distinta da de seus familiares, a pesquisa biográfica exige um esforço de imaginação sociológica que resgate as características e sentimentos pessoais, além das circunstâncias objetivas, do momento do passado submetido à análise. Avalio que essa é uma das formas de evitar que a narrativa atual do biografado formate toda uma pesquisa cuja dimensão diacrônica é fundamental.

Neste capítulo abordo alguns dos principais acontecimentos e relações que marcaram a vida de Juscelina no Sudeste, assim como elucido algumas etapas de sua socialização profissional. Como destaquei no capítulo 1, minha intenção inicial era fazer uma etnografia na Coca-Cola, mas após a biografada pedir demissão e decidir aposentar-se, me concentrei no acompanhamento dessa etapa de renovação, e das profundas reflexões a ela vinculadas, dentre as quais estavam as avaliações sobre sua carreira profissional. Portanto aqui os discursos de Juscelina estão mais presentes e o leitor terá acesso mais direto à linguagem particular com que ela se comunica, dimensão da pesquisa muito importante para a compreensão da subjetividade da biografada e para o entendimento das tensões e entre ela e sua família.

Dividi em quatro a grande fase que se inicia com a chegada ao Rio e é finalizada com o pedido de demissão. Os primeiros anos no Rio de Janeiro (1976 a 1980); o período de 1 ano e meio vivido em Fortaleza (entre 1980 e 1982), com seus pais e irmão mais novo; a primeira fase de ascensão profissional (1982 a 1996), em que Juscelina ocupou os primeiros cargos "masculinos" na Coca-Cola, ou seja, aqueles que à época, eram muito raramente ocupados por mulheres. Por último, a segunda fase de ascensão profissional (1996 a 2011), quando Juscelina trabalha como executiva, passa a receber salários altos e vive um momento de amadurecimento pessoal para ela muito significativo.

4.1.1 – Os primeiros anos no Rio (1976 a 1980)

Ôôôôôôô ê boi! ê bus!
Onde será que isso começa
A correnteza sem paragem
O viajar de uma viagem
A outra viagem que não cessa
Cheguei ao nome da cidade
Não à cidade mesma, espessa
Rio que não é rio: imagens
Essa cidade me atravessa
Ôôôôôôô ê boi! ê bus!
Será que tudo me interessa?
Cada coisa é demais e tantas
Quais eram minhas esperanças?
O que é ameaça e o que é promessa?
Ruas voando sobre ruas
Letras demais, tudo mentindo
O Redentor, que horror! Que lindo!
Meninos maus, mulheres nuas
Ôôôôôôô ê boi! ê bus!
A gente chega sem chegar
Não há meada, é só o fio
Será que pra meu próprio rio
Este rio é mais mar que o mar?
Ôôôôôôô ê boi! ê bus!
Sertão, sertão! ê mar!

O nome da cidade (Caetano Veloso)

Quando chegaram uma das primeiras surpresas foi com o tamanho da cidade. João Pessoa da década de 1970 comparada ao Rio de Janeiro parecia um município do interior. As diferenças entre as alturas dos prédios, a arquitetura, a grande quantidade de túneis e viadutos, além da abundância de veículos também as surpreenderam. Anita conta um pouco de como foi o susto da chegada:

> Anita: Aí nós fomos pro Rio e quando nós chegamos lá... Tem alguns detalhes que nem sei se é preciso contar... Mas nós chegamos lá... E pra mim, assim, morar no Rio, porque eu nunca tinha saído do interior, a maior cidade que eu conhecia era João Pessoa, né. Eu como ela éramos do interior. Aí eu achava que morar no Rio era uma maravilha, era tudo perto, tudo fácil. Sabe onde morava o irmão dela? Em Bangu! A gente nem sabia onde era. Aí chegamos lá, o irmão dela tava esperando a gente na rodoviária, aliás uma pessoa maravilhosa, tanto ele como a primeira mulher dele, que faleceu. Uma pessoa, assim, maravilhosa, um coração de ouro que ele tem. O que ele tem de ser pobre, ele tem de ser bom... Uma pessoa muito rica espiritualmente. Aí ele foi pegar a gente na rodoviária, nós pegamos um táxi... Menina não chegava, porque da rodoviária até Bangu... E tudo aqui [em João Pessoa] muito perto, né, pra mim era tudo muito distante lá, eu não tava acostumada com tudo tão longe. Aí eu sempre perguntado pra ele: "Daniel, tá perto, tá perto?" E ele dizia: "Tá perto". Aí quando chegamos em Bangu... Menina, quando eu olhei assim o tamanho da casa. Ele com 3 ou 4 filhos. Ele e a esposa com 3 ou 4 crianças, mais eu e Ju fomos morar nessa casa, uma casa com quarto, sala, cozinha e banheiro. E a gente tinha saído de um lugar que... Não tinha nem motivo pra fazer

> isso porque a gente tinha casa, tinha emprego, tinha família perto. A gente morava num pensionato, já tinha saído de casa, mas a família tava perto, né? E fizemos isso por aventura.
>
> (...)
>
> Aí ficamos lá e ele disse: "Olha, o que eu não posso fazer por vocês é sair com vocês pra procurar emprego". Porque ele trabalhava numa lanchonete e tinha que sair muito cedo de casa, 3h30, 4h da manhã ele saía porque ele trabalhava na Mem de Sá [no bairro da Lapa, no centro do Rio], então ele saía pra 6h da manhã estar no centro da cidade. Aí ele disse: "Não posso sair com vocês, mas vou dar todas as dicas de ônibus que vocês têm que pegar pra andar na cidade". E a gente se mandou, sozinhas, com a cara e a coragem.
>
> (...)
>
> Priscila: E o Daniel era a pessoa da família que sabia que vocês tinham ido pra ficar, e não pra fazer um curso?
>
> Anita: É. E nós ficamos um mês na casa de Daniel, mas assim, pessoas maravilhosas. Ele tirou os meninos que dormiam na sala, no sofá, pra dormir com eles na cama, com ele e a esposa, pra gente ter onde dormir, né, no sofá. E isso era perto do Natal, então você imagina a gente viajou perto do Natal e passou o Natal longe da família... Tudo coisa de, sabe, sei lá, a gente não pensava muito.

Anita e Juscelina ficaram na casa de Daniel por um mês, tempo em que buscavam emprego: pegavam um ônibus para o centro do Rio, compravam um jornal, riscavam nos classificados as possíveis vagas e seguiam em busca dos endereços. Como mencionei no capítulo 1, em menos de um mês foram contratadas por meio de uma agência de empregos. Juscelina conseguiu uma vaga como datilógrafa na Texaco e Anita foi contratada nos mesmos termos em outra empresa. Passados os 40 dias da contratação temporária, Juscelina foi para a Coca-Cola, em 3 de fevereiro de 1977, e Anita se empregou na Caraíba Metais.

Assim que conseguiram trabalho, Juscelina e Anita começaram a procurar lugar para morar. A princípio moraram em pensionatos, depois alugaram quartos, que dividiam, na Zona Sul do Rio. O início da vida no Rio impunha um esforço de adaptação mesmo às tarefas mais triviais, a começar pelas refeições:

> Anita: Você ia de olhos fechados, né, pra supermercado, restaurante. Às vezes eu ia pra restaurante e não sabia nem o que tinha no cardápio, e mesmo comida que tinha aqui: lá, por exemplo, chama feijão fradinho o que aqui é feijão "macassa". Aí chegava no restaurante tava lá: salada de feijão fradinho. O que é isso? Eu tinha que perguntar. Mesmo assim só depois que eu passei a perguntar, porque antes eu não pedia porque não sabia o que era.
>
> Priscila: E quais coisas do cotidiano que você se lembra que eram muito diferentes...
>
> Anita: Tudo diferente, tudo diferente porque como eu vinha do interior[79], começava pela alimentação. A gente que mora no interior nunca almoça fora. Eu trabalhava, mas saía do trabalho e almoçava em casa, aí dava uma descansadinha e voltava pro trabalho. Sempre é perto, duas, três ruas do trabalho quando a gente mora no interior, né? E lá não, lá a gente saía sete, oito da manhã e chegava sete, oito da noite, quando não fazia curso porque teve épocas que eu fazia curso de inglês e ela também fazia curso de inglês, aí a gente chegava nove, dez horas, pra aí depois chegar em casa e lavar a roupa, né... Era tudo muito novo pra gente.
>
> Priscila: Mesmo aqui em João Pessoa vocês comiam em casa?
>
> Anita: Comia em casa porque o trabalho ficava perto do pensionato. Até hoje é assim porque João Pessoa em comparação com o Rio é um bairro, né?

79. Anita classifica João Pessoa de interior porque com relação ao Rio – considerando a posição das duas cidades no espaço social – a capital paraibana era mesmo como uma cidade do interior no que se refere ao tamanho, ao oferecimento de bens, à diversidade da população e à proximidade com a cultura de origem das duas, ou seja, à familiaridade com o local.

O tempo e as distâncias na capital fluminense eram muito diferentes daqueles aos quais estavam habituadas. Além disso, cada pequena tarefa tinha que ser executada de forma concentrada. A atenção estava o tempo todo voltada para miudezas do cotidiano que, quando conhecemos os caminhos, as paisagens, os hábitos e linguagens do ambiente que frequentamos, são executadas semiconscientemente. O fato de terem que estar sempre atentase de viver constantemente algum tipo de estranhamento gera uma fadiga muito diferente daquela enfrentada no trabalho árduo da vida no campo, onde Juscelina e Anita incorporaram a disciplina necessária para a sobrevivência no Rio.

Anita conta que muitas vezes, ao ver Juscelina chegar completamente estressada, exausta e preocupada do trabalho, ela lhe perguntava se aquilo valia à pena, se todo aquele sacrifício a fazia feliz. Juscelina, entretanto, parecia estar menos preocupada com a felicidade do que com a necessidade visceral de vencer, de conseguir a estabilidade que afastaria eventual necessidade de voltar para o Nordeste. Anita também não queria voltar e enfrentou todas as adversidades sem nem mesmo comunicá-las à família. Anita, de temperamento bem diferente, não tinha tanta pressa quanto sua amiga, assim como não cobrava de si mesma, de forma tão intensa, o crescimento profissional e a apreensão total das informações daquele "mundo da vida"[80]no qual passaram a habitar.

Apesar de todos os desafios, como tinham completado os estudos na Paraíbae já tinham experiência em empregos formais e qualificados, as duas amigas conseguiram boas colocações também no Sudeste. No final da década de 1970 havia ainda considerável demanda de empregados para postos de trabalho nas empresas e indústrias nos estados de São Paulo e do Rio, nos quais se concentrava o crescimento econômico do país. Porém, como afirmam Pastore e Silva (2000), com base nos dados de 1973 do IBGE, somente cerca de um quarto dos indivíduos cujos pais eram de origem rural exploraram o mundo das ocupações não-manuais qualificadas. Assim, as amigas posicionavam-se, do ponto de vista de renda e status, consideravelmente acima de seus pais e irmãos, mas, em relação àqueles com quem passaram a conviver, considerando a origem sociogeográfica, posicionavam-se socialmente abaixo.

---

80. Refiro-me ao sentido da expressão na fenomenologia de Alfred Schutz (1979). É no mundo da vida que se constituem os costumes e a herança social transmitida às pessoas que nascem numa determinada comunidade. Essa herança define a situação do grupo, ou seja, os códigos de interpretação com relação às orientações morais, à sociabilidade, às relações entre gêneros e às regras da vida cotidiana que fazem funcionar os jogos de linguagem garantidores da suspensão da dúvida sobre o mundo natural.

De maneira ostensiva ou sutil, elas vivenciaram a descoberta de serem tratadas como pessoas originárias de uma sociedade e cultura inferiores, até compreenderem as formas de se portar, vestir e falar que as fizessem parecer, e ser, mais integradas àqueles ambientes que passaram a frequentar:

> Priscila: Anita, e com relação à linguagem?
>
> Anita: Também estranhamos muito, até porque agora não é tanto, mas há 30, quase 40 anos atrás, era muito chocante chegar no Rio, né. As pessoas criticavam muito o nordestino. Diziam que a gente falava cantando... Porque a gente tem outros termos, né. Palavras, tipo, fogão, aqui a gente pronuncia "fugão"; sabonete, aqui a gente fala "sabunete". Então às vezes pediam pra gente falar pra depois ficar debochando. Só que eu nunca esquentei com isso, porque quando você se aborrece é pior. Eu lembro que a Ju atendia ao telefone assim: "Diga", ao invés de falar "Alô", né. E por muito tempo ficaram chamando ela de "Diga" no trabalho. Então, tem uns termos que são regionais.
>
> Priscila: E com relação às roupas?
>
> Anita: Isso também, porque nós saímos daqui com poucas roupas, né, sem dinheiro, sem condições. Nós chegamos e tínhamos poucas roupas pra trabalhar. Nós ganhávamos pouco, e eu lembro que a gente comprava roupa assim: meu número é 44 e o dela 40. Como ela é menor [Anita mede 1,70m de altura], ela é também mais magra. A gente não tinha condições pra cada uma ter a sua roupa, então o dela era P e o meu era M, então, se o dela era 40 e o meu 44, a gente comprava 42, aí ficava folgado pra ela e apertado pra mim, pra que nós pudéssemos usar a mesma blusa, aí a gente tinha que estar sempre lavando as roupas. Eu me lembro de uma amiga minha que me disse: "Anita, eu fico chateada quando eu vejo Juscelina com as suas roupas, porque sempre Juscelina tá com as suas roupas". [risos]. Aí eu disse: "Ah, não esquenta não, é que a gente compra pras duas usarem". Também me lembro de um dia que a gente, já tinha uns dois meses de salário, e a gente foi pra Copacabana comprar roupa, e nesse dia era um sábado, né, aí a gente chegava nas lojas, e com dinheiro na bolsa, o que seria hoje uns setecentos reais. Era uma parte do salário dela e uma parte do meu porque a gente precisava de roupa. Aí, eu não sei, a gente chegava nas lojas, a gente olhava assim, e ninguém atendia a gente, ninguém... Pra você ver o que é a aparência, como a aparência faz parte. A gente ia, mexia, assim, nas roupas, e ninguém vinha atender a gente... E isso em várias lojas, né... Em várias aquele mesmo quadro, ninguém dava atenção. Às vezes a gente chamava e a pessoa dizia, mas daquele jeito que quer dizer: "Essa pessoa não tem condições de comprar". Até que eu percebi e disse: Ju, quer saber de uma coisa, vamos voltar porque hoje não é o dia da gente, não, viu? Acho que a gente tá tão desarrumada que as pessoas não estão acreditando que a gente tem dinheiro pra comprar roupa. E voltamos com esse dinheiro pra casa e não compramos nada porque a aparência da gente demonstrou que não tinha condições de comprar, as pessoas não confiavam. Aí depois aconteceu várias vezes de eu chegar numa loja lá e chegar na loja sem dinheiro na bolsa e me perguntavam: "Madame, vai querer alguma coisa?" Porque eu já tava dentro do padrão, né? Humilde, mas dentro de um padrão. Aí eu comecei a ligar uma coisa na outra, comecei a pensar: "Só porque eu tô me vestindo mais adequada..."
>
> Priscila: E o modo de se portar é diferente também, né?
>
> Anita: É, porque, no caso da gente, a gente chega na loja já humilde, já curvada, até com medo de perguntar as coisas... E aquilo a gente transmite pras pessoas, né? Eu acho que é diferente de quando você já tá trabalhando há mais tempo, você já tem outra postura. Qualquer local que você não tem conhecimento, não tem alguém pra te orientar, é tudo novo. Tudo que é novo não é fácil pra quem tá entrando naquilo e pra quem tá recebendo, né? Eu acho que é mais assim, e o novo não é bom pra quem entra e pra quem tá recebendo. Mas agora não, porque agora tem a mídia, televisão, tecnologia... Hoje mudou muito. Hoje você não faz diferença de uma pessoa que mora no Rio e mora no interior. Se você comprar, não tem muita diferença em termos de moda, de se portar, não tem muita diferença porque existe muita mídia em torno disso, né... Mas na minha época não, na minha época você chegava, assim, sem saber o que ia acontecer.

Figura 31 - Juscelina e Anita, em 1977, cerca de seis meses após a chegada ao Rio de Janeiro. Foto: Acervo da famíla, 1977.

Ao mesmo tempo em que as experiências no trabalho e no cotidiano ensinaram a Juscelina cada dia mais sobre aquele mundo, fizeram também com que ela reconhecesse a si

mesma como uma estranha. Foram muitosos momentos em que isso aconteceu: enfrentando cada rosto que a fitava nos supermercados, tendo dúvidas sobre se podia mesmo atravessar a rua quando o semáforo ficasse vermelho, demonstrando o medo de perder as compras que caíram da sacola de papel molhada pela chuva, precisando descobrir sozinha o significado daquele vocabulário que diz coisas sobre ela, sobre a vida dela, sentindo-se, todos os dias e a cada dia, inábil para todas aquelas tarefas corriqueiras que cobravam muito de sua atenção. Era preciso não só aprender tudo, mas provar que se podia aprender tudo. O julgamento do outro passou a ser o julgamento dela mesma. Aquela na qual ela queria se transformar julgava a moça que precisava ser lapidada. Essas duas convivem até hoje. O fato de não saber como ou com quem chorar não reduz a dor que justifica o lamento, mas a transforma. Essa dor tomou formas distintas ao longo da vida de Juscelina. A sensação de desamparo e a timidez precisaram ser disciplinadas, autocontroladas e mascaradas em cara fechada, pouco receptiva a lágrimas e sorrisos.

Nos primeiros anos no Sudeste Juscelina passou por um processo muito intenso de transformação. Os elementos que a fizeram mudar foram incontáveis e vinham tanto do mundo de origem quanto das relações e ambientes do Rio de Janeiro. Para enfrentar a cidade, o trabalho na Coca-Cola e os desafios cotidianos a ajuda de Anita foi fundamental, mas uma amizade iniciada em 1977, e que durou cerca de 10 anos, foi uma das mais marcantes da vida de Juscelina, e aquela que de forma mais definitiva influenciou a fase entre seus 19 e 30 anos.

4.1.2 - Luiz, a pessoa mais importante que eu conheci no Rio

Luiz começou a trabalhar na Coca-Cola alguns meses após Juscelina. Originário de uma família judia da alta burguesia carioca e cerca de quinze anos mais velho que a biografada, ele ocupava um cargo de gerência na área financeira da empresa, que à época se localizava no centrodo Rio. Nesse mesmo escritório trabalhava Juscelina, como secretária/português. Ela notou que o novo gerente era muito tímido e não tinha proximidade com os colegas. Identificando-se com ele, passou a convidá-lo para almoçarem juntos. Ela o considerava uma pessoa *diferente:* introvertido, gentil, sensível. Apesar da diferença hierárquica na organização da empresa, eles iniciaram, em 1977, uma amizade profunda e duradoura. Foi Luiz quem ajudou Anita e Juscelina a alugarem o primeiro apartamento, uma quitinete no bairro Flamengo, na Zona Sul, onde permaneceram por um ano. Ele era o antigo proprietário do imóvel e ao vendê-lo pediu ao novo proprietário que, tendo-o como avalista,

alugasse o apartamento para as amigas. Para concretizar o negócio e ser capaz de lidar com todas aos encargos burocráticos e práticos que passou a ter, Juscelina pede a seus pais que, de Caiçara, providenciem o documento de sua emancipação, já quea maioridade civil era atingida aos 21 anos (Anexo D).

Uma vez instaladas na nova casa, Juscelina procurou uma das filhas mais velhas de Daniel e a convidou para morar com ela e Anita no Flamengo. No entanto a sobrinha, que à época morava na comunidade de Vila Kennedy, em Bangu, recusou o convite, alegando que seria excessivamente doloroso sair do lugar onde foi criada e onde estava seu círculo de relações mais importantes. Juscelina surpreendeu-se com a resposta, pois achava que ela preferiria morar num dos lugares mais valorizados da cidade a morar numa comunidade. A recusa da sobrinha foi um dos primeiros sinais de que a distância entre ela e sua família tendia a aumentar, pois as visões de mundo e hierarquia valorativa que ia construindo começavam a entrar frequentemente em choque com aquelas de sua família. Por isso, esse foi um dos momentos mais marcantes da primeira fase no Sudeste. Como veremos, as tentativas de distanciamento e negação do passado conviviam com tentativas de reenraizamento, de aproximação com a família.

Quando começou a se estabilizar no Rio de Janeiro as visitas à Caiçara eram muito menos frequentes do que quando morava em João Pessoa. Eram rápidas também. Vez ou outra, algum familiar a visitava no Rio, mas era raro. Ela se recorda, magoada, de um primo que, impressionado com o fato de a prima morar num bairro de classe média, perguntou quem era o *velho* que a estava *bancando.* O tipo de independência financeira que Juscelina estava conquistando não era muito bem aceita por alguns de seus familiares e conhecidos da Paraíba.O fato de ela continuar solteira também era motivo de especulações. Apesar de persistir na meta de ficar no Rio, Juscelina tinha consciência de que aquela era uma atitude subversiva, e se valia de diversos recursos para proteger-se:

> Juscelina: Pri, quando a gente é assim, o... nordestino, o que acontece, eu fui educada pra casar e ter filhos (...). Eu fui educada pra que alguém fosse o meu dono (...) Os pais é quem fazem tudo, tem mandam fazer absolutamente tudo, depois é o marido que faz... Te manda fazer tudo, estou falando disso, isso há cinquenta e nove anos atrás (...) Essa proteção assim, da honra, tem que defender a honra e tal. Então, eu carregava uma faca comigo. E eu carreguei essa faca durante muito tempo, queria defender a mim, minha honra e de certa forma defender a honra em todos os sentidos né? (...) Essa honra é ela... Você pode traduzir o que é honra, tem várias ... Você pode divagar aí, tem muitas coisas que simbolizam a honra (...) E aí você... E aí tem a coisa de você morar sozinha, que mulher que morava sozinha naquela época era vagabunda... (...) Mulher não morava sozinha (...) Moça direita morava sozinha? Moça direita não! Então você ficava muito exposta a absolutamente tudo, exposta a isso né? E quem iria me proteger? (...) Se alguém entrasse em casa, um ladrão... Então eu tinha essa... Era uma faca que eu carregava. O Luiz sabia que eu tinha essa faca...

> Essa faca era... (risos) e hoje eu vejo que não ia adiantar porcaria nenhuma ali né? Essa faca, mas tem uma coisa tão psicológica e isso é tão forte né? O nordestino ele anda com uma faca, realmente, né? E é uma coisa psicológica de proteção mesmo. E eu tinha que me defender era da honra dos... De tudo absolutamente, se um cara me agarrasse na rua eu tinha que proteger (...) Então e eu tenho certeza que eu iria me proteger e eu iria usar a faca sim, isso aí eu não penso... Se você pergunta hoje, na época não ia ser, mas até hoje eu já não iria pensar duas vezes se eu não iria me defender, entendeu? Mesmo quando todo mundo fala que uma pessoa foi estuprada, eu fico sempre pensando assim, seria muito difícil [ser estuprada] porque eu, eu iria ser morta porque...
>
> Priscila: Você ia reagir?
>
> Juscelina: Com certeza! Um cara uma vez falou um palavrão, passou a mão na minha bunda, eu taquei um tapa na cara dele. Isso já era defesa, então eu não tinha quem me defendesse. Se eu chegasse pra alguém e falasse: Ah, eu fui andar lá e um cara... Não tinha isso na minha vida. Ou eu resolvia, ou eu resolvia!

Quando ia a Caiçara visitar sua família as especulações sobre seu modo de vida, rotina e trabalho eram assuntos entre familiares e vizinhos. Uma prima que conheci no Rio de Janeiro, entre setembro e outubro de 2011, e que morava no Sítio Cancão no final da década de 1970 e início de 1980, conta o que os vizinhos e parentes mais distantes comentavam quando Juscelina ia passar alguns dias com seus pais:

> Quando Juscelina ia pra lá, ela se enfurnava dentro de casa e ninguém via. O pessoal ia lá pra ver ela porque ela não saía. Aí o pessoal dizia: "Chegou, mas ninguém vê. Ela não pôs nem a cabeça pra fora da janela. Tem gente que diz que Juscelina é boazinha, que cumprimenta o pessoal daqui, mas ela é muito metida! Fala que vai ficar estudando, mas que pra quê estudar tanto? Que diabo de estudo é esse?".

Era a Luiz que ela confessava o desconforto das visitas à família, a saudade ou a tristeza pelos muitos afastamentos que iam acontecendo: social, cultural, afetivo. *Ele sempre tinha uma maneira de aquietar, de consolo, do tipo assim: "Olha, Juscelina, você escolheu esse caminho. Se você voltar, vai viver daquele jeito... É isso que você quer?"*

Segundo ela, o amigo a entendia melhor do que todas as outras pessoas que conheceu: *Eu era totalmente despudorada com ele, eu não tinha nenhum limite para falar as coisas com ele.*Luiz era uma espécie de consultor dos assuntos da vida, todo tipo de assunto, desde as dúvidas sobre o comportamento cotidiano até aqueles temas que pareciam, poucos anos antes, bastante distantes de Juscelina: música clássica, culinária internacional, culturas estrangeiras, decoração... *O Luiz me ensinou até a falar. Não tem o* [dicionário da língua portuguesa] *Aurélio? Então, o Luiz era o meu Aurélio.* Amigo de diplomatas, cantores líricos, artistas plásticos, intelectuais e empresários do ramo das artes, Luiz inseriu Juscelina em círculos de relações aos quais ela dificilmente teria acesso de outra forma: *Eu me lembro que esses cantores e cantoras líricas amigos do Luiz, a gente ia a jantares, assim, com eles, e eles davam "canjas", sabe? Era uma coisa encantadora.*

De temperamento calmo e afetuoso, e dono de maneiras delicadas, Luiz demonstrava prazer e interesse por passar longas horas conversando com Juscelina sobre viagens e passeios que ele havia feito:

> (...) Ele viajava e me falava do que ele comia lá, das festas que ele assistia, dos museus que ele ia... Ele era uma pessoa extremamente culta, então eu fui a muitos museus através dele, né? Teve um famoso, de Amsterdã e tal, os museus também lá na Inglaterra e tal, quando eu estive lá eu só ratificava o que eu já conhecia através do Luiz... Então ele me dava esse conhecimento nas nossas conversas, nos dias que a gente tinha juntos, e eu por minha vez corria atrás do conhecimento do business, entendeu?

O *business* era aprendido em revistas técnicas, às quais ela tinha acesso na Coca-Cola, e na atenção excepcional que dedicava a cada tarefa cotidiana: *Eu odiava ser secretária, mas mesmo como secretária eu sempre tentava fazer alguma coisa diferente. Eu lembro que inventei um jeito novo de organizar os arquivos e meu chefe na época gostou muito.*

Em setembro de 1978, Juscelina conquista sua primeira promoção, de secretária/português para secretária/português sênior. A empresa vivia época de franca prosperidade. No plano internacional, firmou um acordo excepcional, a Coca-Cola conseguiu entrar na China, tornando-se o primeiro produto de consumo americano a ser introduzido no país. A revista de circulação interna *Chapinha* anuncia o grande feito:

Figura 32 - Capa da revista Chapinha, de circulação interna, comemora entrada da empresa na China. Acervo de Juscelina Gomes de Lima. (Reprodução: Coutinho, P.O., maio de 2012.)

No mesmo número do órgão de informação interna está anunciada, em fotografias e textos, a colaboração mútua entre a empresa e o governo Geisel (1974-1979), simbolizada por

medalhas concedidas a executivos das diversas fábricas de refrigerantes distribuídas pelo país. *"O nosso companheiro recebeu a Medalha do Pacificador, homenagem que lhe foi concedida pelo Presidente da República, Ernesto Geisel, e entregue pelo Comandante da 9 Região Militar, pelos serviços prestados à sua comunidade".*

Seguindo o exemplo da Coca-Cola Estados Unidos(PENDERGRAST, 2000), no Brasil a imagem da empresa procurou estar associada à Pátria, à religião e à família. Na mesma revista de 1979, na coluna "Gente Nossa", que apresenta breves biografias de funcionários da empresa, a personagem homenageada é Dona Generosa:

> "(...) Telefonista desde 1937 (...) adora a Coca–Cola, lamentando-se que esteja para se aposentar dentro de quatro anos. Casada desde 1948 e fã de Roberto Carlos, 'adorei o show de Natal dele', D. Generosa tem quatro filhas. Três delas casadas. Também tem um casal de netos, que são a sua maior curtição. Adora ficar em casa cuidando deles (...) Dona Generosa sente-se realizada em sua profissão. Adora fazer serviços domésticos, como cozinhar, fazer trabalhos manuais 'às vezes até trago bijuterias feitas por mim para vender no trabalho' (...), uma mulher de vida simples, 'fora do trabalho minha vida é dedicada ao meu marido às minhas filhas e aos meus netinhos', Dona Generosa acha geniais os comerciais que a Coca-Cola lança pela televisão. 'Gostando da companhia como é o meu caso, sinto-me até orgulhosa'". (*Chapinha*, 1979, p.2)

No mesmo número em que Dona Generosa e sua vida de telefonista e dona de casa exemplar é destacada, com exceção das fotografias de propagandas dos produtos e daquelas de confraternizações da empresa todas as outras matérias retratam homens trabalhando nas fábricas de engarrafamento de refrigerantes: operários, equipe de segurança do trabalho, diretores, chefes e gerentes. Na última página, na coluna "Um pouquinho da gente", são informadas as admissões e promoções. Com exceção de uma química analista, todas as mulheres da lista são secretárias, recepcionista ou assistente social. Nenhuma figura entre representantes comerciais, coordenadores, gerentes, diretores ou especialistas. Na coluna é anunciada a promoção de Juscelina:

UM POUQUINHO DA GENTE

FAZEM ANIVERSÁRIO DE COCA-COLA

05 anos

Rita Feferman 04.02
Isa Maria Barbosa de Andrade 28.01
Lawrence Wayne Brown 01.01
Marcos Antonio dos Santos Souza 02.01

Sônia Madeira de Ley e Barreto

Isa Maria Barbosa de Lima

10 anos

Walmir de Oliveira 17.01
Sônia Alberto Madeira de Ley e Barreto 06.02

15 anos

Waldir Ribeiro de Araujo 27.01

ADMISSÕES — AGOSTO/78

Ana Lucia Pereira	Recepcionista
Arlindo de Souza	Vigia
Carmem Sylvia Pereira Galvão	Secretária Executiva Bilingüe
Hilda Figueiredo da Silva	Secretária Português
Jair Amaral Ribeiro	Vigia
Luis Fernando Santos Pires	Auxiliar de Fabricação III
Luiz Jóia Delfino	Assistente Asseguração Qualidade
Mário de Wilton Moreira	Vigia
Nilton Braz	Coordenador de Cont. de Verba Cooperativa
Pablo Oscar Puma	Assistente Técnico II
Ronaldo de Castro	Auxiliar de Serviços de Escritório
Valdeci Barbosa Cabral	Jardineiro

ADMISSÕES — SETEMBRO/78

Francisco José Junqueira	Assistente Técnico I
José Paulo da Silva P. do Rio Branco	Gerente de Produtos Sr.
Maria Thereza Paes de Barros	Secretária Executiva Bilingüe
Regina Coeli de Abreu e Silva	Assistente Social

ADMISSÕES — OUTUBRO/78

Alberto Anastácio da Silva Loureiro	Assistente Técnico III
Antonio Neves Pereira	Operador de Telex
Chantal Valerie Malcorps	Secretária Executiva Bilingüe
Eugênio Edgard M. Raja Gabaglia	Assistente Administrativo Sr.
Helio Ricardo Pinto Domingues	Mensageiro
Helio Rafael de Oliveira	Auxiliar Eletrotécnica I
Lincoln Cordeiro de Castro	Assistente Técnico III
Oswaldeir Garrafielo Fernandes	Assistente de Serviços Publicitários
Paulo Antonio de Souza Bond	Analista Sr. de Sistemas Operacionais
Paulo Augusto Cota	Operário II
Paulo Ernesto Alexandre de Souza	Operário II
Sebastião Sergio da Silva	Operário II

PROMOÇÕES

Juscelina Gomes de Lima

AGOSTO/78	DE	PARA
Alberto Franco Cavalcante	Especialista de Marketing	Ger. Distrito III
Claudio Seidl Pontes	Químico da Fáb. de Concentrado	Químico Chefe dos Laboratórios
Elmar Fernando Johasson	Assist. Asseguração de Qualidade	Químico da Fábrica de Concentrado
Leonardo Herminio Epel	Coordenador de Projetos Especiais	Assist. do Gerente de Desenvolvimento Territorial
Vera Garcia de Freitas	Aux. Administrativo Jr.	Aux. Administrativo
SETEMBRO/78		
Angela Pereira Rodrigues	Químico Analista I	Químico II
Ari Nascimento Gomes	Auxiliar Administrativo	Aux. Administrativo Sr.
Gilson Bastos Junior	Aux. Servs. Escritório	Aux. Administrativo
Joubert D. P. de O. Fortes Jr.	Téc. Laboratório III	Téc. Laboratório II
Juscelina Gomes de Lima	Secretária Português	Secretária Português Sr.
Paulo Roberto Ataes Xavier	Téc. de Contabilidade	Téc. de Contabilidade Sr.
Paulo Roberto G. de Almeida	Aux. Administrativo	Aux. Administrativo Sr.
Walter da Graça M. Sobrinho	Aux. Administrativo	Aux. Administrativo Sr.
OUTUBRO/78		
Antonio M. de Jesus Filho	Representante de Marketing	Especialista de Marketing
Fernanda Costa P. Leite	Secretária Bilingue Jr.	Secretária Bilingue
Joel de Almeida Junior	Téc. de Contabilidade	Téc. de Contabilidade Sr.
Luiz de Araujo Moraes	Assessor Técnico	Ger. Administrativo de Pesquisa e Desenvolvimento
Oneide Vieira Brandão	Operador de Telex	Aux. Administrativo
Paulo Pereira	Aux. Manutenção Operacional	Encarregado de Manutenção
NOVEMBRO/78		
Ana Maria Tomaz Pacheco	Secretária Português	Secretária Português Sr.
Virginia Ruth Kelly	Secretária Bilingue Jr.	Secretária Bilingue
DEZEMBRO/78		
Luiz C. P. de Rezende Martins	Gerente de Merchandising	Ger. de Comunicações
Marlene Wierzba Glezer	Secretária Bilingue	Secretária Bilingue Sr.
Vilma Edna P. Ribeiro	Secretária Português	Secretária Português Sr.

Joel de Almeida Júnior

Ari Nascimento Gomes

Pág. 22

Figura 33 - Primeira promoção de Juscelina, Página da revista de circulação interna Chapinha, Ano 2, Número 7. Acervo de Juscelina Gomes de Lima (Reprodução: maio de 2012)

Em entrevista feita com um diretor da Coca-Cola, que se aposentou em meados da década de 1980, entendi um pouco melhor como se dava, naquela época, a configuração das relações de gênero na empresa. Foi ele quem elaborou o plano de cargos e salários da empresa

no país. Afirmou que não havia nenhum critério formal de exclusão de mulheres de cargos de coordenação, chefia, gerência ou mesmo diretoria. Ressaltou, entretanto, que critérios particulares de cada funcionário encarregado de contratar novos empregados não poderiam estar sob o controle institucional, o qual também não poderia dirigir a "vontade" das mulheres de assumirem postos diferentes dos convencionais (telefonista, recepcionista, secretária):

> Ex-diretor da Coca-Cola: Na época [entre 1977 e 1980] a gente contratou um monte de gente de nível universitário, representantes, se bobear nenhuma mulher, nenhuma mulher, no cargo que tinha, de representante, não tinha nenhuma mulher. Nessa fase não tinha nenhuma mulher, mas também não tinha nenhuma cobrança para que tivessem mulheres. Não era nem uma questão tipo assim: exigência que não fosse mulher, nem exigência que tivesse que ter uma cota de mulheres. Tinha nada disso. Aconteceu que todo mundo que se ofereceu para o emprego era homem porque era um trabalho duro, porque subia em caminhão e tinha que entrar no ponto de venda e não sei o quê.
>
> Priscila: Isso foi quando... final dos anos 1970?
>
> Ex-diretor : Deve ter sido em 77, por aí. Aí a gente contratou a turma toda (...)
>
> Priscila: E as secretárias eram mulheres...
>
> Ex-diretor: Eram todas mulheres, todas mulheres... Os homens eram chamados de auxiliar de escritório (risos).
>
> Priscila: Quando era homem não era secretário?
>
> Ex- diretor: É. Secretário é um cargo... Inclusive estudar isso na sociologia do trabalho deve ser interessante. Secretário é um cargo superior a secretária, por exemplo: secretário de obras, secretário... designa o chefe de uma secretaria (risos). Isso dá um artigo (risos). E nessa época começam a surgir oportunidades abertas às mulheres sem também que existisse alguma pressão e também isso não era uma espécie de movimento intencional, era... nessa época, nos anos oitenta, princípio dos anos 80, eu sou capaz de lembrar de umas três, quatro gerentes mulheres na Coca-Cola Brasil e acho que a primeira diretora talvez tenha sido em 85. E aí nesse momento são oferecidas oportunidades para cargos que eram tipicamente masculinos pra algumas mulheres. Por volta de 83. Em 86 eu já saí, então em 82, 83. E eu acho, se não me engano, que o primeiro emprego que foi oferecido foi o de representante de marketing, que eram essas viajantes que faziam um elo entre o marketing da Coca-Cola e o marketing das fábricas. E aí vem a primeira, digamos assim, decisão importante, porque de uma certa forma era preciso ter uma certa audácia, mais do que outra virtude, era preciso ter audácia porque num mundo que era ainda muito machista, E ah, vai viajar, vai pro caminhão, vai pro campo e enquanto isso internamente se oferecia a segurança do cargo de secretaria, estável, mas que não ia crescer muito além disso, então várias mulheres da companhia não queriam ser representantes, queriam ser secretária. Acho que foi ela [Juscelina] e mais duas ou três [que quiseram ser representantes].
>
> Priscila: Então no cargo de secretária não havia a possibilidade de uma progressão de carreira significativa?
>
> Ex-diretor : No caso de secretária tinha uma progressão de carreira assim: você era secretária júnior, aí ia pra sênior, aí passava a ser secretária de... Era a ideia da, conforme o seu chefe.
>
> Priscila: O status da secretária era secundário.
>
> Ex-diretor : Era secundário porque você era secretária júnior, depois secretária sênior, depois secretária da diretoria, e a secretária do presidente. Você era secretária do sexto andar, depois passava a secretária do sétimo andar, do oitavo andar, entendeu? Isso não dava ... Mas em termos de carreira.
>
> Priscila: Os andares também mostravam hierarquia...
>
> Ex-diretor: É... E o último andar era do presidente.
>
> (...)
>
> Ex-diretor: A organização era muito dominada pelos homens, mas não existiam restrições específicas por parte de RH [Recursos Humanos] e tal. Até hoje eu tenho dificuldades de convencer as pessoas de que não existem mecanismos que prejudiquem as mulheres dentro da Coca- Cola. Eu fiz o plano de cargos e salários da Coca-Cola; fiz não, ajudei a construir, e eu te garanto que não tinha nada que dissesse assim: "Ah, é mulher, então tira 10%. Ah, é negro, então não dá oportunidade. Não tem boa aparência, e tal não sei o que... Ah, então as mulheres ganham em média menos e tal.. Ah, é porque entraram mais tarde no mercado de trabalho". E, não sei, tem coisas em termos de ascensão, em termos de

> oportunidade, mas não tem nada assim específico: "Não, aqui existe uma restrição". (...) Por acaso todas as secretárias era mulheres. Não tinha assim: "Oferecem-se oportunidades para as mulheres". Oferecem oportunidades e só aparecem mulheres, e ela tomou o caminho. Agora, e de novo vem a virtude dela [Juscelina] de se te dá uma oportunidade você toma; se passa um bonde, você pega.

O fato de não haver regras explícitas que excluíssem as mulheres de cargos de comando não significava, entretanto, que elas não fossem afastadas por outros meios, tanto mais sutis e difusos quanto eficazes. Acreditava-se que as mulheres não tinham as maneiras e nem as habilidades necessárias à execução de funções próprias àqueles cargos que exigiam capacidade de comando e relacionamento com homens. No primeiro caso, elas não seriam fortes o suficiente, tanto no nível discursivo quanto performático, para enfrentar os clientes ou os colegas e subordinados que eventualmente as desafiassem. Além disso, como me afirmou um gerente e ex-colega de Juscelina entrevistado: *Ah, falavam muito que não dava certo trabalhar com mulher porque mulher tem um monte de questão hormonal, tem menstruação, tem TPM.* No caso do relacionamento com clientes, havia outra questão, o receio de que elas se relacionassem sexualmente com eles. *Existem homens e homens, e mulheres e mulheres. Aí o assédio é normal e algumas se deixaram levar e tivemos que demitir muitas mulheres que se envolviam com os clientes, se envolviam com Seu José do bar, da padaria, do restaurante mesmo.*

O sistema de valores que orientava as visões de gênero na empresa na época em análise consagrava divisões sociais. Por isso, preferências "pessoais", critérios implícitos ou conversas descontraídas de corredor sobre as oscilações hormonais femininas ou sobre um possível comportamento sedutor de vendedoras e representantes adquiriam a eficácia de regras explícitas. Tais discursos faziam todo sentido porque repetiam visões sociais generalizadas sobre o comportamento feminino e sobre quais funções cabiam às mulheres. A liderança dos homens e a posição subalterna das mulheres eram, na história da empresa, naturalmente aceitos. Como aponta Pendergrast (2000, p.10), em sua biografia da multinacional de refrigerantes:

> Virtualmente todos os principais personagens desta história são homens, o que constitui em si um comentário sobre o mundo americano dos negócios nos últimos cem anos. Em conseqüência, resolvi, deliberadamente, referir-me aos homens da Coca-Cola ou aos homens da McCann-Erickson, mesmo que algumas mulheres tenham desempenhado papéis vitais nessas empresas. Ou, como disse em 1957 um executivo da Coke, revelando um machismo inconsciente: "Duas coisas tornaram grande este negócio - a primeira, o produto Coca-Cola e, a segunda, *homens.* Temos o produto, mas precisaremos cada vez mais de bons *homens. Homens* de caráter e inteligência. *Homens* que sejam inventivos e esforçados. *Homens* de coragem e ambição. *Homens* de dedicação... Vejo um futuro maior, com maior responsabilidade, para um número cada vez maior de *homens*".(grifos nossos).

Uma amiga de Juscelina e ex-secretária da Coca-Cola (elas se conheceram em 1980) conta um pouco sobre como era a reação de um quadro superior quando uma secretária pensava em candidatar-se a um cargo de coordenação:

> Mulher era vista mais como secretária-assistente, não davam muito valor. Uma vez eu até falei pra um chefe, porque eu pensei: "Por que eu não posso também?". Aí eu falei: "Eu acho que eu quero ser coordenadora, trabalhar com vendas". E um chefe me falou: "Cara, eu não te vejo num pátio de fábrica, discutindo contratos com fornecedores, fabricantes... sinceramente não te vejo assim. É melhor você tirar isso da cabeça". Foi um banho de água fria porque ele poderia ter me ajudado se ele me desse alguma força, mas ele não tem culpa de nada não, porque se eu quisesse realmente eu teria feito, mas a mulher era feita pra essas funções menos auspiciosas. Eram mais comandadas. Aos olhos masculinos de antigamente as mulheres não nasceram pra comandar.

Prova da eficácia de regras não institucionalizadas de exclusão das mulheres dos cargos de comando é a política, essa sim organizada e institucionalizada, que a The Coca-Cola Company, nos Estados Unidos, precisou empreender para estimular a ocupação feminina de cargos tradicionalmente preenchidos por homens. As críticas dos movimentos feministas e a ressonância social que vinham tendo exigiam respostas da companhia, que até então referia-se a si mesma como uma corporação de "homens". De acordo com Pendergrast (2000, p. 291):

> Em princípios da década de 1970 as mulheres lutaram e gradualmente conseguiram acesso aos escalões básicos e intermediários, antes ocupados apenas por homens na The Coca-Cola Company. Em 1973, a revista *Refresher* publicou o perfil de Carol Hinkey, a primeira representante de campo da companhia. Embora "viva e trabalhe em um mundo de homens", garantia o artigo a quaisquer homens que porventura se sentissem ameaçados, ela era "profundamente feminina". No mesmo ano, a companhia realizou uma "auditoria social" interna a fim de apurar até que ponto estava se saindo bem em matéria de ação progressista e questões ligadas às mulheres. O relatório dos consultores dizia que fora feito um "progresso considerável", mas que havia ainda "alguma distância a percorrer". Pela primeira vez empregados da companhia reuniram-se em pequenos grupos para discutir alguma coisa além das maravilhas do refrigerante. Em "sessões normativas" falavam livremente em uma espécie de grupo de encontros patrocinado pela empresa. Mary Gresham, que começara trabalhando em 1943 na sala de correio e subira gradualmente para uma posição de chefia no departamento de publicidade, quando deu por si estava em um seminário só de mulheres. Jovens secretárias queixaram-se de que os homens dirigiam-se a elas pelo primeiro nome, enquanto esperavam em troca serem chamados de "Sr. Fulano." Mary, finalmente, explodiu: "Eles podem me chamar como quiserem, desde que me paguem o mesmo salário do homem cujo trabalho tomei." As reuniões acabaram em piadas de parte dos homens. "Ouvi dizer que você vai agora me chamar pelo primeiro nome", um deles disse a Mary, com uma ponta de irritação na voz. Diane McKaig, tirada do HEW para aconselhar a Coca-Cola sobre maneiras de desviar ameaças do movimento em defesa dos consumidores, foi uma das poucas mulheres a receber um salário decente.

No Brasil, o movimento de inclusão de mulheres em cargos superiores aos de recepcionistas e secretárias foi um pouco mais lento. Como veremos, Juscelina foi uma das

precursoras em vários dos cargos que ocupou. Ela, entretanto, afirma que o preconceito que sentiu com mais força não foi o de gênero, mas o de origem:

> Assim, eu tive muito mais sofrimento por... De aceitação por ser nordestina. A pior coisa que tem é quando você está conversando e as pessoas ficam rindo de você porque você está conversando, entendeu? Esse tipo de preconceito... Ou então te pedem pra repetir coisas. É como você achar engraçado uma criança falando errado, é lindo uma criancinha de três anos começar a falar, entendeu? Se ela não fala corretamente, mas ela está num processo de aprendizado. Mas não tem nenhuma coisa bonita quando você é um adulto, então, sabe? É um... É muito chato, é muito triste
>
> Priscila: é uma ridicularizarão, né?]
>
> Juscelina: É, e você fica, assim, sabe, exposta, e o que é o pior, você não pode fazer nada porque você é aquilo mesmo entendeu? Porque o pior é você saber que aquela pessoa está coberta de razão, está fazendo... É... Eu saber que eu realmente estou dando instrumento, eu sou um instrumento pra ela estar fazendo aquela gozação. Então o fato de ser nordestino... E aí eu vou dizer, é como eu estou te falando (risos), eu já citei frases na época que eu pensava assim: a bomba de Hiroshima poderia ter caído no Nordeste. Isso já era um reflexo assim: Se a bomba de Hiroshima tivesse caído no Nordeste eu não teria passado por isso, entendeu? É mais ou menos isso, quando você pegar o ser humano, ele é muito complexo, né? E quando você começa a se analisar, analisar o porquê que, né? Em que contexto você falou muitas vezes isso, é isso
>
> Priscila: É porque de alguma maneira a gente internaliza o preconceito, né?
>
> Juscelina: Internaliza, então por outro lado, a bomba de Hiroshima, se a bomba de Hiroshima caísse no Nordeste eu não teria passado por tudo isso, entendeu? (...) Porque eu pensava que era fruto de algo que não era bom.
>
> (...) Por outro lado, eu sempre fiz um contraponto, eu queria dar as duas faces da moeda. Eu dizia: eu não vou desfazer meu sotaque, eu vou continuar falando o meu sotaque, e aí eu carregava mais ainda, entendeu? Eu não largo isso, porque também era a minha resposta. Então, cara, é sempre uma verdadeira dualidade. É o branco e o preto. Eu gosto tanto do branco quanto do preto, e eles ficavam na espreita: um querendo pegar o outro o tempo todo, entendeu?

Do ponto de vista institucional não havia, à época, barreiras à entrada e ao progresso na carreira de pessoas com origem na classe trabalhadora operária ou rural. Ao contrário. O perfil do empregado dedicado e fiel, que consegue crescer com o fruto de seu trabalho, era valorizado, o que explica a gratidão que ainda hoje Juscelina sente pela empresa. Na edição já mencionada da revista *Chapinha* um dos perfis destacados é o de um migrante de Goianinha, RN, proveniente de uma família de pequenos agricultores, que antes de tentar uma vaga na Coca-Cola havia trabalhado na construção civil, na rede de supermercados Disco, como operário da Skol e na fábrica de azulejos e cerâmica da Klabin. Ocupava em uma das fábricas da Coca-Cola o cargo de operário do setor de estoque, mas almejava o cargo de motorista de empilhadeira.

Um dos entrevistados, colega e amigo de Juscelina, começou a carreira na empresa como motorista-vendedor, no final da década de 1970. Atualmente ocupa um importante cargo executivo. Outros foram os casos a mim relatados de funcionários que fizeram grandes trajetórias na empresa. Atualmente, afirma Juscelina, isso seria absolutamente improvável,

dadas as profundas mudanças organizacionais empreendidas nos últimos 30 anos e as exigências de nível educacional impostas para a ocupação de cargos subalternos:

> Juscelina: Hoje em dia, eu vou dizer uma coisa pra você, geralmente essas grandes corporações, elas só pegam já... Jamais pegariam um camponês. É tudo ferinha já, é tudo que sai da universidade A, B, esses programas de *trainees*, imagina são... As carreiras hoje em dia não são ocupadas por pessoas que estão muito preparadas... Prata da casa não, não tem mais isso... Na nossa época não tinha esse negócio de programa de *trainees*, isso tudo, não existia. Hoje tem uma diferença muito grande. E esses meninos já entram é humilhando quem está lá dentro já, entendeu? Então tudo isso é diferente. Imagina, hoje não... Jamais nenhuma Coca-Cola que eu admiro tanto vai ter uma camponesa lá pra ser recepcionista, sei lá, ser auxiliar da ... O auxiliar do auxiliar não entra, sem chance. Eles só querem agora quem... Que quantos MBA já fez, quantos né? Quantas línguas fala, qual é o estudo que fez? Minha filha, quando você entra agora numa organização dessa, é... Eu te mostraria, mas é porque eu já apaguei tudo isso, se você vir a apresentação que eu peguei... Ah, me passa o perfil, a Priscila vai ocupar o cargo de... Um exemplo, de gerente de desenvolvimento de sei lá de que lá, de projeto, a Priscila estudou na universidade X, fez MBA, tem mestrado, faz doutorado nisso, faz doutorado naquilo, é assim, a Priscila é casada, tem dois filhos, tem não sei o que tem mais lá, tererê, tatatá,e assim que é apresentado, entra *trainee.*(...) Onde vão buscar? Na USP, na Fundação Getúlio Vargas. Eles vêm daí, tudo bem criados, não entra pobre na Coca-Cola Company por exemplo, numa Ambev, numa Heineken.
>
> Priscila: E você acha isso negativo? Ou você acha que é assim mesmo?
>
> Juscelina: Acho negativo... Eu acho negativo porque a pirâmide, ela... É porque na realidade eu acho o seguinte: tudo é complementar (...) eu preciso... Tem pessoas que a abraçam, e o maior erro é esse, por exemplo, teve uma época na Coca-Cola que eles queriam contratar vendedores que já fossem universitários. Não deu certo (...) Foi um tiro no pé. Por quê? Porque eles saíram vendendo de casa em casa, lanchonete, de bar em bar? Não. É um universitário. Não tem saco pra fazer isso!
>
> Priscila: Mas os vendedores hoje em dia não são?
>
> Juscelina: Não, tem muitos que estudam porque querem ser e tal, mas daí você já contratou, não dá certo filhinho de papai, passar a noite... O dia a dia todo no sol andando de bar em bar, não vai, então, assim, são complementares, tem algumas áreas que precisam de pessoas totalmente... Que não precisam pensar tanto (...).
>
> Priscila: Precisa ter força de trabalho...
>
> Juscelina: Exatamente (...). Então cara, mas hoje em dia (...) Aí as empresas só querem idioma, quantos idiomas você fala, quantos assim só isso... Só querem saber disso. A Coca-Cola, vai entrar você hoje em dia na Coca-Cola, imagina, só os ferinhas... Só que a inteligência técnica, não a prática, entendeu? Então você era inteligência mesmo, depois eles vêem que não é nada daquilo. Cara, esses caras aí que entram, esses *trainees*... Nossa, eles são de uma arrogância, mas as empresas fazem isso. Elas vão lá, selecionam lá os primeiros, pegam esses geniosinhos, que são gênios, aí bota, e diz o seguinte: Olha, você vai ser o meu futuro diretor disso. Eles entram assim e acham que vão ser mesmo, aí quem acha pela frente é tudo um bando de idiotas, entendeu? Eles acham que são superiores. Então é totalmente diferente Pri. O mundo que eu vivi, no início, e depois tiveram outros que eu participei. O bom foi que eu fui de "A a Z", entendeu? Eu consegui. Mas aquela Coca-Cola que era uma família... Aquilo não tem mais.

O domínio da língua inglesa, por exemplo, antes dispensável mesmo para a ocupação de cargos intermediários, é atualmente uma exigência básica. Uma das primeiras iniciativas de qualificação de Juscelina, custeada pela Coca-Cola, foi um curso de inglês. Luiz foi fundamental também nesse momento. Era ele quem insistia que, para crescer profissional e pessoalmente, Juscelina deveria investir nos estudos. Essa era para ela uma forma nova de encarar os esforços necessários à ascensão:

> Juscelina: Eu fui criada achando que o trabalho era mais importante do que a educação... Tem aquele ditado "Deus ajuda quem cedo madruga". E eu acho que até hoje o nordestino acha isso, que o trabalho é mais importante que a educação.
>
> Priscila: É uma herança da vida camponesa, né?
>
> Juscelina: É uma herança, né. Então eu cresci, a vida inteira achando isso, então se eu tivesse que estudar e trabalhar, minha opção seria trabalhar, porque eu achava que iria conquistar coisas trabalhando, e não estudando, e aí ele [Luiz] também me falava da importância do estudo, de estar... Eu me lembro da felicidade quando eu comecei a estudar inglês, da felicidade dele em eu estar fazendo outros idiomas, mas ao mesmo tempo ele sempre me aconselhava: "Olha, você está fazendo esse idioma, mas não esquece o português, que é a sua língua mãe. Se você não souber falar o português corretamente, você nunca vai conseguir falar outro idioma".

De fato o empenho nos estudos associado à dedicação obsessiva ao trabalho fizeram muita diferença no início da carreira de Juscelina. Mesmo nos momentos de lazer, vividos, em grande parte, ao lado de Luiz, ela empenhava-se em aprender. Por isso, afirma, ao contrário de Anita, que convivia com uma rede de amigos de origem nordestina, considerava que esse tipo de relações pessoais poderia fazer com que ela perdesse tempo:

> Juscelina: A Anita tinha uma rede [de amigos] completamente diferente da minha (...) Eu não tinha amizade não... A Anita sempre foi uma pessoa que tinha muitas amizades, eu não tinha amizade. Meu negócio era trabalho, Pri. Eu não tinha tempo pra fazer amizades, eu tinha tempo pra trabalhar.
>
> Priscila: Mas se fosse pra você escolher, você não escolheria ser amiga de um nordestino?
>
> Juscelina: Eu seria amiga de um nordestino. Quanto a isso, eu nunca tive esse tipo de preconceito, as minhas escolhas são pelo conteúdo (...) Se o nordestino fosse culto, tivesse o que me ensinar, eu estaria ao lado do nordestino, nunca sairia do lado do nordestino. O meu negócio não era, assim: "Ah, é do Sul, é do Sudeste". Nunca tive isso... O meu negócio é o que aquela pessoa podia agregar na minha vida, o que ela podia me ensinar. Então, é uma coisa até difícil estar admitindo isso, era, tipo assim, "o que você tem pra me dar, Pri"? Não bastava só ter amizade, eu, como não tinha tempo de fazer amizade, eu só tinha tempo pra aprender, entendeu? Qual é a coisa que eu podia ter com você, que eu poderia aprender com você? Então, se você tivesse algo pra me ensinar, eu estaria aprendendo com você, eu ia ter esse diálogo com você. Se você não tinha nada pra me ensinar, então eu estava fora. Então, isso sempre foi muito claro, estava muito claro, entendeu? E isso não tem nada a ver com preconceito. Eu quero deixar isso bem claro. Tinha a ver com o que eu queria aprender. Eu queria muito aprender (...) E eu não acho que estava errada não. Eu falei pra você que eu nasci entre dezoito e dezenove anos, e quem nasce aos dezoito anos... Então, quem nasce aos dezoito anos... Eu não tinha tempo pra você se você não tivesse nada pra me oferecer. Não é que você não merecesse o meu tempo, é que eu não tinha tempo pra você.

Seu tempo livre e afeto eram cada vez mais dedicados a Luiz, a amizade se estreitava crescentemente. Muitos dos finais de semana de Juscelina foram vividos na casa de praia do amigo, na Região dos Lagos fluminense. Com a ajuda dele a vida de Juscelina ia ficando mais confortável. Após cerca de um ano morando na quitinete do Flamengo, o proprietário compra um apartamento de dois quartos na Rua Voluntários da Pátria, em Botafogo, também na Zona Sul do Rio, e oferece às amigas a possibilidade de se mudarem para lá a um preço que pudessem pagar. Elas aceitam e Luiz é novamente o avalista. Muitos dos finais de semana de Juscelina dos primeiros anos no Rio são passados ao lado de Luiz e seus amigos, na casa de praia. Eram novos aprendizados sobre culinária, decoração, música, poesia, etc. Aos poucos, e

em grande medida encorajada pela proteção e reconhecimento de Luiz, Juscelina ia adquirindo a segurança existencial necessária não só para enfrentar o cotidiano na Coca-Cola, mas também para desejar ser mais do que uma secretária, função que ela *odiava*, como afirma Mara, com quem ela tem uma amizade de mais de 30 anos: *A Juscelina é uma figura interessante porque ela não gostava daquilo que fazia, não gostava de ser secretária. A gente zoava ela toda hora, a gente dizia: "Olha, o chefe mandou você fazer ponta no lápis". E ela dizia: "Odeio fazer ponta no lápis!". A gente falava: "O chefe mandou você arquivar isso aqui". E ela: "Odeio arquivo!"*

4.1.2.1 - A primeira viagem internacional

Com a ajuda e o estímulo de Luiz ela usa as poucas economias que tinha conseguido juntar até 1980 para fazer sua primeira viagem à Europa. Juscelina tinha conhecido, no Brasil, um rapaz belga, com quem começou a namorar. A viagem foi também uma oportunidade de encontrá-lo. Ela já dominava minimamente a língua inglesa e tinha aprendido algumas palavras em francês. Em 8 de janeiro de 1980 ela segue, sozinha, do Aeroporto Galeão, Rio de Janeiro, para Paris. Em seu diário de viagem, ela descreve o momento:

> Finalmente o dia 8 de janeiro. O aeroporto Galeão lotado, meu nervosismo saindo pelos poros. Maria Alice, Luiz, José, Marcos. Todos olhando para mim e eu sem saber o que dizer, como agir, etc. Hora do embarque: "Passageiros do vôo 766, com destino a Paris, favor dirigirem-se ao portão 10". Meu coração pulou. Que vontade de chorar, gritar, chamar o pessoal que havia ficado lá fora, etc. A realidade é que me encontrava perdida, sem saber pra onde estava indo. Durante a viagem, tudo vinha à minha cabeça. Como será Paris? Será que conseguirei me comunicar? E se eu esquecer o inglês que sei? Etc. (...)
>
> Quando o comandante do avião comunicou que estávamos chegando a Paris parecia que eu também estava acompanhando a aceleração do motor para pouso. Tudo se misturava na minha cabeça: emoção, medo, prazer...
>
> Finalmente o avião pousou. Pensei: estou em Paris! O comandante falou que Paris estava com 10° C. Isso significava que estava quase quente pra eles, mas quando saí do avião, quase morri, o impacto foi terrível.
>
> Como nunca havia estado em Paris me propus a seguir as pessoas. Antes de chegar ao dpto da polícia federal passei uns 15 minutos numa escada rolante. Quando cheguei ao dpto da polícia minha felicidade era tanta que, eu acho, o policial notou, olhou pra mim e sorriu. Felicidade maior foi quando ele colocou o carimbo no meu passaporte.

Após conseguir pegar um táxi e chegar ao hotel, Juscelina sentiu que estava febril, de modo que a confusão mental e emocional causada pelo êxtase dos primeiros momentos em Paris se acentuou. Assustada com as maneiras poucos cordiais com as quais foi recebida no hotel que havia reservado, ela saiu, sem conseguir se comunicar em francês, em busca de uma farmácia. Um casal com quem conseguiu falar em inglês a ajudou e ela finalmente conseguiu

comprar os medicamentos. Horas mais tarde ela se encontra com o namorado e eles vão a um restaurante italiano. No dia seguinte tudo está melhor e mais calmo. Ela se impressiona com a beleza da cidade: *O francês coloca arte em tudo!* No primeiro dia de passeios, uma loja a surpreendeu: *Vimos uma casa onde se vendia todo tipo de animal. As galinhas chamaram minha atenção devido aos seus tamanhos.*Nos primeiros dias em Paris Juscelina conheceu o Centro Georges Pompidou, onde pode *conhecer e apreciar os quadros de Picasso e Salvador [Dalí],* provou pela primeira vez carne de carneiro num restaurante grego, e se viu desesperada, sozinha, nas estações de metrô de Paris, de onde só conseguia sair depois de várias tentativas. Poucos dias após sua chegada, ela acorda com um telefonema: *Fiquei muito feliz por saber que o Luiz estava preocupado comigo.* Após fazer pequenas compras, ela segue para a estação de trem. Ela ia em direção à Bélgica encontrar seu namorado. Por sorte, ela diz, *conheci um senhor, israelense, que estava indo para a Holanda ver uma exposição de móveis.* Ele a advertiu sobre o perigo de andar sozinha, à noite, em Amsterdã. Ao chegar à Bélgica, *assim que saí do trem me senti como se estivesse entrando numa geladeira. No primeiro instante tive vontade de chorar, pelo frio e também pela emoção, pois era o segundo país que estava conhecendo.*

Na Bélgica, outras foram as surpresas: arquitetura, culinária, moda, decoração. Juscelina estava absorvendo aceleradamente uma enorme quantidade de referências estéticas novas. Com os amigos e parentes do namorado assistiu a um filme turco, ouviu músicas que desconhecia, viu a neve pela primeira vez. Sempre *opiniosa*, como sua mãe, Satina, sobre Bruxelas, ela sentencia:

> Na minha opinião o povo belga é meio louco. Nunca penteia os cabelos, andam nas ruas gritando. Também não têm um idioma próprio. Tudo tem que ser em francês, inclusive os sinais de trânsito. A cidade não tem nada de especial, apenas alguns monumentos, e só! Acredito que as pessoas dessa terra não gostem de morar aqui, pois é uma cidade sem vida e sem cor.

Apesar denão ter gostado muito de Bruxelas, ela tinha se organizado para passar mais alguns dias lá com o então namorado. No dia 20 de janeiro, escreve:

> Zero grau. Ao olhar a rua tive a sensação de que não poderia suportar o frio lá fora. A rua estava coberta de gelo, assim como os carros. Eu tremia só em olhar. Quando se faz uma viagem como essa não adianta ficar dentro de casa e não tinha opção. Coloquei meu casaco e saí. Parecia que estava nua, tamanha a minha tremedeira. Aproveitei e almocei no centro comercial. Meu humor não estava lá muito bom. Lembrei-me de que era feriado no Rio [dia de São Sebastião, padroeiro da cidade] e que todos estava certamente na praia. Eu estava sentada numa mesinha comendo comida chinesa quando esses pensamentos vieram. Confesso que não resisti e chorei de saudade do Brasil.

No mesmo dia 20, ela vai jantar na casa da irmã de seu namorado, onde tomou *drinks em volta da lareira. Parecia que estava num daqueles filmes que costumava ver no cinema.*No dia 21 de janeiro*acordei com um pouco de indisposição. A saudade do Brasil era grande (...), saudade realmente é algo indefinido. O coração aperta, aperta, parece que vai explodir* (...) *lembrei de como estava feliz no dia 17/01, estava andando nas ruas de Paris num ritmo que parecia que estava dançando balé.*Novamente ela se refere a Luiz: *É uma pena que nestes momentos os amigos que mais gostamos nunca estão por perto, pois gostaria muito de estar com Luiz (...), dividindo esquina por esquina, vista por vista das ruas de Paris.*

Dia 21, outro jantar, dessa vez na casa dos pais de seu namorado:

> A casa era muito bonita, cheia de coisas antigas, tapetes persas... Fiquei deslumbrada com um quadro do bisavô, pintado por um pintor belga muito famoso, uma verdadeira obra-prima (...) Todos ficavam olhando para mim e de certa forma orgulhosos por receberem uma brasileira em sua casa. Uma verdadeira família aristocrática...Fizeram muitas perguntas sobre o Brasil e eu tentei transmitir uma imagem de um Brasil alegre, bonito e pobre.

No dia 22, *a primeira providência matinal foi ligar para Luiz. A necessidade de falar o português é impressionante. Ganhei o dia por ter falado com Luiz. Foi muito bom mesmo, me senti protegida de alguma maneira.* À tarde, ela foi a uma exposição no Museu Royal e tomou um chocolate quente *numa confeitaria tipo a Colombo, no Rio.* Passou *uma tarde ótima,* observando as pessoas, especialmente as mulheres, com suas jóias e casacos de pele:*uma parecia um camelo, tais eram seus movimentos lentos. Outra parecia uma leoa, tantas eram as peles.* Muitas são as passagens do diário em que ela escreve: *passei a tarde observando as pessoas,* ou*parei para ficar olhando as pessoas.* Com esse hábito de observar Juscelina aprendeu muito. Ela costuma dizer que em apenas alguns momentos de contato ela é capaz de saber muito sobre alguém que acabou de conhecer. A perícia na observação das roupas, gestos, linguagem e maneiras a ajudou sobremaneira nas técnicas de negociação que desenvolveu mais tarde.

À tarde, dia 23, ela foi visitaruma amiga de seu namorado, *Marie Cristine, uma simpatia de pessoa.*

> Mora sozinha e é tradutora juramentada. Ela me convidou para ir até a casa de uns amigos, um casal muito interessante, ele português e ela grega. Tinham três filhos que falavam três idiomas: português, grego e francês. Conversamos muito sobre os problemas que as mulheres enfrentavam e o quanto são marginalizadas pela sociedade. O grego é muito parecido com o brasileiro. Na cabeça deles a mulher nasceu para servir o homem. Na minha cabeça essa coisa de mulher ser marginalizada era coisa de brasileiro, mas na realidade o comportamento humano muda com as gerações. Tivemos oportunidade de comparar uma mãe

> brasileira, outra grega e uma belga numa faixa etária de 60 anos. Descobrimos que as reações são as mesmas. Nelly, a grega, falou o quanto é difícil para ela quando vai passar as férias em casa, pois como ela está acostumada a dividir todas as tarefas com o marido na Bélgica, seus pais acham um absurdo o marido ter que fazer algumas coisas quando estão na Grécia.
>
> Num continente civilizado como é a Europa fica difícil de se aceitar que possam existir fofocas, etc. Quando uma pessoa começa a andar com algumas roupas melhores os comentários são os mesmos do Brasil: Quem será o caso dela? Onde está arranjando tanto dinheiro? Etc.
>
> Marie Cristine comentou o quanto é difícil se ter 40 anos e ser pressionada pela sociedade cobrando-a [por]um casamento.
>
> A experiência que tive foi ótima, pois o Brasil não é tão ruim assim, pelo contrário, tem muita coisa que supera, como exemplo: a solidariedade humana.

Sempre crítica e reflexiva, Juscelina foi percebendo que as distâncias entre ela e aquelas mulheres do *continente civilizado* não eram assim tão grandes como supunha. Observou também que muito do que admirava naquelas pessoas, notadamente a elegância e a cultura, poderiam ser aprendidas. Acostumada a ser estrangeira, se surpreendeu com o fato de que, na Europa, era capaz de se sentir menos estrangeira do que supunha, o que justifica a frase que ouvi dela algumas vezes: *Acho que na outra encarnação eu fui francesa*. Conversas como a acima descrita foram muito reveladoras para Juscelina. Recentemente ela mencionou que foi em conversas como essa que ela entendeu que as questões de gênero são mais bem compreendidas se analisadas sob a perspectiva geracional. Mulheres gregas, belgas ou inglesas também poderiam estar sofrendo o que ela sofria. Ela descobriu, portanto, uma conexão significativa com pessoas que faziam parte daquele mundo ao qual queria pertencer.

Muitos foram os aprendizados dessa primeira viagem internacional. Participou de jantares regados a vinhos franceses, espanhóis e italianos e acompanhados de música clássica, visitou museus (em Bruxelas, Londres, Paris e Amsterdã), assistiu a filmes (indianos, turcos, franceses) acessíveis, no Brasil, somente a uma camada social muito restrita, assistiu a peças de teatro só apresentadas na Europa (*The Mousetrap*, de Agatha Christie, no The Saint Martins Theatre; Evita, no Prince Edward Theatre), ouviu concertos em academias de música, deslumbrou-se com o Castelo de Windsor e o Palácio de Buckingham. A filha de pequenos agricultores paraibanos de fato estava conhecendo outro mundo, e seus pais, mesmo sem saber que mundo era, tinham consciência de que era muito diferente de Caiçara. No primeiro encontro de Juscelina com seus pais após o retorno ao Brasil, Gabriel pergunta: *Filha, as galinhas de lá são como as daqui?* Por sorte, as galinhas de lá haviam chamado a atenção de Juscelina, de modo que ela pôde responder à pergunta.

Era 28 de janeiro. Já em Londres, ela foi às compras. *Estava feliz, pois havia conseguido desconto nas compras e também por ter conseguido comprar o presente de*

aniversário de Luiz. À noite, telefonou para Coca-Cola e falou com duas colegas secretárias. No diário de viagem ora analisado não há, em nenhuma de suas 44 páginas, uma única referência à sua família. Se ela permitia a si mesma chorar de saudade de Luiz e de seus amigos do Rio, a dor de lembrar-se de sua família era de tal forma avassaladora que precisava ser afastada de todos os modos possíveis, pelo menos enquanto ela estava numa terra estrangeira, mais desprotegida do que nunca. A relação com seu namorado, mantida à distância, não era suficientemente sólida e parecia que não duraria mais, de modo que ela não conseguia sentir o acolhimento necessário para deixar vir à tona as tristezas mais profundas:

> Juscelina: Quando eu era mais jovem, tinha uma coisa assim, que... Tinha algumas coisas que não me interessavam e eu apagava às vezes. Eu fingia que aquilo nunca aconteceu. Hoje em dia é que eu falo tudo, mas naquela época não. Os sentimentos que me levavam em casa, as emoções de casa, às vezes eu não queria lembrar, pra não sofrer, então é como dizer, assim, não quero botar a mão nesse pote aí porque isso vai... Talvez tenha um... mecanismo de defesa...

Em 18 de fevereiro de 1980, *finalmente a despedida. É muito difícil dizer adeus para pessoas com as quais se conviveu durante um mês, mas o retorno ao Brasil significava muito mais para mim.*

De volta ao Brasil, Juscelina retomou sua rotina. O namoro à distância não foi adiante e a sensação de contentamento muitas vezes sentida durante sua viagem era muito raramente vivenciada no Rio de Janeiro. Mesmo com o apoio de Luiz, alguns momentos eram de absoluta tristeza e solidão:

> Não ter, assim, não ter colo. Você às vezes precisa de um colo, e eu nunca tive colo. Então era muito difícil. Os Natais, os Natais pra mim eram muito complicados. Eu não tinha colo, eu não tinha família, eu não tinha ninguém. Aí depois eu, eu trabalhei... O Natal era um dia como outro qualquer. Aí eu tomava remédio pra dormir cedo, pra eu não ter que viver aquilo. Depois eu fui me contentando... No dia seguinte eu era igual a todo mundo. Aí no dia seguinte eu saía na rua, todo mundo com presentes... Mas eu também me lembrava: "Quando eu era criança, eu também não tinha Natais, por que o Natal vai fazer diferença agora na minha vida?" Fazia diferença quando eu vivia o outro mundo, não vivia aquele que eu tinha passado, vivia aquele presente. No passado nunca existiu [o Natal], no presente também não existia, apesar de saber que ele existia [para os outros] (...) Então eu comecei a criar, digamos assim, uma proteção, uma autoproteção. Eu pensava que não tinha ninguém, não tinha Natal, mas no momento seguinte eu raciocinava: "Mas eu nunca tive um Natal como esse [como o que ela via no Rio de Janeiro] , por que está me fazendo diferença agora? E porque eu tenho que estar preocupada com isso?" Mas depois eu descobri que isso também me fazia triste.
>
> Priscila: Por quê?
>
> Juscelina: É porque minha família não sabia o que era Natal (...) Então eu ficava assim: Gente, mas isso existe, mas por que a gente nunca teve isso? Eu me lembro que a gente morava no interior e a Maria e a Darcy iam pra Logradouro pra... acho que pra missa, alguma coisa assim, e quando elas voltavam eu me lembro que eu amanhecia o dia e debaixo das chinelas tinha um biscuit[81], aqueles biscoitinhos, né, com formato de anjo... E aquilo pra gente era o máximo, e aí elas falavam que foi o Papai Noel que tinha passado e deixado (...). Meus

81. No momento dessa entrevista Juscelina não se lembrava do nome dos docinhos e os chamou de biscuit. Ela se refere aos alfenins, sobre os quais falei no **capítulo 3**.

> Natais eram isso, não tinha outra coisa de Natal, nunca... Não tinha ceia, não tinha nada, então o meu ressentimento, o que me doía na época do Rio de Janeiro era justamente isso: existia uma coisa que eu sabia que existia e eles não sabiam que existia. Isso era mais ou menos a minha vida... Quando eu te falei que eu viajei e eu queria... Eu adoro chá e eu queria levar minha mãe pra tomar um chá... É mais ou menos a mesma coisa, entendeu? (...) Todas as vezes que eu tinha uma coisa boa, eu queria que aquela coisa boa também fosse pra eles, entendeu?

4.2 - Tentativa de re-enraizamento: a mudança para Fortaleza

Em meados de 1980, poucos meses após o retorno da Europa, ela recebe uma proposta de transferência para Fortaleza. Pensando na possibilidade de viver novas experiências profissionais, mas principalmente na chance de estar mais perto da família, Juscelina aceita e se muda para a capital do Ceará em agosto de 1980. Ela chama Anita para ir com ela, mas a amiga já tinha se estabilizado no Rio e decide ficar. Desde então elas não voltaram a morar juntas. Juscelina pede a seus pais e ao seu irmão mais novo, Chico, que moravam na casa do Cancão, que se mudem para lá. Eles consentem e uma nova etapa, ao lado da família, se inicia.

Em Fortaleza Juscelina aprende a dirigir e compra seu primeiro carro, um Fusca. Seu irmão emprega-se como porteiro. Ela se esforça para que seus pais se adaptem à nova rotina, mas a transformação foi muito grande para eles. Além da mudança radical de rotina, Juscelina queria que eles passassem a ter outras maneiras, mais condizentes com a nova vida e a nova filha. O desejo de transformar a si mesma vinha acompanhado do desejo de que sua família também mudasse. Ela queria muito sinceramente compartilhar as experiências que a estavam levando muito aceleradamente à construção de uma identidade muito distinta daquela que se esperava de uma filha de pequenos agricultores paraibanos, mas queria também que seus pais fossem capazes de compreender e gozar da nova vida que ela proporcionava a eles. O momento mais marcante dessa época para ela foi um dia em que fez, em sua casa, uma lasanha para alguns colegas de trabalho. Quando todos sentaram-se à mesa e começaram a servir-se Satina perguntou onde estava a farinha.

> Quando eu ouvi aquilo... Botar farinha pra comer com lasanha! Mas aquele foi um choque pra mim como se ela tivesse me dado um tiro na cabeça! É porque, assim, eu fiz aquilo, proporcionando pra eles um novo sabor, um novo prato que eu fiz, e na hora perguntou assim: Mas cadê a farinha? Eu queria morrer, e ainda por cima estava na frente de uns amigos meus.

Juscelina sentiu muita vergonha e chegou a pensar que sua mãe teria feito isso de propósito, para constrangê-la, porque, na visão dela àquela época, qualquer um seria capaz de

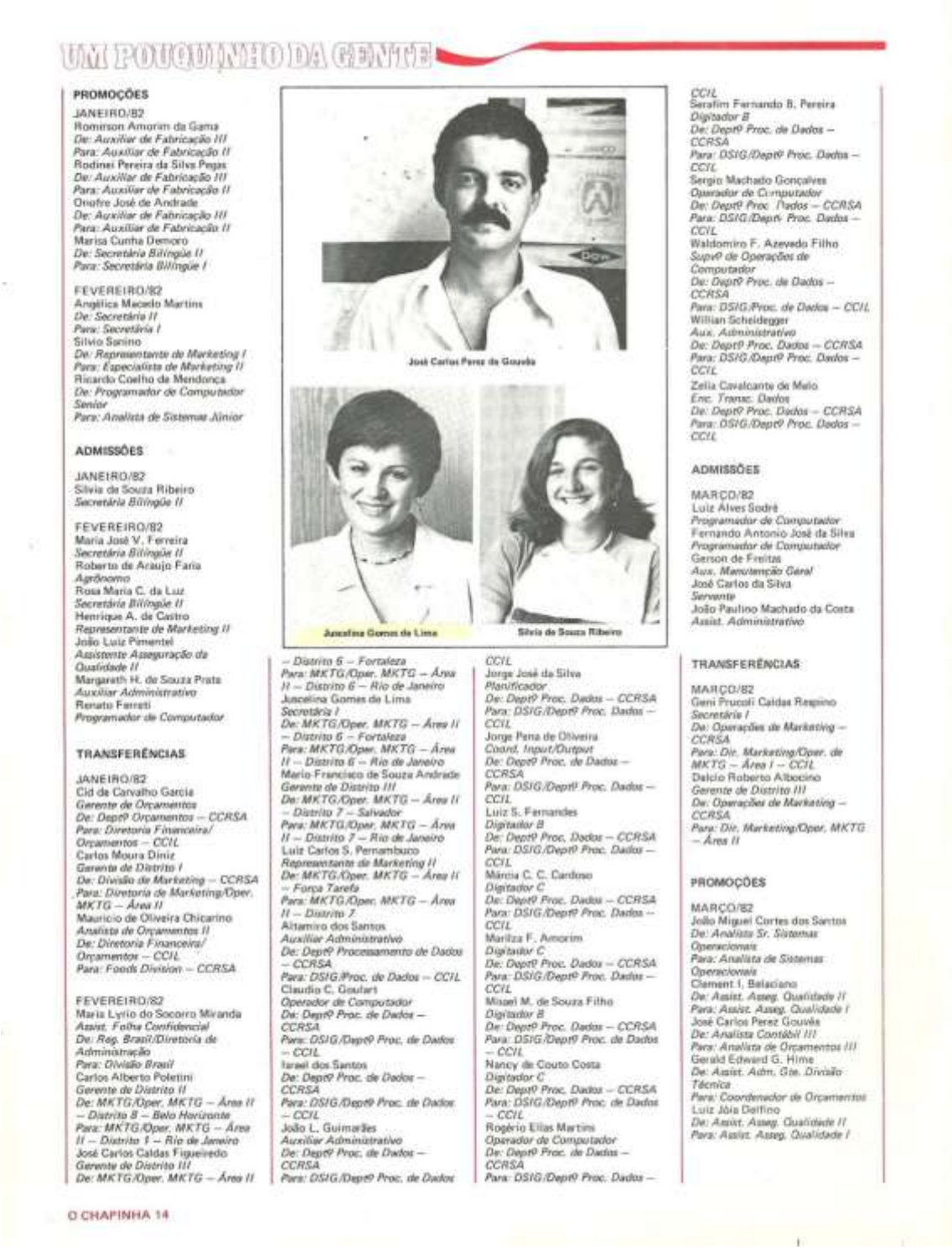
saber que não se come lasanha com farinha. A sensação de vergonha desse momento acompanhou Juscelina por muitos anos: *Fiquei muitos anos sem ir pra minha casa*[em Caiçara], *com essa cena na cabeça.*

A experiência de retorno à convivência com a família não deu certo e ela decidiu vender seu Fusca para comprar uma casa no centro de Caiçarapara seus pais e voltar para o Rio.*Eu precisava comprar uma casa pra eles. Depois de terem ido pra Fortaleza comigo, eu não queria que eles voltassem pro Cancão.*A compra da casa levou a que eles tivessem uma significativa melhora de vida. Foi também a primeira grande prova de sucesso financeiro e isso causou um grande impacto na família e na comunidade. A *moça da Coca-Cola,* como é conhecida lá, deu a primeira grande prova de ter *enricado.* Juscelina pede a Maria, que à época morava no interior do Rio Grande do Norte, que se mude para Caiçara e more com seus pais:

> Maria: Olha, eu morava ali pros lado do Rio Grande do Norte, aí ela viu que papai mais mamãe tava só eles dois sozinho, que eu só tinha Patrícia [filha única de Maria e seu esposo, Nozinho], que eu que era mais velha e devia tomar conta de papai e mamãe, que eu sabia muito bem os costumes de casa, né? Que os mais novo tudo casou antes e eu que fiquei em casa. Eu casei derradeiro. Aí eu fui pra dentro de casa.

4.3 - O retorno e uma nova etapa da carreira (1982 a 1996)

De volta ao Rio, Juscelina estava determinada a ultrapassar o cargo de secretária. Mais segura, menos tímida e ingênua, ela procurou demonstrar que seria capaz de alcançar um cargo masculino. Ao mesmo tempo, a Coca-Cola precisava iniciar uma política corporativa que demonstrasse alguma evolução com relação ao tratamento da hierarquia de gênero na corporação, a exemplo da The Coca–Cola dos Estados Unidos. A edição de 1982 da revista *Chapinha* anuncia o retorno da funcionária ao Rio, ainda no cargo de secretária.



UM POUQUINHO DA GENTE

PROMOÇÕES

JANEIRO/82
Romirson Amorim da Gama
De: Auxiliar de Fabricação III
Para: Auxiliar de Fabricação II
Rodinei Pereira da Silva Pegas
De: Auxiliar de Fabricação III
Para: Auxiliar de Fabricação II
Onofre José de Andrade
De: Auxiliar de Fabricação III
Para: Auxiliar de Fabricação II
Marisa Cunha Demoro
De: Secretária Bilíngüe II
Para: Secretária Bilíngüe I

FEVEREIRO/82
Angélica Macedo Martins
De: Secretária II
Para: Secretária I
Silvio Sanino
De: Representante de Marketing I
Para: Especialista de Marketing II
Ricardo Coelho de Mendonça
De: Programador de Computador Senior
Para: Analista de Sistemas Júnior

ADMISSÕES

JANEIRO/82
Silvia de Souza Ribeiro
Secretária Bilíngüe II

FEVEREIRO/82
Maria José V. Ferreira
Secretária Bilíngüe II
Roberto de Araujo Faria
Agrônomo
Rosa Maria C. da Luz
Secretária Bilíngüe II
Henrique A. de Castro
Representante de Marketing II
João Luiz Pimentel
Assistente Asseguração da Qualidade II
Margareth H. de Souza Prata
Auxiliar Administrativo
Renato Ferreti
Programador de Computador

TRANSFERÊNCIAS

JANEIRO/82
Cid de Carvalho Garcia
Gerente de Orçamentos
De: Deptº Orçamentos – CCRSA
Para: Diretoria Financeira/ Orçamentos – CCIL
Carlos Moura Diniz
Gerente de Distrito I
De: Divisão de Marketing – CCRSA
Para: Diretoria de Marketing/Oper. MKTG – Área II
Mauricio de Oliveira Chicarino
Analista de Orçamentos II
De: Diretoria Financeira/ Orçamentos – CCIL
Para: Foods Division – CCRSA

FEVEREIRO/82
Maria Lyrio do Socorro Miranda
Assist. Folha Confidencial
De: Reg. Brasil/Diretoria de Administração
Para: Divisão Brasil
Carlos Alberto Poletini
Gerente de Distrito II
De: MKTG/Oper. MKTG – Área II – Distrito 8 – Belo Horizonte
Para: MKTG/Oper. MKTG – Área II – Distrito 1 – Rio de Janeiro
José Carlos Caldas Figueiredo
Gerente de Distrito III
De: MKTG/Oper. MKTG – Área II – Distrito 6 – Fortaleza
Para: MKTG/Oper. MKTG – Área II – Distrito 6 – Rio de Janeiro
Juscelina Gomes de Lima
Secretária I
De: MKTG/Oper. MKTG – Área II – Distrito 6 – Fortaleza
Para: MKTG/Oper. MKTG – Área II – Distrito 6 – Rio de Janeiro
Mario Francisco de Souza Andrade
Gerente de Distrito III
De: MKTG/Oper. MKTG – Área II – Distrito 7 – Salvador
Para: MKTG/Oper. MKTG – Área II – Distrito 7 – Rio de Janeiro
Luiz Carlos S. Pernambuco
Representante de Marketing II
De: MKTG/Oper. MKTG – Área II – Força Tarefa
Para: MKTG/Oper. MKTG – Área II – Distrito 7
Altamiro dos Santos
Auxiliar Administrativo
De: Deptº Processamento de Dados – CCRSA
Para: DSIG/Proc. de Dados – CCIL
Claudio C. Goulart
Operador de Computador
De: Deptº Proc. de Dados – CCRSA
Para: DSIG/Deptº Proc. de Dados – CCIL
Israel dos Santos
De: Deptº Proc. de Dados – CCRSA
Para: DSIG/Deptº Proc. de Dados – CCIL
João L. Guimarães
Auxiliar Administrativo
De: Deptº Proc. de Dados – CCRSA
Para: DSIG/Deptº Proc. de Dados – CCIL
Jorge José da Silva
Planificador
De: Deptº Proc. Dados – CCRSA
Para: DSIG/Deptº Proc. Dados – CCIL
Jorge Pena de Oliveira
Coord. Input/Output
De: Deptº Proc. de Dados – CCRSA
Para: DSIG/Deptº Proc. Dados – CCIL
Luiz S. Fernandes
Digitador B
De: Deptº Proc. Dados – CCRSA
Para: DSIG/Deptº Proc. Dados – CCIL
Márcia C. C. Cardoso
Digitador C
De: Deptº Proc. Dados – CCRSA
Para: DSIG/Deptº Proc. Dados – CCIL
Marilza F. Amorim
Digitador C
De: Deptº Proc. Dados – CCRSA
Para: DSIG/Deptº Proc. Dados – CCIL
Misael M. de Souza Filho
Digitador B
De: Deptº Proc. Dados – CCRSA
Para: DSIG/Deptº Proc. de Dados – CCIL
Nancy de Couto Costa
Digitador C
De: Deptº Proc. Dados – CCRSA
Para: DSIG/Deptº Proc. de Dados – CCIL
Rogério Elias Martins
Operador de Computador
De: Deptº Proc. de Dados – CCRSA
Para: DSIG/Deptº Proc. Dados – CCIL
Serafim Fernando B. Pereira
Digitador B
De: Deptº Proc. de Dados – CCRSA
Para: DSIG/Deptº Proc. Dados – CCIL
Sergio Machado Gonçalves
Operador de Computador
De: Deptº Proc. Dados – CCRSA
Para: DSIG/Deptº Proc. Dados – CCIL
Waldomiro F. Azevedo Filho
Supvº de Operações de Computador
De: Deptº Proc. de Dados – CCRSA
Para: DSIG/Proc. de Dados – CCIL
Willian Scheidegger
Aux. Administrativo
De: Deptº Proc. Dados – CCRSA
Para: DSIG/Deptº Proc. Dados – CCIL
Zelia Cavalcante de Melo
Enc. Transc. Dados
De: Deptº Proc. Dados – CCRSA
Para: DSIG/Deptº Proc. Dados – CCIL

ADMISSÕES

MARÇO/82
Luiz Alves Sodré
Programador de Computador
Fernando Antonio José da Silva
Programador de Computador
Gerson de Freitas
Aux. Manutenção Geral
José Carlos da Silva
Servente
João Paulino Machado da Costa
Assist. Administrativo

TRANSFERÊNCIAS

MARÇO/82
Geni Prucoli Caldas Respino
Secretária I
De: Operações de Marketing – CCRSA
Para: Dir. Marketing/Oper. de MKTG – Área I – CCIL
Dalcio Roberto Albocino
Gerente de Distrito III
De: Operações de Marketing – CCRSA
Para: Dir. Marketing/Oper. MKTG – Área II

PROMOÇÕES

MARÇO/82
João Miguel Cortes dos Santos
De: Analista Sr. Sistemas Operacionais
Para: Analista de Sistemas Operacionais
Clament I. Belaciano
De: Assist. Aseg. Qualidade II
Para: Assist. Aseg. Qualidade I
José Carlos Perez Gouvêa
De: Analista Contábil III
Para: Analista de Orçamentos III
Gerald Edward G. Hime
De: Assist. Adm. Gte. Divisão Técnica
Para: Coordenador de Orçamentos
Luiz Jóia Delfino
De: Assist. Aseg. Qualidade II
Para: Assist. Aseg. Qualidade I

José Carlos Perez de Gouvêa

Juscelina Gomes de Lima

Silvia de Souza Ribeiro

O CHAPINHA 14

Figura 34 - Reprodução de página da revista Chapinha, edição de 1982. Acervo de Juscelina Gomes de Lima (Reprodução maio de 2012)

Luiz já não trabalhava na Coca-Cola. Na época em que Juscelina estava em Fortaleza ele foi contratado como diretor da Warner Music Brasil. A amizade dos dois continuava forte e Juscelina já sabia de algo sobre Luiz que ela demorou um pouco para perceber. Seu amigo

era homossexual e José, com quem estava sempre junto, era seu companheiro. Anita já havia alertado Juscelina sobre essa possibilidade, mas ela não acreditava. Esse foi outro momento de ressignificação das visões de mundo aprendidas em Caiçara. Juscelina passou a encarar a homossexualidade de outra forma. Não se tratava de doença, nem de pecado:

> Priscila: Ele já morava, né, com o companheiro?
> Juscelina: Já morava com o José, que foi uma pessoa incrível também.
> Priscila: Você aprendeu a medir o seu preconceito, repensar o seu preconceito?
> Juscelina: Sim, eu tive que repensar, porque eu fui educada achando que eu não podia me relacionar com mulheres que eram desquitadas na época, tudo isso. O homossexual era a escória da escória da escória... Então eu, assim, tudo era proibido, e eu carreguei uma cultura que tudo era pecado, por isso que também, assim, é mais uma coisa da igreja, da minha negação à Igreja Católica, né? Porque a Igreja Católica, ela não me ajudou absolutamente nada na vida porque tudo era condenável, tudo se condenava. Mas ao mesmo tempo, na história familiar, você tinha que ser a mocinha perfeita, entendeu? De bons princípios tal, e aí né... E aí, sabe? Eu tive que repensar tudo isso com eles.

Uma vez descoberta a homossexualidade de Luiz, Juscelina se identificou ainda mais com ele, afinal, eles eram vítimas de preconceitos de gênero que tinham as mesmas raízes: *o Luiz era muito sensível e dentro das possibilidades ele sabia que o mundo era muito cruel pras mulheres, muitas vezes ele falava isso, ele como homossexual também sofria isso.* Elapropôs-se a, sempre que necessário, fingir-se de sua namorada. Um "homem de negócios" tão importante, proveniente de uma família tradicional, não poderia comparecer a alguns eventos sociais e profissionais sem uma mulher ao lado. Em algumas festas e jantares eles se passaram por namorados, e certa vez Juscelina se ofereceu para ser esposa de Luiz. Isso porque houve uma ocasião em que uma possibilidade de colocação profissional muito promissora para ele estava condicionada a que estivesse casado, com uma mulher, naturalmente.

> Naquela época havia um preconceito muito grande sobre homossexuais, né, e pra executivo... Tanto é que na Coca-Cola ninguém sabia que ele era. Depois que ele trabalhou na Coca-Cola ele foi pra Warner, aí era um meio menos hostil (...). E também teve uma vez que o Luiz recebeu uma proposta, se não me falha a memória, que não está tão claro assim que ele iria pra... não sei se foi pra Mendes Júnior, não me lembro bem, mas tudo voltada pra aqueles coronéis da época, né? Aqueles caras extremamente preconceituosos, e aí pra poder sair do país ele teria que casar, né, que ser casado, e eu me lembro que nessa época ele era tão meu amigo, tão meu amigo, que daí eu falei pra ele: "A gente podia fazer um casamento de fachada"... Porque não havia interesse nenhum a não ser isto, ou seja, eu casaria com ele porque na minha cabeça já era claro que eu nunca tinha que casar, então fazer esse favor pra ele ali não era nem um favor ,né? Era uma... sabe? Ele que me deu tanto... Era uma retribuição tão pouca essa minha, entendeu? E a gente, como a gente se abraçava muito, a gente se beijava muito, a gente ficava só abraçado, não era nem uma fachada, né? Então não teria o ato sexual e essa coisa toda porque a gente jamais poderia fazer isso, que nós éramos irmãos, né? Então... Mas o abraçar, estar junto, o rir, o chorar junto isso aí não... Então a mim não custava nada fazer isso porque eu... Eu não estaria atrapalhando a minha vida em absolutamente nada porque na época eu já sabia que eu não iria casar, entendeu? Então não seria uma coisa de... De realmente, de retribuição e que isso realmente não iria me custar absolutamente nada.

Luiz, por motivos que ela não se lembra, desistiu do cargo e seguiu sua vida profissional na Warner. Nessa fase da vida profissional de seu amigo Juscelina teve outras vivências, freqüentou novos círculos sociais e viveu situações absolutamente improváveis. Uma delas se deu em janeiro de 1985, quando Juscelina acompanhou o amigo em um jantar oferecido pela gravadora ao músico inglês Rod Stewart, que tinha vindo se apresentar no evento de música Rock in Rio: *Eu estive em uma mesa com o Rod Stewart, entendeu? Então também são coisas assim que eu devo ao Luiz...*

4.3.1 - Os aprendizados e desafios ao ocupar cargos "masculinos"

Entre 1984 e 1985 Juscelina conquista uma promoção. Ela obteve o incentivo de um de seus chefes, que apostava nela como uma espécie de exemplo de que a cultura da empresa estava em transformação e que poderia incentivar que uma mulher ocupasse o cargo de representante de marketing:

> Juscelina: As pessoas falavam que... Lá na Coca-Cola não podia ter representante de marketing porque na cabeça deles representante de marketing mulher ia se envolver com os fabricantes sexualmente, sei lá o que, ia ter sentimento, e não podia, então você imagina que eu vivi isso.
>
> Priscila: Isso é um preconceito...
>
> Juscelina: É, mas não era no preconceito com a Juscelina, é preconceito com todas as mulheres

Ela torna-se, então, representante de marketing, e logo depois supervisora de vendas. Como secretária trabalhava na Coca-Cola Company, ou seja, na detentora da marca e do extrato de Coca-Cola. Os cargos conquistados a partir desse momento eram nas fábricas da Coca-Cola, ou seja, nas unidades de engarrafamento, venda e distribuição de bebidas. Na fábrica em que ocupa os cargos de representante e supervisora, no Rio de Janeiro, ela era, em ambos, a única mulher. No Brasil, era uma das poucas, como afirma uma amiga que também trabalhou como secretária na Coca-Cola Company:

> Priscila: Ela [Juscelina] foi uma das precursoras na corporação [nos cargos de representante, supervisora e coordenadora]?
>
> Amiga: Sim. Ela foi uma das poucas a ter ido pro pátio, discutir. Eu costumo dizer que quando a pessoa não tem nada a perder, não tem nada a perder, né. Ela só tem que ir buscar. Às vezes quando você tem o respaldo da família, tem conforto... Mas quando você não tem nada a perder, vai em frente (...). No início houve uma desconfiança geral acho que até da parte dela, mas eles aprenderam a respeitar.

Os primeiros meses exigiram um grande esforço de aprendizado do *campo*, como costumam dizer. Foram os primeiros passos de uma função que anos depois Juscelina executava com grande maestria, a negociação, o *encontro com o mercado*. Apesar de demonstrar uma *personalidade forte*, como afirmou um entrevistado, a estrutura do trabalho *no pátio* era muito diferente das funções do secretariado. Ele ficou encarregado de apresentá-la aos clientes e conta um pouco sobre como isso aconteceu:

> Eu me lembro de quando fomos pro mercado pela primeira vez, eu era vendedor e tava sendo promovido pra supervisor na mesma função de que ela chegou, mas eu lembro que fomos visitar bares, lanchonetes, varejo mesmo, né? E eu fui apresentar clientes pra ela: "Aqui, Seu Manoel, essa é minha nova colega de trabalho". E ele: "Ah tá, tá bom, tá bom". Aí eu percebi que ela se assustou. É diferente, né. Aquele Seu Manuel de 25 anos atrás, aquele Seu Manoel grosso, né, que trabalhava com a barriga encostada no balcão. Mas a superação veio daí, ela não se intimidou. Tudo era novidade pra ela, mas ela percebeu a necessidade de se adequar a essa nova realidade, de enfrentar o varejo, de conduzir a força de venda... Porque ela não tinha experiência nisso, tudo era novidade pra ela. E sabe qual era a fortaleza dela? A fortaleza dela eram os controles, os acompanhamentos, como ela era secretária, trabalhava em dar suporte, isso ela pegou muito rápido e automaticamente já começou a gerar um destaque pra ela. Eu lembro que, eu já exercendo a mesma função que ela [supervisor de vendas], a gente tinha apresentações com a gerência, e tal, de resultado, e ela, ali, ela se destacava, né, com os acompanhamentos, controles, organização... E aí com o tempo ela foi "pegando a manha" do mercado, trazendo o grupo dela na mão... Porque num primeiro momento é muito difícil, né. Até o grupo ter a confiança, né... Você vai conquistando a confiança dos profissionais.

Juscelina, além de organizada e obsessivamente empenhada em seu aperfeiçoamento, era uma funcionária bastante atenta e criativa. Para *conhecer o mercado* utilizou uma estratégiaque a ajudou a apreender os contextos, completamente novos, que ela frequentou desde que saiu de Caiçara. Ela observava. Assim, após o expediente e nos finais de semana, ela se posicionava discretamente em frente a bares e restaurantes e observava as atitudes dos clientes: quem entrava, por que entrava, ou seja, quais produtos e serviços esses consumidores buscavam. Então, ela percebeu, por exemplo, que *mesmo que um restaurante fosse normal, classe média, todas as vezes que tinha uma cadeira com o encosto muito comprido aquilo inibia os consumidores, porque eles achavam que aquele restaurante era mais caro do que efetivamente era.* Muito atenta aos signos que denotavam refinamento, ela descobriu *que quando um restaurante era pintado de cores, assim, tipo um salmão, essa coisa passava finesse e que por isso determinados consumidores não iam lá, e era justamente o bebedor de cerveja*[82]*, aí eu vim descobrir qual era o ambiente e a cadeira ideal pra um restaurante vender mais cerveja. Isso ninguém me ensinou. Eu aprendi sozinha.*

82. A Coca-Cola, nessa época, vendia a cerveja Kaiser.

A época em que Juscelina passou a ser supervisora de vendas coincidiu com o início da venda da cerveja Kaiser pela Coca-Cola. Essa era uma novidade para a empresa, que até então só havia trabalhado com refrigerantes. *Não era o business da Coca-Cola, ninguém conhecia disso, ninguém tinha a cultura do chopp nem da cerveja. E aí na época eu não tinha dinheiro pra ir pra restaurantes, então eu ficava do outro lado fingindo que tava lendo uma revista e ficava olhando.* Outro episódio interessante, e que expressa bem uma característica fundamental para a ascensão de Juscelina, a sua ousadia, é contado por um de seus colegas:

> Outro episódio que eu não esqueço e nós estamos falando de anos atrás. O sindicato de bebidas do Rio de Janeiro é muito forte, e na época o pessoal se reunia sempre no Arouca, que é um clube aqui na Barra e aí um gerente, numa reunião, falou: "A gente precisa melhorar o nosso relacionamento com esse grupo, a gente precisa trazer esse grupo pra cá". Aí ela disse: "Olha só, eu não conheço nada desse negócio de [jogo de cartas] sueca que esses caras jogam, mas eu vou fazer um negócio, eu sei que eles jogam esse negócio aí, essa sueca, então toda quarta- feira eu vou lá jogar uma sueca com eles. Já que o problema é de relacionamento, eu vou fazer isso". Então o que eu quero dizer é que ela tem umas sacadas, que você começa a pensar: "Não é que tá certo?" E assim foi feito: ela se planejou a semana toda, jogou a sueca lá. Os portugueses e os italianos [donos de bares, restaurantes, padarias] ficaram apaixonados pela participação dela, de uma profissional de uma empresa de renome como a Coca-Cola, e ela conquistou esse espaço, e ela conseguiu construir uma relação fantástica que gerou vários negócios. Quando tinha alguma dificuldade, ela era uma referência pra resolver os problemas com essa galera, porque ela era o contato direto, ela que intermediava, então ela sempre apresentou alguns atalhos pra qualquer situação.

Essa foi uma época em que Juscelina investiu muito pesadamente na carreira. Sua forma de encarar o mundo e de lidar com as pessoas também foram se modificando conforme as exigências de cada cargo e função ocupadas, e sua linguagem expressa isso muito bem.Em entrevistas com funcionários atuais e ex- funcionários da Coca-Cola compreendi que a cultura corporativa não oficial da empresa, notadamente no tempo em que Juscelina alcançava os primeiros postos de destaque em sua carreira, nas décadas de 1980 e 1990, favorecia, privilegiava e valorizava uma agressividade linguístico-performática assimilada às ideias de "garra", "vontade", "dedicação". Os diversos mecanismos institucionais, relacionais e discursivos de transmissão dessas noções levaram a que Juscelina as internalizassem na forma de disposições competitivas e combativas, as quais se afinavam com a necessidade de rapidez e objetividade autoritária das decisões (ambas profissionalmente exigidas e eticamente defensáveis naquele contexto profissional). Além disso, uma postura mais agressiva lhe parecia eficiente como defesa contra os deboches ou ataques direcionados à sua condição de gênero e à sua origem nordestina.

Além de tudo, as posições profissionais ocupadas desde a representação e supervisão de vendas exigiam que ela entrasse nos dois jogos constitutivos das áreas comercial e

operacional. O primeiro, aquele no ambiente da fábrica, com subordinados e superiores; o segundo, o jogo com os clientes, os donos de empresas para quem ela vendia os produtos da Coca-Cola. Para ser respeitada, ela precisava ser muito competente e eficiente, mas também firme. Por outro lado, dada a maior fragilidade (no sentido de estabilidade no cargo) que sua condição de gênero impunha, ela não poderia vacilar. Sua disposição combativa, que ela algumas vezes nomeou de *inquietação*, muitas vezes chocou-se com a diplomacia exigida no relacionamento com um superior. Como afirmou um colega de trabalho, a *gestão dela é muito forte: pau é pau, pedra é pedra; não tem meio termo.* Como ela me disse algumas vezes: *Fora pro meu pai, eu nunca baixei a cabeça pra ninguém!* Para não se submeter a ordens ou recomendações que lhe pareciam incorretas ou injustasJuscelina precisou ser muito mais eficiente e determinada do que a média, além de ter que *aprender a falar como eles:*

> Eu precisava ser ouvida, e aí principalmente quando eu era contrária a alguma coisa, e eu não queria ser contrária só por ser, entendeu? Eu queria que eles me ouvissem, queria expor meus argumentos. Então, muitas vezes naquela época os homens davam um murro na mesa e achavam que era do cacete, que eram pessoas determinadas, entendeu? Eu, quando dava um murro na mesa, diziam que eu era histérica. Então, eu pensava, vão ter que me engolir mesmo, entendeu? Então eu fazia tudo tão certinho que era pra eles terem que me engolir.

4.3.2 - A doença e a morte de Luiz

There was a boy
A very strange enchanted boy
They say he wandered very far
Very far, over land and sea
A little shy and sad of eye
But very wise was he

And then one day, a magic day
He passed my way, and while we spoke
Of many things, fools and kings
This he said to me

"The greatest thing you'll ever learn
Is just to love and be loved in return"
*Nature boy (*Eden Ahbez*)*

Nessa fase de extrema entrega ao trabalho eram pouquíssimas as chances de lazer e dedicação à vida pessoal, mas Juscelina usava suas economias para fazer viagens internacionais e estava, sempre que possível, perto de Luiz, que entre 1985 e 1988 passou a apresentar uma dedicação maior aos assuntos e comportamentos relativos a uma espécie de espiritualismo que envolvia a sua religião, judaica, mas também tinha traços humanistas e

sincréticos. Ele lia, por exemplo, os livros de Alan Kardec, fundador da doutrina espírita, e frequentava centros espíritas kardecistas. Apesar de não conhecer o kardecismo a fundo nessa época, Juscelina já tinha ouvido falar sobre a doutrina. Algumas colegas de trabalho da época de secretária costumavam falar sobre espiritismo e Nova Era,esta última, uma espécie de filosofia calcada na fusão de ensinos metafísicos de influência oriental, de linhas teológicas, de crenças espiritualistas e animistas. Anita, por sua vez, sempre foi muito interessada em leituras ligadas ao espiritismo kardecista e ia frequentemente ao centro espírita tomar passes, uma espécie de terapia consistente na imposição das mãos de um indivíduo, preparado para isso, sobre outro. Acredita-se que o ato tem o poder de canalizar "fluidos" ou "energias" benéficos, oriundos do próprio impositor de mãos, de bons espíritos, ou ainda de ambas as fontes.

Vendo a própria vida como uma trajetória cheia de caminhos improváveis, Juscelina tinha curiosidade em compreendê-la para além do que era capaz de alcançar com a lógica. Como me conta uma de suas amigas, esposa de um executivo espanhol da área de Petróleo, Juscelina aprendeu a jogar tarô e jogou as cartas algumas vezes para ela. Porém, como ela frequentemente previa acontecimentos que se realizavam, achou que seria melhor parar, pois o tarô começou a lhe parecer uma intromissão perigosa na vida das pessoas. Além disso, como Juscelina me disse, em conversas com adeptos da doutrina kardecista ela soube que esse tipo de prática não era aprovada, o que foi mais um motivo para parar.

O desenvolvimento de uma relação mais próxima com questões religiosas e espirituais não eram a sua prioridade, mas essas informações foram sendo, ao logo dos anos no Rio de Janeiro, por ela absorvidas. Notadamente o fato de Luiz ter se aprofundado numa visão mais espiritualista da existência chamou sua atenção. Como ocorria com todos os outros temas de suas conversas, ela era bastante atenta às opiniões de seu melhor amigo sobre religiões e relacionamentos humanos.

Por volta de 1988 Juscelina descobre que Luiz estava doente e que tinha pouco tempo de vida[83]. Ele era portador do vírus HIV e vinha apresentando sintomas dele decorrentes havia algum tempo. Decidiu que adiaria ao máximo o momento de contar o fato à Juscelina:

> Ele achava que eu era uma pessoa muito guerreira, entendeu? Ele achava isso, que era uma pessoa muito guerreira, mas tinha uma coisa... Engraçado, o Luiz achava que eu era

83 Na época a AIDS eram quase desconhecida - não havia então medicamentos antirretrovirais para tratar das doenças oportunistas decorrentes da infecção pelo HIV - e o diagnóstico era uma espécie de sentença de morte.

> frágil, então ele tinha, na cabeça dele, ele tinha esses dois lados até: apesar de ele achar que eu era extremamente guerreira, que era forte feito uma rocha em determinados assuntos, ao mesmo tempo ele achava que eu tinha fragilidade, tanto é que ele só veio me contar que ele estava com AIDS já bem no final assim... Eu só soube no final, depois de três anos que ele estava com Aids e... E aí eu indaguei, porque que ele não havia me contado, né? Porque seria mais tempo que nós teríamos de estar perto e aí ele falou que não me contou porque ele achava que eu era uma pessoa muito frágil, e essa fragilidade que ele falava, que é engraçado(...), fragilidade de emoções, entendeu? Então a gente tem que fazer um parêntese (...), ele achava que eu era determinada, guerreira, tudo isso, mas que emocionalmente ele achava que eu era tão frágil... Que ele preferiu não me contar... E dizia que eu tinha muito trabalho, muitas coisas, que seria mais uma coisa, assim, sabe?

Percebendo que Juscelina vivia uma fase de empenho máximo no trabalho, o que certamente a deixou menos atenta às suas relações pessoais, e que ela não estava suficientemente madura para lidar com uma doença que à época tendia a ser bastante trágica, tanto pelo estigma a ela associado quanto pela ainda pouco desenvolvida tecnologia médica e farmacêutica envolvida no controle dos sintomas, Luiz decidiu não contar. Um mês antes de sua morte, quando não era mais possível esconder, Juscelina sabe da doença, cujo estágio avançado levava a febres muito altas e alucinações. Desde que soube, Juscelina viveu essa última fase da doença ao lado de Luiz. Acompanhou as alucinações e o que chama de *crises de agonia*, as quais foram mais bem elaboradas por ela poucos anos após o falecimento, quando assistiu ao filme *Philadelphia* (1993). As coincidências entre Luiz e o protagonista da obra, interpretado pelo ator estadunidense Tom Hanks, eram muitas. Ambos casados, de origem burguesa e detentores de cargos de grande prestígio, tiveram que lidar com a homofobia de seus respectivos meios profissionais (o mundo corporativo e a advocacia). Cultos, sensíveis e inteligentes, contraíram o vírus na mesma época e enfrentaram situações muito parecidas.

Durante as crises de agonia, muito febril, Luiz tremia a ponto de bater os dentes e de se machucar. Juscelina punha um pano entre seus dentes e tentava acalmá-lo. Nas alucinações ele via o demônio entrar pelo quarto. Assustado, pedia a Juscelina que o protegesse, ao que ela respondia: *Não é o demônio, é Deus que está aqui*.

> Juscelina: Como ele estava morrendo por causa de Aids, naquela época era como se fosse uma coisa assim, do pecado, né? É, ou seja, é como se a pessoa fosse um indivíduo profano, não podendo ter tido uma opção sexual, era profano e é como se ele tivesse condenado a isso mesmo, entendeu? Então ele tinha crises de... de que estava sendo castigado. E aí quando eu falava "Não, é Deus que está entrando aqui", ele ia se aquietando, se aquietando, e passava de um momento muito grande dessa aflição pra um momento de dizer assim: Ah, mas quando eu ficar bom eu vou fazer coisas que eu não fiz até então.

Normalmente ele estava ouvindo música clássica, de modo que, em sua memória, o ambiente desses momentos é para Juscelina próximo àquele retratado no filme, quando o

protagonista, ouvindo a ópera *Andrea Chénier*, composta por Umberto Giordano, traduz, emocionado, para seu advogado, a ária *La Mamma Morta*, interpretada por Maria Callas.

> Toda vez que eu escuto essa música... Eu escutei tanto, tanto é que eu tenho o CD. Quando eu escuto é uma enxurrada, entendeu? É um tsunami de emoção porque me volta, me leva justamente à cena, porque muitas vezes nessas crises que tinha, ele não estava escutando Maria Callas, mas geralmente tinha um Wagner, um Chopin.

A morte de Luiz foi para ela devastadora. Como me afirmou algumas vezes, ele tinha a função de um pai:

> O Luiz era assim, como se fosse, sabe o amor que eu muitas vezes falo, o amor do meu pai por mim? O Luiz era mais ou menos isso, assim... Eu me sentia segura perto dele. Na frente do Luiz eu poderia ser a menina frágil, eu poderia desmoronar. Como eu era uma pessoa que tinha dificuldade demais em relacionamentos, que eu era muito fechada, então ele era tudo pra mim porque era a única pessoa pra que eu conseguia me abrir...

Sentindo-se mais sozinha do que nunca, ela entregou-se de maneira ainda mais intensa ao trabalho. Acuada, passou reagir com cada vez maior vigor e rigor aos desafios que a vida lhe impunha. As tensões com sua família e seu passado, por sua vez, não se amenizaram, ao contrário. Havia algum tempo que as visitas já não eram feitas todos os anos. Nas suas férias Juscelina intercalava viagens internacionais com curtas visitas à Paraíba, mas continuava a falar muito pouco do passado com seu círculo de amizades do Rio. Todos que entrevistei foram unânimes em afirmar que a figura mais presente nos poucos relatos sobre Caiçara e a família era seu pai. Como afirma sua amiga Mara:

> Ela adorava o pai, era muito ligada ao pai, o pai era uma figura importante pra ela, o Seu Gabriel. Acho que ela sentiu muito a morte dele, mais do que a da mãe. Quando ela falava da família ela mencionava o pai e uma irmã dela, mas de resto ela não comenta muito não, da família, acho que ela prefere não comentar, mas ela é uma pessoa bastante generosa, muito generosa.

Em todas as visitas as cenas e sentimentos se repetiam: ela se preparava comprando uma enorme quantidade de alimentos, roupas, artigos de higiene pessoal e, eventualmente, enxovais de nascimento ou de casamento, todos esperavam ansiosamente a sua chegada e ela sentia angústia. Ao chegar, a recepção calorosa da família contrastava com seu comportamento calado e um tanto distante. Gabriel, principalmente, adorava a sua presença e queria exibi-la a todos da cidade. Juscelina, por sua vez, não só protestava contra tal desejo de exibi-la como se isolava no quarto preparado para ela. Dos carinhos de seu pai ela também tentava, paradoxalmente, se proteger:

> Meu pai ficava querendo me beijar o tempo todo, que era uma coisa que eu ficava, assim, não é que eu não gostasse, mas me deixava sem jeito, né, meio deslocada de ficar com esse ritual de ficar me beijando e tal, porque não era um exercício fácil pra mim. E ao mesmo tempo, mesmo aqui, minhas amizades, têm pessoas que eu adoro de paixão, mas não sou de ficar abraçada e tal... não sou disso não. O meu sentimento pelas pessoas não é avaliado por contato físico

Das demonstrações mais explícitas de amor e saudade, também nos momentos de despedida, Juscelina se esquivava. Ela confessou, em uma de nossas últimas entrevistas, sentir arrependimento por isso:

> Juscelina: Eu estava me lembrando das minhas idas a Caiçara, e eu me lembro que eu chegava né, e eu abraçava, mas não é aquela coisa melosa (...) Tanto que eu tinha um outro recurso pra não sofrer tanto quando eu ia embora, eu não me despedia, (...) e eu estava justamente me lembrando disso essa semana.
>
> Priscila: Você não se despedia?
>
> Juscelina: Não me despedia. Tipo assim é, chegava a hora de ir embora, estava meu pai, estava minha mãe e eu simplesmente dizia assim: Ah, qualquer dia desses eu volto. Mas eu não dava aquele abraço, aquele beijo.
>
> Priscila: O ritual...
>
> Juscelina: Aquele ritual de despedida, e aí eu estava pensando que eu nunca gostei de despedidas (...) .Aí, talvez, mas por que será? Talvez porque dali eu fosse mostrar minha fraqueza, eu fosse chorar. Eu não sei se era por mim ou era por eles... Eu acho que era mais por eles, eu acho que era pelos dois né, porque eu me lembro que não tinha um ritual muito de despedida (...).Era uma chegada muito esperada, mas eu também não queria que fosse marcada a minha saída, então eu protegia a eles e a mim também, entendeu? Fazia isso não me despedindo. (...) E outra coisa que eu... Eu nunca avisava quando eu voltava e também não avisava quando eu voltava com muita antecedência pra não gerar muita ansiedade neles, entendeu? Também tinha isso, eu avisava em cima da hora, eu só não chegava lá sem avisar, pra não ter um sobressalto. Eu estava me lembrando justamente isso, que eu não gostava das despedidas e eu não gosto das despedidas (...). Mas não, eu não deixava, às vezes eu chorava depois, mas lá, no momento, de jeito nenhum. E eu dizia: Olha, qualquer hora eu volto aí, tá? Então qualquer hora dava a sensação pra eles que eu poderia voltar a qualquer hora mesmo. Você vê né, são coisas que você vai tendo, vai se exercitando, vai administrando dentro de você pra que você possa sofrer menos ou fazer outras pessoas sofrerem menos.

Sem o apoio e presença de Luiz, Juscelina foi *jogada aos leões.* Essa era sua sensação e, reagindo defensivamente a isso, ela *endureceu*terrivelmente: *Essa fase entre os 30 e os 40 anos foi a minha fase mais cruel. Mas era questão de...Era lei da sobrevivência, porque se eu piscasse, neguinho me comia, entendeu...Me engolia! Então era autodefesa. Não tinha ninguém pra me defender.*

4.3.3 - A devoção à empresa

Como investia sua vida quase inteiramente no trabalho e sentia falta do apoio e segurança da família, a socialização profissional de Juscelina teve uma dinâmica particular, caracterizada por uma grande devoção à empresa. Pelos valores da instituição e pela defesa do que ela considera um tratamento honesto com a empresa, ela até comprou brigas pessoais.

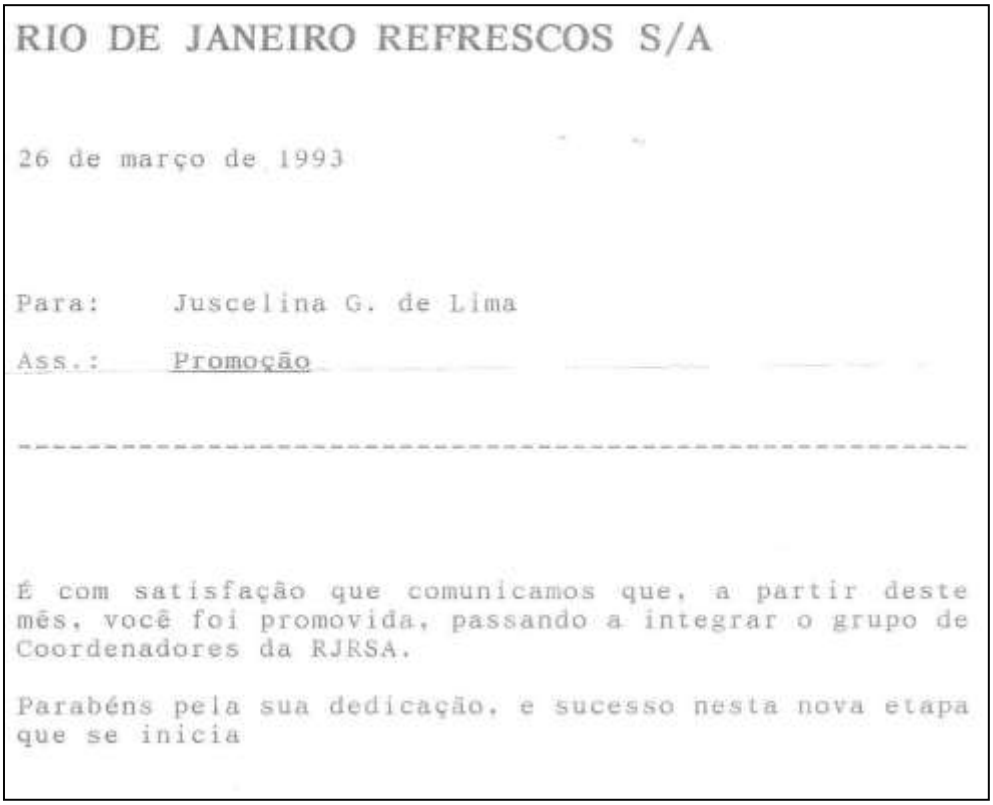
Juscelina procurou afastar-se da dominação pessoal de uma sociedade coronelista e patriarcal, mas a dominação impessoal do capitalismo, exemplarmente representada por uma corporação como a Coca-Cola, não era vista de forma negativa. Afinal de contas, foi a submissão às regras desse jogo que a libertou definitivamente da dominação pessoal a que estaria sujeita se tivesse permanecido em Caiçara. Juscelina recusava-se a participar de greves, por achar que numa sociedade de mercado o empregado deve aceitar as *regras do jogo ou* se retirar se não estiver satisfeito. Certa vez ela ficou doente e a Coca-Cola enviou uma assistente social para acompanhá-la. Ao invés de encarar essa assistência como uma política trabalhista da empresa, sentindo-se sozinha, encarou, à época, como uma demonstração de carinho e reconhecimento.

A gratidão pela instituição nunca impediu que ela fosse bastante crítica com seus integrantes, mesmo aqueles mais importantes e de maior hierarquia, nem que ela censurasse algumas de suas práticas, como as que, mais recentemente, quando ela já era diretora, a fizeram entrar em conflito com as novas políticas de negócios da Heineken, empresa do sistema Coca-Cola, onde ela era diretora. Entretanto, mesmo discordando do que ela classifica como um excesso de política nos negócios, que viria em detrimento da aposta na confiabilidade e qualidade do produto, o que deveria ser o mais forte nas negociações, e mesmo admitindo que muitas vezes o mundo dos negócios é *nojento*, Juscelina coloca a lealdade à empresa como um valor irrenunciável:

> Agora, se você me perguntar um lugar onde eu jamais trabalharia. Eu jamais trabalharia na Pepsi-Cola. Eu levei trinta e seis anos da minha vida combatendo a Pepsi Cola. Seria incoerente, na minha vida, depois de trinta e seis anos, dizer que esse produto é um bom produto. Seria uma incoerência tão grande com os meus princípios que eu tenho como ser humano, isso não tem nada a ver com... E aí você tem razão, isso não tem nada a ver com o mundo dos negócios, porque muitos colegas saem, vai e trabalha e ainda fala mal, não tem nada a ver, mas eu não consigo, eu não conseguiria... Eu não conseguiria vender uma Pepsi-Cola, é contra os meus princípios. Naquela coisa que eu acreditei a vida inteira, que eu combati a vida inteira, como é que eu vou... É como se eu fosse um soldado, e eu estou aqui em uma batalha e o meu batalhão é tomado pelo outro e eu uso o meu revólver, a minha metralhadora, para combater contra os meus. Entendeu? Não teria condições de fazer um negócio desses. Eu prefiro morrer! Como você vai lutar ao lado do que você é contrária a vida toda?

Em 1993 ela ascende ao cargo de coordenadora, um marco bastante importante de sua carreira, porque foi uma espécie de treinamento em gestão e planejamento, pilares para as várias gerências ocupadas posteriormente. O cargo marcou uma estabilização profissional e financeira. Ela pôde, então, ajudar a família *oficialmente*, ou seja, com uma regularidade por todos eles combinada, e comprou seu primeiro apartamento, um flat na Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro. A partir de 1993 a empresa passa a investir mais pesadamente na qualificação

da funcionária exemplar e por isso também ela sente muita gratidão. Além do curso de inglês, fundamental para as primeiras etapas de ascensão, entre o final da década de 70 e início de 80, Juscelina nas décadas de 1990 e 2000 estudou na Escola Superior de Propaganda e Marketing, na Fundação Getúlio Vargas e na Fundação Dom Cabral, todas referências nas áreas de marketing e negócios.



RIO DE JANEIRO REFRESCOS S/A

26 de março de 1993

Para: Juscelina G. de Lima

Ass.: Promoção

É com satisfação que comunicamos que, a partir deste mês, você foi promovida, passando a integrar o grupo de Coordenadores da RJRSA.

Parabéns pela sua dedicação, e sucesso nesta nova etapa que se inicia

Figura 35 - Carta da empresa que anuncia a promoção ao cargo de coordenadora. Acervo de Juscelina Gomes de Lima (Reprodução: maio de 2012)

A excepcional dedicação ao trabalho se combinava a um pragmatismo extremo e à capacidade de dar respostas rápidas e eficientes aos desafios cotidianos. Essas habilidades muitas vezes não eram encontradas, com tamanho desenvolvimento, em seus colegas, superiores ou subordinados, o que a deixava impaciente e aumentava a sua intolerância. O corte brusco do discurso de seus subordinados ocorria com frequência. Ela não tinha paciência nem para ouvir o que tinham a dizer, porque normalmente falavam muito lentamente para o ritmo dela e no início da fala ela já previa seu desfecho. Juscelina conta que chegava a fechar os olhos para não observar os movimentos labiais dos falantes. Hoje, avalia: *Imagina, Pri...Eu devo ter magoado muito as pessoas.*

Em suas respostas às pressões cotidianas, uma linguagem agressiva era comumente acompanhada de palavrões: *Porra, não resolveu essa merda! Resolve a porra do negócio!* Expressões absolutamente corriqueiras entre os homens com quem trabalhava. Certamente a área mais operacional, mais próxima do *chão de fábrica e do mercado,* onde elase formou como líder, tendia a ser mais agressiva do que a área de marketing, mais distante das cobranças com relação aos resultados das vendas. Como afirmou um entrevistado que trabalhou na área de vendas da empresa: *Os chefes da área operacional tinham que ser mais durões. Era uma área diferente do marketing, dos playboyzinhos da Zona Sul, do pessoal do São Bento*[84].

Uma das situações mais difíceis dessa fase foi quando a encarregaram de informar a 79 motoristas suas demissões:

> Lembro que teve um dia que, na própria Coca-Cola daqui [Rio de Janeiro], um dia eu tinha que mandar setenta e nove motoristas embora, e eu tinha que mandar (...) E aí aquelas carinhas todas... Pessoas que vinham e simplesmente... Por trás deles estão as famílias, né? Aí eu me lembro eu tive... Eu tomei um lexotan pra ir pro escritório naquele dia, em plena luz do dia (...). E botei todos numa sala e foi muito triste, depois eu sai de lá, terminei de fazer o trabalho sujo, ou que deveria ser feito, não sei se é sujo ou não, era só minha situação na companhia, que você era paga pra isso. E ali era um mundo... Eles não eram seres humanos, sabe? Aí aquele dia eu saí do escritório, eu chorava tanto, eu chorava tanto, eu fui pro escritório... Eu me lembro que eu morava no Flamengo, eu sai de lá soluçando, soluçando eu fui pra casa, ali no Flamengo, você tem um, pra poder ir lá pra onde eu ia, você tinha que fazer uma volta ali por trás do... vinha pelo túnel Santa Bárbara e depois fazia uma volta ali em frente ao clube do Fluminense, tanto é que ali os carros pararam, aí vinha uma pessoa e olhou assim... Aí a pessoa fez assim, que eu soluçava tanto... A pessoa fazia assim: calma, calma [ela mostra o movimento com as mãos que indica o pedido de calma]. Pra mim foi assim, foi um dia assim... Pra eu esquecer na minha vida porque aquelas pessoas tinham família por trás, assim... E eu fiquei assim... Desesperada.

Juscelina relatou as sensações físicas e psicológicas que a acompanhavam em sua rotina de trabalho. Em situações de muita pressão ela sentia o sangue subindo até a cabeça, preenchendo-a de modo a comprimir os pensamentos e causar uma leve tontura. Sentia os pés suados deslizando dentro do sapato, as mãos trêmulas, o coração palpitando cada vez mais rápido naquele espaço de tempo quase insuportavelmente intenso no qual ela se convencia de que a solidão é não só uma condição inescapável, mas merecida. Esse é o preço a pagar por desafiar regras demais, por ocupar lugares que lhe são socialmente recusados, por desafiar quem, ao contrário dela, tem o mundo como cúmplice.

---

84. Tradicional escola católica freqüentada predominantemente por membros da elite carioca.

Não ter a quem recorrer nesses momentos, que se repetiram muitíssimas vezes durante sua vida, levou ao desenvolvimento de uma grande quantidade de alergias e à cristalização da disposição combativa já referida. A reação do corpo e da mente a diversos tipos de ameaças vindas do local de trabalho,das ligações de Caiçara (*só me ligavam pra contar tristezas)* eda sensação de inadequação a determinados ambientes, era uma resposta agressiva cujo efeito pretendido era o afastamento do inimigo circunstancial e da dor por ele anunciada. Esse comportamento sistemático era reforçado, complementado e estimulado pelo *ethos*competitivo característico dos cargos masculinosna Coca-Cola. Juscelina disse-me muitas vezes que era importante bater na mesa, falar alto, falar palavrões, *botar o pau na mesa*. Assim ela, que era *a contramão de tudo*, poderia ser respeitada. Sendo mulher, paraibana e de baixa estatura (mede 1m56), eram necessárias performances exageradas, marcantes, ameaçadoras, para que o seu corpo, sua voz e seu discurso fossem levados a sério pelos homens com quem enfrentava disputas cotidianas. Sobre isso, ela me diz: *As mulheres geralmente falam mal das características femininas porque elas competem com mulheres. Eu não, eu sempre competi com homens.*

4.4 - As transformações da maturidade e a ascensão aos cargos executivos (1996 a 2011)

Em 19 dezembro de 1995 Juscelina recebe a notícia do falecimento de sua mãe. Ela já estava com o *coração lento*, desacelerando, havia algum tempo, mas mantinha sua rotina, com a ajuda de sua filha mais velha, Maria, sem muitos sobressaltos ou visitas a hospitais. Quando adoeceu ela deixou o *jogo do bicho*, que adorava, porque *era pecado*, mas ainda era uma telespectadora assídua das transmissões de futebol. Vascaína, como Juscelina, o futebol era uma das únicas diversões do cotidiano. No domingo, dia 17, era a final do Campeonato Brasileiro, com a apresentação do clássico Santos e Botafogo, no Estádio do Pacaembu, em São Paulo. Satina não poderia perder e por isso pediu que trocassem o dia em que a novena seria feita em sua casa, justamente no domingo, para a terça-feira, dia 19. Logo depois da reza Satina se retira para seu quarto, chama Gabriel e o avisa que estava pronta para morrer. Fechou os olhos e morreu. Vestiram-na com a mortalha que ela já deixava guardada. É assim que Maria descreve o acontecimento.

Juscelina estava longe de Caiçara e não conseguiria chegar a tempo para acompanhar o enterro. Seus irmãos a aconselharam que ela não se deslocasse e ela consentiu. O fato de não

ter cumprido todo o ritual do luto foi muito forte para ela. Apesar de ser mais próxima de Gabriel, quando a minha mãe morreu *eu senti ainda mais dor do que quando meu pai morreu. Talvez porque eu não fosse tão próxima dela, mas, assim, foi uma dor enorme, como se tivessem mesmo arrancado uma parte de mim.*Naquele ano Juscelina não foi a Caiçara, apesar de ter cumprido a promessa de enviar os presentes do meio do ano (houve uma época em que ela enviava os presentes de 6 em 6 meses). A experiência de viver o luto sozinha, à distância, não foi impune. Em 1996, aos 39 anos, ela vive uma crise existencial que a leva a deixar a Coca-Cola e viver um *ano sabático*. Além da morte de sua mãe, a dedicação ao trabalho havia alcançado um grau de sacrifício que ela já não era mais capaz de suportar. Ela pede demissão e tenta mudar sua vida. Nesse ano Juscelina passa a freqüentar o centro espírita com assiduidade e a pedir *conselhos* aos *espíritos de luz*, os quais eram psicografados por médiuns.

Quando eu acompanhei uma segunda grande crise de Juscelina, durante a pesquisa, ela também pedia conselhos. Trata-se de um ato de caridade possibilitado a todos aqueles que frequentam o centro kardecista. Antes das reuniões semanais é organizada uma fila daqueles que querem um conselho. Basta informar ao responsável pela organização da tarefa o nome e a idade. Ao final da palestra, o conselho, psicografado, é entregue. Os resultados das consultas ajudaram Juscelina a interpretar aquele momento de sua vida, assim como a decidir o que fazer no futuro.

Sendo uma pessoa agitada, pragmática e impaciente, as informações às vezes vagas dos conselhos algumas vezes faziam-na desconfiar da veracidade deles, mas, segundo ela, a desconfiança também era percebida por quem, em outro plano espiritual, a estava aconselhando, e quando isso acontecia, ela recebia o que chama de *puxões de orelha da espiritualidade*, como esse que reproduzo abaixo, considerado um marco para ela, já que nessa época ela estava *questionando demais* (Anexo E):

> Menina,
> Pare de tentar entender o que ainda não consegue explicar. O tempo lhe mostrará qual será a melhor atitude a tomar. Poupe suas energias e não queria decidir e resolver tantas coisas de uma só vez. Você sempre foi e será uma criatura dotada de muito bom senso e lógica, mesmo que por vezes pareça que não. Eleve seu coração em Cristo e ponha n'Ele toda a sua fé e esperança. Faça sua parte sempre orientada pela palavra divina.
> Muita paz

Em outro conselho (anexo F) ela é alertada sobre a necessidade de cultivar a paciência, o que também tem grande impacto sobre ela, que costuma dizer que esta é uma virtude

imprescindível à evolução espiritual e que os momentos de crise e incerteza são uma chance de aprendizado:

> Amiga,
> A vida é um dom precioso que o Pai nos concedeu. Tens refletido bem pouco sobre isso, sobre tudo que tem recebido pela misericórdia divina. Procures olhar um pouco abaixo de ti, e verás tantos seres infelizes que gostariam de ter apenas uma pequena parcela que possues. Procures usar os teus dons que te foram confiados pelo Pai maior, não só em teu benefício, mas em prol de todos aqueles que te rodeiam e com os quais convives. Não te desesperes porque apenas num aspecto não consegues realizar teus propósitos. Procures desenvolver a paciência, pois que tudo tem dia e hora certa pra acontecer. Lembra-te da árvore frondosa que pejada de frutos não pode oferecê-los até que estejam maduros.
> Fé e coragem!
> Paz em teu coração com as bênçãos de Jesus. Graças a Deus.

Juscelina investe todas as suas economias na abertura de um restaurante, mas o negócio não saiu como ela esperava. Numa viagem, ela se encontra com um executivo da Coca-Cola, que pergunta se ela tem interesse em *voltar ao mercado.* Ela diz que sim, e então, a partir de seus 40 anos, Juscelina vive o que ela denomina do momento de grande crescimento, quando ela deixou de *querer ter, ter, ter, para começar a ser.*

Ela vende seu apartamento no Rio e se muda para São Paulo, cidade na qual ela se adaptou muito melhor do que imaginava. Após um período em diversas gerências (cargos executivos), é convidada a ocupar um posto de muito destaque, a gerência de key accounts[85]. O cargo exigia importantes habilidades na gestão de pessoas e técnicas de negociação mais sofisticadas, com um maior controle das emoções. Além disso, tendo alcançado uma posição profissional de muito destaque, ela já não tinha a mesma ânsia de conquistar reconhecimento. Esse "relaxamento" coincidiu, entretanto, com a fase que ela mais cresceu financeiramente. Boa parte desse dinheiro era investida em viagens e muitas compras. Juscelina passou a ser uma consumidora de produtos de luxo: bolsas, sapatos, roupas, artigos de decoração, vinhos, hotéis. Muitos deles eram de marcas estrangeiras (Chanel, Gucci, Hermès, Louis Vuitton, Burberry, Marc Jacobs, Miu Miu, Prada, etc.), mas ela também consumia marcas de luxo nacionais, a maioria delas com lojas localizadas na Avenida Oscar Freire. Dentre as suas peças de vestuário prediletas estão uma bolsa Chanel Classic Flap, um sapato Chanel (*Com esse sapato eu poderia ir até ao Palácio de Buckinghan*) e um vestido bordado, da marca brasileira Lita Mortari. A bolsa Chanel a remete à sofisticação de uma peça clássica, os sapatos têm o preto e branco que ela adora (*O preto e branco expressam a minha dualidade.*

85. Ver nota de rodapé número 7.

Porque a minha vida sempre foi, assim, essa dualidade) e o vestido a remete aos bordados do Nordeste.

Figura 36 – Peças de vestuário prediletas.
Foto: Coutinho, P.O., outubro de 2012.

O consumo dava prazer (*Eu sempre amei coisas bonitas. Isso vem lá de trás*), e muitas vezes era praticado de forma descontrolada, como uma maneira de descarregar a tensão do

cotidiano profissional. Porém, havia outra razão. No tipo de cargo que passou a ocupar, peças de vestuário, carros, endereço residencial e o conhecimento de línguas e países estrangeiros eram signos de classificação social que impactavam diretamente nas negociações:

> Outra coisa também necessária é você ter um nível social, bem na linha econômica, mas também cultural, bem distinto, entendeu? Porque você tem contato com os donos né, direto com eles. Você não lida mais com executivos. Não é com os executivos, são com os donos mesmo. E aí você tem que ter habilidade porque esses caras discutem sobre viagens no exterior. Assim, em dois minutos estão falando de vários países, como estão falando de um vinho, estão falando disso, estão falando daquilo, então você tem que tá super atualizado pra você entrar na mesma vibe do cliente né, porque senão (...) Assim, não daria pra eu...É muito difícil se você não tiver esse gosto pelas coisas boas porque hoje os clientes percebem isso...Percebem a diferença, entendeu? Então não dá pra você ir pra uma reunião dessas com uma roupa da Marisa nem uma bolsa da... Sei lá do que, também da Marisa. Isso não existe! Não dá! Você tem que estar impecavelmente vestida...Você tem que passar a impressão de que você também é bem sucedido, entendeu? Principalmente no mercado de São Paulo.

Nessa fase de maior reconhecimento profissional de sua carreira, ela passou a compreender melhor as diferenças entre o seu passado e o de muitos com quem convivia. Ela teve uma trajetória excepcional, e muitos não faziam idéia de como era o lugar de onde ela tinha vindo, de como ela era antes de se tornar uma grande executiva. Um dos momentos em que ele teve insights sobre isso foi entre 1998 e 1999, no lançamento do filme Central do Brasil, do diretor brasileiro Walter Moreira Salles. O filme conta a história da relação entre uma professora aposentada, Dora, que trabalha escrevendo cartas na estação Central do Brasil, e Josué, um menino de 9 anos. Ele viu sua mãe ser atropelada logo após pedir a Dora que escrevesse uma carta para seu ex marido informando que Josué queria visitá-lo. Sem ter para onde ir, o menino perambula pela estação até que a escrivã decide levá-lo para sua casa e ajudá-lo a ir até seu pai, no sertão nordestino. Durante a viagem Dora vai compreendendo melhor a vida de Josué. Aprofundando-se na vida dele, vários aspectos de sua própria trajetória vêm à tona e são reavaliados por ela.

O filme foi um grande sucesso de público e crítica. Muitos dos amigos e colegas de Juscelina o assistiram e expressaram emoção e surpresa diante da revelação da paisagem, cultura e religiosidade nordestinas, assim como dos dilemas da migração. Ela, por sua vez, se espantou com tamanha comoção: *Eu fiquei me perguntando: mas por que tá todo mundo tão comovido, achando tudo tão surpreendente? Essa é a minha vida. Eu vivi isso.* É como se aquela narrativa, assim como a reação das pessoas a ela, dessem forma a aspectos da identidade de Juscelina que estavam sempre numa zona acinzentada, de incertezas. Juscelina se lembrou que, como Dora, também escrevia cartas dos caiçarenses para seus parentes que haviam migrado para o Sul. Ela conhecia bem aquelas procissões, platibandas e vegetações

que tecem o roteiro imagético do filme. A reação de revolta e desespero de Josué, perdido na Central do Brasil, ela sabia do que se tratava; a ânsia de descrever seu pai acompanhada da incapacidade do interlocutor de imaginá-lo com verossimilhança, ela sabia o que era[86].

Um melhor esclarecimento do quão excepcional era a sua trajetória, considerando o que a maioria das pessoas com quem convivia era capaz de entender, veio acompanhado de uma maior aceitação das distâncias entre ela e sua família. A revolta contra as diferenças entre eles, contra o que ela considerava uma recusa em entendê-la e entender seu mundo foi ficando mais amena. O temperamento irascível e a rebeldia se explicariam, segundo ela, pelo fato de ter vivido, entre os 20 e os 40 anos, a sua *adolescência: Pri, se eu nasci aos dezoito, dezenove anos, eu só comecei a vida, só me tornei adulta aos 39, 40. Antes disso eu era adolescente!*Ela explica como esse processo se deu:

> Juscelina: Aí depois você vai amadurecendo. Teve uma época que quando eu ficava por lá [Caiçara] uma coisa ficava batendo, assim, na minha cabeça, e eu sempre me revoltava: "Putz, mas não gostam disso e daquilo e tal. Como pode?". Na minha cabeça, isso tudo fruto da minha cabeça porque eu não falava nada. Depois com o tempo eu falei pra mim mesma: "Putz, cara, como você é imbecil! Eles não vão mudar. Você que tem que mudar com relação a isso". Então aí começou a dar outra luz na minha cabeça, entendeu? Quando eu reconheci que eu não podia mudá-los
>
> Priscila. E já tem muito tempo, Ju? Você se lembra?
>
> Juscelina: Tem, já tem um... Isso deve ter pelo menos uns quinze anos.
>
> Então é como se eu tivesse vivido uma guerra interior durante muitos anos, entendeu? Porque eu tinha vergonha, eu tinha um monte de coisas, eu me questionava. Eu me perguntava: "Como pode?" Então eu tinha vergonha disso tudo, da limitação deles. Aí depois eu refleti que a limitação deles não era deles, era minha! E aí quando isso aconteceu eu passei a aceitar a minha mãe melhor, eu passei a aceitá-los melhor porque eu reconheci que eu não podia mudá-los porque o que era bom pra mim podia não ser bom pra eles. Podia ser uma violência pra eles. Às vezes eu falava uma coisa eles não entendiam...mas, assim, eles não entendiam assim como se alguém falasse em grego comigo eu não entenderia. Eu ia entender? E na minha cabeça, antes, eu achava que eles deviam entender. Eu pensava: Como é que pode não entender uma coisa tão básica dessa?

O fato de aceitá-los melhor com a maturidade não significa que as tensões se esgotaram. Ainda hoje, são muitos os registros em que elas permanecem. Um dos mais evidentes é o da linguagem. Juscelina já não se revolta com tanta força contra o que ela considera limites culturais e educacionais de sua família, mas as dificuldades de adentrar no mundo deles e fazer com que eles apreendam o dela ainda existem. Gostaria de, nesse próximo tópico, dar um exemplo de como esse desencontro se dava e ainda se dá. Procurarei demonstrar relatando uma conversa, consistente na tentativa de esclarecimento de uma

---

86No dia 17 agosto de 2012, véspera da viagem destinada à procura do apartamento que compraria em João Pessoa, eu e Juscelina assistimos, juntas, ao "Central do Brasil". Ao final da exibição, ela me afirma: *Agora sou eu quem vai fazer o retorno.*

controvérsia familiar, que presenciei em minha primeira visita a Caiçara, em fevereiro de 2012.

4.4.1 Uma análise das tensões de comunicação por meio da descrição de uma controvérsia familiar.

Nos nossos dias na cidade, pude notar que muitos dos familiares de Juscelina, notadamente seus irmãos, que têm entre 55 e 75 anos, se comunicam com especial eloquência e teatralidade no registro oral. Trata-se de uma especificidade que pode ser reconduzida à complexidade vocabular e estilística da linguagem oral sertaneja anterior ao processo de massificação da educação formal. Não tendo passado pelo intenso processo de industrialização e urbanização do centro-sul, o interior do Nordeste pôde preservar, com poucas interferências até as primeiras décadas do século XX, época da juventude de Gabriel e Satina, traços linguísticos muito específicos, cuja gênese não cabe nesse trabalho esmiuçar. Se um estudo filogenético das especificidades linguísticas paraibanas não é nosso objetivo aqui, a identificação dos elementos culturais recepcionados por Gabriel, Satina e sua família me interessa diretamente.

A reconstrução dos hábitos e personalidade de Gabriel por meio de entrevistas com seus filhos, netos, irmã, cunhada e diversos habitantes de Caiçara que o conheceram, a identificação do tipo de consumo cultural por ele realizado e os traços linguísticos de seus filhos mais velhos, que com ele tiveram uma convivência mais intensa e prolongada, indicaram que a compreensão da linguagem de Gabriel, que influenciou decisivamente sua família, deve ser feita com consideração à cultura sertaneja, com sua música e poesia ouvidas, lidas, recitadas e cantadas por ele durante toda a sua vida. Esse exercício imaginativo e analítico que reconstrói os elementos linguísticos que constituíam aquele ambiente familiar integram o esforço de compreensão da formação cultural, moral, e afetiva de Juscelina, e serve para elucidar algumas tensões entre ela e sua família.

Juscelina, apesar de ter convivido diariamente com o pai até quatorze anos, frequentou e se dedicou à escola mais que seus outros irmãos. Além disso, tendo deixado Caiçara muito cedo, e se integrado rapidamente ao mercado de trabalho formal, que exigia um nível educacional cada vez mais elevado, aprendeu a se comunicar no registro escolar da linguagem. Como afirma Bernard Lahire (1990), o domínio escolar da língua demanda que se passe de uma linguagem ancorada no contexto específico (com uso do gesto, da entonação, da

mímica, dos deslocamentos de voz e corpo, da entonação, do ritmo) em que se pressupõe um saber compartilhado pelos interlocutores reais de uma situação particular, a construções independentes do contexto. Estas exigem um controle mais formal, consciente e intencional da linguagem verbal; ou seja, demanda que se trate a linguagem como linguagem mesma ("todealwithlanguage as a thing in itself").

Quando ia para Caiçara, porém, Juscelina precisava lidar com palavras de um vocabulário regional - que era para ela objetivamente distante e que ela queria manter distante -, com o português frequentemente em desacordo com as regras formais da língua portuguesa e com uma forma de relatar acontecimentos que parecia a ela vaga e desnecessariamente dramática. Em vez de relatar longamente e com riqueza de detalhes um determinado acontecimento, como costumam fazer seus irmãos, Juscelina extrai dele alguns conceitos, avaliações e conclusões. Nas entrevistas a mim dirigidas ela sempre usava as expressões: *então, resumindo* e *então, quer dizer* para extrair o que realmente importava do relato. Essa vontade de objetividade e conceitualização, incorporadas na socialização profissional no mundo dos negócios, privilegia a comunicação de informações, as quais pedem verificação imediata, e não se afina bem ao modo artesanal de narrar dos irmãos de Juscelina. Neste, é importante deixar sua marca na história contada, assim como detalhar cenários, personagens e estados emocionais (Benjamin, 1992)[87]. A narrativa de seus irmãos é demorada e transmitida com eloquência e entonações coloridas e ritmadas.

Uma situação específica ilustra bem essas diferenças no registro da linguagem. Quando Francisca, uma das irmãs de Juscelina, nasceu, em 1942, a família vivia grandes dificuldades. Satina havia perdido vários filhos por causa de doenças ligadas à subnutrição e problemas cotidianos de falta de água e de atendimento médico. O pai de Gabriel, Pai Tonho, disse à Satina que deixasse Francisca com Mariinha, irmã de Gabriel que àquela altura não tinha conseguido engravidar. Com Mariinha, dizia Pai Tonho, Francisca, que apresentava sinais de doença, estaria mais segura. Quando Gabriel decidiu partir para o Norte do país,

87. Sobre o tema da riqueza linguística do interior do nordeste, comentou o documentarista Eduardo Coutinho: "Se eu tiver que escolher entre dois projetos – um sobre um tema medíocre filmado no sertão do Nordeste e um sobre um tema quente filmado na cidade de São Paulo -, eu escolho o Nordeste. A linguagem oral é essencial no imaginário presente, no lugar em que a cultura industrial não penetrou tanto. Ao contrário do que se pensa, o cara que é analfabeto ou pouco alfabetizado e vive num espaço em que a cultura oral é predominante, ele tem uma necessidade mais absoluta de se expressar bem do que o cara que vive numa cultura industrial. As pessoas da cidade de São Paulo falam mal, enquanto no sertão a expressão é riquíssima, não só no que dizem, não só porque é eloquente, mas porque no fundo é mais precisa que a linguagem urbana. Eu me lembro de expressões do Nordeste, até da Zona da Mata, que falam coisas como: "É dura na sorte'. Essa expressão é de uma beleza extraordinária. Essa eloquência você não vai encontrar na cidade." (COUTINHO, 2013, p .222-223).

Satina não queria que Francisca ficasse em Caiçara (onde morava Mariinha), então pediu à cunhada que entregasse sua filha. Porém, Francisca ficou com Mariinha e não partiu com a família para Belém.

A adoção de Francisca pela tia é um assunto delicado na memória da família. Quando estive em Caiçara com Juscelina, ela perguntou o que havia, *de fato*, acontecido. Ouvimos diferentes versões desse acontecimento, o que impacientava Juscelina. Em cada uma das versões, uma coloração, um sentimento ou mesmo um fato era acrescentado ou retirado. As diferentes narrativas dessa controvérsia eram como uma performance teatral cujo desenvolvimento se faz pela exposição de uma intriga (enredo) que se desenrola num cenário (*Pai Tonho tava no roçado capinando, aí minha mãe vinha passando. Ele se virou e disse: Satina, vou levar aquela menina pra Mariinha criar...)* e apresenta começo, meio e fim.

Percebi que, dada a imprecisão da ordem exata dos acontecimentos, a predominância da cultura oral e a quase ausência de acordos formais cotidianos (aos quais Juscelina estava tão acostumada no cotidiano do ambiente corporativo), a linguagem dos irmãos de Juscelina tende a ser muito mais nuançada que a dela, com uma carga de imprecisão adequada aos acordos que eventualmente se fizerem necessários nos casos de conflitos sobre a ordem dos fatos. Mais importante do que ser objetivo, é que o relato seja, parafraseando Guimarães Rosa (2006, p. 49), proseável. Não se sabe exatamente como as coisas aconteceram, mas cada um cria suas próprias imagens da situação sem a preocupação do registro imediato da verdade sobre ela. Tais imagens, por sua vez, formam um repertório coletivo sobre aquela controvérsia familiar.

4.5 *Aí eu passei a ser Juscelina Gomes de Lima*

Se o processo de amadurecimento a ajudou a ir aceitando e compreendendo a família e as singularidades do seu passado, também levou a uma ressignificação menos agonista e mais positiva daquela dimensão de sua identidade que não estava diretamente ligada à vida profissional. Em 2002, num evento da Coca-Cola realizado na cidade de Angra dos Reis, ela recebe uma homenagem da empresa. Na placa para ela produzida pela diretoria de desenvolvimento e serviços a clientes, consta o seguinte texto: *Em reconhecimento à sua dedicação e contribuição aos clientes Key Accounts do Sistema Coca-Cola.* Sobre o momento, ela me diz: *Ali eu senti que já na era mais a Juscelina da Coca-Cola. Eu era Juscelina Gomes de Lima. O reconhecimento foi para Juscelina Gomes de Lima*. A gerência

de Key Accounts dava a ela maior autonomia no relacionamento com clientes, e a destacava de outras gerências. Era como se as suas virtudes pessoais (ética, competência, perspicácia, honestidade) fossem elementos em grande medida considerados por um cliente para fechar uma negociação com a Coca-Cola. A carreira de executiva prosperou a ponto de se destacar da imagem da empresa onde ela trabalhava. *Eu sempre me empenhei para estar dentro dos 10 melhores, Pri. Não precisava ser a melhor executiva, mas eu queria estar dentre as dez melhores.*

Trabalhando com negociações de altíssimo nível de sofisticação, lidando com os proprietários das maiores redes de restaurantes, fast foods e supermercados do país, Juscelina descobriu o prazer de negociar, mas as responsabilidades também eram muito grandes. Ela tinha uma dupla pressão: aquela do compromisso firmado, como representante da Coca-Cola, com o cliente, e aquela de conseguir convencer a empresa de que o acordado com o cliente deveria ser cumprido da melhor forma possível. Tais acordos envolviam muito dinheiro e, na maior parte das vezes, muito tempo. Além da conquista, havia a necessidade de manter alto o nível de satisfação do cliente durante o tempo de contrato. Ganhando prestígio como executiva de excelência, conhecida pelo profissionalismo e confiabilidade, Juscelina continuava a se dedicar com ascetismo extraordinário a seu ofício.

Em setembro de 2003 ela se ausenta de uma reunião com um cliente para atender uma ligação telefônica de Caiçara. Informavam-na do falecimento de seu pai. Após ouvir a notícia, ela volta para reunião e lá permanece até que todos os assuntos previstos fossem resolvidos. Quando me contou que voltou para a reunião após a notícia, eu não deixei de demonstrar minha surpresa, e ela explicou: *Eu não poderia deixar de atender o cliente, Pri. Naquele momento, ele não estava lidando com a Juscelina, mas com a Coca-Cola. Questões pessoais não tinham que estar ali.*Após a reunião ela providenciou as passagens e seguiu imediatamente para o enterro de seu pai. Assim como Satina, Gabriel faleceu de *coração lento*.

Como não podia deixar de ser, o enterro de Gabriel foi muito mais movimentado que o de Satina. Muito conhecido em Caiçara e arredores, além de bastante *namorador*, eram várias as mulheres que choravam sua morte. A dor de perder seu pai não superou o espanto de Juscelina com todos aqueles choros e rezas, nem com um fato que a marcou especialmente. Ela conta que no momento de fechar o caixão uma mulher que ela nunca tinha visto antes chegou gritando lamentos e pedindo que o caixão não fosse fechado. Espantada, ela buscava explicações para o que considerou um escândalo, mas ninguém esclarecia o absurdo da cena

porque os sentimentos coletivos ali expressos (MAUSS, 1981) tanto nos choros e rezas que ela considerou exagerados quanto na atitude da mulher que implorava para que o caixão permanecesse aberto, integravam uma gramática moral aceita naquele ritual funerário. Prova disso é o fato de que enquanto essas atitudes marcaram fortemente Juscelina, nenhum de seus irmãos se lembrava do fato, tamanha a naturalidade com que encararam tais expressões emocionais mais ostensivas. Quando fomos para Caiçara juntas, ela queria saber mais detalhes do acontecimento, e perguntava a todos: *Você se lembra que no enterro do papai chegou uma mulher gritando, desesperada? Quem era aquela mulher?*Ninguém se lembrava da cena, nem tampouco da mulher. Diante da resposta negativa, ela se impressionava ainda mais: *Mas não é possível!*

O falecimento de seu pai foi mais um motivo para avaliações de sua relação com o passado: *Se tem uma coisa que eu me arrependo é de não ter feito sempre o desejo do meu pai, quando ele queria desfilar comigo pela cidade.*Aquilo tudo pelo qual lutou - independência,estabilidade, poder, dinheiro, reconhecimento – não deixava de ser por ela valorizado, mas era visto por uma perspectiva mais crítica.

> O que adianta você estar no... Ir naquele restaurante chiquérrimo, não sei o que tem mais lá? (...) É tanta preocupação com que você está falando pra uma pessoa que você nem sente o gosto da comida. Eu estou sendo honesta com você. É imbecil quem falar que é o contrário, ou então está se enganando. Pra você ser um profissional, você não sabe o que está comendo, você não sente o sabor. É *business* (...) ter um jantar de negócio é a mesma coisa. Não dá pra apreciar um bom vinho o brinde, a brisa, o vento... A energia é outra... O brinde não é pra saudar a vida do outro, a felicidade do outro, nãO! É pra saudar a porra de um negócio, entendeu? (...) Porque quando é a pessoa jurídica que paga é nojento de comer uma lagosta, entendeu? Só por comer, sabe? Tudo isso é muito nojento. Você não sente o gosto de absolutamente nada. Tudo é *fake* porque vocês não podem sentir, sabe? Vocês não... Um ser humano normal não pode porque é (...) outro assunto, é outra energia, é outra *vibe*, entendeu? Não sentem! Se me falar que sentem é mentiroso, ou então não é profissional. Está lá pra "oba, oba". Não dá tempo! Você tem que medir palavras, você tem que medir gestos, você tem que falar a coisa certa, no momento certo, você tem que ter assunto. Imagina você durante duas horas ter que emendar assunto (...)Se você está numa mesa de executivo, mesmo se você estiver falando sobre algum vinho, mesmo se você falar sobre aquele vinho, vai ter uma pompa por trás, vai ter um negócio, assim, de quem sabe mais, entendeu? Você não está ali, não é a Jucelina que está ali... Ali é a Coca-Cola, é a Heineken que está ali é uma... É uma garrafa de Coca-Cola ou um garrafa de cerveja que está ali pensante, não é um ser humano. E o mais triste que eu acho do mundo executivo, que eu vi muito, são derrotas de amigos, porque é o seguinte: às vezes as pessoas acham que porque estão ali elas são poderosas, entendeu? Porque está num restaurante em que um prato vai custar quinhentos paus por cabeça... Eu nunca me deixei levar que aquilo era meu, entendeu? Tudo é falso, tudo é *fake*. Eu já vi gente sair com as mãos vazias. A casa era alugada pela empresa, tudo pago pela empresa. No dia que saia não tinha nada, e eles acreditavam que eles tinham, as pessoas acreditavam que eram donas daquele carro, eram donas daquele cartão de crédito, entendeu? As pessoas acreditam nisso...Olha que coisa mais triste: elas acreditam! Acreditam num status que não é seu status.

O desencanto com aquele mundo vinha acompanhado da idéia de que esse foi o ambiente no qual ela passou a maior parte da sua vida, no qual ela "nasceu", cresceu e

amadureceu. Por isso o discurso de Juscelina sobre o *business* oscila tanto. Há uma crueldade e uma falsidade que constituem aquele universo, mas se ela não tivesse se entregado tanto a ele, a ponto de dominar naturalmente as suas regras, sua vida teria tomado um rumo muito diferente, e por isso, apesar de todas as críticas, a gratidão à empresa permanecia, mas permanecia em meio a uma tensão enorme porque, com a maturidade, ela passou a desejar ser uma pessoa mais independente daqueles momentos e características que considerava *nojentas*.

Ela estava enredada na "illusio do campo" (BOURDIEU, 1997), ou seja, vivia acreditando que valia a pena jogar o jogo (seu cotidiano, desejos e valores eram enormemente estruturados pelo ambiente profissional). Mas, ao mesmo tempo, seu corpo e seu espírito, fabricados por singularidades sociobiográficas, davam constantes sinais de que o jogo não a fazia completa, de que uma fissura fundamental a constituía. Desse sentimento de falta vinha um mal estar na forma de irritação constante, ansiedades e diversas doenças somatizadas ao longo dos anos: alergias, enxaquecas, perturbações do sono, etc.

Os momentos de crise são aqueles em que se procura curar essa falta por meio do investimento em outros alvos, em novas estipulações de metas, em recriações de objetos de desejo. As crises mais significativas da vida de Juscelina foram desencadeadas pela experiência do luto. Outros fatores estiveram envolvidos, mas a perda de seus amores (Luiz, sua mãe, seu pai e sua afilhada, em março de 2012) foi bastante determinante para a construção do desejo de refazer a si mesma.

A crise que eu acompanhei, desencadeada após a visita à Caiçara, se deu por um conjunto de fatores muito anteriores à pesquisa, como procurei demonstrar ao longo desse trabalho. O recalcamento de seu passado sempre trouxe conflitos e sofrimentos que desencadeavam crises vividas de diferentes maneiras e em maior ou menos grau de profundidade. Passo, agora, a detalhar um pouco mais a crise que culminou com o retorno para a Paraíba. Como indiquei no capítulo 1, procurei compreendê-la a partir de três dimensões centrais: 1) as disposições cristalizadas e as experiências passadas que estimularam e capacitaram essa mudança de vida; 2) os recentes fatores objetivos que motivaram o retorno; 3) as visões de mundo que ela mobiliza a fim de interpretar essa nova fase de sua vida.

4.6 Saídas e Bandeiras nº 2 - A crise e o retorno

Ah, tem uma repetição, que sempre outras vezes em minha vida acontece. Eu atravesso as coisas – e no meio da travessia não vejo! – só estava era entretido na ideia e nos lugares de saída e de chegada. Assaz o senhor sabe: a gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda é num ponto muito mais em baixo, bem diverso do que em primeiro se pensou, viver nem não é muito perigoso?
Riobaldo, Grande Sertão: Veredas (João Guimarães Rosa)

Entre 2008, Juscelina decide procurar um apartamento em João Pessoa. A possibilidade do retorno já existia. Ela havia completado 50 anos e, como dizia a si mesma, *minha deadline* (para a aposentadoria) é 60 anos. A procura, entretanto, foi em vão. Ela não estava preparada para voltar. Chegou à conclusão de que a cidade não a agradava, que os costumes locais estavam muito distantes do que ela considerava ideal, nenhum apartamento a satisfazia. Ela estava, sobretudo, emocionalmente despreparada para se reaproximar da família, como reflete na conversa reproduzida abaixo, de junho de 2012:

> Eu, há quatro anos, a Anita sabe disso, eu estava vendo apartamento lá, inclusive eu já tinha... Eu já estava ficando afim, eu só não tinha coragem. A coragem que eu sempre falo, assim: eu não estava muito com saco, entendeu? E, engraçado, não estava muito a fim disso. Eu queria, mas ao mesmo tempo eu negava, entendeu? Era uma... Eu estava duelando comigo, duelando feio com relação a isso. Uma parte da Jucelina queria e outra parte dizia não. Estava difícil saber a quem obedecer (risos). Eu também estava refletindo um dia desses que essa coisa de família pra mim sempre foi muito esquisita, muito conflituosa dentro de mim. Eu adoro "botar" cartas e essa coisa toda, e tinha uma menina lá em São Paulo que ela botava muito bem, a Teresa, e ela sempre ela falava assim: "Quem está doente na família?" Alguma coisa assim, e eu falava assim: "Não, não, muda de assunto porque eu não tenho contato". Cara...muito chato, né? E eu nos últimos tempos, eu acho, não tenho certeza disso, que ela falava sempre, ah tem uma pessoa... tem uma mulher na sua vida que está bastante doente e tal, e isso é uma coisa que tá azucrinando minha cabeça até então, eu acho que era de Dione [sua afilhada, que faleceu em março de 2012] que ela falava e eu sempre cortava. Isso significa, Pri, que eu não considerava eles assim como família, entendeu? (...) E tinha hora que eu considerava, tinha hora que eu queria. Tanto é que se você perguntar pra Anita, não era de agora que eu queria comprar apartamento em João Pessoa. Cheguei a ir lá ver, principalmente há quatro anos, quatro anos atrás eu que fui lá ver, fui lá umas três vezes pra ver apartamentos pra comprar, tanto é que eu comprei lá o de São Paulo. Então eu ia comprar lá, mas eu nunca tinha essa... Essa assim... E depois eu comecei a questionar onde é eu ia morar, depois que eu me aposentasse porque era aí quando eu já queria me aposentar.

Tendo desistido da compra do apartamento em João Pessoa, ela decide, em 2010, comprar um apartamento em São Paulo, *o apartamento dos meus sonhos.* Ainda nos primeiros dias na casa nova, após um dia inteiro de trabalho exaustivo e cuidadoso para deixar tudo nos lugares exatos, tudo decorado tal como ela imaginava, Juscelina teve uma epifania:

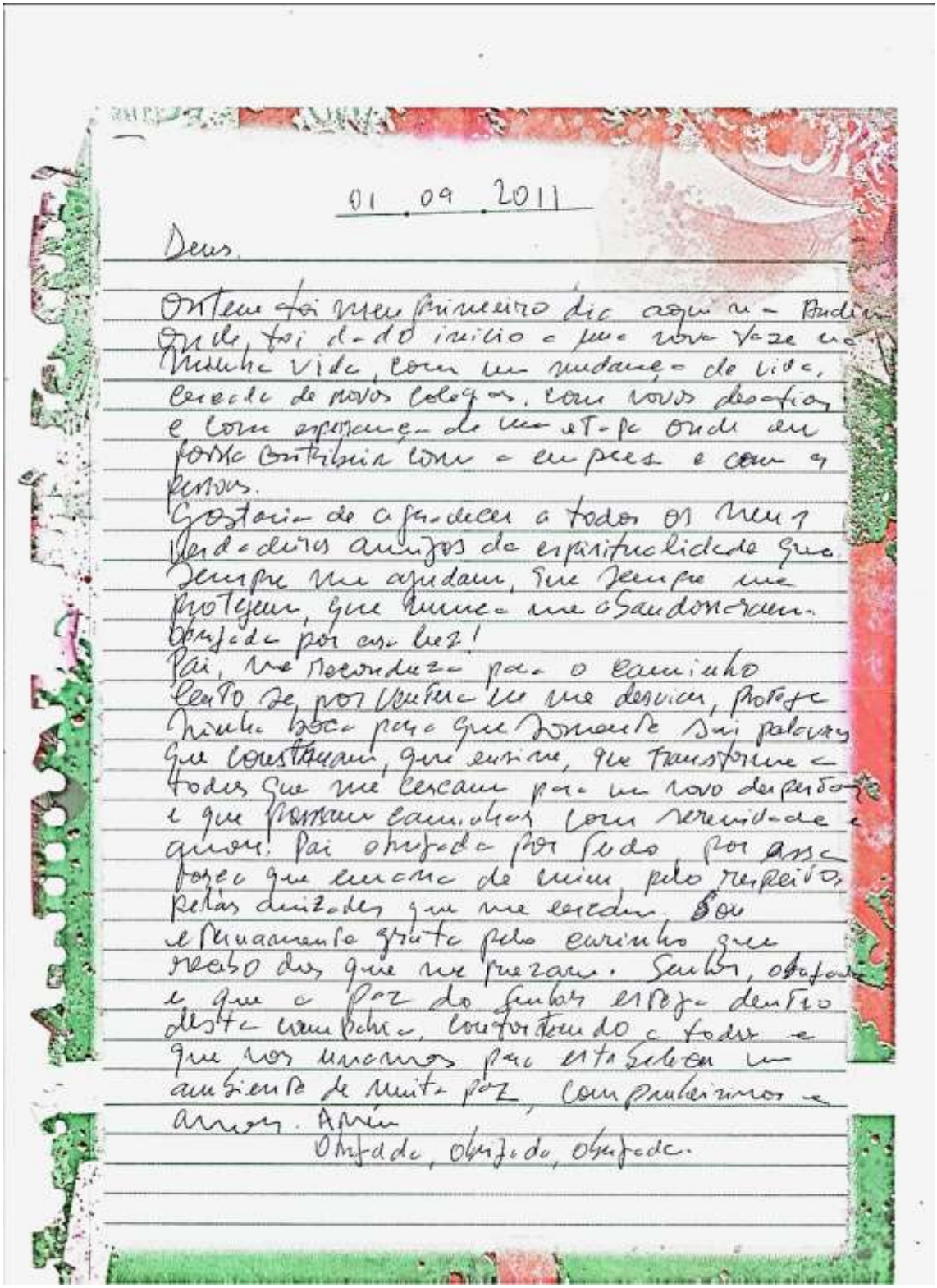
Eu me lembro que sentei na varanda exausta de tanto trabalhar, e virei o meu rosto assim, e tinham ligado [o lustre que iluminava a mesa de jantar] e aquilo tinha um reflexo, né, tinha uma iluminação toda especial. E aí as lágrimas escorreram e aí nesse dia eu falei assim: Puxa, eu não preciso demais nada na vida porque já cheguei lá, e e você chegou lá sozinha, tudo isso é fruto do seu trabalho aí foi aí onde... Foi aí aonde veio o reconhecimento final, que ali já tinha, ou seja, que ali eu... Que a partir dali eu não precisava de mais nada eu jápodia parar ali (...)e o sentimento de realização plena foi nesse dia... Eu eu chorei nesse dia, porque a gente também chora de felicidade.

Figura 37 - Sala do apartamento de São Paulo.
Foto: Acervo de Juscelina Gomes de Lima, 2010.

Como relato no **capítulo 1,** conheci Juscelina um ano após ela ter se mudado para o apartamento da imagem acima. Eu a entrevistei no escritório da Heineken[88], em São Paulo, no dia 18 de julho de 2011, quando ela ocupava uma diretoria muito próxima ao cargo de presidência nacional da empresa. No dia 08 de agosto ela me manda um e-mail: *Pri, minha vida deu uma guinada total. Estou indo morar no Rio no inicio de Setembro. Sai da Heineken e fui convidada para trabalhar na Coca-Cola do Rio. Meu novo telefone, ainda de SP. Vamos nos manter em contato.*

Assim que conseguiu comprar seu apartamento no Rio, em setembro, onde pretendia passar os últimos anos de sua vida, ela escreveu uma *carta para Deus*, uma espécie de resposta escrita aos conselhos espirituais que ela havia recebido entre 1996 e 1997, logo após a morte de sua mãe.

88A relação entre a Coca-Cola e a Heineken está explicada na nota de rodapé número 15.



01 . 09 . 2011

Deus.

Ontem foi meu primeiro dia aqui na Andina onde foi dado início a uma nova fase na minha vida, com uma mudança de vida, cercada de novos colegas, com novos desafios e com esperança de uma etapa onde eu possa contribuir com a empresa e com as pessoas.
Gostaria de agradecer a todos os meus verdadeiros amigos da espiritualidade que sempre me ajudam, que sempre me protegem, que nunca me abandonaram. Obrigada por essa luz!
Pai, me reconduza para o caminho certo se por ventura eu me desviar, proteja minha boca para que somente sai palavras que construam, que ensine, que transforme a todos que me cercam para um novo despertar e que possam caminhar com serenidade e amor. Pai obrigada por tudo, por essa força que emana de mim, pelo respeito, pelas amizades que me cercam. Sou eternamente grata pelo carinho que recebo dos que me prezam. Senhor, obrigada e que a paz do senhor esteja dentro desta companhia, confortando a todos e que nos unamos para estabelecer um ambiente de muita paz, compreensão e amor. Amém
Obrigada, obrigada, obrigada.

Figura 38 - Carta para Deus, texto escrito em setembro de 2011, logo após a mudança para o Rio. Acervo de Juscelina Gomes de Lima (Reprodução: maio de 2012).

Nós nos encontramos algumas vezes antes da conversa em que propus a pesquisa biográfica. Uma vez aceita, tentei me aprofundar ao máximo na sua vida entrevistando amigos, colegas e familiares (alguns primos) que moravam no Rio. Entre setembro de 2011 e fevereiro de 2012 eu me dediquei à feitura e análise dessas entrevistas. Em fevereiro de 2012, no dia 17, fomos para Paraíba. Nós nos hospedamos na casa da Anita (que havia voltado para Paraíba 15 anos antes), onde, em uma longa entrevista, ela me dá o seguinte depoimento, que expressa o susto com o fato de Juscelina ter aceitado que eu escrevesse sobre sua vida e conhecesse seu passado:

> Olha, vou te falar, quando ela me falou que você vinha fazer esse trabalho com ela pra mim foi a maior surpresa. Foi uma surpresa absurda, Pri. Você não imagina. Porque eu que convivi com ela e sempre vi que ela nunca aceitou esse lado da família. Ela sempre quis negar isso e de repente uma pessoa estranha, de fora, pra conhecer a raiz dela. Menina, isso me chocou pelo que eu conheço dela. Quando ela me disse isso por telefone: "Anita, é porque uma pessoa tá fazendo um trabalho", eu não acreditei, eu disse: "Você quer fazer um livro sobre sua vida". Eu já pensei logo por esse lado e ela me disse: "Não, não é nada disso". É um trabalho de uma menina que faz doutorado, e aí me explicou e eu não acreditei. Ontem, depois que você me explicou tudo é que eu tô me conscientizando, tô vendo que é verdade mesmo, porque eu não acreditava (...) Isso pra mim foi surpresa e eu tenho certeza que isso é surpresa pra toda a família. Eu tenho certeza que a Juscelina mudou muito pra aceitar esse trabalho; se ela aceitou, é porque ela mudou muito. E eu acho que pode mudar ainda mais. Eu sinceramente achava que era um trabalho de psicólogo. Eu até deduzi, porque a gente tem umas intuições. Ela disse que não e eu pensei: "Ela deve estar indo a algum psicólogo que disse que pra ela se desprender desse passado é necessário fazer um estudo, uma descoberta pra que ela se liberte disso". E a conclusão que você pode tirar do seu trabalho pode mudar alguma coisa pra ela.
>
> Olha, Pri, imagina uma pessoa que tá sempre julgando, sempre criticando, resolver mostrar tudo, sua vida, suas origens, pra uma outra pessoa, abrir o campo pra alguém. Imagine uma pessoa que não queria dizer muitas coisas pra ninguém da sua vida e de repente ela virar e dizer: "Não, pode dizer o que eu fui, pode mostrar tudo da minha vida". É muito difícil...foi muito difícil acreditar num negócio desses. E eu acho que ela quer se encontrar, e vai se encontrar porque só em liberar isso, em liberar a vida dela.
>
> Eu fiquei chocada porque não é um livro, uma coisa pra ela, que é feita como ela quer. É um trabalho seu, ela abre tudo pra você escrever do seu jeito, tirar as suas conclusões, ter os seus objetivos. E eu queria que você entendesse que eu não falo isso por crítica. Eu sempre gostei dela, do jeito dela, sempre fui amiga dela. Eu tô dizendo porque eu acho que é importante e porque eu vejo que ela tá mudando.

A reação de Anita não foi muito diferente daquela de alguns de seus amigos que souberam de como Juscelina tinha aberto a sua vida para a pesquisa. Uma grande amiga dela, Marlene, ao final de uma entrevista, me disse: *Olha, Ju sempre foi muito corajosa, mas dessa vez ela me surpreendeu. Eu admiro muito essa coragemdela*. Passamos o final de semana com Anita e na segunda feira de carnaval chegamos a Caiçara. Juscelina ficou lá até quarta-feira, dia 23, e eu estendi minha estadia até meados de março. No capítulo 1, e ao longo da tese, menciono algumas das situações que vivenciamos na cidade onde a biografada cresceu. Dessa vez as conversas com a família foram muito diferentes. Em busca de seu passado, expressando o desejo de possibilitar que eu registrasse as memórias de sua família, apesar de

temer, em alguma medida, o tipo de julgamento que eu poderia formular, Juscelina se abriu de uma forma muito diferente para seus irmãos e sobrinhos. Como disse Patrícia, sua sobrinha: *Tia Ju nunca foi tão falante.* Tendo se aberto, encontrou muitas e significativas informações sobre a vida de seus pais e sobre como ela era vista por seus irmãos. Surpreendeu-se com aquela identidade que ali se revelava a cada relato: *Ju era muito calada; Ju era desgostosa; Ela sempre teve o cabelo assim, lisinho, japonesa; Ela sempre foi muito inteligente; Ela era uma professora tão boazinha.* Juscelina voltou para o Rio perturbada por todas aquelas revelações. Como me disse: *Aquela viagem que fizemos juntas foi um catalisador. Foi muito importante.*A morte de sua afilhada, Dione, logo após a visita, também foi determinante. Por causa da presença de Juscelina em Caiçara, alguns dos irmãos de Dione a viram pela última vez. Juscelina chegou mesmo a pagar a passagem aérea de alguns deles para que estivessem lá no carnaval e encontrássemos a família reunida. Do ponto de vista do significado que a pesquisa teve para ela, era como se ele a tivesse levado até lá para se despedir de sua afilhada:

> Juscelina: A morte da Dione foi um tsunami, entendeu? A Dione, você não pode imaginar o quanto ela me acelerou todo esse processo, é como se ela estivesse falando: "Está vendo? Você vai esperar até quando pra tomar uma decisão? Você vai até quando? Esperar até quando pra resgatar sua família? Quanto tempo mais você tem? O que você construiu até agora já não tá bom? Você precisa de mais pra viver? E aí você vai terminar, você vai ser enterrada e...tem que dar a chance de ter uma família, entender melhor eles, e eles te entenderem, você já esta com praticamente cinquenta e cinco anos, vai continuar assim? E vai querer mais o quê do mundo material? O que você vai querer mais?" Eu não... Materialmente, eu não quero mais nada materialmente, entendeu? E eu podia mesmo tomar decisões e partir.
>
> Priscila: Por que exatamente, Ju?
>
> Juscelina: Porque eu vivi aqui, estou muito bem... Do jeito da vida que eu estou tendo aqui agora eu estou muito bem, então lá estaria ótimo. Ir pra lá significa ter sacrifícios, mas um sacrifício que eu acho que...eu tenho que resgatar a época, algumas coisas. É que é o seguinte: olha, eu venho de lá, tenho que fazer o caminho de volta pra você resgatar uma série de coisas e proporcionar a eles também resgatar coisas minhas. Eu não posso resgatar de alguns irmãos porque são mais velhos, mas pelo menos a segunda geração [seus sobrinhos], eles me tem como exemplo. Se no mundo corporativo as pessoas sempre falam que quando crescessem queriam ser igual a mim, por que eu não posso fazer pelas pessoas mais próximas também? Se eu tive essa capacidade de influenciar pessoas aqui no mundo corporativo, porque que eu também não posso influenciar pessoas da família?

Gostaria de esclarecer neste tópico um pouco de como foi o período entre março e outubro de 2012, ou seja, desde a decisão de sair da Coca-Cola até a compra de seu apartamento em João Pessoa e o retorno para Paraíba. No dia 22 de março, eu me encontro com Juscelina pela manhã, em meu apartamento, antes de ela ir para o escritório. Ela estava um pouco abatida, demonstrava sinais de cansaço. Eu queria entregar a ela presentes meus, além dos enviados por Anita e alguns familiares. Eu tinha comprado, na feira de Guarabira, panelinhas de barro como as que ela brincava quando era criança. Durante os dias que estivemos em Caiçara, tais brinquedos tinham sido mencionadas por ela algumas vezes. Ela se

emocionou com o presente e falou um pouco sobre como estava abalada com a morte de sua afilhada. Nesse mesmo dia ela disse que estava decepcionada e cansada do teor *político*da estrutura corporativa atual, e conversamos sobre a possibilidade de eu fazer uma espécie de estágio na Coca-Cola para acompanhar sua rotina profissional. Até então, era isso que estava previsto como etapa seguinte da pesquisa. Meses após essa conversa em meu apartamento, ela fala sobre como estava se sentindo naquele dia:

> Pri, essa baboseira do escritório que eu já não aguentava mais, os assuntos, o mundo nojento já não... Já não estava... Já saturou a... O "disse me disse", a fofocaiada... Sabe? Essas pessoas despreocupadas em livrar sua pele matando o outro...Eu não estou mais afim disso, não quero matar mais ninguém, não quero mais fofoquinha com ninguém, não quero mais isso... Não quero... Não quero mais, eu não quero... Não quero fazer parte disso, a politicagem nojenta... Naquele dia que eu fui ao seu apartamento, naquele dia eu estava assim...naquele dia eu estava transtornada, transtornada. E eu tinha falado com meu chefe: Oh, eu estou pedindo pra eu sair, sabe? Já não... Eu estava extremamente infeliz, acordando aqui infeliz, tipo assim, acordava e não dormia mais, acordava com sono. Esse é o primeiro indício. Quando você acorda com sono, você não querer levantar o seu corpo, quer ficar em cima da cama, tem algo errado aí. Aí é onde você tem que repensar. Não quero mais isso Pri, não quero... Não quero... E não quis mais.

Dias depois da visita ela diz que tinha decidido deixar a empresa, entrar com o processo de aposentadoria, vender seu apartamento no Rio e voltar para a Paraíba. Eu tomei um susto enorme e marquei uma conversa com ela para entender tudo melhor. Após essa primeira entrevista da nova fase de Juscelina, eu comecei a traçar um novo planejamento para a pesquisa, e pedi a ela para acompanhar sua nova rotina. Entre abril e outubro nós nos encontrávamos quase semanalmente. Em algumas semanas, passamos de dois a três dias seguidos juntas, e fomos a várias reuniões do centro espírita, que ela voltou a freqüentar semanalmente.

Nos primeiros meses, Juscelina estava ainda bastante ansiosa, mas também certa de sua decisão. A ansiedade se devia ao fato de não saber quando venderia seu apartamento, quando poderia reorganizar sua vida em João Pessoa. Sempre impaciente, esses meses foram encarados por ela como um exercício para a *evolução espiritual* que ela estava determinada a enfrentar. Ela precisava treinar a paciência. Se no começo da pesquisa nós só saíamos com um carro enorme e sofisticado, da marca Kia, emprestado pela empresa, passamos a fazer nossos trajetos de ônibus ou carona. As roupas impecavelmente escolhidas para impressionar (sapatos italianos, vestidos de seda, lenços franceses, etc.) deram lugar a tênis, roupas de ginástica, camisetas. O tempo antes quase integralmente dedicado ao trabalho passou a ser utilizado para uma maior freqüentação da academia de ginástica, leituras de livros espíritas, visitas a seus amigos cariocas, preparação da mudança que ela ainda não sabia quando viria

(mas a ansiedade faz com que ela de adiante em tudo), audiência aos jogos das olimpíadas de 2012 (Juscelina adora esportes).

Nas freqüentações ao centro espíritas com as informações das palestras, dos *conselhos espirituais*edo estudo da literatura kardecista, elaia construindo interpretações para aquele momento de sua vida. Tais formulações devem ser compreendidas em consideração não só a esse momento de crise, em que novas questões estão sendo trazidas à tona, mas também às socializações anteriores, notadamente a primária e a profissional, responsáveis pela construção e cristalização das disposições e visões de mundo mais duráveis da biografada.

O tipo de ascetismo existencial defendido no kardecismo encontra afinidade com o ascetismo profissional de Juscelina, assim como com a sua disciplina e rigor. Juscelina transformou criativamente esse ascetismo profissional num ascetismo existencial. Pode-se falar de uma gestão agonística dos sentimentos resumida na seguinte frase: "*A batalha é de mim comigo mesma. É como se viessem na minha cabeça vários maremotos e eu tivesse que decidir o tempo todo como controlá-los"*. Ou numa outra frase que ele me disse algumas vezes: "*Eu sou a ré e a juíza. esse processo é tenso e intenso; eu me autoanaliso o tempo todo; eu não posso me boicotar."*

Esse ascetismo mais largo teorizado por Foucault como"prática de si e prática de auto formação do sujeito"[89] pôde ser apropriado eficazmente por Juscelina porque tem continuidade com o ascetismo da vida profissional. O exercício e aperfeiçoamento desse ascetismo pela via do trabalho no campo e depois da socialização profissional no mundo corporativo, forneceu as habilidades e disposições que a preparam para exercitar um ascetismo existencial ligado ao cuidado de si. Esse tem sido exercitado principalmente na socialização religiosa do espiritismo, ou seja, no convívio com os espíritas e no aprendizado dos princípios e regras da religião. O aprendizado religioso ocupa o espaço de sentido que antes era destinado à vida profissional. Sua vida, seu tempo e seu discurso são direcionados a isso, à *evolução espiritual*.Juscelina diz que pretende concretizar a possibilidade, afirmada em um dos *conselhos espirituais* (Anexo, G) a ela dirigidos, de *pagar todas as dívidas nessa vida*, para que não precise *voltar mais*:

89. É o que se poderia chamar de uma prática ascética, dando ao ascetismo um sentido muito geral, ou seja, não o sentido de uma moral da renúncia, mas o de um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser. Considero, assim, o ascetismo em um sentido mais geral do que aquele que lhe dá, por exemplo, Max Weber; mas está, em todo caso, um pouco na mesma linha. (FOUCAULT, 2008, p. 265)

> Irmã, que bom vê-la aqui nesta Casa de Recuperação. Não desanime...venha sempre que puder e encontrarás cada vez mais a tua paz e orientações espirituais. O caminho do bem é difícil, porém, não impossível. Reaja a qualquer influência que te tire do rumo certo a seguir.
>
> Sua vida é uma bênção pois recebeste esta oportunidade de reencarnar aqui na terra onde podes saldar todos os débitos contraídos em vidas passadas. Tenha sempre certeza que estaremos olhando por você. Sorria pois o sorriso afasta a tristeza. Abraços de seus amigos espirituais. (26/04/2012).

Certa vez, após uma visita ao centro espírita, ela me disse:*Pri, não quero mais voltar. É tão difícil reencarnar. A gente tem que ser tão perfeita.* Para *não voltar*, entretanto,ela precisaria*evoluir* e superar seus defeitos, sendo atenciosa, paciente e generosa, principalmente com a sua família[90], tal como ela interpretou a partir do *conselho*(Anexo H)psicografado*que transcrevo* abaixo:

> Graças a Deus. Que a paz do Mestre Jesus te envolva hoje e sempre. Querida filha, ser espírita não lhe dará privilégios, mas responsabilidades, já que muito será pedido a quem muito for dado, ou seja, conhecendo os mistérios da vida espiritual e a necessidade de pautar seus atos, palavras e pensamentos em consonância com as leis divinas, mais vigilância lhe será cobrada, respondendo com mais consciência pela inobservância dos preceitos de Cristo. Nada espere de terceiros além dos seus limites evolutivos. Aprenda a aceitá-los com suas restrições evolutivas, sem deixar de orientá-los com amor e energia, exemplificando nos mínimos atos do dia a dia, fé, esperança, otimismo e caridade. Tudo isto se fará sempre necessário para que o equilíbrio espiritual dos envolvidos não seja prejudicado. O importante é a tua semeadura. Mais cedo ou mais tarde, pelo amor ou pela dor, despertarão para a luz. Caridade para os mais carentes de pão e amor interior, fé, esperança e otimismo. O Mestre a ajudará a seguir para a frente e para o Alto. Paz e luz em Cristo. Do amigo de sempre.

Nos meses que a fizeram, como ela gosta de dizer, ratificar a decisão de retornar para a Paraíba e se reaproximar da família, percebi que Juscelina passou a ver sua vida como uma espécie de peregrinação, ou seja, como um conjunto de situações vividas que forma um caminho percorrido entre dois pólos temporários, "o lugar profano do habitualmente vivido e o lugar sagrado de um excedente salutar mitificado" (RIVIÊRE, 1999, p. 60). Assim, a crise de 2012 e o retorno marcariam a entrada numa etapa peregrinatória mais próxima do pólo

90 Ela também se apoiou em leituras da literatura kardecista, como um dos livros analisados nas palestras que frequentamos juntas. Um dos trechos aludidos pelos palestrante, transmitido pelo espírito André Luiz e psicografado pelo médium Chico Xavier, no livro « Sinal Verde », intitula-se « Parentes difíceis », e professa o seguinte ensinamento : Aceite os parentes difíceis na base da generosidade e da compreensão, na certeza de as leis de Deus não nos enlaçam uns com os outros sem causa justa.O parente problema é sempre um teste com que se nos examina a evolução espiritual.Muitas vezes a criatura complicada que se nos agrega à família, traz consigo as marcas de sofrimentos ou deficiências que lhe foram impostas por nós mesmos em passadas reencarnações. Não exija dos familiares diferentes de você um comportamento igual ao seu, porquanto cada um de nós se caracteriza pelas vantagens ou prejuízos que acumulamos na própria alma. Não tente se descartar dos parentes difíceis com internações desnecessárias em casas de repouso, à custa de dinheiro, porque a desvinculação real virá nos processos da natureza, quando você houver alcançado a quitação dos próprios débitos ante a Vida Maior. Nas provações e conflitos do lar terrestre, quase sempre, estamos pagando pelo sistema de prestações, certas dívidas contraídas por atacado. (André Luiz - Chico Xavier)

espiritual, ou seja, daquele onde se aspira ao auto-aperfeiçoamento. Na perspectiva da biografada, portanto, é a dimensão religiosa que confere sentido e unidade à sua trajetória.

Juscelina encontrou o apartamento que decidiu comprar em João Pessoa no dia 27 de agosto de 2012, ou seja, 10 dias após o a sua chegada na cidade. Em 28 de agosto, ela me liga para contar a novidade, como anoto no caderno de campo:

> Juscelina me liga. Diz que viu mais de 50 apartamentos antes de comprar o que escolheu, que *apareceu no apagar das nuvens*. Segundo ela, esses foram 10 dias nos quais *ela pôde ratificar em seu coração a decisão que tomou*. Foram 10 dias *abençoados por Deus*, em que ela viu a tranqüilidade e qualidade de vida que teria lá. Agora, diz ela, eu tinha certeza que era isso mesmo que eu tinha que fazer. (Caderno de campo. 28 de agosto de 2012)

Entre agosto e outubro de 2012, Juscelina preparou sua mudança, e foi se despedindo aos poucos do Rio de Janeiro. Seus familiares também foram sabendo aos poucos que ela havia mesmo decidido voltar para a Paraíba. Eles se surpreenderam, e ficaram felizes e seguros por terem Juscelina mais perto. Essa aproximação, entretanto, trouxe novos desafios e tensões. O retorno não marcou o final dos conflitos vividos ao longo da trajetória, mas possibilitou que eles fossem melhor compreendidos. De todo modo, eu decidi finalizar, nesse momento do retorno, a investigação biográfica. Porém, ainda faltava compreender uma dimensão da vida caiçarense, e, portanto, da trajetória de Juscelina, que dependiam de uma nova incursão etnográfica. Em setembro de 2012 eu retornei à Paraíba para tentar entender melhor o "tempo da política" (Palmeira, 2001), assim como as várias questões suscitadas durante a pesquisa que estavam a esse momento específico da vida comunitária ligadas, mas que por não ter acompanhado a política com mais profundidade, eu não sabia bem como interpretar. É sobre o tempo da política caiçarense e o que ele contribui para a construção das interpretações de várias situações e momentos da pesquisa aqui apresentada que passo a falar no capítulo 5.

TEMPO DA POLÍTICA E TEMPO DE JUSCELINA

A biografia sociológica que procurei construir só pôde fazer sentido após o trabalho artesanal de frequentes retornos às anotações teóricas, cadernos de campo, entrevistas, fotografias e documentos. A cada etapa da pesquisa era preciso revisar todo esse material. Por causa desse trabalho de constante tentativa de compreensão de dados novos por meio do regresso aos antigos, e vice-versa, algumas vezes a análise de anotações do início da pesquisa com o olhar de alguma fase posterior lançava luz sobre questões obscuras; outras vezes os dados eram reinterpretados, ou mais bem entendidos. Foi no "tempo da política" (PALMEIRA, 2001) de Caiçara que esse processo de descoberta de informações subinterpretadas ou de modificação das análises iniciais ocorreu de modo mais intenso. É oque esclareço.

Em setembro de 2012 voltei à Paraíba. Minha intenção era acompanhar um pouco como estava acontecendo o retorno de Juscelina e também conhecer o tempo da política de Caiçara. Fiquei no Estado entre 20 de setembro e 15 de outubro. Acompanhei o período anterior à eleição municipal, o dia da votação (8 de outubro) e a semana posterior. A investigação da *política* tinha, inicialmente, três objetivos. Primeiro, precisava compreender a dinâmica de um elemento fundamental da estrutura sócio-histórica específica da comunidade onde Juscelina viveu sua infância e sua família viveu boa parte da vida. Era necessário também averiguar o papel da política na vida familiar (existência de membros da família que exerceram atividade política, tipo de participação política exercida por seu pai e irmãos, etc.). Pretendia, ainda, investigar como as características e repercussões cotidianas da política local ajudaram a formar as cosmovisões da pesquisada tanto sobre assuntos de política propriamente dita quanto sobre a relação desta com a economia, religião, família, ética, etc. Antes de conhecer de perto os processos e significados sociais da política local não poderia saber o quanto ela, enquanto momento específico da dinâmica caiçarense, esclareceria aspectos essenciais da pesquisa.

A partir da observação do significado profundo que as práticas e crenças dessa época específica portam é possível compreender a dinâmica social de Caiçara e sua dependência dos tempos. A percepção da política como uma época marcada pela interrupção do cotidiano me mostrou que essa é também a lógica que organiza as visitas de Juscelina à Caiçara.

A princípio procuro demonstrar a especificidade da política caiçarense, explicitando as articulações entre política e religião. Em seguida, exponho como a experiência de conhecer a

política local me levou a compreender o sentido mais profundo da experiência migratória e dos *"que vêm de fora"* naquela comunidade. Num terceiro momento avalio o que, em função das reflexões analíticas desta época, pude apreeender sobre a minha posição com relação aJuscelina e à sua família. Então finalizo o capítulo com uma descrição dos momentos finais das eleições municipais de 2012.

5.1- A *política*como tempo

Na ocasião da minha primeira temporada em Caiçara, de fevereiro a março de 2012, a *política* foi assunto recorrente, mas não onipresente, nas entrevistas e observações. Alguns familiares de Juscelina já pensavam em participar das eleições como colaboradores e comocandidatos.O resultado da eleição para o governo da Paraíba demonstrou a força política de um comerciante local que até então não tinha nenhum tipo de envolvimento direto com a política e nem mesmo filiação partidária, Cícero da Eletrolar. Ele havia feito campanha para Eduardo Coutinho (PSB) na disputa para o Governo do Estado, em 2010, enquanto o então prefeito da cidade, Hugo Alves (PMDB), apoiava a candidatura de José Maranhão (PMDB).

O fato de o candidato ao governo do Estado pelo PSB ter tido, em Caiçara, apenas cerca de 600 votos a menos (648 no primeiro turno e 544 no segundo) do que o candidato do PMDB, partido que governava o município havia 18 anos, evidenciava que uma possível candidatura de Cícero à prefeitura na eleição 2012 tinha chances reais de vitória. Nas eleições anteriores para a prefeitura Hugo Alves, então prefeito, ganhou com uma vantagem de 1700 votos, de modo que se esperava um número próximo a esse de vantagem para o candidato apoiado por ele para o governo do Estado. A capacidade de políticos locais transferirem votos para os candidatos por eles apoiados na competição pelo governo do Estado (*política da capital*) é uma forma de medir o poder do líder local. A essa matemática sociológica estão atentos não só os *poderosos,* mas a população de forma geral, que conhece bem o funcionamento do jogo político.

Após a vitória de Eduardo Coutinho no Estado e a expressiva votação a favor do PSB em Caiçara, Cícero passou a ser considerado o único capaz de enfrentar o candidato que seria apoiado por Hugo Alves nas eleições municipais. Este pertence à família que esteve na prefeitura de Caiçara diversas vezes nesses 100 anos de emancipação do município[91]. Desde

91. A cidade emancipou-se do município de Serra da Raiz em 1908.

as primeiras décadas do século XX o grupo dos "Alves" disputa a prefeitura eganhou a eleição em vários momentos da História da cidade[92].

Cícero então iniciou uma série de ações para estruturar sua candidatura à prefeitura de Caiçara nas eleições de 2012. Uma delas foi a fundação de um comitê do PSB na cidade. Em vez de filiar-se aos partidos de oposição jáorganizados no município, como o PSDB e o DEM, Cícero preferiu figurar como uma alternativa à oposição fracassada nas quatro eleições municipais anteriores. Ele reuniu os políticos ligados aos partidos de oposição e todos concordaram que deveriam tê-lo como líder.

Apesar de não ser *filho*de Caiçara – é do município de Dona Inês, no Sertãoparaibano –, Cícero já morava na cidade havia12 anos e era, à época, muito conhecido por sua *bondade com os pobres* e por ser um homem *batalhador*, *que conseguiu tudo que tem com trabalho*. Ter nascido na cidade e, portanto, ser *filho* dela, foi utilizado como critério de legitimidade para os candidatos ao governo local. O fato de ter nascido e sido criado em outro município impunha a Cícero um ônus. Ele defendia a legitimidade de sua candidatura, apesar de não ser *filho*[93] da cidade, com o argumento de que, ao contrário dos políticos que dizem ser de lá, mas *moram na capital*, ele acompanhava de fato o cotidiano local e conhecia suas necessidades[94].

Procuraremos demonstrar, entretanto, que a lógica na qual se baseia o apelo a favor do *filho* da cidade convive com outra, aquela subjacente à migração e que defende que a revolução, a libertação, só pode ser feita pelos que *vêm de fora.* Aparentemente contraditórios, esses dois registros se complementam. O primeiro, mais explícito, convive com o segundo, opaco e mais profundo. Antes de explicar melhor retorno à descrição da disputa local que teve início em 2010 e ápice em 2012 .

Em fevereiro de 2012 os acontecimentos relativos à reestruturação da dinâmica das relações políticas em Caiçara já interferiam no cotidiano. Um informante que pretendia

---

92. O reservatório da água da cidade, a *Lagoa*, fica nas terras dos Alves, o que indica um pouco de como recursos derivados do patrimônio fundiário puderam ser capitalizados politicamente.

93. A propósito da associação nativa entre a mulher, a terra e a comunidade, que está subjacente à expressão *filho de Caiçara*, ela foi em diversos momentos invocada pelos meus interlocutores. Uma habitante me explica o que é, segundo ela, o maior problema da cidade, da seguinte forma:*Uma cidade sem desenvolvimento é como uma mulher infértil. Ela cresceu por fora, mas por dentro é morta, é inútil. Caiçara cresceu, mas sem se desenvolver, então não prospera*.

94.A invocação da ilegitimidade política do *forasteiro* foi repetida em outras campanhas, como a que opôs Luiz Alves de Carvalho (MDB) e Antônio Lôla (ARENA) no pleito eleitoral de 1968. Um das músicas de campanha do candidato do MDB dizia: *É grande a opressão em Caiçara, ninguém tem medo/ Falou o professor e já disse que é direito,/Governo que é decente não maltrata, não obriga/ A lei não desacata e fala nesse tom/Luiz quem vai ganhar todos sabem não tem jeito/É ele o prefeito que Caiçara vai eleger/Luiz é barra limpa todos sabem, sim senhor/Que o resto manda brasa pra mostrar que tem valor/Quem tá do outro lado já não sabe o que fazer/O inhame acabou-se não tem mais o que comer/O dinheiro também mas este foi mais ligeiro/Não vote em Antônio Lôla porque ele é forasteiro.*

candidatar-se a vereador colocou o tema em pauta várias vezes:*a política da capital é só chá, os eleitores lá só tem opinião. No interior é diferente. Aqui o político tem que trabalhar mesmo porque ele é cobrado o tempo todo.* Ele demonstrava vontade de desafiar o prefeito e seus apoiadores, no entanto manifestava certa insatisfação com as recorrentes cobranças e avaliações de sua vida pessoal, hábitos, rotinas, etc. A *política*, segundo ele, havia começado em 2010, quando Cícero provou sua força:*a política começou logo depois do governo.*

Àà época eu não compreendi o que essa afirmação revelava sobre as movimentações em Caiçara naquele momento. Só pude entender melhor a afirmação em setembro de 2012, quando, alguns dias antes de seguir para Caiçara, onde acompanharia a rotina da cidade nos dias anteriores à eleição, conheci Daniel, o irmão de que recebeu Juscelina quando ela se mudou para o Rio de Janeiro e que ainda mora na capital carioca. Destaco o que me disse Daniel pouco antes de nos despedirmos.

> Priscila: Como é a política lá em Caiçara, Daniel?
> Daniel: Ah, é que nem Copa do Mundo, São João. Não tem Copa do Mundo? Não tem São João? Então, a política é assim. Agora tá quente, aí depois esfria. Depois que passa, fica um ou dois só falando na rua e ninguém dá confiança. Agora, fica todo mundo brigando, depois acaba...Mas agora todo mundo sabe quem vota em quem. (Caderno de campo, setembro de 2012.)

Nessa conversa Daniel explicou a dinâmica da política caiçarense como uma época, um tempo. Percebi, então, que poderia encontrar em Caiçara importantes semelhanças com as representações e práticas políticas das áreas estudadas por Moacir Palmeira e Beatriz Heredia (1997). As características comuns encontradas nessas áreas pelos antropólogos geraram um conjunto de trabalhos de Antropologia da Política nos quais esta é compreendida como época específica, o "tempo da política":

> (...) no qual mais do que a suspensão do cotidiano, trata-se da criação dentro do cotidiano que não o elimina, mas interfere profundamente na sua maneira de operar (...). O tempo da política não se confunde com o período eleitoral. Não se trata de uma demarcação cronológica, mas de um conjunto de atividades e sentidos que respeitam um ritmo, provocam conflitos, instauram uniões, exigem rituais e solicitam interdições. (PALMEIRA e HEREDIA, 2010, p. 175).

A compreensão da temporalidade que ordena a comunidade lança luz sobre quais são os elementos estruturais que a dinamizam, as categorias sociais que a hierarquizam e as práticas sociais que nela se segmentam. De um ponto de vista analítico, Caiçara pertence a um espaço social moderno e ela própria se organiza como tal, ou seja, como espaço hierarquizado e estruturado pela posse diferencial de capitais econômico, cultural e social (BOURDIEU, 2007a). Entretanto, a forma como esse espaço se dinamiza é diferente da forma como espaços

mais pluralizados, ou seja, sistematicamente aparelhados por uma pluralidade de campos ou esferas, o fazem.

5.2– Política, dom e Deus

Os primeiros elementos que me ajudaram a compreender a dinâmica da política caiçarense não eram propriamente políticos, mas religiosos. As observações de como as atividades da Igreja Católica se adaptavam àquele momento da vida local me forneceram as primeiras pistas de um caminho interpretativo e analítico no qual a religião se mostraria fundamental de várias maneiras. Uma sobrinha de Juscelina, na casa de quem me hospedei, relatou que a política já tinha sido iniciada na Festa da Colheita, em outubro de 2011, um ano antes das eleições de 2012. Desde a decadência da agricultura na região a festa tinha uma forte dimensão *profana*, caracterizada pela presença de músicas não religiosas e pela intenção dos participantes, que, segundo ela, mal se lembravam de que o objetivo da festa era agradecer a Deus pela safra.. O fato de a festa ter sido politicamente utilizada era, para ela, um sinal ainda mais grave de profanação.

À época, a oposição não estava ainda partidariamente definida e organizada, mas já havia claros sinais de disputa e rivalidade entre o prefeito e seus seguidores e outrogrupo cujos líderes se faziam representar pela participação eloquente no leilão da festa. Um comerciante, que fazia parte da turma da oposição e depois formalizou sua candidatura a vereador, comprou por R$ 2.000 um animal que valia em média R$ 400. A intenção era ostentar poder econômico e assumir publicamente a disposição para entrar na briga, que, antes de ser eleitoral, é disputa por prestígio, pelo direito de encarnar o papel do líder.

Na tradição nordestina, a festa é, por excelência, um local onde se deve apresentar o intento de contenda, e a política mesma é definida por alguns como *festa.* Uma senhora diversas vezes eleita vereadora na cidade, me diz que ela leva uma vida muito simples, mas (...) *na política eu brinco. A política é a única festa que eu gosto.* Várias das narrativas da literatura de cordel apresentam intrigas centradas em desafios (*pelejas*) declarados em eventos festivos. A festa é o evento cuja temporalidade e espacialidade são formatadas para a recepção das expressões estéticas e performáticas ligadas à encarnação pública de uma persona, a qual figurará com disputante. Ao longo do tempo da política, o candidato vai construindo uma personagem, moldando a máscara, no sentido maussiano (MAUSS, 2001), que é a face de sua

reputação. Na medida em que nas festas religiosas concorre-se pelo prestígio diante dos eleitores, a Igreja perde o protagonismo e torna-se,nessa época, instrumento da política.

A Festa da Colheita é seguida da Festa de Reis, na primeira semana de janeiro. Essa é tradicionalmente a época em que os migrantes retornam para as festividades de fim de ano. É o maior festejo de Caiçara. Para a *política,* ela é menos importante que a Festa da Colheita, já que nesta o *povão* está concentrado, enquanto na de Reis os eleitores caiçarenses se misturam aos habitantes de municípios vizinhos e àqueles familiares de caiçarenses que partiram e não mantiveram domicílio eleitoral no município (há muitos outros migrantes, entretanto, que ainda votam na cidade). Na Festa de Reis de 2012 os grupos rivais entraram em disputa de forma mais ostensiva. O bloco oposicionista, liderado pelo então pré-candidato Cícero da Eletrolar, foi aplaudido ao chegar à festa, o que acirrou os ânimos entre os dois grandes grupos inimigos[95]. As intrigas circularam durante as noites na forma de fofocas, enquanto os olhares intimidantes e as ameaças sutis e explícitas atravessavam o pavilhão, dividido pelas duas "facções" e seus respectivos apoiadores.Palmeira (1992) justifica a utilização do termo facção para falar dos "partidos reais" notando que "para o eleitor, o que está em pauta não é escolher representantes, mas situar-se de um lado da sociedade. E, em se tratando de adesão, tanto quanto o voto, pesa a declaração pública antecipada do voto" (PALMEIRA, 1992, p.27). Assim, o pertencimento a um dos lados da disputa travada no tempo da política significa um comprometimento que ultrapassa o voto e abarca diversos tipos de declarações públicas, algumas vezes ritualizadas com a utilização de cores do partido, colocação de bandeiras nas casas, discursos acalorados nas ruas, explosão de fogos de artifício, etc.

Os ânimos acirrados pela vontade de batalha durante as duas maiores celebrações religiosas da cidade, além dos boatos cotidianos, indicadores de que a política estava *quente*, convenceram o padre local a reorganizar o calendário das atividades da Igreja em 2012, pois ela não seria capaz de agregar os fiéis naquele ano de eleição. Algumas datas importantes, como os dias de Santo Antônio (13 de junho), Santa Clara (11 de agosto) e São Miguel (28 de setembro), foram celebradas com missas e novenas, mas sem as quermesses, já que essas seriam, como as outras festas, politicamente manipuladas. As missas também costumam ficar mais vazias, a não ser quando utilizadas por algum candidato. Isso aconteceu no dia do aniversário do então prefeito da cidade, Hugo Alves, em agosto de 2012. Uma missa foi celebrada e o aniversariante pediu ao padre permissão para se pronunciar por meio da leitura

95. Há na Festa de Reis uma divisão espacial que respeita, sobretudo, a hierarquia econômica. Quando é tempo da política esse espaço dos mais abastados é segmentado também pelas facções rivais.

de um texto bíblico. Tratava-se de trecho do *Evangelho de São Mateus* (21- 23), que narra a expulsão dos fariseus do templo de Jerusalém, denunciando-os como "sepulcros caiados"[96]:

> (...) Então Jesus entrou no templo, expulsou todos os que ali vendiam e compravam, e derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. E disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a fazeis covil de salteadores (...).
>
> Então falou Jesus às multidões e aos seus discípulos, dizendo:*(...) Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos e de toda imundícia. Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade*.(Grifo nosso)

O recado era claro. Os fariseus, assim como o candidato da oposição, eram comerciantes. Eles foram expulsos do Templo porque profanavam a Igreja para obter lucro, tal como os *mercenários* da oposição, que pretendiam comprar a lealdade do povo com dinheiro. A polarização valorativa dava-se assim: a situação dizia haver uma luta entre, de seu lado, a lealdade e a devoção sincera, e do outro, a ganância e a *hipocrisia*. Isso dava inteligibilidade à metáfora do sepulcro caiado invocada pelo prefeito em seu pronunciamento e que ecoou pela cidade após a missa.

Em agosto de 2012 *o clima* (como os caiçarenses costumavam nomear e estado da emoção coletiva no período eleitoral) estava ainda mais*quente* e os boatos de que eleitores da situação, representada pela cor vermelha, tiravam as bandeiras do partido de suas casas para substituí-las pelas bandeiras de cor laranja, a cor da coligação da oposição, espalhavam-se pela cidade com muita força .Os peemedebistas justificavam o crescente apoio à oposição com o argumento de que *fracos* e *traidores* estavam trocando a lealdade à tradição pelo dinheiro ilegítimo da oposição (representada no discurso bíblico pelos fariseus). A nova oposição, por sua vez, defendia que a batalha era entre a vontade de libertação do *povo* do jugo de quem *sempre esteve no poder* contra*aditadura* dos poderosos. Às diversas variações discursivas dessa polarização estava subjacente a confrontação entre tradição e modernidade, nos termos dos significados sociais que essa oposição carrega.

Apesar de esses valores serem manejados pelas duas "facções" (PALMEIRA, 2006) nas justificativas implícitas ou explícitas de suas ações cotidianas de conquista e controle de partidários, percebi que o partido estabelecido valia-se mais sistematicamente do argumento

96. Os sepulcros caiados são caixas mortuárias pintadas de cal. Entre os judeusera costume pintar as sepulturas com cal para evitar que se tornassem impuras caso alguém as tocasse. O óxido de cálcio possui essa propriedade: calcinar (esterilizar) e branquear, limpar. A cal dá aparência de novo e esconde temporariamente as imperfeições, mas em pouco tempo a tinta se desintegra e deixa à mostra as marcas existentes. A expressão sepulcro caiado, atribuída a Jesus no livro de Mateus, é utilizada aqui como metáfora de pessoas e atitudes que aparentam pureza, mas escondem em seu interior a podridão.

da fidelidade. É sociologicamente compreensível que seja assim se consideramos que, sendo um grupo político com maior tempo de domínio, seus eleitores tenham sido fidelizados com argumentos que se afinam mais fortemente tanto com a ética camponesa e seu imperativo de lealdade quanto com a tradição de diversos tipos de práticas de consecução de apoio eleitoral que, num sentido muito geral, poderiam ser chamadas de "clientelistas" (LEAL, 1976).

A lealdade à tradição pode ser superada argumentativa e eticamente pela lealdade àquele que se dedica ao povo das mais diversas maneiras. Em ambos os casos, é a lógica do dom que preside as justificativas de apoio à tradição representada pelo PMDB ou à renovação representada pela oposição (Cícero da Eletrolar). Sendo fato social total, como teorizou Marcel Mauss, o esquema da dádiva – dom, aceite e contra-dom –, com o qual operam determinadas formas de lealdade política, orienta outras práticas sociais. Pude perceber as diversas facetas da dádiva na dinâmica social caiçarense no tempo da política porque neste os arranjos sociais engendrados (rigoroso controle social, utilização de uma linguagem específica, conflitos e uniões temporárias, explicitação dos critérios de acordos recíprocos ligados à escolha eleitoral, explicitação frequente de regras éticas e morais, etc.) permitiram o acesso aos princípios informadores da ação social por um ângulo dificilmente perceptível no cotidiano (PALMEIRA, 2006). Foi nesse momento que pude compreender alguns aspectos do dualismo gratuidade/interesse[97], entre eles a demonstração de *paixão* pela *política*.

O ardor de uma grande parte de eleitores – manifesta em brigas cotidianas com vizinhos, divórcios (que podem estender-se para além da época da política), brigas entre pais e filhos e apostas eleitorais vultosas – é melhor compreendido se consideramos, como faz Bourdieu (1997), a *paixão* não como ato destituído de interesses utilitários, mas como um comportamento que se opõe à indiferença, sendo esta mesma objeto de controle social[98]. O

97. Foi somente no tempo da política que compreendi, por exemplo, que a importância social atribuída às parteiras e benzedeiras demonstra o profundo significado social da economia do dom nessa sociedade. O trabalho de ambas é um dom de Deus, e por isso não pode ser financeiramente avaliado, nem, tampouco, por consequência, cobrado. O dinheiro profanaria o presente divino. Pode-se cobrar pelo que se aprende aqui na terra, o que é mundano, mas o que é recebido como dádiva de Deus deve ser exercido de acordo com a vontade Dele, ou seja, gratuitamente. É dessa forma que se demonstra tanto o merecimento quanto o oferecimento do contra-dom, justamente o exercício gratuito do dom. Aceitar o dinheiro pela capacidade de realizar partos ou de curar o espíirito e o corpo por meio da reza seria como romper a lógica da economia da dádiva, pois além do presente de Deus receber-se-ia também um pagamento pelo exercício do dom; exercício que é, ele mesmo, a retribuição devida a Deus.

98. Por outro lado, se a paixão é muito ostensiva, de apaixonado *o integrante da facção se torna um* babão*, o que afeta seu gradiente de honorabilidade, na medida em que, exagerado em suas manifestações, demonstra não dominar com precisão o "sentido do jogo da honra" (BOURDIEU, 200). Algumas das atitudes dos* babões*, que estão no limite entre a paixão e a vergonha, são gritar palavras de provocação nos poucos momentos em que a disputa está momentaneamente suspensa, quando as ruas estão vazias, tecer elogios repetidos ao líder da facção ou esforçar-se demasiadamente para estar pertodeste. Por outro lado, pelo motivo mesmo de à figura do* babão *estar associada à do parvo, muitas vezes a palavra é utilizada como ofensa entre as facções.*

eleitor indiferente é censurado por desrespeitar a regra segundo a qual todos devem tomar partido. Foi o que aconteceu com um professor da cidade que, procurando defender uma posição distanciada, arriscou a estratégia de manter-se neutro. Ele colocou uma bandeira branca em sua casa alguns meses antes das eleições de outubro de 2012 e ela foi alvejada com ovos podres.

Opondo a noção de "interesse" à de "indiferença" (BOURDIEU, 1997), podemos supor que muitos dos eleitores do *Sul* do país, considerando as regiões mais ricas e que são historicamente dominantes na relação com o Norte e Nordeste, podem ter um comportamento mais distanciado e indiferente à política porque as decisões políticas não pesam tão diretamente. . Em Caiçara, o período imediatamente posterior às eleições municipais é aquele em que tende a ocorrer o maior número de migrações, pois muitos dos cidadãos que não apoiaram os candidatos vencedores perdem seus empregos e aqueles que fizeram uma campanha *apaixonada* para o candidato perdedor passam a viver uma situação temerária. Como a dinâmica da cidade e a vida de muitos cidadãos é fortemente dependente de serviços e favores diversos de órgãos do município (centro de assistência social, posto de saúde, etc.), o partidário *apaixonado* da facção perdedora pode sofrer vinganças ou retaliações que dificultariam seu cotidiano na cidade.

Por isso muitos fazem migrações temporárias e voltam para a cidade quando percebem a possibilidade de novo engajamento no próximo tempo da política. Além de os eleitores de Caiçara, em sua maioria, não serem indiferentes à política porque as decisões impactam muito diretamente as suas vidas, há um outro fator que explica o investimento nesse jogo. É que eles reconhecem com agudeza os alvos do jogo e por isso conhecem muito bem as regras que presidem seus investimentos nele.

Devemos considerar que a política local tem características muito específicas, cuja filogênese, que não é objeto desse texto, pode ser vasculhada nas articulações entre o senso de honra herdado da cultura e condições de existência características de uma comunidade predominantemente agrária, a dominação política e econômica de latifundiários, a cultura bíblica (VELHO, 1995), e os princípios globais da sociedade de mercado da qual Caiçara faz parte. O tipo de hierarquia social que ali se construiu concorre, ainda, com os critérios hierárquicos da sociedade capitalista (volume e estrutura dos capitais econômico e cultural) e com a meritocracia que o sustenta simbolicamente. Essa grande variedade de elementos se expressa no comportamento eleitoral (apêndice A), também nas visões de mundo dos eleitores e no significado profundo que carregam a migração e aqueles *que vêm de fora*.

5.3 –"Os bons profetas vêm de fora"

Pouco antes de finalizar minha primeira estada em Caiçara, na véspera da viagem de volta a João Pessoa, de onde embarcaria para o Rio, Ramos, um de meus principais informantes, e de quem me tornei amiga, pediu que eu fosse até a casa onde ele armazena as frutas que negocia porque havia feito uma "homenagem" a mim. Tratava-se, explicou, de uma frase que havia escrito *na parede*. Quando cheguei ao local, me surpreendi. Ramos havia contratado um pintor que escreveu na fachada a frase bíblica: *Os bons profetas vêm de fora.*

Figura 39 - Fachada da casa onde Ramos armazena as frutas e castanhas que negocia.
Foto: Coutinho, P.O. Março de 2012.

Eu fiquei bastante comovida e falei:*Mas eu não sou profeta, Ramos*, ao que ele me respondeu: *Eu sei, mas tudo que é bom vem de fora. Você não foi comigo lá em Jacaraú buscar coco? O coco de lá não é melhor que o de Caiçara? Então, tudo que é bom vem de*

*fora!*À épocanão fui capaz de compreender o significado etnográfico daquela homenagem, mas tinha algumas intuições. Muito do queRamos me contou sobre o *heroísmo* de seu pai, os apuros que ele próprio viveu nos tempos em que trabalhava na construção civil e a *bravura* com a qual enfrentava a vidaeram como narrativas à espera de um interlocutor. Ramos tinha muito orgulho da sua história e de sua família, mas não encontrava quem o ouvisse a sério. Lembro-me de que em um dos passeios que fizemos estávamos acompanhados de alguns colegas que o ajudavam a recolher as frutas que Ramos negocia em mercearias e na feira de Caiçara. Ele nos contou algumas das histórias de sua família, como quando voltaram de avião do Pará, e seus colegas riam porque achavam que aquelas eram histórias inventadas. O lirismo e a ingenuidade que caracterizam o temperamento de Ramos são frequentemente confundidos com algo como a rusticidade cômica de um palhaço, aquele que, exibindo seu fracasso, leva regozijo e a sensação de superioridade à platéia, levando-a ao riso. Ramos, entretanto, viveu de fato as aventuras que ele conta com exímia habilidade narrativa, e eu fui uma interlocutora que ouviu todas elas com interesse de pesquisadora e amiga.

Além disso, foi quando estava em minha companhia que Juscelina demonstrou excepcional e, na opinião dos familiares, surpreendente interesse pelas memórias familiares. Eu pensei que a *homenagem*, então, era como uma espécie de agradecimento pela escuta e valorização daquelas recordações que guardava com amor e orgulho. Certamente essas foram questões que marcaram minha relação com Ramos, mas a frase bíblica a mim dirigida carregava sentidos mais opacos e profundos, os quais só compreendiquando voltei a Caiçara no tempo da política. Em setembro de 2012, uma semana antes do dia das eleições, estava sentada em um banco da avenida central de Caiçara fazendo anotações no caderno de campo. Um dos primos de Juscelina, que eu havia conhecido em fevereiro, me cumprimentou e disse:

> Primo de Juscelina: Você aqui de novo? Gosta de Caiçara.
> Priscila: Gosto daqui, sim. Vim ver a política.
> Primo de Juscelina: Por que você não vem pra cá e traz as suas riquezas.
> Priscila: Mas eu não tenho riquezas.
> Primo de Juscelina: Não...A sua riqueza é o bem que você pode fazer pela cidade e pelo povo.
> Priscila: Não entendi muito bem...
> Primo de Juscelina: Moisés veio de longe salvar o povo. Foi pra Terra Prometida pra libertar o povo da mão dos Faraós. Vem pra cá também. A gente precisa de gente de fora pra tirar a gente da escravidão...Porque o povo daqui é escravizado pelos senhores, né.

Ele referia-se à liderança de Moisés sobre o povo judeu em fuga da escravidão do Antigo Egito. O profeta guiou seu povo em um êxodo pelo deserto durante 40 anos, os quais, no texto bíblico, se iniciam com a famosa passagem em que Moisés abre o Mar Vermelho

para permitir a travessia segura dos judeus. Compreendi, então, que o significado da migração, assim como dos que "vêm de fora" deve ser compreendido no registro da cultura bíblica já mencionado no capítulo 3, quando analisei a associação entre o sisal e o *capa verde (besta fera),* e o sentido religioso atribuído à morte dos meninos pequenos.

Com a frase em minha homenagem Ramos procurava comunicar que as boas novas não são trazidas pelos da terra, mas pelos *de fora*. A capacidade de renovação e libertação, portanto, não está na terra mesma, mas naqueles que, vindo de outro lugar com as suas *riquezas*, têm olhos mais hábeis para identificar os males e recursos para combatê-los. Assim, a deferência com que muitas vezes fui tratada não foi motivada somente pelo fato de eu ser *pesquisadora*, *amiga da Juscelina* ou uma *moça do Rio de Janeiro*, cidade ainda mitificada no imaginário local, mas também porque, sendo de fora, eu poderia ser aquela que levaria algum bem para a cidade. Para profetizar, para ver adiante, é preciso ser de fora, ter a capacidade de ver a distância. Por irônico que seja, foi difícil não perceber a coincidência entre esse princípio e o trabalho do pesquisador.

A apreensão do sentido da frase de Ramos também me ajudou a entender melhor os caminhos pelos quais o candidato Cícero da Eletrolar ia sendo mitificado durante as eleições. Ele também vinha de fora, além de ter nome de santo (Padre Cícero), o que também carregava importante carga simbólica. Cícero soube aproveitar o potencial religioso de sua figura e habilidosamente reverteu a seu favor o fato de ser de outra cidade e de não pertencer a nenhuma das famílias que sempre governaram Caiçara e arredores. Duplamente forasteiro, as promessas de renovação e libertação apresentadas por ele carregavam um sentido profundo. Sua biografia associada ao comportamento *caridoso, simples*, apontavam-no como um salvador, aquele que levaria à Caiçara a libertação do jugo dos *poderosos.*

Em setembro, a casa pintada com a frase bíblica tinha sua fachada decorada também de cartazes do forasteiro e candidato Cícero:

Figura 40 - Ramos, na porta da casa que serve de depósito para suas mercadorias, segura uma fotografia do Poconé, com a qual o presenteei. A frase bíblica da fachada harmoniza com os cartazes e o slogan de campanha do político forasteiro.
Foto: Coutinho, P.O., Outubro de 2012.

5.4 – O tempo de Juscelina

O tempo da política em Caiçara me fez compreender que as visitas de Juscelina respeitavam uma dinâmica muito próxima daquela definida por Palmeira (2001) como "um cotidiano dentro do cotidiano". Considerando a escala não de uma comunidade, mas de uma família, a dinâmica e o impacto das visitas da filha caçula que venceu na cidade grande me fizeram ver que, assim como há o tempo das festas, da política, e da colheita, há o tempo de Juscelina, no qual a família se prepara para recebê-la. Essa preparação inclui a limpeza, arrumação e pequenas reformas nas casas, preparação de refeições e um acordo explícito ou implícito sobre quais assuntos e comportamentos serão os preferíveis nos dias da visita da irmã caçula.

Nessa época havia também um impacto sobre a economia dos núcleos familiares dos irmãos de Juscelina. Em fevereiro Ramos me falou: *Quando Juscelina vem aqui ela traz tanta roupa pra mim que dava até pra montar um armarinho.* A caçula sempre leva muitos

alimentos, roupas, sapatos e brinquedos, além de utilidades domésticas e diversos outros itens, como medicamentos. A quantidade de itens presenteados por Juscelina definiria muito sobre a organização dos orçamentos domésticos nos meses seguintes.Era ela também quem observava a necessidade de atendimentos médico ou odontológico, e tomava providências para que eles fossem feitos. Normalmente contava, e ainda conta, sempre que necessário, com o apoio de suas irmãs mais velhas, Darcy e Maria, acostumadas, desde a infância, à tarefa de cuidadoras da família.

Como afirma Maria: *Quando Juscelina vem, muda tudo*. Acredito que o tipo de prestígio de que Juscelina goza na família não se deva somente ao fato de ela ser a *tia rica,* mas ao fato de ela ter tomado para si a responsabilidade de prover a família. O fato de ter conseguido não só permanecer, mas *vencer no Sul*, ou seja, ter conseguido construir uma vida independente e uma carreira prestigiosa sozinha, deu a ela o lugar que normalmente é ocupado por filhos homens que saem de casa para ajudar a família. Como foi uma espécie de "garçon manquant"[99], ou seja, a filha que, tendo sido estimulada desde cedo pelo pai a seguir uma carreira que era, à época, predominantemente masculina (a advocacia sobre a qual Gabriel falava), a vocação à vida profissional foi não somente assentida, mas legitimada pela família. Juscelina goza de uma autoridade derivada dessa legitimação precoce que foi inúmeras vezes reforçada pelas demonstrações públicas (na família e na comunidade) de aprovação e orgulho da parte de seu pai. A aceitação da posição de provedora veio junto do sentido simbólico atribuído àquele que, geralmente homem, enfrentou o mundo e retorna vitorioso. São símbolos de vitória o dinheiro trazido para ajudar a família e as experiências mesmas vividas longe da casa materna (WOORTMAN, 1990).

Quando o "tempo de Juscelina" coincidia com o tempo da política não era possível harmonizar perfeitamente os acontecimentos próprios a esses dois momentos. Juscelina recorda-se de uma ocasião específica em que ela esteve em Caiçara no período eleitoral e se irritou não só com a agitação familiar, mas também com o tipo de envolvimento político que muitos de seus parentes demonstravam. Alguns deles, por exemplo, ganharam tecidos e objetos de trabalho de candidatos, prática reprovada explicitamente por Juscelina; outros aderiram à campanha de uma forma considerada por ela demasiadamente *apaixonada.* Apesar

99. Agradeço à Bernard Lahire a sugestão de compreender a posição de Juscelina em sua família pela perspectiva do "garçon manquant". A teoria, desenvolvida pela psicanalista quebequense Isabelle Lasvergnas, procura combinar sociologia e psicanálise na compreensão da relação pai e filha. O conjunto de idéias que contornam o conceito de "garçon manquant" foram utilizadas e retrabalhadas em várias análises sobre o sucesso profissional de mulheres em carreiras predominantemente masculinas, entre eles estudos de Lasvergnas (1988), Quemin (1988) e Provust (2007).

deficar pouco tempo em Caiçara durante as visitas e de interagir com seus irmãos com reservas, Juscelina, com seu silêncio ou com as poucas e firmes palavras sempre demonstrou suas reprovações a determinados comportamentos familiares:

> Quando eu ia lá na época da política eu sentia que as pessoas estavam incomodadas. Elas não queriam que eu estivesse lá. Eu estava atrapalhando...Não só a minha presença, mas eu falava que aquilo lá estava errado, e eu falo alto, né, então eu falava alto. Eu dizia isso: Isso é comprar voto. Eu via as pessoas distribuindo aqueles cortes de pano...

Na infância e adolescência, conta, já se aborrecia com a forma como se fazia política na cidade. Seus aprendizados durante a vida adulta levaram a que construísse um ideal de política, tanto do comportamento de candidatos e governantes quanto do eleitor e cidadão, muito diverso daquele que é comum em Caiçara, onde é absolutamente aceitável, por exemplo, que um político *ajude* um eleitor fiel com a doação de tijolos para a construção de uma casa, doação de ferramentas para o exercício de algum ofício ou mesmo o pagamento do aluguel ou de outras contas mensais.

Por outro lado, quando um candidato eleito se recusa a utilizar seu capital político para ajudar a família ele é abertamente criticado com argumentos tais como esse, que ouvi várias vezes:*se um político não ajuda nem a própria família, é claro que ele também não vai ajudar o povo*. Essa ajuda, entretanto, para ser legítima, não pode abarcar a concessão de cargos políticos de altos salários nem a utilização de altas somas de dinheiro (considerando a realidade orçamentária do município), mas sim a disponibilidade em providenciar atendimento médico ou de transporte quando necessário, a doação de alimentos, roupas e pequenas somas de dinheiro para pagamento de despesas cotidianas, ou mesmoum emprego que dure o tempo do mandato.

Todas essas práticas, além de outras, como as apostas eleitorais e a participação em festas promovidas na ocasião de comícios, são censuradas por Juscelina, que defende um ideal de cidadania em que o voto atende a critérios éticos bastante delimitados. Vota-se pensando em bens comuns como a boa e honesta gestão do patrimônio público, a eficiência das políticas públicas e a biografia ilibada do candidato. A indeterminação de tais critérios é diminuída se analisarmos o tipo de orientação ética e política consideradas corretas nos ambientes que Juscelina freqüentou, mas também os valores que orientaram sua socialização primária e as visões negativas sobre a *política nordestina* que ela, ao vivenciá-la direta ou indiretamente, construiu durante todos esses anos.

Juscelina tem vívidas memórias das festas ocorridas no tempo da política, assim como do tipo de divisão social que nela se configurava. Como visto no capítulo 3, ela integrava aquela massa de pessoas que estava excluída das posições prestigiosas das comemorações e, por pertencer a uma família de pequenos agricultores, percebia que sua família não podia manifestar suas opiniões com liberdade. Essa era, inclusive, uma questão que parecia estar fora do horizonte de visões políticas de seus pais e irmãos. A apropriação que Gabriel fazia da política era muito mais pragmática. Ele sabia aproveitar os momentos em que os eleitores poderiam obter algumas vantagens decorrentes da disputa eleitoral e usava as amizades que tinha com políticos para obter favores de tempos em tempos. Não é uma prática considerada moralmente reprovável por nenhum de seus filhos, a não ser por Juscelina, que, como dito, tem visões bastante distintas daquelas de muitos deles sobre o comportamento político correto.

Entretanto, não seria correto falar de uma absoluta oposição entre os valores que sustentam a dinâmica das prestações materiais e morais observadas no tempo da política e a lógica que orienta o sistema de prestações morais aprovado e seguido por Juscelina. Entendendo que princípios cristãos, como o da caridade, podem conviver com a política, ela entende não ser eticamente reprovável votar num candidato que lhe fez um favor, desde que esse candidato não o tenha feito pensando no voto do cidadão favorecido. Ou seja, se o favor foi feito antes do tempo da política, então foi um ato de generosidade puro (não interessado) e por isso ele merece ser premiado com o voto.

5.5 –Presença fortee presença fracada pesquisadora

As diferentes formas como interagi com a família nos dois momentos em que estive lá, no tempo de Juscelina e no tempo da política, também me ajudaram a compreender um pouco de como ambos se relacionam. Na primeira dessas duas épocas dois comportamentos foram predominantes. Enquanto Juscelina estava lá comigo as atenções eram totalmente voltadas para ela. Como disse Maria:*Ave Maria, quando Juscelina vem aqui parece até que ela é a governadora da República...A Dilma Roussef.* Apesar de Juscelina dizer a eles que eu era amiga e pesquisadora, percebi que nos primeiros dias eu me assemelhava, na visão deles, muito mais a uma espécie de secretária. Depois que a irmã caçula foi embora e eu permaneci, os efeitos do tempo de Juscelina ainda permaneciam. Para fazer uma analogia com a política, posso afirmar que a presença dela ainda estava *quente.* Eu passei a ser, então, uma figura

mediadora entre eles e ela, de modo que a minha presença era forte em dois sentidos. Em primeiro lugar, a forma como lidavam comigo era muito próxima à de como lidavam com ela, com muito carinho e até certa cerimônia. Havia um outro sentido, que me parece ainda mais importante. Para examiná-lo me apoio nas idéias sobre diferentes tipos de avaliações morais do filósofo canadense Charles Taylor.

Procurando fornecer parâmetros qualitativos do agir humano, Taylor diferencia as avaliações morais fortes das fracas a partir da direção da ação e da determinação do desejo do agente. Como a afirma Araújo (2004, p. 87), "na avaliação fraca, para algo ser julgado como bom é necessário somente que seja desejado. Não há, assim, o comprometimento com as formas valorativas que podem constituir o próprio desejo". A avaliação forte, por sua vez, é o modo reflexivo dos desejos, no qual é pensada a relação destes com valores. O julgamento moral dos próprios desejos demanda uma avaliação profunda da ação, e é neste sentido que eu faço a diferenciação sobre o grau de importância da minha presença.

Na primeira temporada em Caiçara minha presença motivava avaliações fortes, julgamentos profundos sobre questões morais: o peso da família na vida de Juscelina, as dificuldades de comunicação entre a irmã que partiu e aqueles que permaneceram, confissões sobre as mágoas que o afastamento cultural e afetivo suscitaram em ambos os lados, exame sobre a trajetória de Gabriel e Satina, assim como uma rememoração avaliadora dos apuros e felicidades vividas ao longo da vida. Quando voltei, no tempo da política, as avaliações fortes por parte da família não tinham lugar diante da agitação e dos acontecimentos ligados àquele momento excepcional da história política de Caiçara.Como já me conheciam, a minha presença estava mais naturalizada.

Agora gostaria de associar as idéias de avaliações fortes e fracas, predicados do tipo de narrativas que a mim foram dirigidas, aos conceitos de perturbação reduzida e utilizada, do etnometodólogo Georges Devereux. Segundo ele (1980), os dados da ciência do comportamento são de três tipos: o comportamento do sujeito; as perturbações produzidas pela presença do observador e pelas atividades de observação; o comportamento do observador, ou seja, suas angústias, manobras de defesa, estratégias de pesquisa e as atribuições de sentido que decide dar às observações. As perturbações derivadas das observações recíprocas entre pesquisador e pesquisado podem ser utilizadas de duas formas: a) minimização dos efeitos da presença do pesquisador (perturbação reduzida); b) tratamento da perturbação não como um obstáculo, mas como uma fonte de conhecimento que não poderia ser obtida por outros meios (perturbação utilizada).

Nas situações em que minha presença foi fraca procurei me integrar aos meus informantes e prestar atenção àquilo que também os interessava, deixando que os dados etnográficos viessem a mim sem muitas intervenções de minha parte. Quando estive em Caiçara no tempo da políticaconversávamos sobre Juscelina quando eu puxava o assunto, mas as notícias e opiniões sobre a política eram predominantes. Voltei à casa de todos que tinha visitado em fevereiro e a política era tema que se impunha naturalmente. Nessa segunda temporada de entrevistas, portanto, tive a oportunidade de perceber as excepcionalidades da rotina do tempo de Juscelina, mas não obtive depoimentos tão pungentes quanto aqueles da primeira fase da etnografia. Nos momentos em que minha presença era forte, a "perturbação" que causava era por mim utilizada, e eu me empenhei no recolhimento de narrativas marcadas por avaliações fortes. Foi justamente o potencial reflexivo desses primeiros relatos que me levaram a pensar na força da minha presença, a qual só pode ser bem compreendia se considerarmos que, na visão da família, a minha presença se confundia com a de Juscelina.

Já na minha relação com a biografada, acredito que a minha presença tenha sido forte durante todo o tempo da pesquisa. Nossos encontros traziam sempre a expectativa da reflexão sobre questões muito profundas. Era como se Juscelina estivesse finalmente se permitindo viver um luto nunca nomeado ou entendido como tal: luto por ter deixado a casa materna, luto pela distância entre ela e sua família. Somado a isso havia o exílio em uma dupla identidade, dois eus que em muitos momentos pareceram irreconciliáveis, a ponto de Juscelina precisar afirmar que nasceu aos 19 anos, como decretando a morte de quem era no passado (antes de sair do Nordeste) para dar lugar a uma identidade mais aceitável para aqueles que conheceu após seu nascimento tardio, mas principalmente para ela mesma, que não suportava a dor de não compreender a própria trajetória tal como se deu.

A falta de um sentido, ou mesmo de uma linguagem que expressasse com o mínimo de exatidão o seu conflito era também vivido como exílio. Nesse sentido, a experiência de narrar a própria vida possui um efeito terapêutico, mesmo que eu, como interlocutora privilegiada de Juscelina, nunca tenha querido ou podido estar no lugar de um terapeuta. Contar a própria vida pode levar a que a memória ininteligível cravada no coração encontre formas narrativas de expressão. Experiências sensorialmente confusas ou fragmentadas podem ser organizadas, sem perder sua potência na forma de um discurso dirigido a uma "testemunha garante" (CHIANTARETTO, 1996), a quem uma autobiografia é dada em confiança. Por ter estado no lugar dessa testemunha, acredito que durante todo o tempo de pesquisa minha presença tenha sido uma espécie de motivação para a elaboração de avaliações fortes.

5 .6–O resultado das eleições de 2012:*Um império derrubado por um voto*

No último comício do PMDB o candidato à prefeitura orientou os seguidores de sua facção, os *bacuraus*:

> Daqui pra frente cada bacurau é um vigilante. Vocês me escolheram porque vocês sabem de quem eu sou filho. O dinheiro não faz ninguém ser prefeito. O que faz ser prefeito é ter uma bênção dessas [aponta para o público que o assistia empolgadamente] divulgando meu nome.

Algumas notícias corriqueiras indicavam a força dos *bicudos*(oposicionistas, que vestiam a cor laranja). Duas semanas antes da votação uma colaboradora desta facção me dizia que havia procurado tecidos na cor laranja pra fabricar bandeiras a serem colocadas nos telhados das casas que haviam consentido em demonstrar o apoio à candidatura de Cícero da Eletrolar, mas eles tinham se esgotado, tamanha a procura. Na semana das eleições já não se achava mais o refrigerante Fanta Laranja nos bares, bodegas e mercados (os *bicudos* só consumiam Fanta Laranja e os *bacuraus*,Coca-Cola, por causa das cores laranja e vermelho, respectivamente, das embalagens). As facções haviam feito balanços dos votos prometidos e circulava o boato de que a eleição estava muito equilibrada.

Até a sexta-feira anterior ao dia da votação as facções ainda tentavam conquistar votos: *é agora que eles ganham uma safra*, me disse uma moradora de Logradouro, sobre os eleitores que ainda estavam negociando suas escolhas. Nessa última semana as ruas estavam sendo fortemente monitoradas pelos apoiadores de cada um dos grupos. Os eleitores que estavam em diferentes cidades do país (Rio de Janeiro, João Pessoa, São Paulo, etc.) em função de migrações curtas ou longas, mas que mantiveram Caiçara como lugar de "fixação sociológica"[100] (MENEZES, 2012), eram esperados não só pelas facções que em diversos casos pagaram sua passagem, mas também pela família, que no tempo da política tem a rara chance de rever os que partiram. Várias festas e reuniões entre famílias, vizinhos e amigos eram organizadas para recepcionar os que moram longe.

A política de Caiçara estava tão *quente* que animou os moradores de Logradouroa fazerem apostas eleitorais não para os seus candidatos, mas para os da cidade vizinha. Desde quinta-feira, era em Caiçara que os logradourenses iam passear à noite. A diversão era observar a agitação e participar das conversas cochichadas sobre os possíveis resultados das

100. Segundo Marilda Menezes (2012) esses são lugares de memória e de pertencimento, pois simbolizam as redes de relações familiares, de amizade e de vizinhança.

eleições. Entre sexta-feira e domingo *a cidade não dormia.* Motos rodavam pelos bairros, vigiando o entra e sai nas casas, janelas abertas *cubavam* (monitoravam) as ruas e os integrantes das facções *pastoreavam* (seguiam) uns aos outros, procurando evitar a renegociação dos votos nas vésperas da decisão. Sobre a movimentação em Caiçara, dois colegas de Logradouro conversam:

> Em Caiçara tá um moído tão grande!
> Tá bom, é? Tá gostoso?
> Mulher, tá gostoso demais! Eu queria morar em Caiçara. Se você for em Caiçara...Mas é uma alegria tão grande. É um bocado aqui, um bocado acolá. Mas tá todo mundo na rua. Tá uma festa mesmo.

No domingo o clima de ansiedade era enorme. Em Logradouro, vizinhos e familiares se concentravam nos quintais das casas (onde ficam os rádios) esperando o resultado. Em Caiçara, as pessoas começaram a encher as ruas no final da tarde. Um eleitor resumiu o motivo de tanta expectativa:

> Se Cícero ganhar, vai mudar a história de Caiçara na hora, porque ele tem outra ascendência. É de outra família. Não é de nenhuma das famílias que sempre governou a cidade. Já tem muito tempo que a gente não via bicudo assim, na rua. Os bicudos votavam e iam se esconder em casa porque tinham até vergonha, né. Os bacuraus tinham muito poder.

Estava na rua, esperando o resultado, quando foi divulgado: Cícero da Eletrolar vence as eleições com diferença de apenas um voto, como pode ser verificado no quadro abaixo

Tabela 1 – Apuração dos votos

Os dados são do Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Disponíveis em:< (http://www.tse.jus.br/eleicoes/estatisticas/estatisticas-eleitorais-anos-anteriores.)>. Acesso em: setembro de 2014.

A perplexidade diante de um resultado tão incomum tomou conta de todos e o êxtase dominou os *bicudos.* Alguns segundos depois de ouvir o resultado viro para o lado e um grupo de pessoas rasgava e pisoteava um outdoor do PMDB. Cícero é chamado pelo povo e

chega ao palanque, montado em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário, carregado por um grupo de partidários em meio a muitos gritos e músicas. Ao meu lado, um caiçarense proclama:*O ditador achava que era mais forte que Jesus!* A música de campanha dos *bacuraus* começa a tocar e objetos vermelhos são ostensivamente carregados nas ruas e carros. Tais práticas de apropriação ostensiva dos símbolos do perdedor são modos consagrados de humilhação e exposição à vergonha pública. Os *bicudos* organizaram rapidamente uma passeata em que todos carregavam malas. Eu perguntei a um informante o que as malas representavam:*os bicudos estão mangando dos bacuraus, que ficavam falando que iam mandar Cícero de volta para Juazeiro.* O nome do candidato vencedor era associado ao do santo popular, pelos *bacuraus*, como forma de deboche. Já seus apoiadores, ao contrário, consideravam que sua vitória havia sido um milagre promovido pelo santo padre. A romaria de outubro até a cidade do Padre Cícero (organizada todos os anos pelo pároco local) seria motivada pelo agradecimento à graça recebida. A política atravessa a geografia, a temporalidade (interferência no calendário religioso) e as mundivivências religiosas.

No dia seguinte muitas são as explicações para o resultado excepcional. Alguns dizem ter sonhado com passagens bíblicas que prenunciariam o resultado, outros disseram ter tido visões que prediziam o milagre. Um rapaz do grupo de orações organizado pelo pároco disse que havia sonhado com passagem do Livro dos Macabeus na qual se relata a batalha em que Judas Macabeu lidera o exército rebelde judeu vencedor da guerra contra os gentios. Os macabeus retomam o templo e a cidade, salvando a todos. Acompanhada da notícia sobre o sonho do rapaz vinha a sentença:*Foi um império derrubado por um voto.* Essa era uma frase que muitos repetiam.

Alguns dias após a divulgação dos resultados, a cidade estava mais calma, os conflitos instaurados no tempo da política começavam a diminuir, a população retomava sua rotina e a batalha continuava entre aqueles que lutaram pela ocupação dos cargos na prefeitura. A possibilidade de impugnação do resultado da eleição para prefeito era descartada por um cidadão que participou ativamente da *política:*

> Os bicudos têm apoio do governo do Estado, aí você sabe como é, né? Eles vão lá, conversam com o juiz. Eles estão com o governo [tinham o apoio do governador Eduardo Coutinho], têm agora uma base eleitoral aqui, e o PSB nunca tinha ganhado uma eleição em Caiçara. Você acha que eles vão querer perder essa base logo pro PMDB, pro adversário?

Três dias após a divulgação dos resultados um grupo de policiais é convidado para tomar café na casa onde estava fazendo uma entrevista sobre o ritual religioso da *queimagem*

das flores, descrito no capítulo 3. Começamos a conversar sobre as eleições e um deles opina:*O tempo dos coronéis passou. Não é mais coronelismo não. Agora o juiz atua, aplica multas, bota ordem, e agora o povo tem mais liberdade para votar.*

Ao saber do resultado, Juscelina vibrou. Ela surpreendeu-se com o fato de um candidato apoiado pelos Alves ter perdido para um forasteiro novato na política:

> Eu fico muito feliz porque tiraram os Alves, sabe? Porque desde pequenininha eu lembro desse povo governando. Eu fico feliz também por ter acontecido isso nesse momento que eu tô voltando, porque o Jocelino está desse lado e eu quero desenvolver projetos em parceria com ele, e sei que ele estando desse lado [o do futuro prefeito] facilita tudo[101]. Eu não quero mexer com política de jeito nenhum, mas eu digo, assim, ele estando desse lado facilita pra conseguir salas, por exemplo.

Não posso nem nunca tive a pretensão de fazer prognósticos sobre os próximos anos da vida de Juscelina. Não sei quais serão os efeitos concretos (reação da família, características da nova relação entre ela, os irmãos e sobrinhos, novas visões sobre Caiçara) do retorno para a Paraíba ou do *resgate* que ela decidiu corajosamente enfrentar. De todo modo, o momento que observei, e do qual participei, foi o de uma verdadeira transformação, de um movimento revolucionário que afetou as bases materiais, morais e afetivas da vida da biografada e não pude deixar de comparar essa experiência àquela que observei em Caiçara em setembro-outubro de 2012. Essas duas crises, seguidas de renovações nos registros individual e comunitário, me fizeram refletir sobre o que há de similar entre elas, questão muito bem colocada por Raymond Williams (2002, p. 89) nas suas meditações sobre a tragédia moderna:

> A ação trágica não é, em seu sentido mais profundo, a confirmação da desordem, mas a compreensão, a experiência e a resolução dessa desordem. Em nossa própria época esta ação é geral e seu nome usual é revolução. Temos de ver o mal e o sofrimento na desordem efetiva, que torna necessária a revolução, e na luta desordenada contra essa desordem. Temos de reconhecer o sofrimento em uma experiência imediata e próxima, e não encobri-lo por meio de nomes e definições. Nós, no entanto, seguimos a ação em sua totalidade: não apenas o mal, mas os homens que lutam contra o mal; não apenas a crise, mas a energia que ela libera, o espírito que nela nos é dado conhecer. Estabelecemos as conexões porque essa é a ação da tragédia, e o que descobrimos no sofrimento é, mais uma vez, revolução, porque reconhecemos no outro o ser humano – e qualquer reconhecimento desse tipo é o começo de uma luta que será uma contínua realidade em nossas vidas, porque ver a revolução desta perspectiva trágica é o único meio de fazê-la persistir.

101. Juscelina pensava em apoiar os projetos de Jocelino Tomaz de Lima de diferentes maneiras, dando aulas de inglês, ministrando palestras, expondo sua história para o programa de rádio por ele organizado, movimentando sua rede de relações para a doação de livros para as bibliotecas que o professor de História fundou na cidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> *Em certo sentido, toda vida, quando narrada, é exemplar; escrevemos para atacar ou para defender um sistema do mundo, para definir um método que nos é próprio. E não é menos verdade que é pela idealização e pela crítica mordaz a todo custo, pelo detalhe fortemente exagerado ou prudentemente omitido que se desqualificam quase todos os biógrafos: o homem construído substitui o homem compreendido. Nunca perder de vista o gráfico de uma vida humana, que não se compõe, digam o que disserem, de uma horizontal e de duas perpendiculares, mas de três linhas sinuosas, prolongadas até o infinito, incessantemente reaproximadas e divergindo sem cessar: o que o homem julgou ser, o que ele quis ser, o que ele foi.*
>
> *Memórias de Adriano* (Marguerite Yourcenar).

A sensação constante de dúvida sobre se estava olhando bem para aquela vida, sobre se estava fazendo o melhor que é possível para mostrar as diversas e contraditórias facetas de uma mulher tão interessante e complexa, muitas vezes me paralisou. *Minha vida está em constante movimento, Pri. Eu sou uma pessoa que preciso estar em movimento.* Ouvi essas frases desde os primeiros contatos, mas elas foram adquirindo um sentido cada vez mais forte conforme fui entrando naquela vida, a ponto de pertencer a essa biografia, de ser uma parte dela. De fato,Juscelina tem uma enorme facilidade de desprender-se do atual e seguir adiante. Eu precisava entender, entretanto, o que restou nela, o que era mais durável, o que insistia em permanecer apesar de todas essas modificações que ela buscava, aceitava e geria um pouco como uma mulher de negócios experiente, um pouco como alguém que aprendeu desde cedo que adaptar-se ao real é a única forma de sobreviver a ele:*em terra de sapos, de cócoras com eles*, era o que Gabriel repetia.

Quando acompanhamos uma pessoa tão de perto como fiz, precisamos descobrir aquele sentimento, aquele hábito ou olhar que liga as ações corriqueiras, transitórias, tanto as praticadas com atenção quanto as praticadas mecanicamente, ao que há de mais profundo, de mais espesso e constante. Os maiores amores, as mais significativas amizades, as mais dolorosas saudades, a resiliência construída na solidão, a sensação de triunfo compartilhada publicamente ou experimentada na sala do apartamento de seus sonhos, o medo transformado em ansiedade e alergias, o empenho em descobrir os próprios mistérios por meio de autodesafios cotidianamente empreendidos: *vamos ver se você consegue mais essa, Juscelina!* Se conseguiu, *mas como?*Se não, *o que eu fiz de errado? Eu sou a minha própria ré e minha própria juíza, Pri. O processo é tenso e intenso. Eu me desafio o tempo todo!*

Ela precisou passar por muitas transformações, teve que se defender do impacto de cada momento de perplexidade diante do desconhecido, que teve muitas formas ao longo da vida (desde a máquina tipográfica do jornal onde trabalhou em João Pessoa, que ela pensava ser manipulada por um fantasma, até a descoberta recente de que era observada pela família quando criança, de que não era, para os outros, uma estranha). Juscelinaviveu em ambientes dissonantes, experimentou estilos de vida heterogêneos, conviveu com pequenos agricultores e com presidentes de multinacionais, teve que comer feijão com rapadura e pôde comprar sua bolsa Chanel Classic Flap, assim como centenas de outras peças de vestuário e acessórios tão luxuosos quanto esse, que é o seu *xodó*.

Entretanto, as experiências foram por ela diferentemente avaliadas e, por motivos que nem minha pesquisa sociológica pode reconstruir em sua totalidade, nem ela, que as viveu, pode expressar com toda a clareza, algumas foram muito mais significativas que outras. Alguns momentos, amigos, rostos, filmes, músicas, conselhos de todo tipo, peças de arte marcaram definitivamente sua vida.Toda a reconstrução de seus julgamentos estéticos, morais ou religiosos que sou capaz de elaborar com as ferramentas sociológicas de que disponho são insuficientes para desvelar essa mulher em sua totalidade. São infinitos também os grandes e pequenos percursos que ela trilhou nesses 55 anos de vida que procurei reconstruir. Isso, para mim, é tão incontornável quanto aceitável. Porém, a preocupação de que toda essa complexidade não desaparecesse diante dos meus eventuais interesses de pesquisa ou da minha incapacidade mesma de compreendê-la tanto quanto fosse necessário para não construir uma caricatura, me fez ser vigilante, e ela confiou nisso.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A Azevedo. A terra e o homem no Nordeste. São Paulo: Brasiliense, 1964.

ABRAMAVOY, Ricardo. Funções e Medidas da Ruralidade no Desenvolvimento Contemporâneo. Disponível em|: Acesso em novembro de 2010.

_____. Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. TD 621, IPEA, 2007. Disponível em: <http://www.cipedya.com/doc/100967>. Acesso em agosto de 2011.

ASSIS, Cláudia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional.RevistaEstudos Feministas, Florianópolis, 15(3): 336, setembro-dezembro/2007.

BEAUD, S. & WEBER, F. Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos; tradução de Sérgio Joaquim de Almeida; revisão da tradução de Henrique Caetano Nardi. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2007.

BECKER, Howard. Biographie et mosaïque scientifique. Actes de la recherche en sciences sociales, n. 62-63, junho, p. 105-110, 1986.

BEN JELLOUN, Tahar. Partir. Paris : Gallimard, 2006.

BENSA, Alban. De la Micro-histoire vers une Anthropologie Critique, in J. Revel (org.), Jeux d'Échelles. Paris: Seuil/Gallimard, 1995, p. 37-70.

BERTAUX, Daniel. Les récits de vie.Paris : Nathan, 1997.

_____. El enfoque biográfico: su validez metodológica, sus potencialidades. Proposiciones, 29, marzo, p. 1-23, 1999.

BESSIN, Marc., BIDART, Claire. et GROSSETTI, Michel (dir.), Bifurcations. Les sciences sociales face aux ruptures et à l'événement, Paris, La Découverte, "Recherches", 2010.

BERGSON,Henri. Matéria e memória:Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Alfredo. Dialética dacolonização. São Paulo: Companhia das Letras, 1992

BOURDIEU, Pierre. Meditações Pascalianas, tradução Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. L'Illusion biographique. Actes de la recherche en sciences sociales, n. 62/63, p. 69-72, juin, 1986.

_____. Compreender. In: A miséria do mundo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

_____ ,Esboço de auto-análise.São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. A dominação masculina.5ª ed.Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007

_____. A Distinção: crítica social do julgamento de gosto. São. Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007a.

_____. Classificação, desclassificação, reclassificação. NOGUEIRA M.A. & CATANI, A. (org.) Escritos de Educação. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. Estatística da Instrucção. Primeira parte: Estatística Escolar, v.1, 4 seção, 1916 (Introdução de Oziel Bordeaux Rego).

CÂMARA CASCUDO, Luís da.Rede de dormir: uma pesquisa etnográfica. São Paulo, Global, 2003.

CARDOSO, F.H. e MULLER, G. Amazônia, expansão do capitalismo. São Paulo: Cebrap / Brasiliense, 1977.

CARNEIRO, Maria José. Rural como categoria de pensamento. Revista Ruris, vol. 2, número 1, Março de 2008.

CASCUDO, L. C. História da Alimentação no Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1983(Reconquista do Brasil: Nova Série, V1 79-80).

CASTRO, Elisa Guaraná.Entre Ficar e Sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural, contribuições para o debate.Tese de Doutorado em Antropologia Social. Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Rio de Janeiro, 2005.

CHIANTARETTO, Jean-François. 1996. Ecrire sa vie: quête de soi, quête de l'autre. In: Le journal des psychologues, n. 135.

CIOCCARI, M. 2009. Reflexões de uma antropóloga "andarina" sobre a etnografia numa comunidade de mineiros de carvão.Horizontes Antropológicos, ano 15, n.32, Etnografias, jul/dez., pp. 217-246

COMEFORD, John. Como uma família: Sociabilidade, territórios de parentesco e sindicalismo rural. Rio de Janeiro :RelumeDumará.

_____. Desculpe a brincadeira: a construção social da amizade e suas modulações em um grupo de trabalhadores rurais. In: Anais do XXII Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, MG: Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 1998.

COSTA, Severino Ismael. Caiçara: caminhos de almocreves. João Pessoa: Micrográfica, 1990.

CUNHA, Euclides. Os sertões (Campanha de Canudos). 32ª Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

DABAT, Christine Rufino. Moradores de Engenho: relações de trabalho e condições de vida dos trabalhadores rurais na zona canavieira de Pernambuco segundo a literatura, a academia e os próprios atores sociais. Recife :Ed.Universitária da UFPE, 2007.

DEBRET, Jean-Baptiste. Viagem pitoresca e histórica ao Brasil. Belo Horizonte, Itatiaia, São Paulo, EDUSP, 1989.

DE CERTEAU, MICHEL. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Vozes: Petrópolis, 1998.

DEVEREUX, Georges. De l'angoisse à la methode dans les sciences du comportement. Paris: Aubier, [1967] 1980.

DOSSE, François. 2009. O desafio biográfico. Escrever uma vida. São Paulo: EditoradaUniversidade de São Paulo, 2009.

DOUGLAS, Mary. The social control of cognition: some factors in joke perception. Man, vol.3 no 3:361-376, 1968.

ERNAUX, Annie. Annie Ernaux ou l'inaccessible quiétude. Entretien avec Annie Ernaux précédé d'une présentation de Smaïn Laacher. In: Politix. Vol. 4, N°14. Deuxième trimestre 1991. pp. 73-78.

FERNANDES, Florestan. A Revolução Burguesa no Brasil. Rio de Janeiro: Globo, 2007.

_____. A Integração do Negro na Sociedade de Classes. São Paulo: Globo, 2008.

FOUCAULT, Michel. L'éthique du souci de soi comme pratique de la liberté. Dits et écrits, 1980-1988, tome IV, Paris, Gallimard, 1994.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. IN: Ditos e Escritos: ética, sexualidade, política. Vol. 5. Tradução: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Organização: Manoel Barros da Motta. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. Homens livres na sociedade escravocrata. 4. ed., São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

FREYRE, Gilberto. Açúcar: uma sociologia do doce, com receitas de bolos e de doces do Nordeste do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FREUD, Sigmund. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago (1936) "Um distúrbio de memória na Acrópole", v.XXII, p.293-307, 1986.

GARCIA, A. R. O sul: caminho do roçado: estratégias de reproducão camponesa e transformação social. Brasília: Editora Marco Zero: Universidade de Brasília e CNPq, 1990.

GINZBURG, Carlo. O queijo e os vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguidopela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GONÇALVES, A. e COSTA, P. (orgs). Mais borracha para a vitória. Brasília: Ideal Gráfica, 2008.

GOLDMAN, Márcio. Os tambores dos mortos e os tambores do vivos. Etnografia, Antropologia e Política em Ilhéus, Bahia". Revista de Antropologia 46 (2): 445-476, 2003.

GUERRA. Josanne, Simoes. Sirênico Canto: Juscelino Kubitschek e a construção de uma imagem. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GUERRA PEIXE, César. Variações sobre o boi.O Tempo. São Paulo, 1954. Disponível em :http://www.guerrapeixe.com/textos/texto14.html. Acesso em maio de 2014.

HALBWACHS, Maurice. Les cadres sociaux de la mémoire (1925).La Haye: Mouton, 1976.

HEINICH, Nathalie. Por um finir avec l'illusion biographique.L'Homme, n. 195 -196, 2010.

HERÁCLITO DE ÉFESO. Heráclito (Fragmentos Contextualizados). Fragmento 89. Tradução, Apresentação e Comentários Alexandre Costa. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

HEREDIA, Beatriz. A morada da vida.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

HOGGART, Richard. 1970. La culture du pauvre.Paris: Les Éditions de Minuit, 1970.

HONNETH, Axel, Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34. 2003.

HUGHES, Everett. Cycles, Turning Points and Careers, In:Men and their work. Glencoe. I.L: Free Press, 1958.

IBGE. Tendências demográficas no período 1940/2000. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/tendencia_demografica/analise_populacao/1940_2000/comentarios.pdf. Acesso em Novembro de 2013.

_____. Recenseamento Geral do Brasil [Primeiro de setembro de 1940] Serie Nacional, Volume II. Ibge: Rio de janeiro, 1950.

JUCÁ, Gizafran Nazareno. Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza.São Paulo: Annablume, 2003.

KAUFMANN, Jean Claude.L'invention de soi: une théorie de l'identité. Armand Colin, 2004.

LAHIRE, Bernard. Retratos Sociológicos. Disposição e variações individuais, São Paulo: Artmed, 2004

_____ .O homem plural: os determinantes da ação, Petrópolis: Vozes, 2002a.

_____. L'sprit sociologique. Paris, La Découverte, 2005

_____. A cultura dos Indivíduos. São Paulo: Ed. Artmed, 2006.

_____. Franz Kafka:élements pour une théorie de la création littéraire. Paris, Éditions La Découverte, 2010.

_____. Dans le plis singuliers du social : individus, instituitions, socialisations. La Découverte, Paris, 2013.

LASVERGNAS, I. Contexte de socialisation primaire ET choix d'une carrière scientifique chez les femmes. In: Recherches féministes. N. 1, Vol. 1 (p.31-45), 1998.

LE BRETON, David. As paixões ordinárias: antropologia das emoções. Petrópilis: Vozes, 2003.

LEITE LOPES, José Sergio & Alvim, Rosilene. Uma autobiografia operária: a memória entre a entrevista e o romance. Estudos Avançados, 13 (37), dez. 1999, pp.105-124, 1999.

LEVI, Giovanni. Les usages de la biographie. Annales. Économies, Societés, Civilisations. Anée 1989, vol, 44. N. 6 pp. 1325-1336. Disponível em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/ahess_03952649_1989_num_44_6_283658. Acesso em Novembro de 2012.

L' ESTOILE, Benoît de. Le goût du passé: Erudition locale et appropriation du territoire. Terrain, nº 37, Musique etémotion, sept. 2001.

LEWIS, Oscar. Antropología de la pobreza: cinco famílias.México: Fondo de Cultura Econômica, 1969.

_____. Os filhos de Sánchez. Lisboa: MoraesEditores, 1970.

LISPECTOR, Clarice.A Hora da Estrela. Rio de Janeiro: Rocco,1998.

LUTZ. Catherine A., and Lila Abu-Lughod (editors). 1990.Language and the politics of emotion.Studies in Emotion and Social Interaction. New York: Cambridge University Press.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos (Rituais orais funeráros australianos) In: Ensaios de sociologia. São Paulo: Perspectiva, 1981.

MARTINS, José de Souza. Uma Arqueologia da Memória Social. Autobiografia de um Moleque de Fábrica. São Paulo: Ateliêr Editorial, 2011.

_____. Os camponeses e a política no Brasil: As lutas sociais no campo e o seu lugar no processo político. 5ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

MENEZES, M.A. Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses – migrantes. Rio de Janeiro: RelumeDumará; João Pessoa: Ed.UFPB, 2002.

MINTZ, Sidney. Worker in the cane:a Puerto Rican life history. New Haven: Yale University Press, 1960.

_____Encontrando Taso, me descobrindo. Dados. Revista de Ciências Sociais.Rio de Janeiro, vol. 27, n.1, p. 45-58, 1954.

MONGIN, Olivier. Paul Ricoeur. Éditions du Seuil: Paris, 1998.

MORAES, Ana Carolina Albuquerque. Rumo à Amazônia, terra da fartura : Jean-Pierre Chabloz e os cartazes concebidos para o Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia. Dissertação de Mestrado. Instituto de Artes. Campinas: Unicamp, 2013.

NUNES, Mariângela de Vasconcelos. Entre o Capa Verde e a redenção: a cultura do trabalho com o agave nos Cariris Velis (1937-1966, Paraíba). Tese apresentada à banca examinadora do Programa de Pós Graduação em História da Universidade de Brasília. Brasília, 2006.

GONÇALVES, A. e COSTA, P. (orgs).Mais borracha para a vitória. Ideal Gráfica: Brasília,2008.

OLIVEIRA, Carla Mary da Silva. Arte, religião e conquista: os sistemas simbólicos de poder e o barroco na Paraíba. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 1999.

OLIVEIRA, Antônio de Almeida. O ensino público. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lúcia de A. N. (org). O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. (O Brasil Republicano; v. 2), p. 340.

PALMEIRA, Moacir. Casa e trabalho: notas sobre as relações sociais na "Plantation tradicional". In: XLIIe congrès international des americanistes. Actes. Paris, 2-9 Setembro.

_____. PALMEIRA, Moacir. 2001. Política e tempo: nota exploratória. In: Peirano Mariza (org),O dito e o feito: Ensaios de antropologia dos rituais. São Paulo: RelumeDumará. pp.172-177.

PALMEIRA, M. e ALMEIDA, A. W. B. A invenção da migração. Projeto emprego e mudança socioeconômica no Nordeste. Rio de Janeiro, Museu Nacional/UFRJ -1977.

PALMEIRA, Moacir; HEREDIA, Beatriz. Política Ambígua. In: Política Ambígua. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2010.

PASTORE, J. e N. V. SILVA (2000). Mobilidade Social no Brasil, com Prefácio de Fernando Henrique Cardoso, São Paulo: Makron Books, 2000.

PENTEADO, António Rocha. O uso da terra na região Bragantina-Pará. Front Cover. Instituto de Estudios Brasileiros, 1967

PINTO, Luiz Maria da Silva. Diccionario da Lingua Brasileira. Typographia de Silva: Ouro Preto, 1832. Disponível em: http://www.brasiliana.usp.br/bbd/bitstream/handle/.../022541_COMPLETO.pdf. Acesso em 30 de junho de 2015.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, CPDOC, pp.3-15. 1989.

_____. Memória e identidade social. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol.5, nº 10, CPDOC, pp.200-212. 1992.

PROUST, Marcel. Em busca do tempo perdido, V.1. Trad. Mário Quintana. Globo: Rio de Janeiro, 2006.

QUEMIN, Alain. Modalités femminines d'entrée et d'insertion dans une profession d'elites: les cas des femmes commissaires-priseurs. In: Societés Contemporains, n. 29 (p. 87-106), 1998.

RICOEUR, Paul. Narratividade, fenomenologia e hermenêutica. Revista Analisis, n. 25, 2000.

_____. RICOEUR, Paul. Soi-même comme um autre. Éditions du Seuil : Paris, 1990.

_____. Narratividad, Fenomenologia y Hermenêutica. In: Anàlisi. Revista delDepartament de Periodisme i Ciències de laComunicació de laUniversitatAutònoma de Barcelona. Barcelona, n 25, p.189-207, 2000. Disponível em:

<http://members.lycos.co.uk/apuntesdesociologia/archivos/ricoeur1.pdf> Acesso em: 22 de abril de 2012.

RIVIÈRE, Claude. Representação do espaço na peregrinação africana tradicional IN Revista Espaço e Cultura UERJ Rio de Janeiro nº 7 Jan/Jun 1999.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SAADA, Jeanne Favret. Ser afetado. Trad. Paula Siqueira - Cadernos de Campo – revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine. Pilote de guerre. Gallimard: Paris, 1942.

SAYAD, Abdelmalek. La double absence: des illusions de l'émigré aux soufrances de l'imigré. Seuil : Paris, 1999.

_____. A imigração ou os paradoxos da alteridade. 1ª edição. São Paulo, Edusp, 1998.

SCHEEPER-HUGHES. Nancy.Death without weeping: the violence of everyday life in Brazil.Berkley: UniversityofCalifornia Press, 1992.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. Educação de jovens e adultos: histórias e memórias da década de 60. Brasília: Plano editora, 2003.

SCHWARTZ, O. Le monde privé des ouvriers. Paris, PUF, 2002.7

SCHUTZ, Alfred. Fenomenologia e Relações Sociais. São Paulo: Zahar, 1979.

_____. SCHUTZ,Alfred L'étranger. Editions Alia, Paris, 2003.

SECRETO, Maria Verónica. Soldados da Borracha: Trabalhadores Entre o Sertão e a Amazônia no Governo Vargas. Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2007.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes; MENEZES, Marilda Aparecida de. Migrações rurais no Brasil: velhas e novas questões. NEAD, 2006. Disponível em:<http://www.nead.org.br/memoriacamponesa/arquivos/leitura/Migracoes_Rurais_no_Brasil_velhas_e_novas_questoes.pdf.>Acesso em 15 de abril de 2012.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito. Mana, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2. p. 577-591, out. 2005.

_____. O conceito e a tragédia da cultura. In SOUZA, Jessé e ÖELZE, Berthold. Simmel e a modernidade.Brasília: UnB. p. 79 -108, 1998.

SIMÕES, Maria Lúcia. Contos Contidos. Belo Horizonte: RHJ, 2006.

SIGAUD, Lygia.Casa e trabalho: nota sobre as relações sociais na plantation tradicional. Contraponto2 (2),103-114,1977.

_____Direito e Coerção Moral no Mundo dos Engenhos, Revista Estudos Históricos n. 18, RJ, 1996.

TAYLOR, Charles. As fontes do self: a construção da identidade moderna. São Paulo: Loyola, 1997.

_____. Argumentos Filosóficos. São Paulo: Loyola, 2000.

_____. Self-interpreting animal.Human Agency and Language Philosophical Papers I, Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

_____. What is Human Agency? Human Agency and Language. Philosophical Papers I, Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

VALVERDE, Orlando e DIAS, Catarina Vergolino. A Rodovia Belem-Brasilia: estudo de geografia regional. Rio de Janeiro: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia, 1967.

VELHO, Otavio. Capitalismo autoritário e campesinato. São Paulo: Difel, 1979.

____. O cativeiro da Besta-Fera. In: Besta fera: recriação do mundo: ensaios críticos de antropologia. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1995.

WHITACKER, Dulce. Nas franjas do Rural – Urbano: meninas entre a tradição e a modernidade. Disponível em: www.scielo.br/pdf/ccedes/v22n56/10862.pdf. Acesso em Outubro de 2010.

WILLIAMS, Raymond. Tragédia moderna. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

WOORTMAN, K. Migração, família e campesinato. Revista Brasileira de Estudos de População: Rio de Janeiro, v.7, n.1 p.35-51, jan-julho, 1990.

YOURCENAR, Marguerite. Memórias de Adriano. Rio de Janeiro: Record, 1974.

ZOLA, ÉMILIE. Germinal. Editora Abril: Rio de Janeiro, 1972.

APÊNDICE A - UMA PROPOSTA DE TIPOLOGIA DO COMPORTAMENTO ELEITORAL CAIÇARENSE.

O comportamento eleitoral em Caiçara é muito diverso, de modo que, considerando o que observei, a qualificação da política como coronelista ou clientelista, tal como se costuma rotular a política nordestina, seria sem dúvida insuficiente. A heterogeneidade de comportamentos eleitorais podem ser compreendidos por critérios sociológicos mais amplos, ligados à faixa etária ou ao nível de escolaridade, mas também devem ser analisados a partir de especificidades familiares ou idiossincrasias biográficas. Passo, agora, à elaboração da proposta de uma casuística do comportamento eleitoral.

Há aqueles que votam em troca de dinheiro. Nesses casos, muitas vezes o voto é barganhado nos dois partidos, de modo que há a possibilidade de ganhar duas vezes. A lógica desse comportamento eleitoral é a de que o tempo da política é o único em que se pode conseguir alguma coisa, e por isso a venda de seu voto, assim como a negociação com os dois partidos. Pesa sobre a prática de negociar o voto com mais de um partido, um sentido social de que ele seria eticamente condenável. Porém, a força dessa regra moral sobre as gerações mais novas não é tão forte a ponto de coibir esse tipo de conduta. Isso porque, entre os mais jovens, notadamente, sobre quem o peso da ideia de lealdade é menor, há um sentimento de descrença e revolta que inspiram esse comportamento. No dia das eleições municipais de 2012, durante o almoço, ouvi uma jovem eleitora preguntar ao seu cunhado se ele *já tinha ido perder o seu valor*, ou seja, se ele já tinha ido votar. Conversando um pouco com ela para compreender a afirmação, me explicou que o político somente dá atenção ao cidadão na [época da] *política*. Por isso, nos outros momentos da vida cívica e comunitária, o cidadão não teria valor. Por esse mesmo motivo, somente nessa época há a garantia de obtenção de algum dinheiro ou promessa.

Há, além disso, uma lógica da prática que o justifica: quando se vende o voto, ou seja, quando em troca da promessa do voto recebe-se 50 ou 100 reais (valores médios da compra quando o voto era vendido por dinheiro), a obrigação do eleitor com o político, e deste com aquele, finda nesse momento. Há, nesse caso, uma relação contratual que termina com o pagamento. O dinheiro, então, age como meio que impessoaliza a relação, tornando-a resolvida de imediato. Ocorre aqui o processo semelhante ao descrito por Simmel (1998) em seu texto sobre a generalização da economia monetária. Na medida em que os laços pessoais são substituídos pela mediação do elemento neutro que é o dinheiro, há um ganho de

liberdade individual. Ocorre uma simplificação da transação na medida em que o fator tempo não atua como elemento essencial da relação "contratual". O pagamento imediato retira o peso das contingências que eventualmente possam atuar naquelas transações em que há um sistema de prestações logicamente ordenado pelo lapso temporal (MAUSS, 2001).

Quando o eleitor, em vez de pedir o dinheiro, pede alguma coisa que transforme esse contrato em um contrato de longa duração, a própria relação se modifica. Assim, se o objeto da transação é, por exemplo, a ajuda mensal no pagamento de um aluguel, o ajuste passa a ser algo próximo do que é chamado no Direito Contratual de "contrato relacional" (contratos longos, em que a relação e suas mútuas obrigações perduram no tempo). A palavra descreve bem o que acontece nesses casos. O objeto da transação leva a que devedor e credor tenham uma relação que perdura no tempo, e que, portanto, ultrapassa o tempo da política. Considerando que se trata de uma relação desigual, onde a parte dominada é o eleitor, este se mantém sob o jugo do candidato, que pode cobrar serviços eleitorais quando necessário (pedir votos, andar com a camisa do partido, colocar a bandeira do partido no telhado da casa, denunciar os traidores, etc). O político estaria também na condição de quem fez um favor ao eleitor, e por isso estaria eticamente habilitado a cobrar o voto para seu partido nas próximas eleições.

Uma eleitora, ao negociar o seu voto e de seus filhos, resume bem a diferença entre vender o voto e "dar o voto em confiança" ("alienar" o voto, para usarmos um termo do vocabulário do direito contratual): *Vou dar o voto de confiança a ele pra quando eu precisar dele, ele me ajudar, né? Agora, se comprar o voto, comprou. Acabou.*

As vantagens desse tipo de negociação estariam no fato de o eleitor estar autorizado a cobrar os favores prometidos durante todo o período em que o candidato por ele apoiado se mantém "no poder". A desvantagem se escora no fato de que, segundo a gramática da política local, o eleitor que teve o favor prometido atendido tem uma obrigação com o partido/candidatos apoiados pelo político que cumpriu a promessa. Essa obrigação tem gradações. Se, por exemplo, o político prometeu ajudar na construção da casa de um eleitor contribuindo com 50 sacos de cimento e 5 mil tijolos, mas só doou 10 sacos de cimento alguns dias antes das eleição, para garantir o voto, então não haveria mais a obrigação do apoio político. Se o candidato só cumpriu a metade do que prometeu, o que inviabilizou a construção da casa, o apoio se enfraquece a ponto de merecer uma nova negociação nas próximas eleições. Porém, se a promessa foi totalmente ou satisfatoriamente atendida, então o eleitor deve apoiar o político. No caso de não fazê-lo, o custo social é alto. Esse custo se dá

também no nível das relações pessoais, já que esse eleitor será considerado por muitos um traidor, e por isso poderá ser desacreditado. Como afirma Palmeira (1992, p. 28):

> "O recebimento de um bem material no tempo da política, tanto quanto um serviço prestado como favor ou ajuda fora do tempo da política, faz o eleitor sentir-se comprometido com o candidato que doou. Aliás, a melhor prova da eficácia desse compromisso são os resultados desastrosos para partidos ou candidatos de esquerda da orientação que dão no sentido de "pegar o dinheiro ou o que for oferecido e votar no candidato identificado com a sua classe ou no candidato de sua consciência". A menos que o autor da consigna tenha um caráter verdadeiramente extraordinário – que faça com que sua recomendação seja percebida como uma ordem tão legitima que se possa sobrepor aos critérios correntes de legitimidade e honra pessoal embutidos na palavra empenhada -, o recebimento de um bem leva a votar "naturalmente" no seu doador.

No caso de o candidato que teve o apoio recusado ganhar as eleições, então esse eleitor e sua família serão "marcados" durante todo o período de governo. Se, ao contrário, o candidato que teve o apoio recusado não vencer, mas sim aquele a quem o eleitor deu o apoio, então esse eleitor será considerado um eleitor corajoso e ganhará, por isso, em capital simbólico, na forma de prestígio comunitário pela coragem e pelo acerto estratégico.

Nesses casos em que não se vende diretamente o voto, ou seja, em que a transação financeira é sublimada, o que está em jogo é a ideia de *ajuda.* Se o prefeito cumpre a promessa ele executa o contrato realizando a ajuda; se não, ele recusa a ajuda e, portanto, descumpre o acordo. Se o eleitor é ajudado e não apoia o político (apoiar o política é apoiar a mesma pessoa no caso de uma reeleição ou apoiar quem o político que ajudou defende na eleição atual) numa próxima eleição, então esse eleitor é um traidor. Quebrou a regra básica da economia do dom que governa essa lógica eleitoral. Ela é mais adequada aos eleitores mais velhos. Isso pode ser compreendido se considerarmos que a lógica dos favores é um dos princípios mais estruturantes da ética camponesa. Tais princípios integraram fortemente a socialização familiar e comunitária dos eleitores acima de 50 anos e ainda hoje governa, em concorrência com outros princípios, o espaço social caiçarense.

Importante notar que é muito comum que o voto que não é trocado por dinheiro seja considerado um voto *por consciência*. Há uma enorme distância, na hierarquia ética do comportamento eleitoral, entre quem vota na esperança de conseguir um favor após a possível vitória do candidato apoiado e quem vota em troca de dinheiro (ou seja, quem extingue a relação no momento do pagamento). É comum ouvir frases como essa, dita por um de meus informantes: *Eu voto é por consciência. Eu não vendo meu voto porque se eu vendo, quando eu precisar vou pedir com que cara?* Como disse, quem vende o voto finda sua relação com o político no momento mesmo em que recebe o dinheiro. Essas regras não são complementares

entre si. Ao contrário, formam um sistema sem coerência interna. Porém, quando por motivos variados são escolhidas pelos contratantes, nessa nova situação real o contrato ajusta as regras coerentemente em consideração às vontades e às circunstâncias concretas da transação. A complexificação de valores resultantes tanto das modificações políticas quanto das sociais, econômicas e morais faz com que exista uma maior margem de barganha da parte do eleitor.

Há outro comportamento eleitoral observado, o daqueles cuja justificativa do voto passa pelos valores mais estruturantes das sociedades tradicionais. Eu me refiro ao fato de dar voto por tradição familiar (*na minha família todo mundo sempre votou no PMDB*), por laços de vizinhança e "conhecimento" (*eu vi esse menino* [candidato da situação] *crescer, meu pai vendia feijão pro pai dele*) ou por lealdade (*vou votar nele porque um dia eu tava indo a pé debaixo do sol depois de um dia inteiro de trabalho, tava todo sujo e essa moça [esposa de um candidato a vereador] me deu uma carona*).

O último comportamento é o voto crítico. Observei dois tipos que se enquadrariam nessa proposta. Eleitores jovens de maior nível de escolaridade defenderam a ponderação das propostas e histórias de vida de cada um dos candidatos. Um grupo de estudantes da idade, o *Grupo Atitude*, realizava discussões e palestras com o objetivo de discutir os projetos dos candidatos, defendiam o *voto consciente* e criticavam a troca de votos por dinheiro. O segundo tipo de voto crítico era daqueles que votavam na esperança de *libertação.* Aqui se mostra presente a variedade de sentidos que constroem a polissemia da noção de democracia. Uma eleitora *apaixonada* pela facção da oposição e muito indignada com a política que grupo que estava *no poder* realizava, me afirmou: *Eu sou democrática: eu voto pra prefeito num partido e pra vereador em outro. Eu sei o que é democracia. Agora, esse prefeito não sabe o que é democracia não. Ele trata a prefeitura como se fosse a casa dele. Ele acha que pode mandar em todo mundo.* Trata-se, aqui de uma identificação da democracia à liberdade negativa. Em outros momentos, a democracia se associava à aceitação pacífica da vontade de Deus: *Agora, é Deus quem sabe da vitória, né? Só ele que sabe. Eu peço a Ele assim, eu rezo todas as noites e peço o que for melhor pra Caiçara e pros caiçarenses. Eu sou democrática, entendeu? Eu peço a Deus o que for melhor.*

ANEXO A –CORDEL DONA MARIINHA

Autora: Maria Soares (Dona Mariinha)

Caros apreciadores desta minha narração
a todos peço licença para prestar atenção
àhistória que vou contar do boi Careta e Camarão

A 22 de dezembro do 61 passado
deu-se um drama interessante fiquei com ele gravado
para contar aos amigos do jeito que foi passado

Conto a todos os ouvintes um caso que se foi dado
com filho de um vaqueiro, um menino declarado
disposto em todas as alturas para o serviço de gado

Na fazenda Catanduva reside a poucos dia
o vaqueiro Manuel soares com toda sua família
trabalhando na fazenda com prazer e alegria

Como fazem poucos tempos que ele chegou e então
chegando foi informado que o gado era muito brabo e tinha dois barbatão
um por nome de Careta e o outro de Camarão

Mas como ele é um vaqueiro que sempre em Deus confiou

resolveu pegar os bois que o patrão lhe mandou

saiu para campear com fé em Nosso Senhor

Convidou os seus filhinhos e seu irmão Luiz Soares
para pegar os bois altos também se viu o Geraldo
procurando ver os bois dentro do mato fechado

E esse tal de quem falo é o menino Adovan
com quinze anos de idade ainda é um menino
mas nunca temeu a nada
epara serviço de gado tem a força do destino

Em seu cavalo Alecrim contente ele viajou
chegando no Mororó os dois boi ele avistou
um em pé outro deitado
e foram rebanhar o gado e os dois boi ali passou

Entraram dentro do mato mais ou menoàs 4 hora

quando vieram sair já eram mais de seis hora
gritando com Camarão por dentro da arranhola

Iam passando na casa de ManoelTeodoro e então
gritou para seu papai: atalha aí Camarão
que esse boi já parece que tem parte com o cão

O seu pai ouvindo o gritoem pombo roxo montou
e rebatendo o garrote para o curral botou
e deixando ele preso muito contente ficou

Saíram dali de novoolhando com bem cuidado
para ir buscar o caretaque estava amoitado
esporando seu cavaloque é muito bom de gado

Era outo horas da noitequando o boi ele avistou
e gritou para seu tio e seu pai que é seu amor
e correu atrás do boicom fé em Nosso Senhor

Entraram na arranholaaí foi grande o tormento
poiso boiatoera brabo que dava até no vento
epartiu para o cavalo, veloz como o pensamento

Quando o boiato partiu o cavalo se livrou

Adovan gritou dizendo:Careta hoje achou

quem lhe pegasse na cauda , que nunca ninguém pegou

E esporando o cavalo na cauda do boi pegou
Como estava sozinho valeu-se de Nosso Senhor
deu- se uma queda tão grande que o boi 3 vezes virou

Ele ouviu naquele instante uma pessoa reclamando

eu não encontro Adovan: o que é que eu faço agora?

era Geraldo Manduperdido há mais de uma hora

No mesmo instante dizia: Valha-me Nosso Senhor

eu não Encontro Adovan, não sei como ele passou

isso só sendo um castigo, meu cavalo já cansou

Quando seu tio chegou ele estava sustentando
na cauda do boi Careta ligeiramente puxando
ele naquele momento foi logo lhe ajudando

Aí falou para ele: tenha calma Adovan
deixa seu pai chegar que resolverá então
para se levar o boi para o curral do patrão

Chegando então seu pai admirado ficou
o seu tio e Geraldo que seu cavalo cansou
atrás de pegar o boi, porém nem perto chegou

Aí reuniram-se todose saíram com o boi então
para botar no curraljunto com o boi Camarão
terminou naquele dia a fama dos barbatão

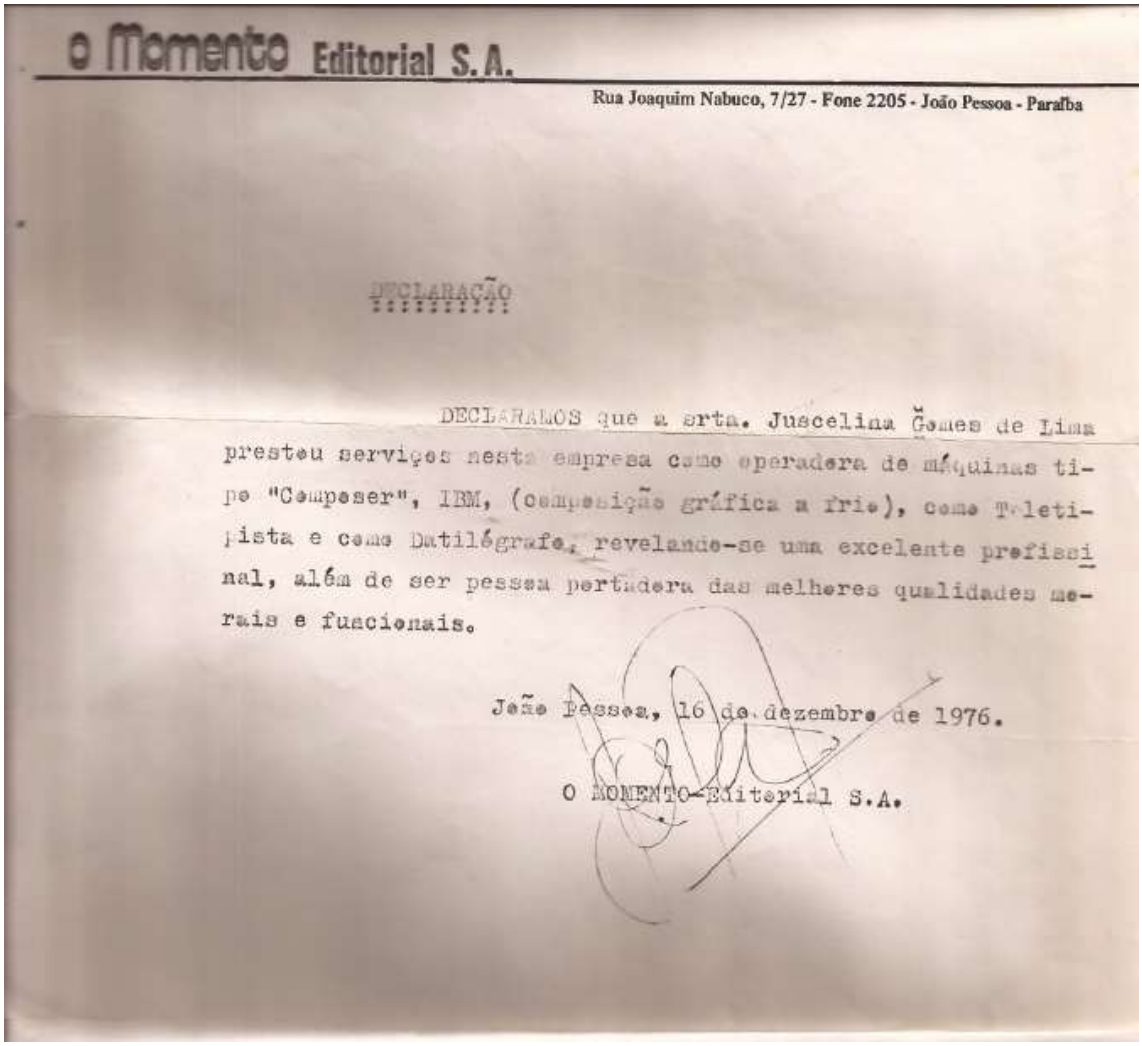
Quando foi no outro dia muitas pessoas de bem
cumprimentaram o menino lhe pedindo os parabéns
ao seu pai, ao seu tio e a Geraldo também

Véspera de Natal mataram os bois que ele pegou
Geraldo se maldizia contando como escapou
Dizendo: poucos vaqueiro passa onde ele passou

Terminei o meu versinho que ligeiramente fiz
afirmo que com seu pai ambos se sentem feliz
trabalhando na fazenda do Senhor padre Luiz

Fim: O pequeno vaqueiro José Adovan Soares

ANEXO B–CARTA DE RECOMENDAÇÃO JORNAL “O MOMENTO”



O Momento Editorial S.A.

Rua Joaquim Nabuco, 7/27 - Fone 2205 - João Pessoa - Paraíba

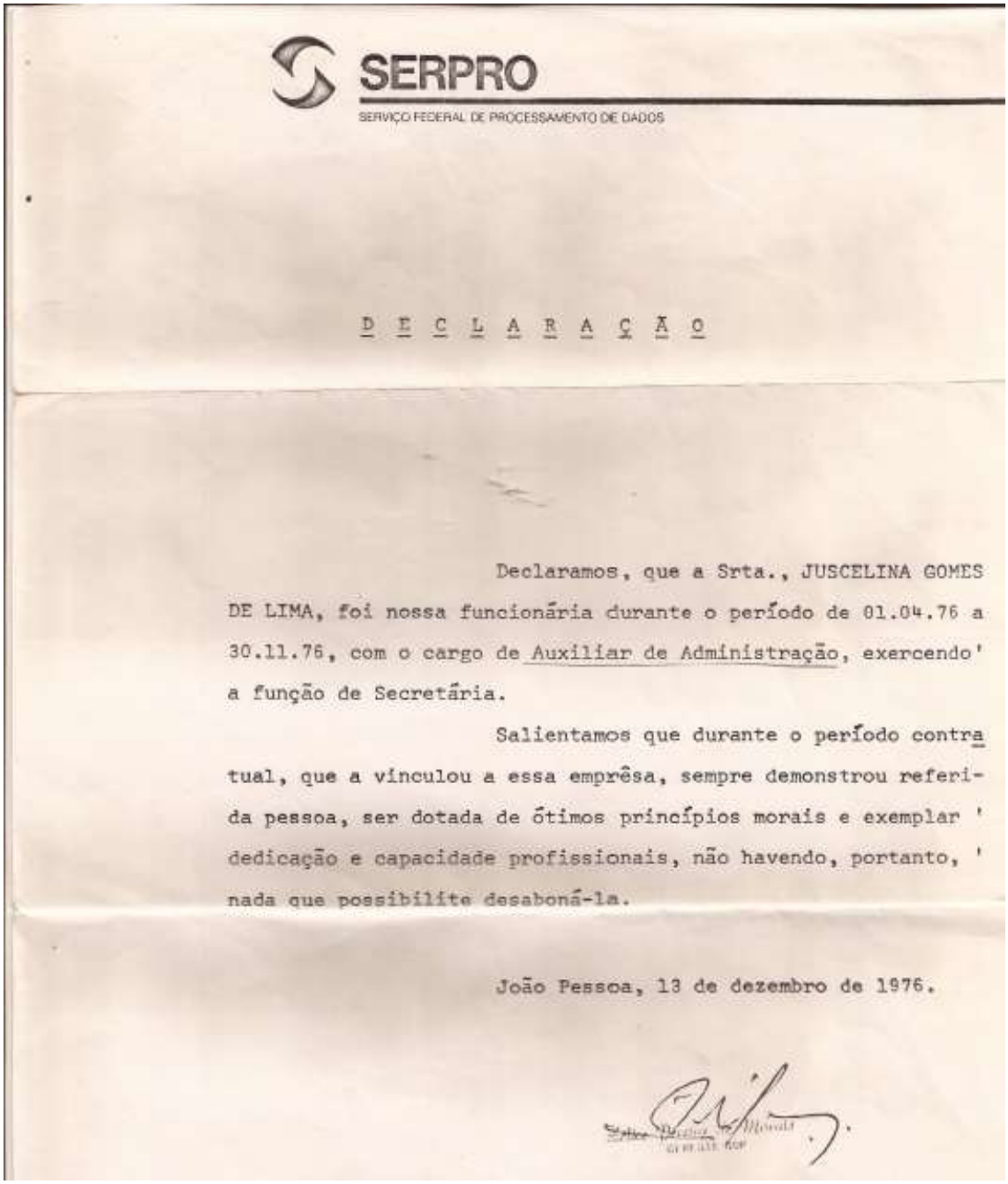
DECLARAÇÃO

DECLARAMOS que a srta. Juscelina Gomes de Lima prestou serviços nesta empresa como operadora de máquinas tipo "Composer", IBM, (composição gráfica a frio), como Teletipista e como Datilógrafo, revelando-se uma excelente profissional, além de ser pessoa portadora das melhores qualidades morais e funcionais.

João Pessoa, 16 de dezembro de 1976.

O MOMENTO-Editorial S.A.

ANEXO C – CARTA DE RECOMENDAÇÃO SERPRO



SERPRO

SERVIÇO FEDERAL DE PROCESSAMENTO DE DADOS

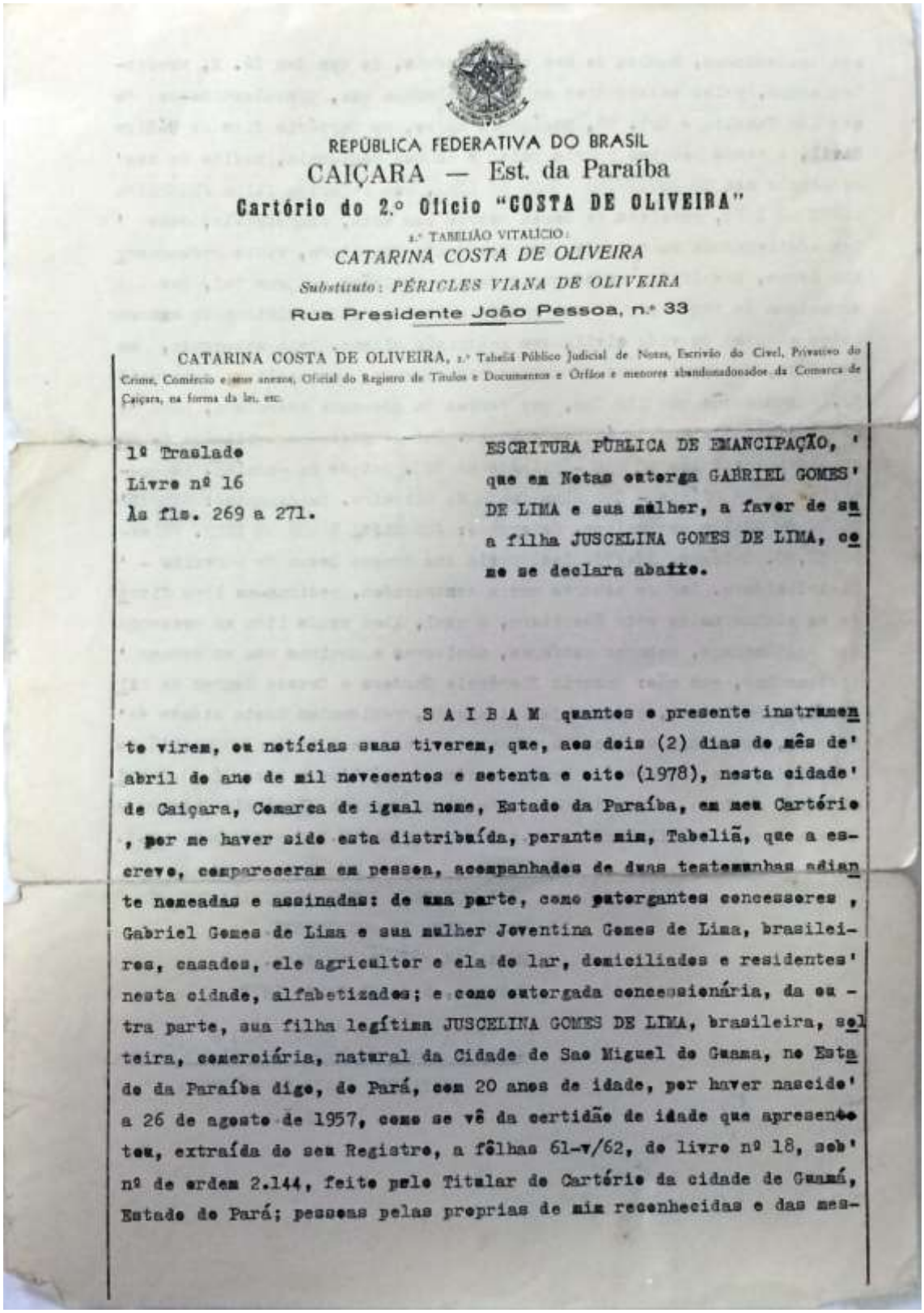
D E C L A R A Ç Ã O

Declaramos, que a Srta., JUSCELINA GOMES DE LIMA, foi nossa funcionária durante o período de 01.04.76 a 30.11.76, com o cargo de Auxiliar de Administração, exercendo' a função de Secretária.

Salientamos que durante o período contratual, que a vinculou a essa emprêsa, sempre demonstrou referida pessoa, ser dotada de ótimos princípios morais e exemplar ' dedicação e capacidade profissionais, não havendo, portanto, ' nada que possibilite desaboná-la.

João Pessoa, 13 de dezembro de 1976.

ANEXO D – ESCRITURA DE EMANCIPAÇÃO



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
CAIÇARA — Est. da Paraíba
Cartório do 2.º Ofício "COSTA DE OLIVEIRA"
2.º TABELIÃO VITALÍCIO:
CATARINA COSTA DE OLIVEIRA
Substituto: PÉRICLES VIANA DE OLIVEIRA
Rua Presidente João Pessoa, n.º 33

CATARINA COSTA DE OLIVEIRA, 2.º Tabeliã Público Judicial de Notas, Escrivão do Civel, Privativo do Crime, Comércio e seus anexos, Oficial do Registro de Títulos e Documentos e Orfãos e menores abandonadonados da Comarca de Caiçara, na forma da lei, etc.

1º Traslado
Livro nº 16
Às fls. 269 a 271.

ESCRITURA PÚBLICA DE EMANCIPAÇÃO, ' que em Notas outorga GABRIEL GOMES' DE LIMA e sua mulher, a favor de su a filha JUSCELINA GOMES DE LIMA, co mo se declara abaixo.

S A I B A M quantos o presente instrumen te virem, que tiverem, que, aos dois (2) dias do mês de' abril do ano de mil novecentos e setenta e oito (1978), nesta cidade' de Caiçara, Comarca de igual nome, Estado da Paraíba, em meu Cartório , por me haver sido esta distribuída, perante mim, Tabeliã, que a es- crevo, compareceram em pessoa, acompanhados de duas testemunhas adian te nomeadas e assinadas: de uma parte, como outorgantes concessores , Gabriel Gomes de Lima e sua mulher Joventina Gomes de Lima, brasilei- ros, casados, ele agricultor e ela do lar, domiciliados e residentes' nesta cidade, alfabetizados; e como outorgada concessionária, da ou - tra parte, sua filha legítima JUSCELINA GOMES DE LIMA, brasileira, sol teira, comerciária, natural da Cidade de Sao Miguel do Guama, no Esta do da Paraíba digo, do Pará, com 20 anos de idade, por haver nascido' a 26 de agosto de 1957, como se vê da certidão de idade que apresentou, extraída do seu Registro, a fôlhas 61-v/62, do livro nº 18, sob' nº de ordem 2.144, feito pelo Titular do Cartório da cidade de Guamá, Estado do Pará; pessoas pelas proprias de mim reconhecidas e das mes-

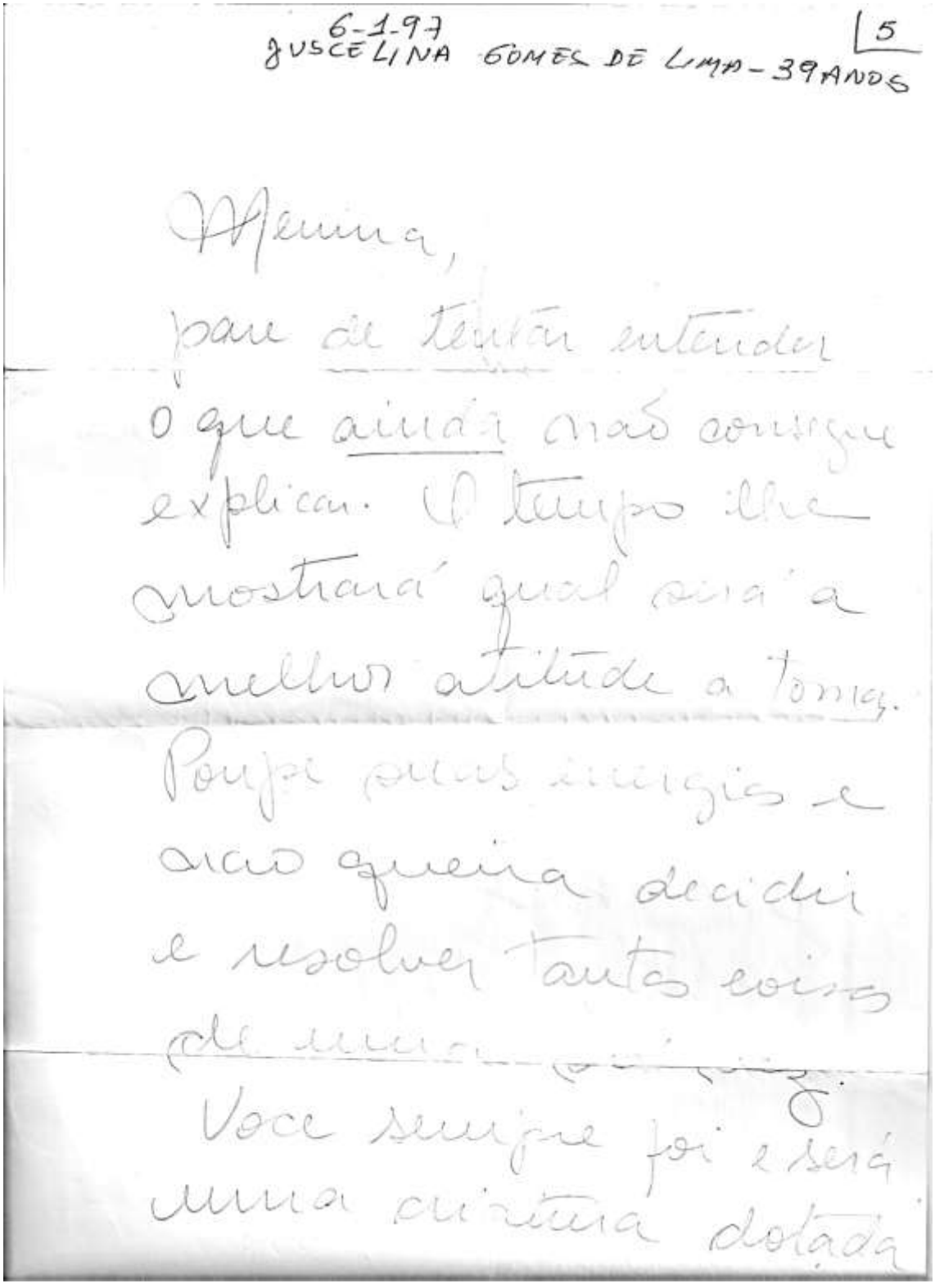
mas testemunhas, tambem de meu conhecimento, do que dou fé. E, presentes estas, pelos outorgantes me foi declarado que, prevalecendo-se do que lhe faculta o art. 9º, parágrafo único, do Cartório digo do Código Civil, e tendo sob seu pátrio poder e em sua companhia, havido de seu consorcio com Dª JOVENTINA GOMES DE LIMA, sua referida filha JUSCELINA GOMES DE LIMA, resolvem de comum acordo com esta, emancipá-la, como tem efetivamente emancipado, por bem desta Escritura, visto reconhecer lhe senso, probidade, enjudente e demais aptidões em gram tal, que a capacitam de reger por si sua pessôa e bens e, conseguintemente exercer todos os atos da vida civil, sem restrição alguma. Pela outorgada, me foi dito, a seguir, ante as mesmas testemunhas, que aceitam, agradecida, a concessão que lhe faz, nos termos da presente escritura, para que produza os seus jurídicos efeitos. Foi-me presente o bilhête de teor seguinte: Talão nº 030 - Bilhête nº 022. Estado da Paraíba. Ao Tabelião de 2º Ofício - Catarina Costa de Oliveira. Outorgantes: GABRIEL GOMES DE LIMA e sua mulher. Outorgado: JUSCELINA GOMES DE LIMA. Valor Cr$ 50,00. Caiçara, 2/4/78. (as) Maria das Graças Souza de Carvalho - Distribuidora. Por se acharem assim contratados, pediram-me lhes fizesse em minhas notas esta Escritura, a qual, lhes sendo lida em presença das testemunhas, acharam conforme, aceitaram e assinam com as mesmas testemunhas, que são: Damaris Florêncio Cardoso e Creusa Soares da Silveira, brasileiros, capazes juridicamente, residentes nesta cidade de Caiçara, presentes a tudo. Eu,, Catarina Costa de Oliveira - Tabeliã de 2º Ofício, que a escreví e tambem assino em público e raso. (as) Gabriel Gomes de Lima, Joventina Gomes de Lima, Damaris Florêncio Cardoso e Creusa Soares da Silveira.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.x.

ESTÀ CONFORME COM O ORIGINAL; DOU FÈ.
TRASLADADA IN CONTINENTI.
Em testº da verdade.
Caiçara, 5 de abril de 1978.

CATARINA COSTA DE OLIVEIRA
TABELIÃ.

Cartório do 2º Y
Catarina Costa de Oliveira
TABELIÃ
C.P.F. 153301884-20
CAIÇARA — PARAÍBA

ANEXO E – CONSELHO ESPIRITUAL 1996

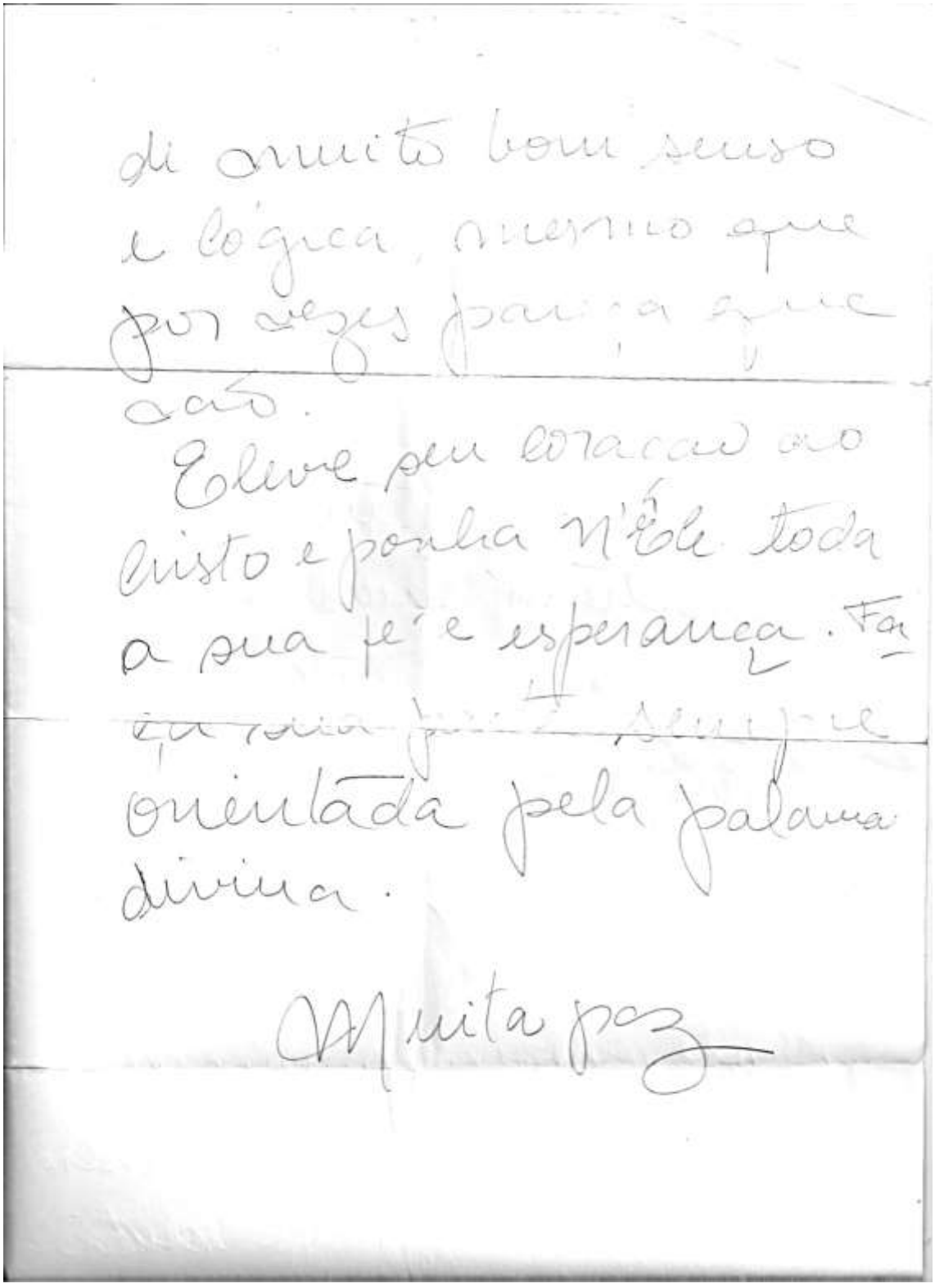


6-1-97 5
JUSCELINA GOMES DE LIMA - 39 ANOS

Menina,

para de tentar entender
o que ainda não consegue
explicar. O tempo lhe
mostrará qual será a
melhor atitude a tomar.
Ponha suas energias e
não queira decidir
e resolver tantas coisas
de uma vez.

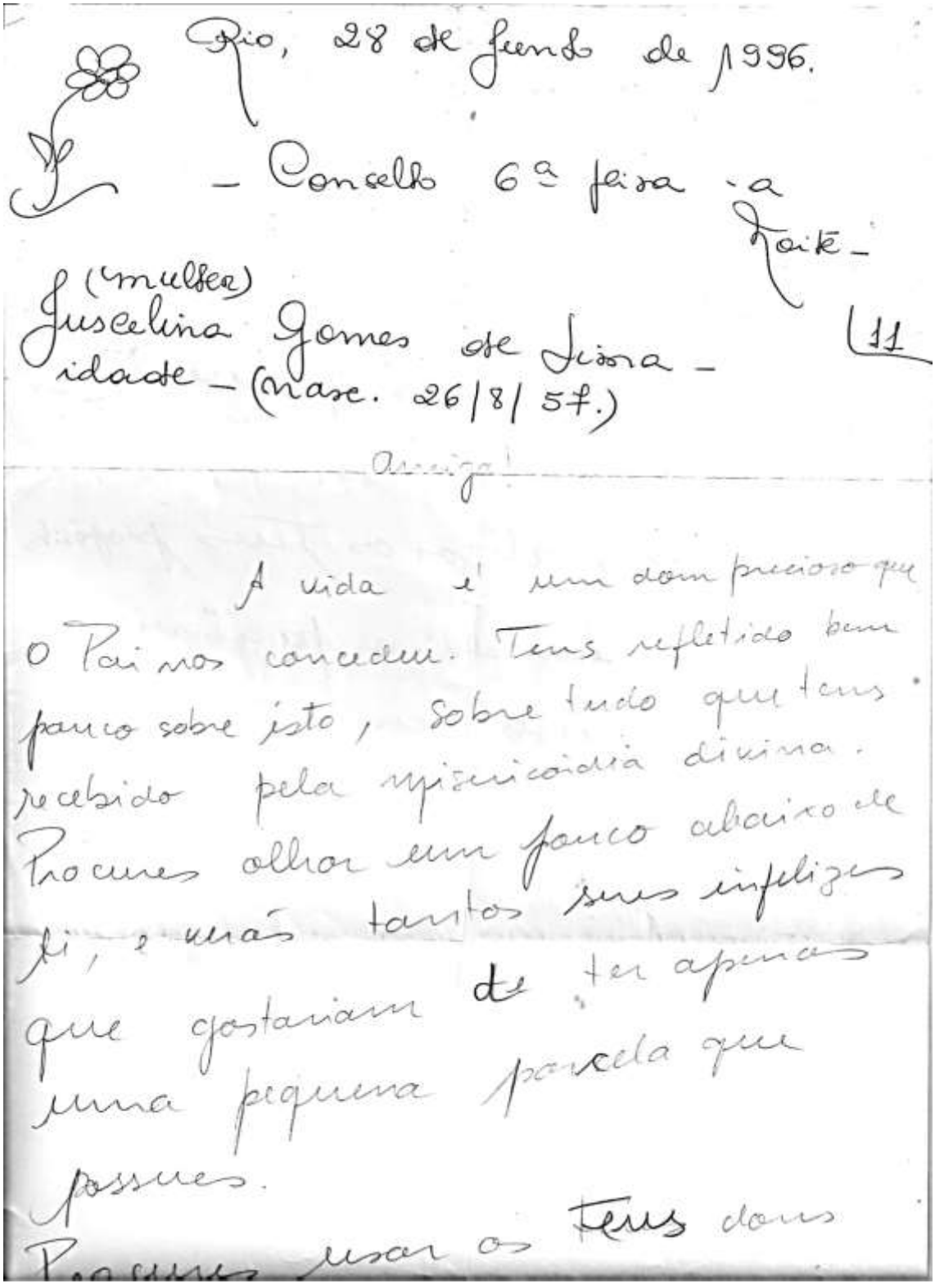
Você sempre foi e será
uma criatura dotada



de muito bom senso
e lógica, mesmo que
por vezes pareça que
são.
Eleve seu coração ao
Cristo e ponha N'Ele toda
a sua fé e esperança. Fa-
ça sua parte sempre
orientada pela palavra
divina.

Muita paz

ANEXO F – CONSELHO ESPIRITUAL 1996



Rio, 28 de Junho de 1996.

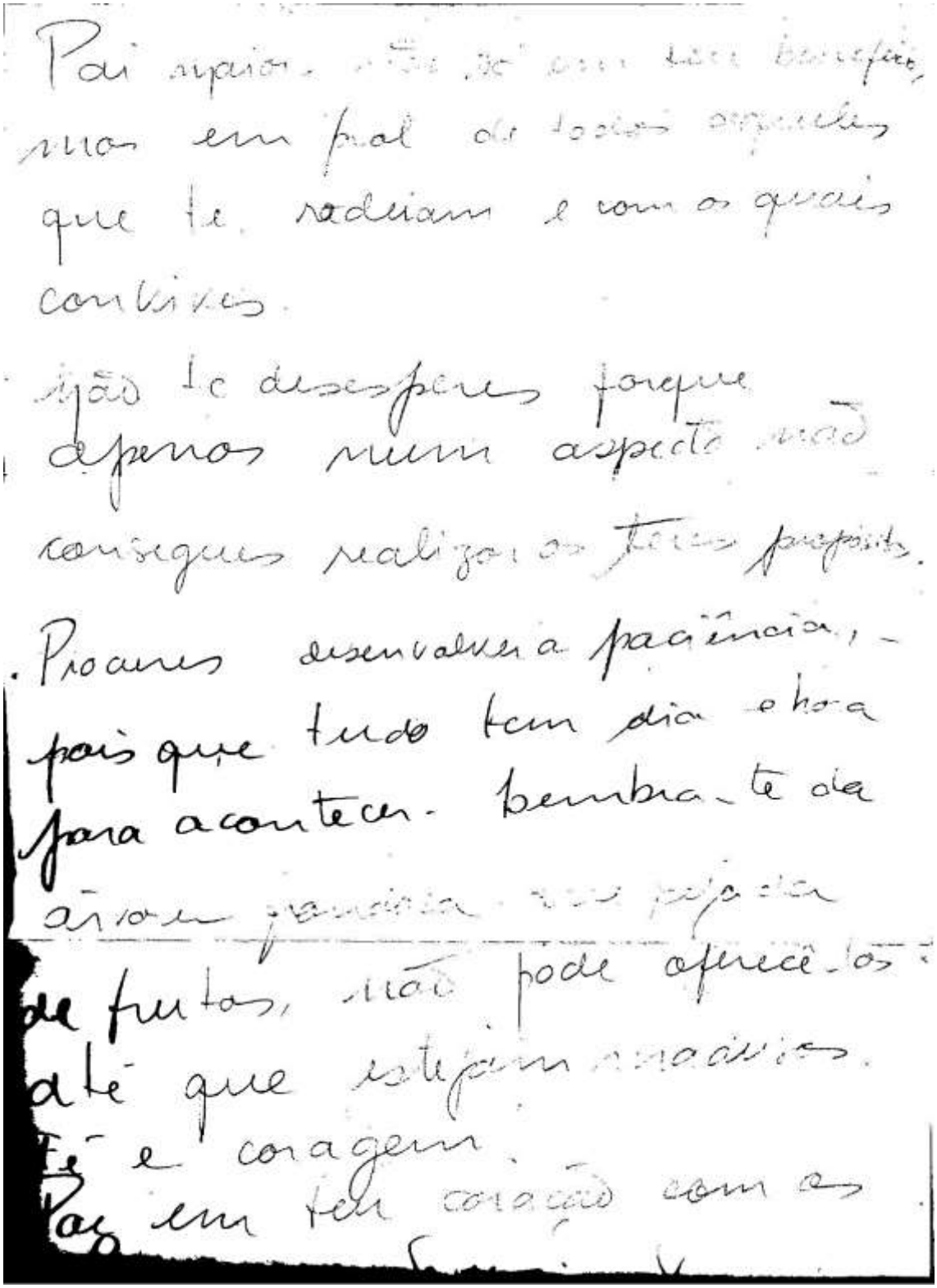
I – Conselho 6ª feira - a noite -

(mulher)
Juscelina Gomes de Lima - 11
idade - (nasc. 26/8/57.)

Amiga!

A vida é um dom precioso que o Pai nos concedeu. Tens refletido bem pouco sobre isto, sobre tudo que tens recebido pela misericórdia divina. Procures olhar um pouco abaixo de ti, e verás tantos seus infelizes que gostariam de ter apenas uma pequena parcela que possues.

Procures usar os Teus dons

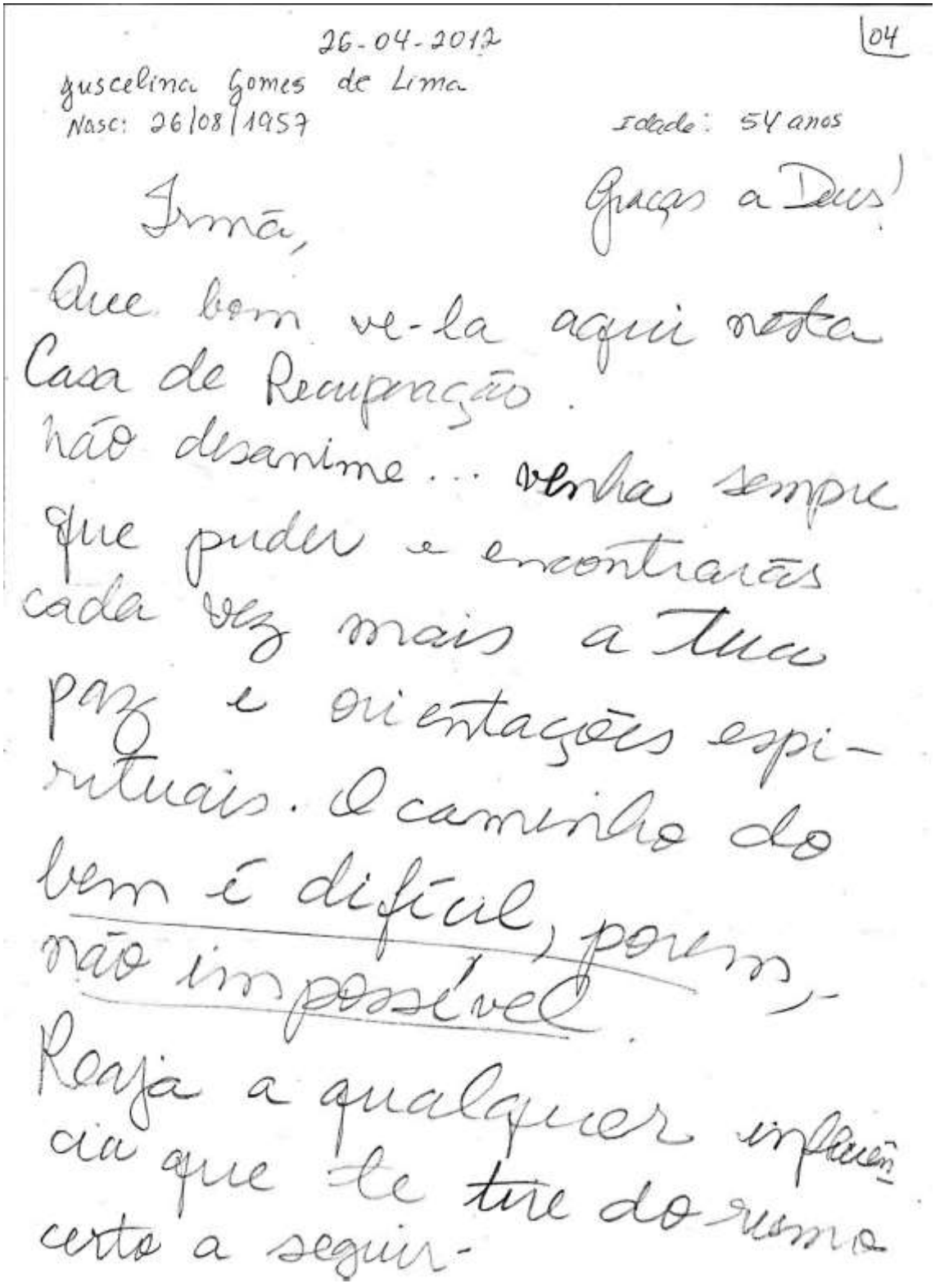


Pai maior. não só em teu benefício,
mas em prol de todos aqueles
que te rodeiam e com os quais
convives.

Não te desesperes porque
apenas num aspecto não
consegues realizar os teus propósitos.

Procures desenvolver a paciência, -
pois que tudo tem dia e hora
para acontecer. Lembra-te da
árvore grandeza que pejada
de frutos, não pode oferecê-los
até que estejam maduros.
Fé e coragem.
Paz em teu coração com os

ANEXO G – CONSELHO ESPIRITUAL 2012



26-04-2012 04

Juscelina Gomes de Lima
Nasc: 26/08/1957 Idade: 54 anos

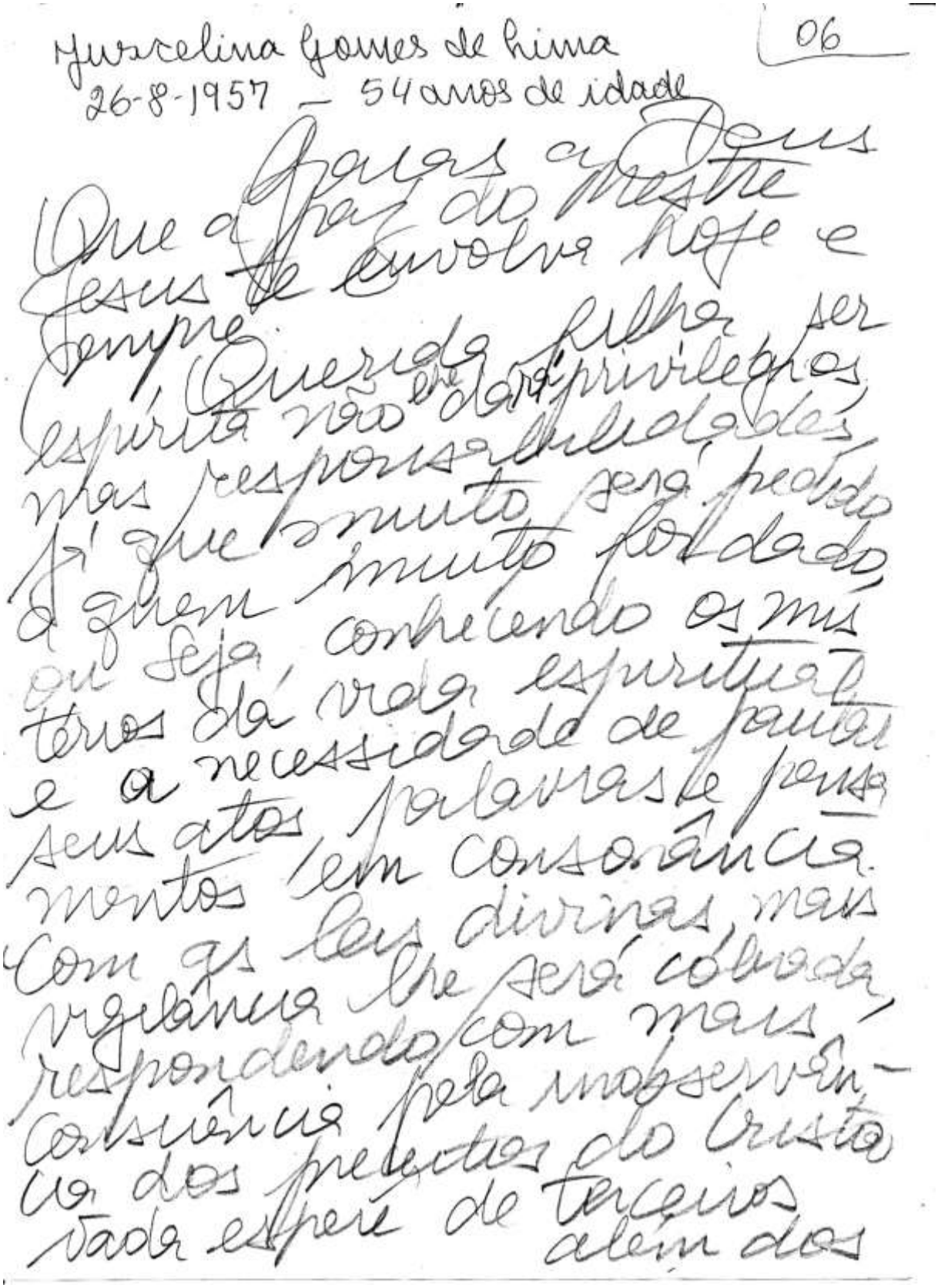
Graças a Deus!

Irmã,

Que bom ve-la aqui nesta Casa de Recuperação.
Não desanime... venha sempre que puder e encontrarás cada vez mais a tua paz e orientações espirituais. O caminho do bem é difícil, porem, não impossível.
Reaja a qualquer influência que te tire do rumo certo a seguir.

Sua vida é uma
benção pois recebeste esta
oportunidade de reencar-
nar aqui na terra onde
podes saldar todos os dé-
bitos contraídos em
vidas passadas.
Tenha sempre certe-
za que estaremos
olhando por você.
Sorria pois o sorriso
afasta a tristeza.
Abraços dos amigos
espirituais

ANEXO H – CONSELHO ESPIRITUAL 2012



Nuracelina Gomes de Lima 06
26-8-1957 – 54 anos de idade

Que a Paz do Mestre
Jesus se envolva hoje e
sempre. Querida filha, ser
espírita não dá privilégios,
mas responsabiliza-os,
já que muito será pedido
a quem muito foi dado,
ou seja, conhecendo os mis
térios da vida espiritual
e a necessidade de pautar
seus atos/palavras e pensa
mentos em consonância.
Com as Leis divinas, mas
vigilância lhe será cobrada,
respondendo com mais
consciência pela inobservên-
cia dos preceitos do Cristo
Nada espere de terceiros
além dos

seus limites evolutivos.
Aprenda a aceitá-los
com suas restrições evo-
lutivas, sem deixar de
orientá-los com amor e
energia, exemplificando,
nos mínimos atos do dia
a dia, fé, esperança,
otimismo e caridade. Tudo
isto se fará sempre necessá-
rio, para que o equilíbrio
espiritual dos envolvidos
não seja prejudicado.
O importante é a tua semea-
dura. Mais cedo ou mais
tarde, pelo amor ou pela
dor, despertarão para a luz
caridade para os mais carentes
de pão e amor interior, fé
coragem esperança e otimismo. O Mestre
te ajudará a seguir para a frente
e para o alto. Paz e luz em tristado.
amigo de sempre Amor
senão